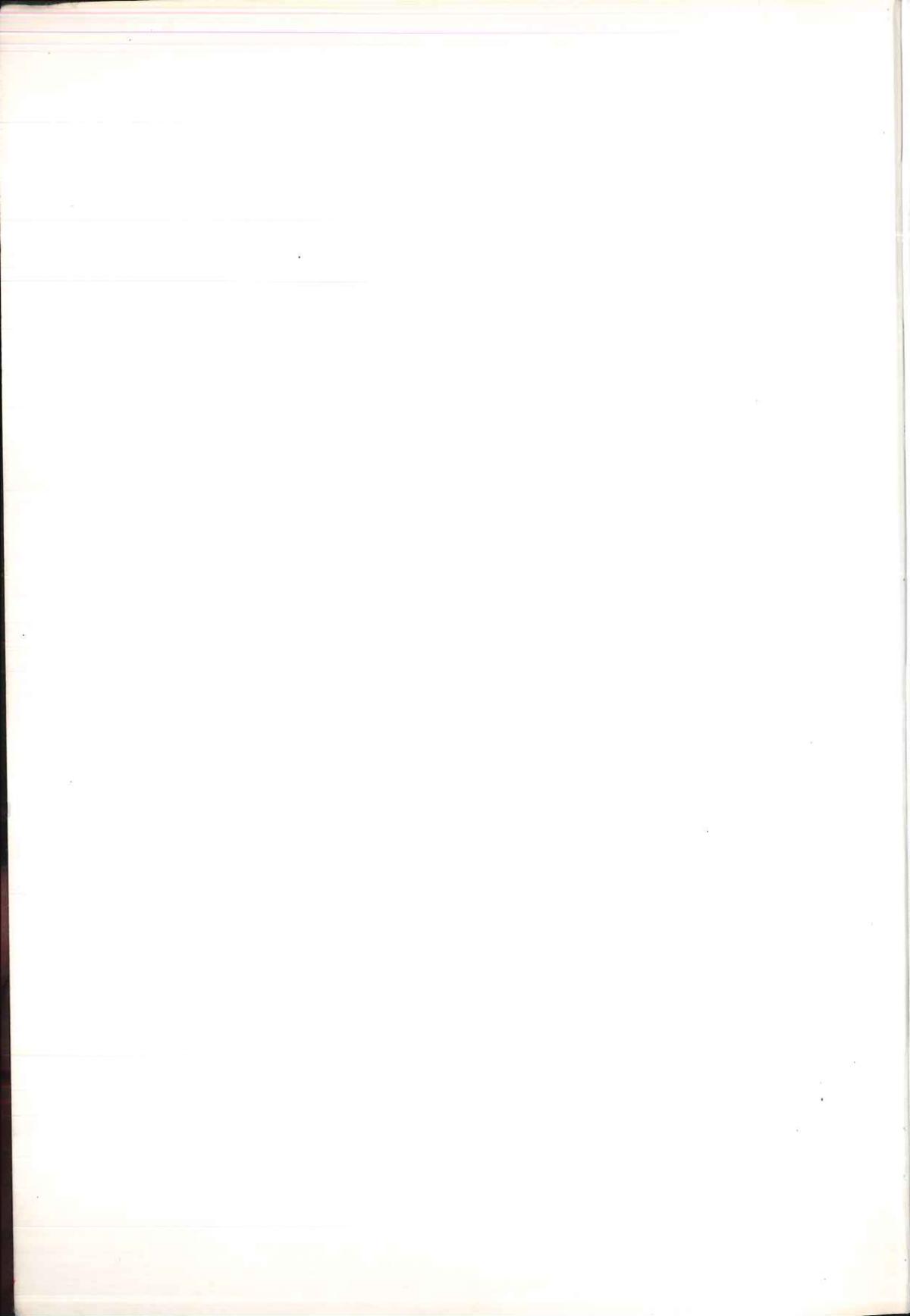


# Lições da Escola da Vida

Autobiografia de  
Robert Baden-Powell  
Fundador do Escotismo



União dos Escoteiros do Brasil



# **LIÇÕES DA ESCOLA DA VIDA**

## LIÇÕES DA ESCOLA DA VIDA

Título do original em Inglês:  
LESSONS FROM THE VARSITY OF LIFE  
Publicado pela primeira vez em Londres, Inglaterra, em 1933

Autor:  
Robert Baden-Powell

1ª Edição Brasileira:  
Em versão resumida, com conteúdo parcial, em 1986, com 5.000 exemplares  
2ª Edição Brasileira:  
Edição completa e integral, em 2009, com 2.000 exemplares

Tradução da Edição Brasileira:  
Felipe Marinho Maciel  
Os capítulos 1, 2, 10, 11 e 12 foram publicados pela primeira vez na Edição lançada em 1986, com conteúdo reduzido, sem indicação de tradutor. Os capítulos 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 foram traduzidos por Felipe Marinho Maciel e todos os direitos cedidos à União dos Escoteiros do Brasil.

Ilustrações do Autor

Pesquisa e elaboração das Notas do Editor:  
Altamiro Vilhena.

Capa, Diagramação e Montagem:  
Andréa Queirolo.

Edição:  
Luiz Cesar de Simas Horn

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser publicada ou reproduzida, sob qualquer forma, sem autorização expressa da União dos Escoteiros do Brasil.



**União dos  
Escoteiros do  
Brasil**

Escritório Nacional  
Trav. José do Patrocínio, 100 – Alto da Glória  
80030-190 – Curitiba – PR  
Tel. 41 3353-4732  
Fax 41 3353-4733  
ueb.atendimento@escoteiros.org.br  
www.escoteiros.org.br

## APRESENTAÇÃO

Em 1986 foi publicada no Brasil, pela primeira vez, esta autobiografia do Fundador do Escotismo, que se constitui em um de seus 34 livros, e que ainda era pouco conhecida pelo público em geral e mesmo no Movimento Escoteiro.

Sua publicação pela UEB, numa Edição da Fraternidade Mundial do Movimento Escoteiro, representou uma extraordinária oportunidade de se conhecer melhor as idéias daquele que criou um Movimento Juvenil ao qual já pertenceram mais de 500 milhões de crianças e jovens em todo o mundo.

Infelizmente, na época em que foi publicado no Brasil, com objetivo de reduzir o preço final do livro, significativa parcela do original não foi publicada. Na ocasião preferiu-se enfatizar aqueles capítulos que se referem à implantação e difusão do Movimento Escoteiro, deixando-se de lado os capítulos que se referiam as atividades desportivas e militares, parte fundamental da vida do Fundador do Escotismo.

Mesmo assim foi possível compreender um pouco melhor a vida desse excepcional educador, ajudando a melhor entender o Movimento Escoteiro.

Por uma feliz coincidência, quando já havia a decisão da Direção Nacional de publicar uma edição completa, recebemos a oferta do Pioneiro Felipe Marinho Maciel, do 21º MG Grupo Escoteiro Mangabeiras, que generosamente se prontificava a traduzir os vários capítulos faltantes como seu projeto para a Insígnia de Cidadania. Somou-se a isso o trabalho do companheiro Altamiro Vilhena, da Comissão Nacional de Programa de Jovens, que revisou os textos e efetuou primorosa pesquisa, que resultou nas centenas de notas de rodapé incluídas nesta edição.

Como escreveu nosso companheiro Rubem Suffert, assinando mensagem na ocasião em que lançava a primeira edição do livro: “Aproveitem a leitura, pois cada parágrafo se constitui numa excelente lição de como se encarar a vida com alegria e sem demasiada seriedade. A personalidade vibrante e irreverente de Baden-Powell torna-se límpida diante de nossos olhos, com a descrição daquele que, além dos 80 anos de idade, soube manter um coração de menino, aberto aos jovens de todos os continentes”.

Paulo Salamuni  
Diretor Presidente  
União dos Escoteiros do Brasil



## Introdução

A oportunidade de incluir as notas para esta edição de Lições de Escola da Vida foi uma oportunidade única de aprendizado. Baden-Powell era um homem em todos os sentidos a frente do seu tempo.

Como militar soube respeitar os seus comandados, procurando escutar suas opiniões e preferindo, sempre que possível, soluções pacíficas em lugar às beligerantes, chegando ao ponto de se tornar amigo de alguns antigos rivais no campo de batalha.

Como artista conseguia se expressar de todas as formas: teatro, pintura, escultura, texto. Era um homem habituado a observar detalhes e conseguia reproduzi-los com riqueza, encantando os demais.

Como viajante soube aproveitar as oportunidades não apenas para simples “turismo”, mas para realizar um rico aprendizado, que se traduziu em soluções práticas em sua vida profissional e posteriormente para o movimento escoteiro.

Era comunicador nato, e isto auxiliou, sem dúvida, a que galgasse os mais altos postos no exército britânico. Conseguia conversar com todos, desde o soldado mais simples, com quem poderia falar na linguagem carregada de gírias e expressões – e que por vezes ele transcreve neste livro – até com reis e rainhas. Sim, Baden-Powell era um homem que se tornou tão popular que freqüentava ambientes repletos de nobres lordes, tendo conhecido pessoalmente diversos reis e rainhas europeus, além de outros chefes de estado. Em todos ambientes B-P conseguia ficar a vontade e se destacar com inteligência, cultura e bom humor.

Sem dúvida ele deveria ser um “bom papo”. Conhecia todo mundo, e os citava como “velhos conhecidos”. Seria como hoje alguém ser amigo, ou pelo menos conhecido do Presidente Lula, da Rainha Elizabeth da Inglaterra, dos Presidentes Bush e Clinton e dos primeiros-ministros espanhol, inglês, alemão e francês. Isso sem falar que, ao mesmo tempo freqüentaria a casa de cientistas famosos, como o astrônomo Ronaldo de Freitas Mourão, do médico Dráuzio Varella; de atletas como Pelé, Bernardinho e os Irmãos Grael (provavelmente, por ser esportista nato, teria jogado uma “pelada” com Ronaldo, Ronaldinho e Romário, além de Beckham, Zidane e Figo), de atores (com certeza teria jantado na casa de Fernanda Montenegro e teria conversado com Steven Spielberg sobre seus últimos filmes, ao qual daria conselhos). Mas B-P faria isso sem perder a humildade e sem nunca se sentir “o cara”.

Ele, com certeza ficaria mais a vontade e feliz escrevendo uma reportagem na revista Caminhos da Terra onde convivesse com remanescentes quilombolas e dormisse no chão de suas casas rústicas ou em que descrevesse uma pescaria com indígenas do Xingu do que em qualquer reportagem da revista Caras.

Esta mistura, B-P que transitava livremente por mundos diferentes vai mostrando neste livro, que escreve como um incentivo aos jovens para que batalhassem na mistura que, para si próprio, haveria provado ser de grande sucesso: trabalho árduo com dedicação, e amor, bom humor, boa vontade e agradecimento a Deus pelas oportunidades concedidas. Sim, porque B-P ainda era um homem que conseguia ver Deus nas pequenas e grandes coisas, em todo seu dia-a-dia.

E o que faz este homem ainda mais surpreendente, e o que me faz escrever no início deste texto que era um homem “a frente do seu tempo” é o que talvez possa causar repulsa ou uma simples estranheza em quem lê este livro hoje, com olhos de século XXI. Apesar de sua modernidade, B-P nunca poderia ser considerado alguém fora de seu tempo. Ele construiu suas idéias com base no que aprendeu em uma família tipicamente inglesa e cristã, em Charterhouse, escola britânica tradicional e na disciplina do exército britânico. Ele aprendeu o que na época eram consideradas “verdades universais” e aceita em todos os meios de saber científico, legal e moral. B-P aprendeu a ser um guerreiro, a conquistar, a matar, se preciso fosse para fazer valer a “glória da Coroa”. Ele foi ensinado que os homens eram diferentes como era diferente a cor de sua pele. Aprendeu que as mulheres deviam ficar em casa enquanto os homens iam ao trabalho ou a guerra. Aprendeu que a melhor utilidade para os animais, além do trabalho e da alimentação era servirem como caça, de forma que os homens tivessem oportunidade de praticar um esporte considerado “saudável”.

Todas as afirmações acima, que soam como heresia nos dias de hoje eram inquestionáveis a época. Por soarem tão ofensivas atualmente, talvez estas passagens tenham ficado de fora nas primeiras edições deste livro no Brasil. Talvez alguém tenha ficado com medo de “macular o mito”. Mas este livro, em sua versão integral mostra exatamente o contrário.

Mostra como, ao longo de sua vida, com a convivência com outros povos, com o encanto causado pela visão de uma manada de elefantes ou a majestade de uma montanha, por ter conseguido aos poucos entender que os hábitos são diferentes em diferentes regiões, mas

nem por isso os homens são melhores ou piores, por ter conhecido mulheres que conseguiam fazer tudo que os homens realizavam, muitas vezes até com mais competência, por ter observado homens brilhantes, mesmo vindo de camadas mais simples da população, B-P muda sua visão de mundo. A observação de diversas situações em sua vida, descritas neste livro, fazem com que ele mudasse, se transformasse, ou simplesmente, como uma pedra-bruta que já tendo a beleza em seu interior, se lapidasse.

B-P valoriza a mulher e defende que elas, há quase cem anos atrás, tivessem oportunidades de viver uma vida ao ar livre, acampando da mesma forma que os rapazes, algo impensável na época, e pudessem aprender a serem independentes desde novas (fato que muitos homens ainda hoje insistem em tentar impedir).

Ele, por sua paixão pela natureza, continua a valorizar a tocaia, a arte de seguir um animal como forma de aprendizado, mas afirma, sem medo, que se fosse jovem, já não praticaria a caça, mas sim utilizaria as recém-popularizadas máquinas fotográficas, dizendo preferir imagens do que troféus em suas paredes.

Por fim ele se torna pacifista intransigente, criando o Escotismo como um ideal de fortalecimento de caráter e como uma força agindo pela união e paz mundial. No escotismo B-P consegue encontrar, talvez pela primeira vez em um mundo extremamente colonialista - lugares IGUAIS para todos, sem preconceito de classe, de cor ou de origem. O Escotismo era para todos, fossem antigos inimigos bôeres, britânicos ou negros sul-africanos.

O Escotismo completa a transformação de Baden-Powell, que em seus últimos anos, vai para o Quênia acompanhado de sua querida esposa, onde se dedica a tarefas simples: escreve para escoteiros de todo o mundo, pinta cenas das savanas africanas que tanto amou e contempla a presença de Deus no mundo e em sua vida.

É neste livro, sua auto-biografia, que esta transformação pode ser percebida, ainda que o próprio autor não se dê conta disto. É este livro, pela primeira vez editado em sua versão integral no Brasil, que temos oportunidade de aprender a admirar ainda mais este gênio que foi Robert Stephenson Smith Baden-Powell, lorde e cidadão do mundo.

Boa Leitura.

Altamiro Vilhena  
Comissão Nacional de Programa de Jovens



Dedico este livro àquela a quem devo o sucesso;  
em outras palavras a felicidade:  
Minha Mulher!

*With best wishes*

*Basel Power & Filson*  
*1933.*



## MINHAS EXCUSAS - JUSTIFICATIVA

“Que boa é a vida do homem — o simples viver”

ROBERT BROWNING

“Este mundo em que vivemos

Superar não há quem possa

Claro, na rosa há espinhos

Mas que doçura na rosa!”

FRANK L.STANTON

“Ninguém pode passar pela vida, assim como não percorre um campo, sem deixar vestígios, e esses vestígios podem, muitas vezes, ser úteis àqueles que virão depois, ajudando-os a encontrar o caminho.”

“Lembro-me sempre das últimas palavras do meu velho:

“Meu filho, nunca...” Não vou escrevê-las aqui. Pateta, não liguei para elas e tive de agüentar as conseqüências pela vida afora; se tivesse um filho haveria de transmiti-las a ele com a maior insistência! Que idiotas somos quando jovens. Pensamos tudo saber e esquecemos que os velhos já se formaram na escola da vida, a maior escola de todas, através deles que, dia a dia deveríamos aprender.”

JANES, na “Fishing Gazette”

Não queria escrever esta história sobre a minha pessoa; qualquer autobiografia está fadada a ser uma repetição egoísta da palavra “eu”; porém muita gente me pediu para contar minhas aventuras, achando que seriam úteis aos jovens, auxiliando-os a dar um sentido a suas vidas.

Portanto é principalmente para eles — e incluo moças bem como rapazes no termo “jovens” — que escrevo, não podendo haver dúvida de que passei pela escola da vida mencionada acima.

Não me proponho fazer uma biografia formal, começando com a primeira infância e passando progressivamente por todos os anos de minha vida. Será antes como uma salada russa ou como um pudim de pão, embora receio que as ameixas sejam escassas e que vocês tenham que descobri-las e retirá-las sozinhos da massa.

## Como Enriquecer

Reparem bem que minha estada nesta terra tem sido das melhores, de forma que posso falar de cátedra.

Um redator do “Manchester Guardian”<sup>1</sup> que, aliás, não conheço, descreveu-me recentemente como “o homem mais rico do mundo”.

Parece exagero, mas pensando bem, acredito não ter ele errado muito.

Um homem rico não é, necessariamente, aquele que possui uma arca cheia de dinheiro, mas aquele que é realmente feliz. E isso eu sou.

Conheci muitos milionários que não eram homens felizes; não tinham tudo o que queriam e portanto haviam fracassado na vida. Um provérbio singalês<sup>2</sup> diz: “Aquele que é feliz é rico, mas isso não significa que aquele que for rico seja feliz”.

O verdadeiro rico é aquele que menos necessidades tem.

Praticamente qualquer biografia encerra sugestões úteis para se alcançar êxito na vida, mas nenhuma de maneira melhor ou mais infalível que a biografia de Cristo.

Se leram “O Caminho para o Sucesso” já perceberam que a idéia que faço de sucesso é Felicidade. Felicidade, como diz Sir Henry Newbolt<sup>3</sup>, consegue-se “espalhando felicidade”.

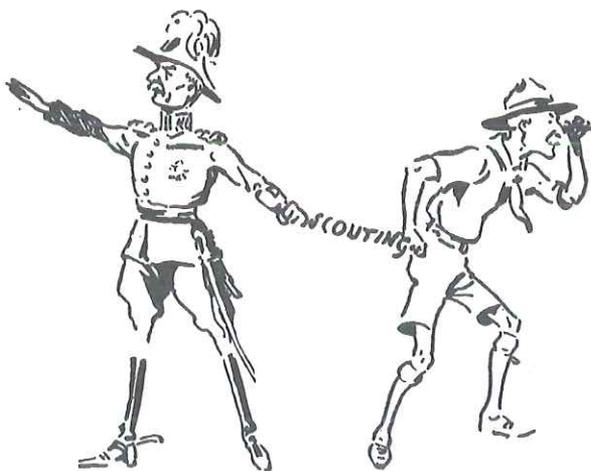
Uma coisa de que muitos jovens não se apercebem de início, é que sucesso é algo que depende de nós mesmos e não da sorte favorável, ou do apoio de amigos poderosos.

Tenho explicado repetidas vezes que a finalidade do Movimento Escoteiro é desenvolver homens e mulheres, cidadãos que possam ser descritos como: saudáveis, úteis ao próximo e felizes. O homem ou a mulher que tiver conseguido desenvolver em si essas três características já assegurou para si os principais acessos ao êxito na vida.

Perguntaram-me outro dia se eu podia definir em poucas palavras, digamos cinquenta, minha opinião sobre a melhor coisa da vida. Respondi que responderia apenas em três: **UM CASAMENTO FELIZ**, querendo dizer com isso que aquele que tiver a afeição duradoura de uma boa esposa virtuosa, conseguiu o que há de melhor.

Por casamento feliz não quero dizer uma divertida lua-de-mel de algumas semanas ou meses, seguida de tolerância mútua, mas uma lua-de-mel que dure sempre. Experto crede!

O sucesso completo exige ainda outra coisa: serviço à comunidade. Sem isso, a mera satisfação de ambições egoísticas não leva à felicidade completa.



*Minha vida n.º 1 e minha vida n.º 2, unidas pelo Escotismo*

### **Minha Dupla Vida**

Outra justificativa para me aventurar a escrever é que sou um caso quase único: vivi dupla vida.

Não quero dizer exatamente o que estão pensando!

Vida número um — Não, o que quero dizer é que comecei a vida, depois de acabar a escola, como um jovem oficial do exército, e graças a uma sorte extraordinária, unida a singular entusiasmo pelo meu trabalho, fui rapidamente promovido, galgando todos os postos.

Era uma vida de romance a minha, com estada paga pelo governo em países os mais estranhos. Servi sucessivamente na Índia, Afeganistão, África Ocidental e Egito.

Haviam as campanhas, o esporte, a camaradagem; haviam as fadigas, as doenças e as despedidas, sombras que melhor permitiam apreciar a luz do sol.

Tarefas grandes e pequenas foram-me atribuídas; como Ajudante de Ordens, Comandante de Esquadrão e finalmente como Coronel Comandante de meu Regimento, onde experimentei o que julgo ser a mais divertida das responsabilidades que possa ter um homem, em

estreito contato com seus comandados.

Ainda maiores tarefas me foram atribuídas, sobre as quais falarei num capítulo mais adiante, por exemplo, a de recrutar um contingente de exploradores nativos para a expedição Ashanti<sup>4</sup>; a de servir como primeiro oficial do Estado-Maior da campanha da Matabelelândia<sup>5</sup>; a de comandar aquele esplêndido grupo de homens e mulheres que defenderam Mafeking, na Guerra dos Boers; e a maior de todas, a de organizar o Corpo da Polícia da África do Sul, para pacificação do país, após a campanha. Com o correr do tempo cheguei ao posto mais alto de minha carreira, o de General Inspetor de Cavalaria, tendo nele ocasião de realizar o inspirador trabalho de preparação dos homens da nossa cavalaria para a Grande Guerra que se aproximava.

Dessa forma, na idade relativamente baixa de quarenta e dois anos estava como Major-General e aos cinquenta e dois anos, graças a uma sorte ininterrupta e maravilhosa, havia completado minha carreira de soldado e me reformado, recebendo a devida pensão.

Vida número dois — Nesse ponto comecei minha vida número dois, iniciando existência inteiramente nova, em plano diverso, salvo num ponto, o escotismo, que já existia na primeira vida.

Casei-me com aquela que seria meu braço direito na educação não só de nossos próprios filhos, mas da vasta família de escoteiros e guias que surgiu então.

Deleitamo-nos em ver esse movimento crescer da pequenina semente, representada por 25 rapazes acampados na Ilha Brownsea, até se tornar a fraternidade de moças e rapazes de quase todas as nações civilizadas do mundo, com um efetivo esse ano, de dois milhões e novecentos mil membros\*.

Aí está um ligeiro esboço de minha vida, uma espécie de resumo, que permitirá a vocês anteciparem o modo pelo qual esse livro trata de certos detalhes de minha existência.

\* Isso em 1933. Atualmente a Organização Mundial do Movimento Escoteiro reúne mais de 28 milhões de membros.

## CAPÍTULO I

### MINHA EDUCAÇÃO

Qual foi meu preparo para a vida? Qual minha educação?

Veio ela de várias fontes: casa, escola, viagens, esportes, etc.

Bem, alguns de vocês, pensarão: “Sim, está muito bem, mas você (quer dizer eu) começou com o pé direito, com bastante dinheiro e muita sorte.”

Certamente que tive carradas de sorte. Mas sorte é algo como a coragem, parte dela você recebe gratuitamente, mas a maior parte é você mesmo quem conquista.

Porém posso assegurar que dinheiro eu não tinha. Se seu pai fosse pastor, como o meu, com quatorze filhos e você fosse o décimo - segundo deles pode estar certo que não começaria a vida nadando em dinheiro.

De meu pai recebi pouquíssima educação, porque morreu quando eu tinha três anos de idade. Sua morte representou grande perda para mim, pois ele era um homem de muitos talentos.

Felizmente para mim, mais ou menos nove anos depois de sua morte, a memória de meu pai foi rudemente atacada pelo Doutor Pusey<sup>1</sup>, que provocou um coro de indignação e refutação, formado por aqueles que o haviam conhecido e admirado suas idéias animadas por um espírito aberto.

Se eram elas avançadas para a época (meu pai era cientista, além de pastor) não deixavam de ser idéias que hoje em dia são livremente discutidas e geralmente aceitas.

Se não fosse essa defesa, é possível que nunca viesse a conhecer suas belas qualidades.

#### Minha Mãe

O segredo de meu sucesso na vida sempre foi a influência de minha mãe. A maneira pela qual aquela extraordinária mulher conseguiu educar-nos, sem que nenhum de nós tenha sido um fracasso; e a maneira pela qual não sucumbiu à ansiedade e às tensões de toda ordem, escapa à minha compreensão.

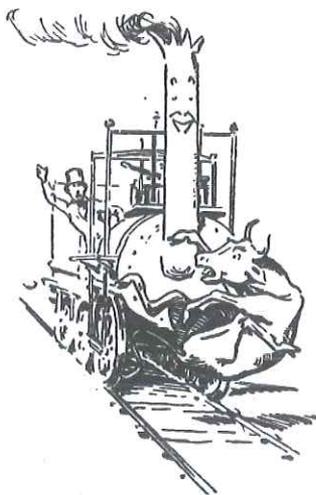
Não somente, apesar de ser viúva e pobre, conseguiu

---

1 Doutor Pusey (1800 – 1882) - Edward Bouverie Pusey. Pastor inglês e Professor Régio de Hebreu na Universidade Christchurch, em Oxford.

alimentar- nos, vestir-nos e educar-nos, como também achou tempo para dedicar- se a outros afazeres fora de casa, em particular como uma das fundadoras da “Girls High School Movement”, (movimento a favor de Escolas Superiores Femininas) ao qual tanto devem hoje muitas mulheres feitas.

Foi sua influência que me guiou pela vida afora muito mais do que quaisquer preceitos ou qualquer disciplina aprendida na escola.



*A locomotiva, inimiga da vaca.*

### **Primeiras Ambições**

É claro que, quando criança, o que queria ser era maquinista de trem, tal qual, segundo suponho, noventa e nove por cento dos meninos. Entretanto, sendo meu avô o engenheiro Robert Stephenson<sup>2</sup>, filho de George Stephenson<sup>3</sup>, inventor da locomotiva, eu tinha melhores razões que eles para essa preferência.

É engraçado que a noção de uma estrada de ferro fosse tão ridicularizada há menos de uma geração. Os velhos Stephenson se viram obrigados a explicar que o azar seria da vaca, se por acaso se encontrasse com uma locomotiva. John Leach caricaturava na época a locomotiva, apresentando-a como brinquedo de criança.

Quando tinha apenas oito anos tornei-me reformador e socialista

<sup>2</sup> Robert Stephenson (1803-1859) - Engenheiro civil inglês.

<sup>3</sup> George Stephenson (1781-1848) - Engenheiro mecânico inglês, foi o inventor das locomotivas a carvão. Foi o idealizador das estradas de ferro modernas.

esquentado. Elaborei então o que chamei de “Código para mim, quando for crescido”. Era assim: “Farei com que os pobres sejam tão ricos quanto nós (não era dizer muito...) Deveriam igualmente ser tão felizes quanto nós, Todos aqueles que atravessarem cruzamentos deverão dar algum dinheiro aos varredores que são pobres, e deve-se agradecer a Deus por tudo que nos deu. Foi Ele que fez o pobre ser pobre e o rico ser rico, e eu sei como se faz para ser bom. Vou dizer. Você deve orar a Deus sempre que puder, mas não se pode ser bom apenas orando, é preciso também tentar com muita vontade ser bom”.

Meu avô, almirante Smyth<sup>4</sup>, escreveu-me a respeito... quanto a teu Código!.. Leis não devem se parecer nada com uma quadrilha da roça, com as pessoas andando de um lado para outro até não poderem mais. Antes são como remédio, os que tomam menos é que passam melhor. Quanto a tua intenção de “quando cresceres” igualar a bolsa dos pobres e dos ricos, não fazes mais do que seguir na esteira de Jack Cade<sup>5</sup>, que resolveu abrir caminho cortando a cabeça de todos os advogados. Esse cavaleiro decretou, ao tomar a ponte de Londres, que dali por diante todo mundo receberia tratamento igual, o que conseguiu realizar, pois perdeu a própria cabeça, sendo assim seu decreto rigorosamente cumprido”.

### Chartethouse

Quando atingi os treze anos fui até Edimburgo e candidatei-me a uma bolsa de estudos para o “Fettes College”<sup>6</sup>. Tive bastante sorte e fui um dos primeiros beneficiados, obtendo-a.

Mas no final de contas não me utilizei dessa Bolsa, pois minha sorte continuou e apenas uma ou duas semanas mais tarde ofereceram-me uma outra para Charterhouse<sup>7</sup>. Aceitei-a.

Não fui um menino brilhante, nem mesmo estudioso como poderia ter sido. Pelas cadernetas escolares vê-se que minha conduta foi boa no princípio, piorando com o decorrer do tempo. Noutro dia

4 Almirante Smyth (1788 - 1865) - Almirante William Henry Smyth - Avô de Baden-Powell, foi um astrônomo notável, hidrógrafo e escritor inglês.

5 Jack Cade - Jack Cade, cujo nome real era John Mortimer, foi o líder de uma revolução popular em 1450, conhecida como Rebelião de Kent. Irlandês, cresceu na Inglaterra e após um período preso, esteve na França retornando com a nova identidade. Organizou a rebelião contra a liderança frágil do Rei Henrique VI, as taxas injustas e a corrupção.

6 Fettes College - Colégio localizado em Edimburgo, Escócia, fundado em 1815.

7 Charterhouse - Escola inglesa onde B-P estudou antes de entrar para o exército.

resolvi incentivar meu filho Peter a estudar mais e merecer boas notas de seus professores. Desencavei minhas cadernetas escolares e convidei-o a examiná-las. “Olhe aqui”, disse, “hum — não é bem essa”. (Naquela caderneta Monsieur Buisson escrevera: “Regular — conduta poderia ser melhor”) “Bem, aqui está., Não”. (Nessa o Professor Doone registrara “Insuficiente” e o professor de assuntos clássicos: “Interessá-se pouco pelo trabalho”).



*A locomotiva um brinquedo de criança!*

Quando, apesar dessas opiniões pouco lisonjeiras, consegui ingressar no sexto ano, o novo mestre clássico, Dr. T.E. Page, generosamente registrou: “Satisfatório sob todos os aspectos”; mas o professor de matemática encarregou-se de contrabalançar essa opinião, dizendo “Parece que deixou praticamente de estudar matemática” e lia-se ainda que para francês “tinha jeito, mas havia me tornado muito preguiçoso, dormindo freqüentemente na classe” e que em matéria de ciências naturais “não prestava a mínima atenção”.

Assim meus mestres, de modo geral, pareciam não ter opinião muito alta dos meus predicados. O diretor entretanto, Dr. Haig-Brown<sup>8</sup>, educador de personalidade, conseguiu, apesar das críticas, descobrir algumas possibilidades na minha pessoa e observou que a minha capacidade era “maior do que transparecia através do resultado do meu trabalho nas classes, e que estava satisfeito com a minha conduta”.

Essa centelha de ânimo foi sendo abanada por mim até se transformar numa chama de energia, ao sentir, mais tarde que o trabalho era um imperativo.

<sup>8</sup> Dr. Haig-Brown (1823-1907) - Dr. William Haig Brown, Diretor de Charterhouse entre 1863 e 1897, onde B-P estudou. É considerado um dos quatro grandes formadores do ensino público britânico na era vitoriana.

### **Grego Era Grego Para Mim.**

Algumas vezes confortou-me a idéia de que homens de mais valor do que eu tenham demonstrado também não serem gênios na escola.

Winston Churchill<sup>9</sup> no seu delicioso livro “My early life”<sup>10</sup> confessa que quando na escola não conseguia assimilar os clássicos ou a matemática.

O honorável John Collier declara que nada lhe adiantou sua educação clássica em Eton<sup>11</sup>; e Lord Darling<sup>12</sup> opinou que “nosso país recentemente envolveu-se em aborrecimentos no Oriente, simplesmente porque o grego é compulsório nas escolas. Esse fato levou muita gente, de outro modo sensata, em particular o Sr. Gladstone<sup>13</sup> a comprometer seu país com os gregos, simplesmente por haverem lido sobre Helena e Ulisses, que a meu ver era uma pessoa assaz desacreditada”.

Lord Darling, como o Sr. Winston Churchill “sente-se feliz por não ter perdido seu tempo aprendendo grego, aproveitando-o na tarefa muito mais útil de aprender inglês”.

Da mesma forma o finado Lord Birkenhead<sup>14</sup>, possuidor de luminosa inteligência, confessou ignorar completamente os clássicos.

Lord Balfour<sup>15</sup>, na sua autobiografia, poderia estar escrevendo por mim quando disse: “Veja você, quando volto os olhos para trás, meto-me medo constatar o pouco que mudei em setenta anos. Se tiver que escrever sobre mim mesmo, terei que mostrar a meus semelhantes o que realmente sou, um homem preguiçoso, que sempre teve o

---

9 Winston Churchill (1874-1965) - Inglês, Primeiro ministro britânico, de 1940 a 1945 e de 1951 a 1955, foi quem dirigiu a Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial. Foi também repórter tendo feito a cobertura da Guerra dos Bôeres.

10 My early life - “My Early Life: A Roving Commission” foi um livro escrito por Winston Churchill e publicado em 1930. O livro é uma compilação de dois textos auto-biográficos anteriores seus: London to Ladysmith via Pretoria (1900) and Ian Hamilton’s March (1900).

11 Eton – Escola localizada na cidade do mesmo nome, localizado do Condado de Berkshire, Inglaterra, situada as margens do Rio Tamisa.

12 Lord Darling (1849-1936) - Charles John Darling, barão inglês.

13 Sr. Gladstone (1809-1898) - Sir William Ewart Gladstone - Político inglês, foi primeiro ministro britânico por quatro períodos.

14 Lord Birkenhead (1872-1930) - Frederick Edwin Smith, Barão de Birkenhead foi político e advogado britânico.

15 Lord Balfour (1848-1930) - Arthur James Balfour, 1º Duque de Balfour foi político britânico e primeiro ministro de 1902 a 1905.

que fazer. Não sou um erudito, mas tenho uma tintura de inúmeros conhecimentos. Não foi por culpa de meus professores que não consegui absorver o latim ou o grego; não foi por minha culpa que nenhuma outra língua jamais me tenha sido ensinada”.

O Marechal de Campo, Sir Henry Wilson<sup>16</sup> foi reprovado duas vezes no exame vestibular para o exército!

Meus conhecimentos clássicos não foram mais profundos do que os matemáticos, entretanto não sei de que jeito e quando teriam sido úteis mais tarde em minha vida. Bons conhecimentos de uma ou duas línguas estrangeiras, além do inglês, de ciências, de contabilidade, de história geral, e de geografia, ou pelo menos alguma idéia de como adquirir esses conhecimentos e praticá-los teriam sido de valor inestimável.

Obrigar meninos pequenos, completamente desinteressados a aprender latim e grego, parece-me ser perda de tempo tão estúpida quanto fazer meninas que não têm ouvido para a música, passar longas horas ao piano aprendendo escalas.

Sei que estou expondo minha ignorância sobre ciência e teoria de educação ao dizer isso, entretanto estou apenas me guiando pelos resultados que vejo no mundo, à minha volta.



*Eles haviam lido sobre Helena e Ulisses<sup>17</sup>.*

Alguém disse, usando de franqueza rude, que “a principal vantagem de nosso sistema escolar é produzir sensatez, boas-maneiras e

16 Sir Henry Wilson (1864-1922) - Marechal de Campo Sir Henry Hughes Wilson, Barão inglês foi político além de militar.

17 Helena e Ulisses - Personagens dos romances clássicos *Ilíada* e *Odisseia*, escritos pelo grego Homero no século VIII a.C. Na *Ilíada* Ulisses, também chamado Odisseu, era rei de Ítaca, aliado de Menelau, esposo de Helena, que foi seqüestrada por Paris, de Tróia. A *Odisseia* relata o retorno de Ulisses para sua casa.

tenacidade; mesmo que ele não transmita muitos conhecimentos”.

De qualquer forma já se demonstrou que esse sistema produz homens capazes de resistir à corrupção e ao suborno, homens de iniciativa, auto-disciplinados e responsáveis e, como Roxburgh<sup>18</sup> diz em “Eleutheros”<sup>19</sup> “homens aceitáveis numa festa e inestimáveis num naufrágio.”

Sei que minhas críticas são descabidas hoje em dia. Desde os meus tempos de escola já decorreu metade de um século e os métodos educacionais progrediram e melhoraram. Mas os métodos tradicionais custam a desaparecer e considerando-se as centenas de jovens que as escolas soltam no mundo cada ano, são eles ainda responsáveis pelo fracasso em se produzir, em quantidade significativa, líderes de capacidade ou jovens interessados nos problemas sociais de nossos dias.

Há ainda muitos zangões nas nossas colméias, há ainda grande desperdício daquele material humano que, especialmente na presente conjuntura, seria de valor inestimável para o País, se fosse dirigido para a alegria e a aventura de SERVIR.

### **Escotismo**

Por dentro de minha carreira no Exército correu sempre um veio, uma mania poderão dizer, tipo uma obsessão que, ao mesmo tempo que dava interesse ao meu trabalho, acabou também sendo útil ao Serviço.

Mais tarde provou ser o elo de ligação entre minhas duas vidas, tão díspares sob outros aspectos.

Esse elo foi o escotismo.

O Escotismo abrange tarefas um tanto diversas. Em poucas palavras, é a arte ou a ciência de conseguir-se informação. Antes ou durante uma guerra informar-se sobre os preparativos do inimigo, sobre sua força, suas intenções, seu terreno, suas circunstâncias e seus movimentos, é essencial e vital para que um comandante ganhe a batalha. O inimigo, por sua vez, procura manter esses detalhes o mais possível em segredo.

---

18 Roxburgh (1888-1951) - J F Roxburgh - Foi Diretor da Escola Stowe aos 35 anos, quando esta escola passou a ser conceituada como uma das mais importantes escolas britânicas. Foi considerado o primeiro diretor humanista a dirigir uma escola deste padrão.

19 “Eleutheros” – “Eleutheros, or the Future of the Public Schools” é um livro publicado em 1930 e que discute a educação dos jovens britânicos.

## Teatro

Dessa forma a tarefa da pessoa que tem que descobri-los é difícil e arriscada. Se trabalhar disfarçado, é chamado de espião e fuzilado; se estiver de uniforme ainda fica mais visível ao inimigo, correndo, igualmente o risco de perecer tragicamente.

Para fazer trabalho eficaz, precisa ele ter bons conhecimentos da tática e organização militares. Precisa também ter, em alto grau, quatro qualidades que em outro lugar declarei serem necessárias ao bom soldado: coragem, bom-senso, astúcia e habilidade em cooperar sem perder o bom-humor.

Comodidade e segurança pessoais no entram em consideração. Mas ele desempenha um papel emocionante que, por seu imenso benefício à Pátria, compensa todos os riscos.

Além de tudo que aprendi quando na escola — no foi grande coisa de abafar — tenho a considerar como de grande valor os conhecimentos que adquiri fora das salas de aula e em especial nas férias, com meus irmãos.

Essas fontes suplementares de educação foram: Teatro, Natureza, Navegação. Mais tarde tive aulas mais adiantadas: Viagens ao Estrangeiro, Caçadas, Serviço Ativo.

Agora, antes de continuar, peço permissão para dizer que tive por algum tempo a idéia de chamar este livro “Bombas em minha Vida”, pois os fatos mais importantes para minha carreira apareceram sempre de sopetão, através de fatores independentes de minha vontade.

A primeira bomba caiu em cima de mim quando, ainda pequeno, em Charterhouse, mandaram-me de repente fazer o papel principal, o de Bob Nettles<sup>20</sup>, numa comédia chamada “Aos Pais e Professores”<sup>21</sup>.

O Dr. Haig-Brown, que tinha idéias adiantadas, considerava as dramatizações um meio eficaz de educação para certo tipo de menino, por conseguinte fazia tudo para encorajá-las e chegava mesmo a ordená-las.

Eu fui um dos felizes requisitados para representar e sempre senti gratidão por ter sido iniciado então nessa espécie de atividade que resultou num treinamento muito útil para falar em público e deu-

---

20 Bob Nettles - Personagem principal da peça teatral inglesa “Parents and Guardians”, sucesso na era vitoriana.

21 Aos Pais e Professores - “To Parents and Guardians” . Peça teatral escrita por Tom Taylor, de grande sucesso na era vitoriana.

me facilidade de expressão; principalmente, porém, deu-me aptidões para a espionagem, desenvolvendo em mim habilidade para mudar o timbre de voz, da aparência e do jeito, conforme a ocasião.

### A Floresta

No meu tempo de menino, em Charterhouse, logo fora dos muros, havia o “Bosque”, longo terreno arborizado, no flanco de uma colina, estendendo-se por mais de uma milha ao redor dos campos de recreio.

Era aí que costumava passar longas horas imaginando ser caçador e escoteiro. Arrastava-me cuidadosamente pelo chão, procurando rastros e tentando me aproximar de esquilos, coelhos, ratos e passarinhos, a fim de observá-los.

Fazia armadilhas e quando conseguia pegar um coelho ou uma lebre (o que não se dava freqüentemente), aprendia penosamente, por experiência própria, a tirar-lhe a pele, limpá-lo e assá-lo. Mas sabendo que havia índios por perto, na forma de professores à cata de fujões, tinha o cuidado de fazer um fogo bem pequeno, que desprendesse pouca fumaça, a fim de não trair minha presença.



*Bob Nettels e Waddilove.*

Incidentalmente, tornei-me bastante astuto para me esconder em cima de uma árvore quando se aproximava o perigo, pois a experiência me ensinara que os professores em busca de desertores raramente

olhavam para cima. Os gregos erraram quando chamaram o Homem “Anthropus”, “aquele que olha para cima”, pois a prática demonstra que raramente ele olha acima de seu próprio nível.



*Os professores não são “anthropus”*

Assim, sem o saber, fui adquirindo um tipo de educação que mais tarde seria de grande valor para mim.

Esses conhecimentos foram-me de um precioso auxílio nas grandes caçadas, como também no escotismo, pois iniciaram em mim o hábito de reparar em pequenos detalhes ou “sinais” e de tirar conclusões, em outras palavras o hábito inestimável da Observação e da Dedução.



*Escondido no "Bosque"*

### **Escotismo no Mar**

Apesar de não ter tido a orientação de um pai, sendo o sétimo filho homem, gozava de bom treino nas férias, em companhia de meus irmãos mais velhos. Todos eles tinham bem desenvolvido o instinto esportivo e eram bons camaradas entre si, nadadores de primeira classe, jogadores de futebol, remadores, etc. Todos sabiam imaginar e executar o que fosse preciso para substituir o que não podiam comprar, chegando mesmo a construir um barco.

Fazíamos nossas próprias cabanas, nossas redes de pesca ou de caça de lebres e pássaros, e assim pegávamos e assávamos nossa comida para satisfação nossa em geral e de nossos estômagos em particular.

Eu, como caçula, tinha minha parte no trabalho, cabendo-me especialmente aquelas tarefas que naturalmente seriam delegadas ao mais moço de um grupo, tais como limpar o peixe ou a caça (trabalho realmente sujo!) ajudar a cozinhar e lavar os pratos e utensílios.

Tudo isso era muito bom para mim.

Certa ocasião, ao recebermos algum dinheiro, foi-nos possível comprar um bote desmontável. Nele, entre outras viagens, fomos certa vez de Londres, rio Tamisa<sup>22</sup> acima, praticamente até sua nascente; dali carregamos o bote através algumas colinas, cruzamos o Severn<sup>23</sup>

22 Tamisa - Rio inglês que corta a cidade de Londres.

23 Severn - Maior rio britânico, e também o mais caudaloso.

e navegamos o Wye<sup>24</sup>, contra a correnteza, até nossa casa, no País de Gales. Foi uma viagem bastante aventureira, em particular a travessia das sete milhas do Severn, na casquinha-de-noz que era nosso bote de lona. Realmente, foi uma expedição das mais instrutivas para mim.

Um dia, quando nosso dinheiro deu para isso, tornamo-nos proprietários de uma pequena embarcação de dez toneladas, construída segundo desenho de meu irmão Warington<sup>25</sup>, e nela nos divertimos muitíssimo, cruzando as costas da Escócia e da Inglaterra, em todas as estações do ano. Muitas vezes nos vimos em apuros e conseguimos nos safar, ganhando assim considerável soma de experiência e prática.

Tratarei mais adiante de algumas dessas aventuras; quero falar aqui apenas de seu valor educacional; a disciplina, a tenacidade para suportar as necessidades, os perigos enfrentados nesses cruzeiros, foram um aprendizado de valor inesgotável pela minha vida afora, aprimorando a formação do nosso caráter.

### **Viagens e Esporte**

O aprendizado restante tive-o mais tarde, depois de findos meus tempos escolares, por meio de Viagens, Grandes Caçadas e Serviço Ativo no Exército.

Durante as viagens tive oportunidade de ver como viviam os demais povos e de comparar sua maneira de vida com a nossa.

A convivência com muita gente nessas viagens proporcionou-me novas experiências e alargou meus horizontes, coisa muito necessária à minha educação.

Através do esporte na jângal<sup>26</sup>, cheguei mais perto da Natureza e adquiri então boa prática em seguir pistas e em cercar a caça sem ser pressentido, bem como habilidade para instalar o acampamento. Acostumei-me também a enfrentar o perigo. Tudo isso veio a contribuir mais tarde para o sucesso do meu escotismo.

---

24 Rio Wye - Rio britânico que faz a divisa natural entre a Inglaterra e o País de Gales.

25 Henry Warington Smyth Baden-Powell (1847-1921) - Na juventude, B-P fez várias viagens de barco pelos rios ingleses com seus irmãos mais velhos. O comandante era seu irmão mais velho Warington, que posteriormente entrou para a marinha inglesa chegando ao posto de almirante. Escreveu vários livros e foi um dos incentivadores e criadores da Modalidade do Mar, em 1910.

26 Jângal ou Jungle - Floresta. Este termo genericamente designa a floresta indiana.

Em seguida, quando em serviço ativo no Exército, completei minha educação, praticando por necessidade o que antes era esporte apenas.



*Escondido para a guerra.*

### **Escotismo na Guerra**

Qual o melhor momento de que pode se lembrar na sua vida?

Pela parte que me toca, apesar de minha vida ter sido uma série de momentos agradáveis, quando me pergunto de qual deles mais gostei, minha memória, sem hesitação, voa para uma planície seca e estorricada na Rodésia<sup>27</sup>, sob um sol escaldante. A única sombra que me protege do calor ardente é projetada pelo meu casaco colocado sobre um arbusto. Minha roupa está reduzida a frangalhos, e o único alimento é a carne de cavalo e uma ração dupla de farinha, que usualmente, por falta de tempo, ingerimos misturada com água. Estamos exaustos e debilitados pelas marchas noturnas constantes para perseguir um inimigo selvagem e astuto.

Temos o rosto ulcerado pela permanência demorada no “Veldt”<sup>28</sup> (planície) e o único lenimento que possuímos é um pouco de graxa

27 Rodésia - Nome utilizado durante a colonização africana a região ao norte da África do Sul. Seu nome advém de Cecil Rhodes, dominador da região. Em 1888 surgiu oficialmente a Rodésia, quando Rhodes conseguiu o direito de mineração na região para sua empresa – British South África Company. Em 1910 se dividiu em Rodésia do Norte, atual Zâmbia e Rodésia do Sul, atual Zimbábue.

28 Veldt - Grandes espaços abertos na África do Sul, correspondendo as savanas e campos.

retirada das rodas das carroças, com a qual adornamos nossos rostos e nossas mãos. Nossos cavalos não são mais do que tristes caixas de ossos, cansados, muito cansados.

E entretanto estamos rijos e gozamos de boa saúde. Cada dia nos traz novas aventuras, novo interesse e novos problemas. Formamos um grupo unido e experiente de bons camaradas. Que esplêndida e despreocupada aventura!

E as noites, então; aquelas claras e geladas noites sob o escuro céu, pontilhado de pequenas e grandes estrelas que parecem cintilar caçoístas, enquanto seguimos silenciosamente, astutamente, no encalço do inimigo (com toda probabilidade de ter o inimigo também em nosso encalço...).

Procuramos quase pelo tato o caminho na escuridão implacável, desconfiando de cada pedra e de cada arbusto, com todos os sentidos tensos, olhos, ouvidos e olfato alerta para ouvir, ver e sentir o cheiro do inimigo.

Vamos aos adiantando, rastejando, estacamos, rastejamos de novo, com mortal paciência, num jogo de esconder com os olhos vendados... Cada qual está sozinho dependendo exclusivamente da habilidade própria do explorador escoteiro para guiar-se, safar-se e salvar a vida, mas acima de tudo, para não voltar da missão de mãos abanando.

Arriscado? Claro que era arriscado. E esse risco era o sal que dava sabor ao empreendimento. A primeira vez que um habitante da Matabelelândia me avistou por entre as rochas esparsas de uma colina, meu coração disparou.

Mas ao perceber eu que com meus sapatos de sola de borracha era capaz de correr mais rapidamente do que ele, a coisa melhorou muito e por nove vezes dei-me ao luxo de escapar dessa maneira.

Porém causava-me certa “emoção” como dizem os franceses, vê-los correr atrás de mim, soltando gritos, tal como uma matilha que avistou a caça.

A ameaçadora recomendação do chefe: “Não o matem, quero-o vivo”, era-me ainda um incentivo (se é que precisava de incentivo...) Um passo em falso, ou um tornozelo torcido resultariam em longa e protelada tortura, antes que o golpe final trouxesse a morte misericordiosa.

Mas para pensamentos como esse não havia tempo naquele momento cheio de ação e estímulo, Só sei que a memória devolve-

me a exaltação e o sentimento de que ser explorador escoteiro valia a pena.

Era trabalho de HOMEM e isso me agradava muito.

### **Escotismo na Paz**

Tendo falado no uso do escotismo, durante a guerra, com seus riscos e satisfações, devo explicar que existe também escotismo em tempo de paz, igualmente cercado de atividades agradáveis e de duras provações.

Tal qual o batedor militar, que vai a frente do exército, abrindo-lhe o caminho, colhendo informações e facilitando o avanço, da mesma forma o escoteiro, em tempo de paz, vai na frente, por regiões inexploradas, para obter informações e abri-los ao avanço da civilização.

São eles os exploradores, os bandeirantes, os pioneiros, os missionários, os caçadores e os tropeiros da fronteira. Homens de capacidade, de coragem, rijos, capazes de construir seus próprios caminhos sem ajuda alheia. Quando os tempos são maus, agüentam tenazmente, prontos a continuar, tão logo surja a menor oportunidade de fazê-lo.

Conservam eles atitude de contentamento e esperança mesmo quando a situação é a pior possível e são homens a quem se pode confiar uma tarefa com a certeza que será levada a cabo, sem supervisão ou aplauso.

Na prática observa-se que esses homens de fronteira estão sempre prontos a ajudar uns aos outros, quando o perigo ameaça ou avultam dificuldades.

Em toda parte do mundo vi esses escoteiros britânicos da Paz, em suas escunas nos mares do Sul ou por entre os montes de gelo da Terra Nova; domando rios nas longínquas florestas canadenses em busca de energia para a crescente população da região; iniciando e dobrando a produção do milho em Quênia, onde essa cultura era desconhecida; procurando descobrir carvão e ferro para utilização futura na Rodésia; vencendo os desertos da Austrália e da África do Sul; ou pacificando e educando os nativos da Nigéria e do Sudão.

Esses escoteiros avançam desapercibidos, sem louvores, mas persistindo sempre.

Os mesmos atributos pessoais são necessários aos escoteiros da Paz

e da Guerra: quer dizer, energia, auto-confiança, coragem, segurança e habilidade em se sacrificar de cara alegre quando em serviço.

E pensando bem, essas qualidades seriam úteis também a cidadãos de regiões civilizadas.

Não são entretanto qualidades que possam ser ensinadas na escola; têm que ser adquiridas e desenvolvidas pelo próprio indivíduo. Não seria possível levar cada rapaz ou moça para grandes regiões solitárias, a fim de ensiná-los, mas é perfeitamente possível trazer algo delas até seu alcance. É o que estamos fazendo através do Movimento Escoteiro,

E foi assim que minhas duas vidas, a número um, militar e a número dois, civil, ligaram-se pelo laço comum do escotismo do qual estavam ambas imbuídas.

## CAPITULO II

### A ARTE DE REPRESENTAR

#### Em Charterhouse

Tenho a convicção que o fato daquele diretor de vistas largas e de grande lucidez que era o Dr. Haig-Brown ter sempre encorajado entre nós as representações, foi-nos de grande valia depois em nossas vidas.

#### Valor Educacional das Dramatizações

Não era necessariamente com o intento de transformar-nos em atores profissionais que o Diretor agia assim, mas antes com o desígnio de educar-nos.

Por esse meio tornou-nos ele aptos a apreciar um pouco as belezas da expressão poética. Exercitou nossa memória, fazendo-nos capazes de decorar as falas, ensinou-nos a nos expressarmos diante de um auditório sem acanhamento, a articular com clareza, a usar frases precisas, a modular a voz e gesticular apropriadamente, a fim de captar a atenção e o interesse de nossos ouvintes. E ainda por cima ensinou-nos, o que nos viria a ser muito útil, a avaliar, na hora, o grau de interesse que estávamos despertando; coisas essas de grande auxílio ao se falar em público.



*“Articular Claramente”, “Jogo de voz e dos gestos”, “Agarrar o auditório”*

#### Alguns Exemplos de Representações

Correndo os olhos pelo passado, vejo que de uma feita o finado

Lord Grenfeli<sup>29</sup>, então Major de Brigada em Shorncliffe<sup>30</sup>, obrigou-me a fazer uma série de palestras para a guarnição militar, série que incluía os seguintes assuntos:

“Realejos dos antigos romanos”

“Máquinas diversas a vapor”

“Cavalos mortos e similares”

Era evidente que me atribuíam conhecimentos os mais variados!

Um velho programa traz-me à lembrança a ocasião em que fiz o papel de Capitão O'Scuttle na peça “Poor Picadilly”<sup>31</sup>. Foi iniciativa da família Carr Glyn<sup>32</sup> de Hanford<sup>33</sup>, perto de Blandford<sup>34</sup>, propriedade ocupada então por Lord Wolverton<sup>35</sup> (Mestre da esplêndida matilha usada nas caçadas do Vale de Blackmore<sup>36</sup>).

“Cox and Box”<sup>37</sup>, a opereta imortal de Burnand e Sullivan, teve-me como intérprete, segundo creio, vinte e seis vezes em ocasiões diferentes. A mais notável delas foi no “Castle”, da Cidade do Cabo<sup>38</sup>.

---

29 Lord Grenfeli (1841-1925) - Marechal de Campo, Lord Francis Wallace Grenfell, Barão. Participou de campanhas na Índia, Afeganistão, África do Sul, Egito e Irlanda.

30 Shorncliffe - Nome de quartel militar região de Cheriton, no Condado de Kent, Inglaterra.

31 Capitão O'Scuttle na peça “Poor Picadilly” - A peça na verdade se chama “Poor Pillicoddy” e foi um grande sucesso na era vitoriana. Seus personagens principais, Sr. e Sra. Pillicoddy, Capitão O'Scuttle e sua esposa e Sarah Blunt, se tornaram bastante populares. A peça foi escrita por John M. Morton e apresentada pela primeira vez em 1879.

32 Carr Glyn - Sobrenome de família do Barão de Wolverton, Inglaterra.

33 Hanford - Cidade inglesa no condado de Staffordshire.

34 Blandford - Cidade inglesa no condado de Dorset.

35 Lord Wolverton - A linhagem de Barões de Wolverton iniciou-se em 1869 com Lord George Carr Glyn (1797-1873). B-P se refere nesta época a Frederick Glyn, 4º Barão de Wolverton, banqueiro e político, casado com Lady Edith Amélia, filha do Duque de Dudley.

36 Vale de Blackmore - Vale localizado na região de North Dorset, na região sul da Inglaterra.

37 “Cox and Box”, a opereta imortal de Burnand e Sullivan. Encenada pela primeira vez em 1866, também é chamada de “The Long Lost Brothers”. Escrita por Sir Francis Cowley Burnand (1836-1917) e musicada por Sir Arthur Seymour Sullivan (1842-1900), é uma peça de um ato baseada no texto de John Maddison Morton (1811-1891).

38 Cabo - Cidade sul-africana. Hoje é a capital legislativa da África do Sul. Os primeiros europeus que chegaram a região foram os portugueses com Bartolomeu Dias, a caminho das índias. Depois o holandês Jan van Riebeeck estabeleceu aí a primeira colônia européia na África do Sul, a Colônia do Cabo, em 1652.



*Esboço do programa para a representação de "Cox e Box" no castelo da Cidade do Cabo.*

Aí está o desenho impresso no programa e que mostra o Tipógrafo dentro de casa, enquanto o Chapeleiro está do lado de fora e o Sargento Pulador está no meio, mantendo o equilíbrio entre os dois. O fundo mostra o antigo portão do Castelo.

As jovens modernas quando pensam em suas predecessoras vitorianas<sup>39</sup> acham ridícula a sua exagerada e afetada modéstia; a idéia que fazem delas entretanto é um tanto falsa.

Poderia se o quisesse, mas não farei, contar-lhes algo sobre aquelas mesmas jovens vitorianas que teria o efeito de abrir-lhes os olhos e modificar-lhes essa opinião!

Mas se pensam as jovens de hoje que foram elas as primeiras a ter a "bravura" de cortar o cabelo e de fumar cigarros, estão redondamente enganadas. Conheci uma senhora que certa vez veio tomar parte numa representação em Charterhouse, que usava o cabelo curto e fumava, não anêmicos cigarros, mas grandes e honestos charutos! Ficou hospedada no Pavilhão Girdlestone; de uma feita um menino, entrando sem cerimônia no escritório para dar um recado ao

<sup>39</sup> Vitorianas - O termo se refere ao que contemporâneo a Rainha Victoria, cujo reinado foi o maior de um imperador britânico.

professor, deparou com aquele expoente da mulher moderna e só pôde balbuciar atrapalhado: “Senhor, quero dizer, senhora, Senhor, Senhora, quero dizer...” e bateu em retirada, sem chegar a se explicar, espalhando que havia um “thermantidote”<sup>40</sup> no Colégio.

Não sei se era pelo prazer de chamar atenção, mas a verdade é que me divertia muito quando tinha que representar e essa ocupação levou-me a outras interessantes atividades.

Em certa ocasião juntei-me a uma companhia mista, composta de amadores e profissionais, sob a direção de Sir Charles Young<sup>41</sup>, cuja estrela era Lady Monkton. Uma espécie de “Good Companions” da vida real.

Tive ali ocasião de verificar como é dura a vida do ator profissional. Nossos ensaios eram rigorosos, e por eles se percebia a razão pela qual alguns amadores, entusiasmados por duas ou três récitas, falham como profissionais ao lhes ser pedido que continuem a manter o espírito de seus papéis, noite após noite, semana após semana, durante muitos meses.

### Ensaio Sobre Castas

Em outra ocasião fui escolhido para fazer o papel de Sam Gerridge<sup>42</sup>, o bombeiro, na peça “Casta”. Era uma representação fora do comum, pois todos os atores faziam papéis de acordo com sua profissão na vida real, com exceção do Major Lacey, que fazia o beerrão Eccles e eu no papel citado acima.

Rosina Vokes<sup>43</sup> fazia o papel da bailarina Polly Eccles e os dois oficiais de cavalaria na realidade seguiam essa profissão. Lacey prometeu-nos que faria o possível para tornar real o seu papel, absorvendo metodicamente grande quantidade de álcool... A vista disso vi-me na obrigação de aprender o ofício de bombeiro. Entreguei-me de

---

40 Thermantidote - Aparelho de circulação de ar, antecessor dos atuais ventiladores. O nome vem de “antídoto para temperatura”.

41 Sir Charles Young (1837-1887) - Charles Lawrence Young, 7º Barão de North Dean, Condado de Buckingham. Escreveu diversas peças de teatro de sucesso, sendo a mais famosa, “Jim, the Penman”, que estreou em 1886 na Austrália.

42 Sam Gerridge, o bombeiro, na peça “Casta” - “Caste” foi uma peça de grande sucesso no teatro britânico, tendo sido encenada pela primeira vez em 1867, escrita por Thomas William Robertson (1829-1871) e cujos principais personagens eram o Capitão Hawtree, Samuel Gerridge, Eccles, Polly Eccles, Esther Eccles, o Marquês de São Mauro, Dixon e George D’Alroy.

43 Rosina Vokes (1854-1894) - Comediante inglesa, de uma família de artistas bastante famosa na era vitoriana.

olhos fechados nas mãos do Sr. Greenburg, alfaiate de Chelsea<sup>44</sup>, que providenciou para mim uma roupa já usada para o serviço e mais uma domingueira. A propaganda impressa do Sr. Greenburg, dá idéia da sua clientela:

“Roupas bacanas — Visite C. Greenburg, Rua White Lion, Chelsea, se quiser se enfarpelar. O “Campeão da tesoura” mencionado acima, chama atenção para o fato de que conseguiu uma partida de fazenda sensacional, que venderá à vista. Poderá fornecer calções de corte moderno por 10 shillings<sup>45</sup>, e coletes fantasia, de corte elegante, fechados ou deixando aparecer o peito, por nove shillings”.

Completei o disfarce deixando crescer uma barbicha e evitando a água e sabão com relação a minha mão esquerda. Na mão direita coloquei uma bandagem e enfiei-a numa tipóia. A minha idéia era sugerir que estava sem trabalho por causa do ferimento e ao mesmo tempo ter desculpa para não participar das brigas eventuais que a “etiqueta” exigisse de mim, em defesa de algum camarada.

Alguns dias mais tarde, lá estava eu, estudando meus modelos vivos nas oficinas e bares da vizinhança da “Comercial Road”<sup>46</sup>.

Certa manhã juntei-me ao povo em frente as grades do Palácio de Buckingham<sup>47</sup>, a fim de assistir a chegada dos convidados a uma função oficial. Perto de mim, entre a multidão, se encontravam duas mocinhas de bom aspecto, vestidas decentemente.

Justo quando estavam comentando encantadas, um dos vestidos que haviam visto, um sujeito sujo, meio bêbado, grosseirão, empurrou-as a fim de conseguir melhor lugar para ver o espetáculo, tendo uma delas escorregado para a sarjeta. “Vamos, dona Maria, saia da frente”, berrou ele.

Num segundo, apesar de não ter eu a intenção de derrubá-lo, estava ele de costas no meio da rua. Ergueu-se depressa e, de uma cuidadosa distância começou a dirigir-me palavras de baixo calão, enquanto procurava uma pedra com que desse maior ênfase ao palavreado.

---

44 Chelsea - Bairro de Londres, capital da Inglaterra, pertencente do Distrito de Kensington.

45 Shillings - Shillings ou xelins são frações da libra esterlina, moeda corrente no Reino Unido.

46 Comercial Road - Centro comercial no Centro de Londres.

47 Palácio de Buckingham - O Palácio de Buckingham é a residência oficial da Monarquia Britânica em Londres, Inglaterra. Foi construído em 1705 para John Sheffield, o primeiro Duque de Buckingham, e tornou-se a residência real em 1762.

Mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, a polícia apareceu e deu sumiço ao homem num instante, passando-o de mão em mão.

Enquanto isso as mocinhas me agradeciam como se eu lhes tivesse salvo a vida, ao mesmo tempo, fazendo votos para que meu braço amarrado não tivesse sofrido por causa delas.

Quebrado assim o gelo, num instante estávamos bons amigos e comecei a identificar para elas os personagens que iam chegando.

Quando depois das despedidas, íamos indo embora, acabado o desfile, já estando eu afastado uns doze passos, vieram elas atrás de mim, acompanhadas de um rapaz simpático. Apresentaram-no como sendo Jim Bates, carpinteiro, noivo de Kate e fizeram sem rodeios grandes elogios a minha pessoa e a meu modo “heróico” de agir.

Jim Bates não era de meias medidas e carregou-me incontinentemente para tomar chá com sua mãe, numa ruela em Westminster<sup>48</sup>. Desde então fiquei sendo amigo da família. Tornei-me companheiro constante de Jim no trabalho e nas horas de folga, pude realmente apreciar nele o jovem trabalhador inglês ideal.

Sob sua competente e involuntária tutela, cedo adquiri o desejado conhecimento dos costumes e modos de sua classe e isso através de circunstâncias muito mais agradáveis do que imaginara.

Eu era conhecido na família como Charlie e tinha inteira liberdade para entrar e sair a vontade, em sua casa.

Depois da estréia da peça, naturalmente minhas visitas cessaram e não tornei a vê-lo a não ser muitos anos mais tarde.

Foi na parada do Jubileu<sup>49</sup> em Aldershot<sup>50</sup>. Ia eu a galope, no meu uniforme de hussardo<sup>51</sup>, transmitir uma ordem do Estado Maior quando quase atropeliei um rapaz esbaforido, que carregava o filhinho no colo e puxava pelo braço a mulher.

“Olá, Jim! Como vai, Sra. Bates? Não se lembram de mim? Charlie! Tome, Jim, mostre este cartão no portão da arquibancada e poderão ver melhor o desfile. Adeus!

Foi a última vez que vi Jim Bates. Mas sinto sempre, pensando nele,

48 Westminster - O Palácio de Westminster, também conhecido como Casas do Parlamento, (em inglês Houses of Parliament) é o palácio londrino onde estão instaladas as duas câmaras do Parlamento do Reino Unido.

49 Parada do Jubileu - Parada que aconteceu em 1887 como parte dos festejos do Jubileu de Ouro por 50 anos de Reinado da Rainha Vitória.

50 Aldershot - Cidade inglesa no Condado de Hampshire.

51 Hussardo - Classe de cavalaria ligeira de origem sérvia, que foi adotada em vários países europeus. Teve grande importância na estratégia militar dos séculos XVIII e XIX.

certa gratidão, por ter me ajudado sem querer a representar o papel de Sam Gerridge.

### Improvisando

A falta de tempo não permitia os ensaios, mas o papel do Praça Williams, a sentinela, é notadamente fácil, considerando que tem apenas que cantar uma canção, enquanto está de serviço, sem ter que dialogar com os outros personagens.

Tinha eu terminado minha canção e dado a deixa para a entrada da protagonista, quando, patrulhando o palco de cá para lá, ao me aproximar do lado onde estava o ponto, segredou-me ele: “Ela não está pronta. Improvise qualquer coisa”.

E eu improvisei. Depois de olhar cuidadosamente em volta, como para me assegurar que não havia um oficial por perto, encostei o rifle, com um suspiro de alívio, e num monólogo improvisado externei (sob o ponto de vista do praça) minha opinião sobre o serviço de sentinela, dando várias idéias para suavizá-lo e burlá-lo, sem grande risco de ser apanhado.

Sendo a platéia composta de militares (entre eles estava o Duque de Connaught<sup>52</sup>), minhas observações fizeram sucesso; a tal ponto mesmo, que o diretor de cena insistiu para que na próxima representação fosse mantida a cena improvisada.

Ordinariamente teria sido difícil para mim falar de sopetão, sem ter pensado antes no que iria dizer. É entretanto um fato curioso que tenho observado mais de uma vez, que quando a atenção está integralmente concentrada no assunto do momento, como é o caso quando se está num palco, as idéias apropriadas surgem como por encanto, de maneira surpreendente.

O improviso, apesar de ser considerado defeito pelos profissionais da ribalta, é uma vantagem, pelo menos sob certo ponto de vista. É que desenvolve a presença de espírito que permite responder a um adversário, durante um discurso.

Pode ser que a seguinte anedota seja muito conhecida, entretanto de qualquer forma vale a pena contá-la, como exemplo de presença de espírito: Sir Jorge Reid<sup>53</sup>, Alto Comissário da Austrália, ao fazer

52 Duque de Connaught (1850-1942) - Príncipe Arthur William Patrick Albert, terceiro filho da Rainha Vitória, foi Governador Geral do Canadá.

53 Sir Jorge Reid (1845-1918) - Sir George Houstoun Reid, político australiano e quarto primeiro ministro da Austrália.

um discurso durante uma campanha política, foi interrompido por um indivíduo da platéia, que lhe disse: “O senhor é um bandido de duas caras”, Sir Jorge olhou o homem por um décimo de segundo e respondeu: “Bem, o mesmo não se pode dizer do senhor, pois do contrário teria deixado a que está usando em casa.”

### Brincadeiras

Acabara eu de desembarcar em Malta<sup>54</sup>, de volta de uma visita à Sicília<sup>55</sup>. Durante minha estada naquela ilha havia comprado como curiosidade uma daquelas altas selas de metal com as quais os habitantes costumam enfeitar seus cavalos e mulas.

Ela era ornamentada com uma carreira de botões de metal protuberantes, em volta de um ferro, terminado por duas bandeiras também de metal. Nos lados havia mais botões, esses bem maiores.

Um amigo me vendo chegar com esse estranho objeto perguntou: “Isso é um instrumento musical?”

“O que mais havia de ser?” respondi.

Pedi-me ele então, todo crente, que tocasse o instrumento num concerto que ia se realizar na semana vindoura.

Foi o que fiz.

Combinei com a orquestra a execução de um noturno clássico, cujo solo seria executado por mim no “Selafone”. Coloquei uma correia no “instrumento” para dependurá-lo no pescoço. Na altura da boca preendi um pente recoberto de papel fino. Na hora do concerto “cantei” através o pente num agudo falsete, enquanto ia “tocando” as notas nas protuberâncias da sela e fingindo modular o som nas protuberâncias maiores dos lados.

Ninguém percebeu a brincadeira, sendo plenamente aceito o “selafone” como instrumento musical.

Tenho até medo de contar quantos desses incidentes alegraram o meu passado; entretanto o melhor deles e que mais diversão me causou foi o ocorrido em Simla<sup>56</sup>.

---

54 Malta - Pequeno país europeu insular, localizado no Mediterrâneo.

55 Sicília - Região autônoma e insular italiana.

56 Simla ou Shimla, cidade no estado indiano de Himalach Pradesh.



*Um novo instrumento de música*

### **A Mistificação de Simla**

O Capitão Quentin Agnew<sup>57</sup>, Ajudante-de-Ordens do Comandante Sir George White<sup>58</sup>, era um homem que devia ter mais juízo. Em vez disso costumava me desviar.

Certa vez tomamos uma frisa no teatro, para um grupo de amigos, encomendando uma ceia no Clube, para terminar a noite. Enquanto estávamos nos vestindo, teve ele a idéia de nos disfarçarmos e comparecermos ao teatro como desconhecidos. Foi só pensar e já estava feito.

Escolheu ele o papel de correspondente de jornal inglês e eu, de Conde Italiano, correspondente do “Roma”<sup>59</sup>. Fingíamos nós termos apenas desembarcado e estarmos a caminho da frente do Afeganistão, onde a guerra estava por estourar.

Conseguimos que outro Ajudante-de-ordens levasse-nos ao teatro e nos apresentasse a nossos amigos já reunidos na frisa. Explicou ele que nós dois tínhamos trazido cartas de apresentação para o Comandante em Chefe e que, o Capitão Agnew e eu tínhamos tido

57 Capitão Quentin Agnew (1861-1937) - depois, Coronel Quentin Charles Graham Kinnaird Agnew. Participou de campanhas na Ásia, na Guerra dos Bôeres e na França, durante a I Guerra Mundial.

58 Sir George White (1835-1912) - Marechal de Campo Sir George Stuart White – Militar britânico condecorado com a Cruz de Victoria.

59 Roma - Jornal italiano de bastante prestígio no início do século XX.

de ir jantar. Estávamos jantando com o Comandante. Será que nossos bons amigos se encarregariam de entreter esses dois estrangeiros durante sua ausência:

Estávamos certos de sermos descobertos, ao passar os primeiros dez minutos, mas por um capricho da sorte nossos amigos pareciam não alimentar a mínima desconfiança e no fim do primeiro ato fomos levados pelo teatro para sermos apresentados a outros amigos.

Nenhuma suspeita foi levantada sobre nossa identidade; pelo contrário, recebemos algumas confidências e opiniões, que tenho certeza jamais teriam sido feitas a amigos!

Como no fim do espetáculo ainda não tivéssemos sido descobertos, resolvemos ir a nossa própria ceia como hóspedes em vez de anfitriões.

Mandei apressadamente um bilhete a um jovem oficial do meu Regimento que estava de folga, e pedi-lhe que fosse ao Clube receber os convidados em meu nome, pois o jantar do Comandante ainda não havia acabado e eu não podia me ausentar.

Num Post-Scriptum dizia que entre os convidados havia dois correspondentes estrangeiros, estranhos ao lugar e que deveriam receber atenção especial, pois um deles era um Conde italiano.

Quando chegamos ao clube lá estava meu fiel subalterno esperando para nos receber, mas quando na falta de conhecimentos de italiano, começou a conversar comigo num francês atroz mal pude conter o riso.

De qualquer modo, consegui manter rígidos meus músculos faciais, mas as lágrimas vieram-me aos olhos, O subalterno notou-as e perguntou-me ansiosamente: 'Est-ce que vous êtes malade aux yeux?' Respondi num sotaque horrível: 'estou com os olhos irritados'.

Essa frase ficou célebre em Simla durante meses. Quando alguém perguntava "Como vai?" a resposta era: "Estou com os olhos irritados".

Foi quase no fim da ceia que o inevitável ocorreu. De esguelha vi uma das convidadas passando por de trás de Agnew e tendo reconhecido suas costas, aproximou-se para falar com ele. Com grande surpresa deu de cara com um homem barbado, falando com sotaque londrino.

Afastou-se e segredou suas suspeitas a um amigo. Percebi que algo de rápido tinha que ser feito.

Fingi estar um pouco embriagado. Como resultado as senhoras que

estavam na minha vizinhança imediata, acharam que era chegada a ocasião de deixar a mesa. Como eu insistisse em tentar segui-las fui prontamente derrubado pelo cavaleiro mais próximo que me fez tropeçar. Mas levantei-me e segui as damas que se retiravam precipitadamente para a sala ao lado, até que notando que estavam realmente alarmadas, tirei fora a cabeleira e dei-me a conhecer; ficaram elas sossegadas, mas não eu, pois meus companheiros imediatamente me “agrediram” e rolaram comigo pelo chão às gargalhadas.

No dia seguinte fui apresentar-me ao General-Ajudante e a primeira pergunta que me fez foi, numa voz de trovão: “Você é o oficial comandante do 5.º Regimento de Dragões da Guarda?” Julguei entretanto surpreender um certo brilho maroto no seu olhar, de maneira que audaciosamente respondi: “Não senhor, meu Regimento está em Meerut<sup>60</sup>”.

Ele ai riu e disse: “Porque você não foi a minha frisa ontem a noite? Respondi imperturbavelmente: “General, tem limite, costume parar antes de chegar aos generais”.

Atribuo a esse episódio, o fato de ter caído em suas boas graças, sendo enviado logo depois para o serviço ativo.

Logros, peças, farsas, embustes, trotes, como os quiser chamar, são boas coisas, mas tal qual as caricaturas, correm o risco de magoar a “vítima”, embora divirta o “artista” e os espectadores.

Desde que se tomem providências para evitar isso, é uma atividade sadia para jovens cheios de vida. A maior dificuldade é que quase sempre a própria juventude ocasiona falta de critério para saber qual o limite, além do qual não convém ir. Muitas vezes o farsante deixa-se levar pela brincadeira e chega ao excesso, transformando-a em confusão e incômodo.

Fazer-se passar por outra pessoa tem sua utilidade e pode ser educativa com relação a certas profissões. Habilidade em se disfarçar e personificar alguém, sem se trair, é um dom que pode ter enorme valor no serviço secreto.

Entretanto é necessário ter bastante presença de espírito e confiança em si para poder levar a cabo uma atividade dessas, pois a própria vida da pessoa dependerá muitas vezes do êxito da iniciativa. Preliminarmente convém praticar bastante, organizando brincadeiras e trotes, entre os amigos e companheiros. (Os oficiais superiores com

---

60 Meerut - Cidade localizada no Estado indiano de Uttar Pradesh, no norte da Índia.

certeza vão me agradecer muito essa sugestão...).

### **Espionagem**

Decorrido certo tempo, coube-me a tarefa de fazer serviço secreto em países estrangeiros, e minha experiência em representar, disfarçar-me e enganar o próximo, foi-me de grande auxílio. No meu livro “As aventuras de um espião”, pormenorizo alguns incidentes desse trabalho, muitos dos quais deveram seu êxito à minha capacidade de disfarçar-me pela maneira de vestir, por pequenos maneirismos e assim por diante.

È claro que tinha que variar meu aspecto de acordo com as circunstâncias locais, mas, geralmente, a atitude que mais rendia, era a de uma excessiva estupidez. Muitas vezes era um sofrimento verdadeiro ter que reprimir o riso triunfante que borbulhava dentro de mim, e não demonstrar o que estava sentido nem sequer por um lampejo do olhar, quando por exemplo, um oficial inimigo estivesse procurando me fazer entender, por todos os meios, justamente os planos estratégicos secretos que tinha vindo buscar; quando mais “bobo” me mostrava, mais insistente ele se tornava em me fazer compreender os detalhes. O menor interesse que eu demonstrasse teria despertado sua desconfiança; por outro lado, uma indiferença total faria com que ele desanimasse. Uma tênue linha, entre as duas atitudes, tinha de ser seguida e só era possível isso por meio de cuidadosa dissimulação e muita finura. Era delicioso.

### **Espalhando Alegria**

Há ainda outra alegria que é proporcionada pelas representações, alegria que me foi revelada por meu Coronel, Sir Baker Rosseli<sup>61</sup>; é o prazer de alegrar os outros. È um esporte tão divertido quanto os demais, especialmente quando acontece que a ameaça de epidemias de cólera ou de tifo pesa sobre os homens, trazendo o temor da morte.

Um dos grandes sucessos em Malta foi o caso da “Cataplasma”. Certa ocasião fazia eu parte da chefia da Guarnição da Ilha, e minha intenção era arranjar um local de diversões para soldados, que fosse o mais diferente possível de uma caserna.

Apoderamo-nos de um grande hospital vazio abandonado e o

---

61 Sir Baker Rosseli (1837-1911) - Sir Baker Creed Russeli, militar britânico nascido na Austrália.

transformamos num clube realmente apresentável, com seu teatro, sua sala de danças, seu bilhar, suas salas de leitura e estudo, seu ginásio, seu restaurante e casa de chá (onde era permitido servir vinhos, cerveja e licores) seus banheiros e mais ou menos quarenta quartos.

Um pavilhão à parte foi transformado num clube para as esposas dos soldados e crianças, onde podiam descansar e fazer pequenas refeições.

O empreendimento deu lucros imediatos, não só sob o ponto de vista financeiro, mas também sob o ponto de vista do moral da guarnição. Os próprios homens o administravam, por meio de funcionários escolhidos diariamente entre eles e que eram responsáveis pela boa ordem do local.

Alguns protestos todavia surgiram contra o clube, alguns por parte dos proprietários dos botequins locais (o que consideramos precioso elogio) mas também por parte de alguns dos capelães do Exército. Resolvi pois reuni-los para ouvir suas razões.

Sua maior objeção era que o clube se situava na pior zona da cidade entre botequins e casas de má reputação.

Inocentemente perguntei-lhes: “Digam-me uma coisa, quando há inflamação, onde é que os senhores colocariam a cataplasma?”

Houve uma pausa, perceberam o alcance da pergunta e a nuvem se dissipou por entre risadas. Desde aí resolveram apoiar com entusiasmo o projeto.

O nome, porém, pegou e o meu lindo clube passou a ser conhecido como “A Cataplasma”.

### Entre Atores

Tendo sido companheiro de escola de tantos atores, formei muitas amizades entre eles, freqüentando sua roda agradável.

Entre outras coisas, fui há alguns anos padrinho de casamento de Cyril Maude<sup>62</sup>, o que não deixou de ser amável de minha parte, considerando que ele costumava espalhar a seguinte história sobre a minha pessoa: certa vez ao entrar num exame de religião, foi-me perguntado: “O que disse Elias ao ver Jeová subir num carro de fogo?” Respondi “Nunca vi coisa igual”. Ainda hoje tenho minhas

<sup>62</sup> Cyril Maude (1862-1951) - Cyril Francis Maude, ator inglês. Estudou em Charterhouse como Baden-Powell.

desconfianças de que Elias deve ter dito algo de parecido mesmo, mas minha resposta não foi julgada correta pelo examinador.

Certa vez fui convidado para almoçar em casa do Squire Bancroft<sup>63</sup> e quando cheguei à porta, já aí encontrei, tocando a campainha, uma senhora de minhas relações. Perguntei-lhe o que a trazia ali e respondeu-me que ia almoçar com os Bancroft.

“Por favor, leve-mé consigo e me apresente”, supliquei-lhe.

“Desculpe-me, mas não posso fazer isso. Vou almoçar com eles” respondeu-me ela.

Mas eu insisti e quando a porta se abriu, entrei com ela. Ela protestou, mas eu não desisti. Segui-a escadas acima, embora ela me implorasse aflita que não fizesse isso. Entrou na sala estourando de raiva, mas não pode deixar de cair na gargalhada, aliviada, ao perceber que eu era, como ela, convidado para o almoço.

Numa das alegres ceias dadas por Beerbohm Tree<sup>64</sup>, colocou-me ele na mesa ao lado de Nat Goodwin<sup>65</sup>, ator americano, dizendo-me:

“Vai achá-lo muito divertido”.

Mas Nat permaneceu em silêncio durante algum tempo e eu comecei a achá-lo bem sem graça. De repente virou-se para mim e disse:

“Você já viu um balão subir?”

“Já”

“Mas será que já presenciou uma subida quando estivesse com um “torcicolo”?”

“Pois bem, eu já”. E prosseguiu dando-nos uma alegre descrição de como assistira à ascensão do balão pelos olhos dos demais espectadores, por não poder levantar a cabeça para olhar, e tendo que julgar o caráter das pessoas pelos seus pés e sapatos, antes de fazer-lhes perguntas sobre a situação do balão.

Na mesma ocasião Weedon Grossmith<sup>66</sup> brindou-nos com um recitativo comovente sobre a entrada de soldados para a guerra. Despertou nosso fervor patriótico, levou-nos com eles aos campos de batalha, emocionou-nos profunda e pateticamente, provocando uma unânime explosão de entusiasmo — e tudo sem pronunciar

63 Squire Bancroft (1841-1926) - Sir Squire Bancroft, nascido Squire White Butterfield, ator inglês.

64 Beerbohm Tree (1852-1917) - Sir Herbert Draper Beerbohm Tree, ator inglês.

65 Nat Goodwin (1857-1919) - Nathaniel Carl Goodwin, ator americano.

66 Weedon Grossmith (1854-1919) - Walter Weedon Grossmith, escritor, pintor, ator e roteirista inglês.

duas palavras coerentes. Não, não quero dizer que Weedon tivesse bebido; nada disso. Ele meramente imitou a articulação pedante e a entonação de um declamador exagerado.

O falecido Sir Herbert Tree<sup>67</sup> contou-me que certa vez deparou com uma das filhas, que fazia doze anos, vestida de menino. Ao ser-lhe pedida uma explicação, respondeu: “Estou estudando história, e escolhi três personagens de cada sexo para analisar. Descobri que as mulheres não prestam, mas que os homens são formidáveis. De hoje em diante não vou mais ser mulher. Vou ser homem.”

Seu pai mansamente perguntou-lhe que homem em particular a tinha levado a essa resolução absurda.

Ela deu como exemplo Ricardo Coração-de-Leão<sup>68</sup>, com suas virtudes de cavaleiro e mencionou as qualidades de Saul<sup>69</sup>, concluindo:

“E depois tem você, Papai”. Foi o bastante, Sir Herbert capitulou. “Mas onde conseguiu as roupas de rapaz?” — Bem, comprei-as do vizinho do lado, Linhy Smils. Ele caiu com escarlatina e não vai precisar delas enquanto estiver de cama.

### Desenho

Imagino que o desejo de se expressar por meio de alguma forma de arte é comum a todo ser humano, seja pela literatura, pela música, pelo desenho ou pela escultura.

Quanto a mim, tenho me divertido muito através de experiências elementares com quase todas essas formas de arte.

Gosto de tentar desenhar. Para mim é uma aventura empolgante, pois nunca sei o que vai resultar da tentativa.

Não aprendi desenho na escola pois figurava entre as matérias extraordinárias e não estava ao alcance de meus recursos. Mas procurei aprender sozinho pelo estudo e cópia de quadros; e pela observação da maneira pela qual o artista obtinha o efeito que desejava. Até dos desenhos primitivos das cavernas aproveitei idéias, pois embora toscos e singelos transmitem num grau extraordinário a idéia de vida e movimento.

Durante toda minha vida fiz questão de escrever para casa semanalmente, não importa onde estivesse no momento e tenho

---

67 Sir Herbert Tree - Se trata do mesmo Sir Herbert Draper Beerbohm Tree, ator inglês.

68 Ricardo Coração-de-Leão (1157-1199) - Rei da Inglaterra e Duque de Poitiers. Participou da 3ª Cruzada para libertação de Jerusalém.

69 Saul - Personagem bíblico, foi o primeiro rei do antigo Reino de Israel. Viveu aproximadamente em 1095 a.C.

certeza de que minhas cartas agradavam muito mais quando ilustradas; em viagem, muitas vezes fiz uma espécie de diário sob a forma de um álbum de desenho. Desse modo, tenho agora uma boa coleção deles são para mim um registro útil e uma lembrança dos momentos agradáveis do passado.

Seriam bem melhores os meus desenhos se eu fizesse um curso, mas não disponho de tempo para isso.

Entretanto sempre tive alguma prática, pois o "London Sketch Club"<sup>70</sup> elegeu-me sócio honorário. Foi há muito tempo e acabaram transformando-me em sócio efetivo; ao freqüentar as reuniões noturnas das sextas-feiras, recebi a mais cordial ajuda e crítica por parte dos artistas e também tive o privilégio inestimável de vê-las trabalhar e de analisar seus métodos.

Entre os sócios figuravam John Hassall<sup>71</sup>, Dudley Hardy<sup>72</sup>, Lawson Wood<sup>73</sup>, Reath Robinson<sup>74</sup>, Harry Rowntree<sup>75</sup>, Starr Wood<sup>76</sup>, René Bull, F. Shepard e muitos outros.

Que turma inteligente, brilhante, jovial, ainda hoje em forma, benza-o Deus.



*Desenhos primitivos dão a impressão de movimento e da vida.*

Meu desenho, assim mesmo como é, além de ser um registro de

70 London Sketch Club - Clube inglês de artistas gráficos, fundado em 1898, ainda ativo, localizado em Chelsea, no Centro de Londres;

71 John Hassall (1868-1948) - Artista inglês, estudou na França e Bélgica.

72 Dudley Hardy (1867-1922) - Artista inglês. Muito popular por seus posters.

73 Lawson Wood (1878-1957) - Artista inglês. Teve publicados muitos de seus desenhos na revista *The Graphic*, citada por B-P.

74 Heath Robinson (1872-1944) - William Heath Robinson, cartunista e ilustrador inglês;

75 Harry Rowntree (1878-1950) - artista neozelandês, se destacou como ilustrador infantil. Foi presidente do London Sketch Club.

76 Starr Wood (1870-1944) - Desenhista e caricaturista inglês.

minhas atividades e viagens e me dar algum dinheiro, ensinou-me a distinguir aspectos bonitos da Natureza que, de outro modo, teriam escapado à minha percepção.

Logo depois de minha chegada à Índia o “*The Graphic*”<sup>77</sup> propôs comprar-me esboços de aspectos interessantes da frente de luta; que resolvi aceitar e para minha surpresa e satisfação fiz jus, de saída, a um cheque de seis guinéus.

Claro que não demorei em fornecer outros desenhos e foi o começo de longas e felizes relações com aquele diário. Proporcionou-me esse fato o contato pessoal e a amizade de Carmichael Thomas<sup>78</sup>, o então proprietário e redator; proporcionou-me também um aumento muito útil de meus parcos vencimentos de oficial subalterno e eventualmente permitiu-me participar do jogo de pólo e da caça ao javali, o que teria sido impossível de outra forma.

### Sir Henry Johnston

Era colaborador do jornal, da mesma ocasião, Sir Harry Johnston<sup>79</sup>, cujos desenhos o Sr. Thomas tinha na mais alta conta. Sir Harry era um homem das mais diversas aptidões, um verdadeiro “Admirable Crichton”, pois além de sua fama de explorador e administrador, era conhecido pela sua elegância, pelas suas pesquisas religiosas, pelos seus conhecimentos de naturalista e por seu talento de artista realista. Seus quadros se distinguiam não só pelo colorido e excelente desenho, mas também pela justeza extraordinária de detalhes. Um dos seus melhores desenhos mostra um guerreiro da tribo Masai<sup>80</sup>, morto num campo de batalha. Para conseguir o efeito exato, convenceu um Masai que se deitasse no chão como morto e para aumentar o realismo do quadro molhou-lhe ainda, com um galão de sangue de carneiro.

Quando estava absorvido, desenhando, uma delegação de chefes da tribo se fez anunciar e sem maiores cerimônias foi entrando pelo estúdio a dentro. A pavorosa cena com que depararam deu-lhes

77 “*The Graphic*” - Revista de ilustrações inglesa. Baden-Powell regularmente vendia seus trabalhos para a revista.

78 Carmichael Thomas - Carmichael Thomas - Carmichael, Thomas David Gibson (1859-1926). 1º barão Carmichael, administrador na Índia e colecionador de arte. Conhecido como Sir Thomas Gibson-Carmichael, 11 Baronet, foi um escocês do Partido Liberal político.

79 Sir Harry Johnston - Sir Henry (Harry) Hamilton Johnston, (1858-1927), era um explorador britânico, botânico e administrador colonial, uma das peças chaves no “Scramble for Africa” (conhecido como “Corrida para a África) que ocorreu no final do século IX.

80 Masai - Os Masai formam um grupo étnico africano de seminômades localizado no Quênia e no norte da Tanzânia.

tremendo choque e fugiram em todas as direções, espalhando a notícia de que quando o “chefão baixinho” desejava pintar um homem morto, prontamente, matava o primeiro que aparecesse à sua frente.

Outro valor que tem para mim o desenho é que quadros de toda espécie me interessam e me trariam mais prazer do que trariam se eu não desenhasse, e assim aprecio melhor a inspiração e a mensagem que encerram.

Desenhar, nesses dias de pressa, barulho e materialismo, tem ainda a vantagem de tirar-nos do ruído e agitação dos locais muito freqüentados e de levar-nos para uma atmosfera de sossego junto à Natureza, mergulhando-nos nas belezas e maravilhas que Deus espalhou, para nosso gozo.

### **Escultura**

Até escultura tentei fazer. Quando estava em meu posto em Malta, há muitos anos, certo escultor por lá, apareceu vindo da Itália, para trabalhar num monumento, na Catedral e permitiu que eu o observasse, enquanto esculpia.

Um dia cheguei ao estúdio antes dele e para passar o tempo peguei um pedaço de argila e dei-lhe a forma da cabeça e ombros de um marinheiro fumando seu cachimbo. Prendi a peça na parede, para divertimento dos seus dois ou três aprendizes.

Quando chegou, perguntou quem fizera o trabalho e convidou-me imediatamente para vir no dia seguinte, e começar a copiar modelos vivos.

Um negro meio cego da Núbia<sup>81</sup> foi o primeiro e patético modelo vivo que ele conseguiu para mim. Tinha feições bem marcadas que facilitavam bastante o trabalho de copiá-las. Por incrível que pareça o pedaço do busto que esculpi saiu bom, tanto que ao ser exposto, mais tarde, recebeu menções elogiosas dos críticos.

### **Capitão John Smith<sup>82</sup>**

É claro que esse fato encheu-me de ardor e entusiasmo; de volta a Inglaterra, escolhi um tema mais ambicioso, em outras palavras, decidi esculpir um busto do Capitão John Smith, da Virgínia, que eu muito admirava.

No tinha dinheiro bastante para contratar modelos vivos, nem

81 Núbia - Região centro-africana, onde se localizam as nascentes do Rio Nilo, cujo território hoje corresponde ao Sudão.

82 Capitão John Smith, da Virgínia

tampouco tempo, para me dedicar à arte durante o dia, de modo que o remédio era esculpir na hora de dormir.

Um espelho de barbear de três faces, permitiu-me utilizar como modelo minha própria cabeça, orelhas e nuca. As feições fiz de imaginação, procurando indicar por meio delas os traços diversos do caráter forte de John Smith.

Foi ele soldado de certo renome navegador de grande experiência, bem como geógrafo e governador dos tempos coloniais.

Lutou com notável bravura contra os turcos, no exército de Sigismund, onde, tendo derrotado combate individual três dos maiores campeões inimigos, foi-lhe dada permissão de incluir no seu brasão três cabeças decapitadas de turco.

Mais tarde foi-lhe dado o comando de três navios para explorar costas da América. Entretanto, achando ele que não serviam para aquele fim, resolveu a questão de forma simples: dirigiu-se à França capturou três naves maiores, depois de dar-lhes combate.

Levou então um grupo de colonos para a Virgínia e estabeleceu-os perto do Rio James<sup>83</sup>.



*Esquema do busto do capitão John Smith*

Certa vez resolveu explorar por conta própria, os arredores e ao

83 Rio James - O Rio James é um rio que corta o estado americano de Virgínia. Possui 547 km de comprimento.

mesmo tempo caçar patos selvagens. Levou consigo um índio para servir de guia e para que no fugisse no caminho amarrou-se a ele por meio de uma liga.

Foram atacados no caminho por índios hostis, e procurando fugir, o guia caiu num pântano, arrastando John Smith com ele. O Capitão foi levado á presença do Cacique Powhattan e só se salvou porque a filha do Cacique, Pocahontas, intercedeu por ele.

Mais tarde ficaram amigos. Pocahontas converteu-se ao cristianismo e casou-se com Rolfe, rapaz de uma velha família de Norfolk, que era lugar-tenente de John Smith.

Algum tempo depois Smith acidentou-se numa explosão e regressou à Inglaterra, onde resistiu ainda alguns anos, sem ter, jamais, se curado dos ferimentos recebidos.

Mas até o fim da vida foi o mais alegre dos mortais e certa vez, ao ditar sua autobiografia, riu-se tanto ao lembrar alguns de seus piores infortúnios, que seu secretário mal pode registrá-los.

Tentar exprimir algo dessa personalidade foi trabalho interessante que felizmente saiu tão bom que mandei reproduzi-lo em bronze.

Pouco tempo depois convidaram-me a participar de uma exposição de trabalhos de oficiais da Marinha e do Exército e é claro que mandei o velho John Smith. O dono da galeria de arte, em vez de expor a cabeça, achou que ela merecia coisa melhor e mandou-a para a Academia Real, que aquele dia estava recebendo esculturas. Para meu espanto o busto foi aceito.

Outra bomba em minha vida!

Pode parecer que nada mais poderia deter minha carreira de escultor, mas o exército justo naquele momento exigiu todo o meu tempo e tive de parar.

Refletindo mais, achei que talvez fosse melhor não abusar da sorte e decidi descansar sobre os louros. E é o que venho fazendo até hoje, excetuando-se duas ou três pequenas estatuetas que esculpi.

Mas que tem tudo isso a ver com o escotismo?

Simplesmente isso: se você começar a modelar cabeças verá que adquiriu outro ponto de vista. Observará muito mais do que antes o ângulo da cabeça em relação ao pescoço, as feições e a expressão de todo mundo que encontrar. É automático. Seus dedos sentem coceiras de vontade de pegar na argila e modelar aquele nariz ou aquela testa. E assim você se lembrará das pessoas depois de vê-las uma só vez e

isso é uma aptidão valiosa para um detetive ou um escoteiro.

Se você souber modelar a cabeça ou a silhueta de uma pessoa, será muito mais fácil fazer sua caricatura. Naquela hora deliciosa entre o chá e o jantar, depois de um dia entregue a uma boa caça a raposa, muitas foram as estatuetas caricatas que modeliei de meus companheiros de jornada.

### **Danças**

Tenho firme fé na dança e sempre acreditei que a facilidade relativa com que distanciei mais tarde os guerreiros matabeles<sup>84</sup> que me perseguiram sobre as colinas rochosas de Matopo, na Rodésia<sup>85</sup>, deveu-se à ter-me eu exercitado bastante aprendendo a dançar.

Deu-me a dança equilíbrio e controle dos pés e pernas de forma que pude pular levemente de rocha em rocha, enquanto os Matabeles, homens da planície e pouco acostumados àquele terreno, subiam pesadamente atrás de mim.

De forma que até a dança foi assim de utilidade para o preparo do escotismo.

### **Música Instrumental na Escola**

Em Charterhouse, ingressei no corpo de cadetes como corneteiro; tocava também o come inglês na banda, e violino na orquestra.

Tínhamos um bom sistema de rodízio, de maneira a permitir que todos regessem por sua vez a orquestra.

Dois bons resultados advieram dessa educação musical, quando mais tarde ingressei no Exército.

Fui feito presidente da Banda de Música e sem dúvida alguma transformei num inferno a vida do seu maestro. De qualquer forma porém havia a vantagem de poder substituí-lo na regência quando saía de férias.

O fato de ter sido corneteiro também me auxiliou, pois podia eu mesmo dar os toques, de comando, na hora, sem ter que chamar o corneteiro e explicar-lhe o que eu queria. É possível que alguns de

---

84 Matabele – Os Ndebele eram um ramo dos Zulus que se separaram durante o reinado do grande Rei Shaka em 1820, sob liderança do chefe Mzilikazi. Foram chamados de Matabele pelos britânicos pela dificuldade da pronúncia inglesa de seu nome. Hoje vivem na região do Zimbábue.

85 Rodésia – Nome utilizado durante a colonização africana a região ao norte da África do Sul. Seu nome advém de Cecil Rhodes, dominador da região. Em 1888 surgiu oficialmente a Rodésia, quando Rhodes conseguiu o direito de mineração na região para sua empresa – British South África Company. Em 1910 se dividiu em Rodésia do Norte, atual Zâmbia e Rodésia do Sul, atual Zimbábue.

vocês estejam pensando que neste livro continuo a tocar trombeta em meu próprio louvor.

Foi assim que meus conhecimentos de música, ainda que elementares, tiveram sua utilidade mais tarde, em minha carreira militar.

### Lar Doce Lar

John Hullah<sup>86</sup> era nosso mestre do coral em Charterhouse<sup>87</sup>. Logo em meu primeiro dia por lá, ele descobriu que eu – como ele – tinha uma voz de falsete.

Por falar em John Hullah e seu canto, outro músico bem conhecido, Paolo Tosti<sup>88</sup>, costumava vir a nossa casa freqüentemente, e era um prazer ouvi-lo cantar seu “Adeus” (Good Bye) apesar de sua voz, como me lembro, não conseguia fazer jus ao sentimento que ele expressava ao cantar.

Suponho ter sido um dos últimos a ouvir Adeline Patti<sup>89</sup> em sua incomparável apresentação de “Lar Doce Lar” (Home Sweet Home). Foi um jantar privado na casa dela, bem depois de sua aposentadoria das apresentações públicas, que a persuadimos a cantar. Sua voz talvez não estivesse mais apta a grandes concertos, mas, mesmo assim, em sua sala de visitas, parecia perfeita, e ela nos manteve encantados de uma maneira sem igual. Todos nós permanecemos em silêncio por um bom tempo quando ela terminou.

E quão poucas pessoas se lembram o autor dessa canção. Eu já vi sua lápide mais de uma vez. Repousa em um pequeno abarrotado cemitério em uma travessa em Tunis<sup>90</sup>, onde ele, Payne<sup>91</sup>, foi um auxiliar de escritório no Consulado Americano.

Ele morreu na obscuridade, mas sua canção perdurou.

Ritmo coordena algo a mais que o mundo em si; coordena todo o universo, e nessa era de rapidez e barulho, corria o risco de se afogar

86 John Hullah (1812-1884) - Inglês, John Pyke Hullah, compositor inglês, professor de música e membro da Academia Real de Música. Foi responsável pela popularização da educação musical.

87 Charterhouse – Escola inglesa onde B-P estudou antes de entrar para o exército.

88 Paolo Tosti (1846-1916) - Italiano, compositor e professor de Música. Sir Francesco Paolo Tosti se estabeleceu em Londres em 1875, tendo sido nomeado em 1880 Chefe de Canto da Família Real. Foi naturalizado britânico em 1906 e nomeado cavaleiro em 1908.

89 Adeline Patti (1843-1919) - Adela Juana Maria Patti, italiana nascida na Espanha. Foi uma das mais famosas cantoras de ópera no século XIX.

90 Tunis - Cidade no norte da África, capital da Tunísia.

91 Payne (1791-1852) - John Howard Payne, ator e escritor americano. Conhecido pela autoria da canção “Home Sweet Home, escrita em 1822, e referida no texto por B-P. Este era o nome da casa em que morou em Nova York.

nessa terra e ser perdido, até o Jazz vir e reforçá-lo com a batida de um tambor. Então mesmo que no Jazz se constata que há um pouco de bom em qualquer lugar – se você souber encontrá-la.

### **Percussionista de Melba**

Por falar em tambores, almocei um dia com Melba<sup>92</sup> em sua encantadora casa Australiana. Entre outras interessantes experiências, inspecionei sua tropa de escoteiros. Entre estes estava um que, ouvi dizer, tocava o tambor como um anjo. Até então eu imaginava que as harpas eram mais a moda entre os anjos. Mas quando esse garoto começou a tocar eu percebi, pela primeira vez, que havia algo mais que uma mera batida de tempo, mais que apenas ritmo, que havia realmente música em um bem tocado tambor caixa clara.

### **Interesse Pelas Artes tem Suas Utilidades**

Temo que você vá adivinhar pelo que venho dizendo que apesar de ter me aventurado pelas artes, minhas aventuras não foram de nenhuma excepcional grandeza. E você estará correto!

Você me classificará de saltimbanco por defender como tenho feito o papel de cantor cômico ou ator ou dançarino. Você terá vontade de dizer: “Você não tem NENHUM senso de dignidade?” e todo esse tipo de coisa.

Mas não me arrependo, e tenho uma boa autoridade pra me apoiar em Horace Walpole<sup>93</sup>, que disse: “Uma descuidada canção com um pouco de nonsense, de vez em quando, não é inapropriada nem para um monarca”.

Então aí está!

Você me perdoará por fazer uma aberta e completa confissão de meus gostos a você, sejam bons ou ruins, e de meu desenvolvimento; Esses foram a preparação para a carreira que acabei assumindo nas forças armadas, no escotismo e em aproveitar a felicidade da vida.

Como disse antes, felicidade não é apenas o resultado de aproveitar as boas coisas da vida e as belezas e maravilhas da natureza, mas também vem em grande parte da prática de “espalhar felicidade”.

Grande parte do que pode parecer a você aventuras frívolas pelas artes, de minha parte estiveram sempre relacionadas a levar alegria

92 Melba (1861-1931) - Helen Porter Mitchell, soprano australiana. Seu nome artístico, Nellie Melba vem do seu apelido (Nellie) e da contracção da sua cidade natal Melbourne.

93 Horace Walpole (1717-1797) - Escritor inglês. De origem nobre, inaugurou o gênero literário chamado “romance gótico”.

aos outros – e certas vezes, quando eles mais precisavam.



*A camaradagem do esporte. Rascunho por Robert Baden-Powell*

### **CAPÍTULO III**

### **DESPORTOS**

Há tempos atrás, em 1570, Roger Ascham<sup>94</sup> recomendava a prática de cavalgadas, natação e esportes ao ar livre como complemento necessário a educação.

Jogos em equipe, como futebol, hockey, pólo e outros similares, promovem a disciplina na obediência às regras e ao capitão, jogo limpo, apoio mútuo e a vontade de jogar por si próprio para sua própria glória.

Logicamente, você já sabe tudo isso, mas o meu objetivo é mostrar que isso não se aplica apenas ao futebol, mas também ao grande jogo da vida, onde você joga na posição de cidadão, no time de todos os seus companheiros.

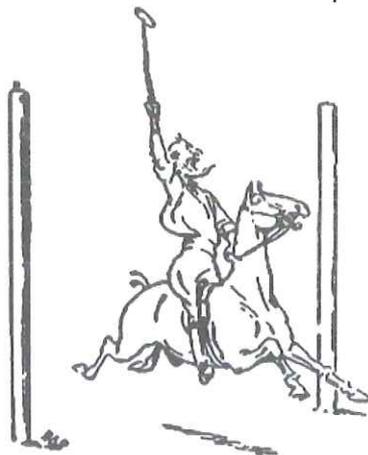
#### **Navegação**

No primeiro capítulo lhes disse o quanto de meu treinamento quando jovem devo a vida marítima<sup>95</sup>. Um dos grandes méritos dessa vida é dar a um rapaz a chance de enfrentar o perigo e se acostumar a ele,

94 Roger Ascham (1515-1568) - Professor e escritor inglês, foi tutor da Rainha Elizabeth I.

95 Como bem descreve neste livro, Baden-Powell foi um verdadeiro Escoteiro do Mar pelo fato de realizar diversas viagens náuticas pelo Reino Unido.

para que quando uma crise ocorrer, ou quando ele estiver “quase lá”, saiba lidar com a proximidade da morte sem pânico algum.



*Salve o croque! Sketch by Robert Baden-Powell*

É possível viver essas experiências no Canadá, onde muitos esportes são praticados e muitas viagens precisam ser feitas em canoas <sup>96</sup>.

Em casa tínhamos também um barco maior em que nós, irmãos, formávamos a tripulação. Navegando desta maneira enfrentávamos mais riscos que usualmente se encontra, em grande parte porque nosso irmão mais velho, marinheiro e nosso capitão<sup>97</sup>, tinha a louca noção de que se um dia conseguíssemos encontrar um navio em perigo e ajudássemos a salvá-lo, estaríamos não apenas fazendo uma boa ação como também poderíamos, quem sabe, ganhar uma fortuna com o salvamento. Uma grande idéia!

Nós, irmãos mais novos, rezávamos para que não houvesse nenhum pobre navio em perigo, apesar de nem sempre estarmos pensando inteiramente nisso.

Um dia a chamada veio, quando estávamos ancorados no porto de Harwich. É um lugar maravilhoso, exceto quando há uma ventania ao leste, que o torna horrível.

---

<sup>96</sup> O Canadá é um país norte-americano conhecido pelos seus fartos recursos hídricos. Além de possuir um amplo litoral, dando margens aos Oceanos Pacífico, Atlântico e Ártico possui uma ampla hidrografia interna repleta de rios e lagoas.

<sup>97</sup> Henry Warington Smyth Baden-Powell (1847-1921) - Na juventude, B-P fez várias viagens de barco pelos rios ingleses com seus irmãos mais velhos. O comandante era seu irmão mais velho Warington, que posteriormente entrou para a marinha inglesa chegando ao posto de almirante. Escreveu vários livros e foi um dos incentivadores e criadores da Modalidade do Mar, em 1910.

Nessa ocasião, soprava uma ventania bem ruim vinda do leste. O barco de resgate saiu em resposta ao chamado de socorro, e nós colocando a vela de tempestade o mais rapidamente possível, nos apressamos ao mar por um canal diferente entre bancos de areias para encontrar um mar horrendo e agitado. Uma vez fora do porto, a neblina estava tão pesada e o mar tão aberto que nós rapidamente perdemos de vista o barco de resgate, e não podia haver pior hora para isso.

Mesmo assim continuamos – em verdade não havia outra opção – atravessando com unhas e dentes, hora após hora, sem avistar nada.

Nosso capitão estava em glória o tempo todo e dizia apenas, a medida que a noite se aproximava: “Ah, isso é bom! Com a escuridão nós poderemos avistá-los pelas chamas de sinalização”<sup>98</sup>.

Mas também não tivemos sucesso nisso e quando finalmente retornamos, descobrimos que o barco de resgate também falhou na tentativa de localizar o navio em perigo que foi, neste meio tempo, resgatado por um barco rebocador e já estava são e salvo no porto.

Então apesar de termos perdido o salvamento, ganhamos experiência. E tivemos muitas outras oportunidades deste tipo nos anos seguintes. Apesar de termos ganhado muita experiência em passar por situações dura e riscos, nunca conseguimos fazer o nosso salvamento!

Outra situação difícil pela qual passamos foi quando tentamos vencer o Canal contra uma ventania crescente que vinha do sudoeste. Tentamos chegar a Dartmouth<sup>99</sup>, mas as correntes e marés foram demais para nós, rompendo nosso cabresto, largando nosso gurupés, e quebrando nossa clarabóia<sup>100</sup>.

Tivemos que retornar o barco e seguir com o vento em nossas costas. Um momento tenso e empolgante, retornando com mar agitado, com toda chance do barco inteiro virar sobre você! Ugh!

Então tivemos uma viagem terrível pelo resto da noite, um verdadeiro pesadelo com densas marés negras se elevando atrás de nós, tentando nos virar e acabar conosco. Hora após hora, amarrados como macacos

---

98 A sinalização noturna nos barcos, antes do advento do rádio e da telegrafia era todo feito através de fogos de sinalização.

99 Dartmouth - Cidade britânica no condado de Bristol.

100 Cabresto, gurupés e clarabóia são termos náuticos. Cabresto é o local de fixação do estai (corda). Gurupés é o mastro que se lança, do bico da proa para a frente, no plano longitudinal. Clarabóia é a abertura no porão do navio que permite a entrada de luz.

aos nossos postos, com apenas comprimento de corda suficiente pra conseguirmos realizarmos o trabalho necessário ao nosso redor, com cordas molhadas e resistentes como aço para puxar com mãos cheias de bolhas, molhadas pela água salgada, e já quase congeladas.

Estivemos perto de ter tudo por acabado mais de uma vez quando eventualmente conseguimos atingir o lado protegido pelo vento da península de Portland Bill<sup>101</sup>.

Mas foi uma boa lição, no fim de tudo.

Ensinou-nos a manter a disciplina e atitude, manter a cabeça no lugar ao enfrentar perigos, e trabalhar em equipe, cada um usando seus conhecimentos e trabalho duro para garantir a segurança do todo.

### Pescaria

Falar do Canadá e de canoas me trás a tona memórias de pescarias de trutas e robalos naqueles encantadores lagos e rios entre as florestas de coníferas<sup>102</sup> no Canadá.

Oh, era bom!

Eu tinha como guia um viajante franco-canadense. Ele era um perfeito artista com seu machado e conseguia desde derrubar uma árvore a afiar um lápis. Um grande e pesado sujeito com mãos enormes, que se gabava de poder carregar uma carga de 140 quilos, e ainda era leve como uma pluma para entrar em uma canoa, e capaz de amarrar uma isca delicada e pequena para pescar.

Em sua maneira incomum e quebrada de falar inglês, ele era cheio de histórias interessantes de florestas e seus mistérios.

Ele me contou como, em uma noite de luar, havia acordado em sua barraca vendo uma sombra que vinha de fora. Tinha a mesma exata forma de seu companheiro que não havia retornado aquele dia após ter saído pra pescar.

Ele pensou que o homem estava ali com os braços abertos, e que estava tentando olhar, através da lona, dentro da barraca. Ele o chamou para entrar, mas não houve resposta.

Um terror súbito lhe tomou conta. Ele não conseguia mais agüentar, levantou-se de seus cobertores e a sombra desapareceu.

101 Península de Portland Bill - Promontório estreito a partir da Ilha de Portland, na Inglaterra, onde estão localizados três faróis.

102 Coníferas são árvores que possuem as sementes não abrigadas em frutos, como os pinheiros.

Ele saiu, e descendo bastante o rio na manhã seguinte, encontrou seu amigo – morto – esmagado em um amontoado de troncos, com os braços abertos e o rosto para frente da mesma forma como ele o havia visto ao lado da barraca.

Na África do Sul realizei maravilhosas pescarias entre cenários maravilhosos em adoráveis rios que descem de Drakensburg<sup>103</sup>. A truta arco-íris encontrada ali torna a pesca um bom esporte.

Nova Zelândia com suas enormes trutas é agora rivalizada pela Austrália, e mais especialmente, a Tasmânia<sup>104</sup>. Só cheguei a Launceston<sup>105</sup> no último dia da estação de pesca, mas corri de carro por 120 quilômetros para chegar ao Grande Lago próximo ao pôr-do-sol, com um vento insistente e melancólico e chuva intensa. Saí exatamente quando a escuridão chegou e fisguei uma grande truta. Nunca houve um demoniozinho tão determinado e vivaz. Foi uma grande luta e a venci no final, mas ela me deixou com uma vontade enorme de visitar novamente a Tasmânia antes de minha morte.

O que é melhor, pescar salmão ou truta? Eu não sei.

Eles são muito diferentes e por mim eu digo que amo os dois. Pescar salmão é tarefa dura e pesada, estafante, mas quando, após horas e dias de puro esforço, você de repente sente um puxão em sua linha, e você sente que o “fisgou” (e não há palavras pra expressar isso), é melhor você não ter um coração fraco, porque esse órgão vai certamente receber um baque e uma emoção difícil de competir.



*Ela me guiou rio acima atrás de nosso peixe enquanto avançávamos cada vez mais.*

103 Drakensburg - Montanha de mais de 3.000 metros na região conhecida na época de Baden-Powell como Zululândia.

104 Tasmânia - Tasmânia é uma ilha ao sul da Austrália, sendo também um dos estados que formam este país. É a terra de vários animais que só existem ali, como o “diabo da tasmânia”, popularizado nos desenhos da televisão como o “Taz”.

105 Launceston - Cidade ao norte da Ilha da Tasmânia, na Austrália.

Pescar truta, por outro lado, exige maior habilidade e esperteza e é uma arte mais delicada. Se há menos excitação é maior a diversão.

Alguns anos atrás, perguntaram-me pelo que eu gostaria de receber em retribuição por fazer uma visita de inspeção a alguns escoteiros no País de Gales, e, conhecendo os gostos de meu anfitrião, o falecido Lorde Glanusk<sup>106</sup>, lhes disse que minha taxa seria um dia de pesca. Ele prontamente consentiu e me convidou a seu encantador bangalô no rio Wye<sup>107</sup>.

Na manhã seguinte a minha chegada, que aconteceu em um domingo, sua filha me levou para dar olhada no rio antes de ir à missa. A tentação foi demais. Peguei uma vara de pescar pra experimentar aquela adorável piscina natural do rio. Só uma tentativa. Bem, talvez mais uma. Mas – oh! Fisguei um peixe e era dos grandes. Por alguns minutos ele nadou gentilmente pela piscina, puxando firmemente, e de repente se foi, subindo o curso d'água rapidamente, meu molinete gritando seu alarme.

Eu tinha que segui-lo, mas a margem do rio se tornava rochosa e estava evidente que eu precisaria entrar rio adentro, apesar de despreparado para isso. Minha galante anfitriã apontou os perigos de andar pelo rio, já que entre as rochas havia buracos de até seis metros de profundidade. Usando o gancho para puxar peixes como bastão, ela entrou na água até a altura da cintura, e, me dizendo para me apoiar nela quando pudesse retirar uma mão da vara de pescar, me guiou rio acima atrás de nosso peixe enquanto este avançava cada vez mais.



*O Salmão me rebocou rio abaixo.*

---

106 Lorde Glanusk (1840-1906) - Galês, Sir Joseph Russell Bailey, 1º Barão de Glanusk, Político e Parlamentarista.

107 Rio Wye - Rio britânico que faz a divisa natural entre a Inglaterra e o país de Gales.

Nós o seguimos por uma longa distância até que ele entrou em um longo trecho aberto e profundo onde era impossível para nós continuarmos, e minha linha já estava totalmente desenrolada. Chegou o momento em que eu deveria segurá-lo ou ele iria me derrotar.

Segurei-o como se minha vida dependesse disso, esperando a linha se romper a qualquer momento, mas ela resistiu. De repente, ele se virou e começou a descer o rio rapidamente em nossa direção novamente. Mesmo enrolando a linha rápido como nunca, a linha ainda esteve com folga por um período preocupante longo de tempo. Pensei que ele havia se soltado, mas para meu alívio final senti uma tensão na linha novamente. Daí ele nos carregou novamente rio abaixo, e de volta a piscina original, onde nos o pegamos; Um glorioso peixe de 12 quilos.

Quando o colocamos em terra muitas ovações irromperam atrás de nós, e para nosso espanto um grande número de pessoas se aglomerou na estrada principal que passava por perto, e estavam exultantes por ver o bem sucedido fim da batalha.

Mas aquele não era o último momento em que eu ouviria falar da ocasião, porque daquelas pessoas a notícia se espalhou e foi parar nos jornais locais.

Uma semana depois recebi um documento em Galês<sup>108</sup> e Inglês de uma conferência religiosa em que foi decretado que nenhum garoto ou garota de suas congregações deveriam se juntar aos escoteiros ou guias porque eu era culpado de ter pescado no dia sagrado do sabbath.

A Jock Scott<sup>109</sup> é a grande isca de mosca usada para pesca de salmão. Seu nome vem de um guia de pesca de Makerstoun<sup>110</sup> em tempos passados, e ele criou esse específico padrão de isca para a então duquesa de Roxburgh<sup>111</sup> para ser levada com ela para a Noruega, depois do que se tornou uma das mais populares iscas moscas conhecidas.

---

108 Galês - Língua falada no País de Gales, ao lado do inglês.

109 Jock Scott - Tipo antigo de isca artificial.

110 Makerstoun - Região inglesa na fronteira com a Escócia, por onde passa o Rio Tweed.

111 Roxburgh - Cidade da Nova Zelândia, localizada na Ilha do Sul, por onde passa o Rio Clutha.

Outro famoso guia de pesca de Makerstoun foi Rob o' the Trows. Ele aparentemente era um sujeito bem esquisito se sua história for verdadeira. Conta-se que um dia ele estava acompanhando como guia certo senhor quando este cavalheiro fisgou e pescou um salmão. O senhor resolveu então tomar um gole de uma bebida que trazia em um frasco em seu bolso para se recompor, e depois voltou a guardá-lo.

Rob havia olhado para o frasco com certa esperança que fosse seguido o costume usual de oferecer um gole da bebida ao guia também.

Logo após o distinto senhor pescou outro salmão e novamente bebericou um pouco, e novamente Rob teve esperanças em vão.

Uma terceira vez isso aconteceu, e Rob saltou para seu barco e começou a remar em direção a sua casa.

O pescador perguntou-lhe: "Onde você está indo?" E Rob simplesmente rosnou "Aquele que bebe sozinho pode pescar sozinho," e foi pra casa.

Como educação para a paciência, a pesca é, por excelência, a melhor escola. Atrai homens de todos os tipos.

Como podem todos aqueles sujeitos ir e ficar sentados o dia inteiro em uma chalana<sup>112</sup> no Tamisa<sup>113</sup>, ou seiscentos deles se alinharem as margens do rio Trent<sup>114</sup> em competição por horas? Mas eles o fazem em absoluto contentamento. Pergunte a qualquer um deles se eles tiveram um bom exercício. "Sim, bastante" ele irá dizer, mesmo que sua cesta esteja vazia.

Eles vão pescar, não vão só pegar o peixe.

Você aprende ainda mais sobre paciência pescando com iscas de moscas sob ventos fortes e após seu delicado lançamento a isca se prende em um complexo emaranhado de linha para você resolver. Isso já é ruim o bastante na Inglaterra, mas é dez vezes pior quando você o faz como fiz uma vez na Austrália, com uma Kookaburra<sup>115</sup> risonha caçoando de você de uma árvore próxima todas as vezes que você se atrapalhava ou ficava preso a um arbusto.

---

112 Chalana - Pequena embarcação de fundo chato.

113 Tamisa - Rio inglês que corta a cidade de Londres.

114 Rio Trent - Um dos maiores rios ingleses. No passado formava o limite natural entre o norte e o sul da Inglaterra.

115 Kookaburra - Dacelo novaeguineae e Dacelo leachii - Ave típica da Austrália e Nova Guiné, parecida com o Martin-pescador.

De alguma forma a ausência de civilização a sua volta adiciona certa vivacidade a pescaria, seja entre as charnecas<sup>116</sup> irregulares de Galway<sup>117</sup>, ou nas montanhas de Natal, ou nas florestas do Canadá ou Tasmânia, a natureza tem seus encantos.



*A natureza tem seus encantos.*

Ao mesmo tempo há uma doce atração nas águas mais próximas de casa onde, nos exuberantes prados de Hampshire<sup>118</sup>, com o gado afundado até o joelho entre os botões-de-ouro, as narcejas<sup>119</sup> balindo no alto, e as gralhas grasnando sonolentemente entre os majestosos olmos<sup>120</sup>, você vagueia devagar, perseguindo sua truta em quietude e solidão infinitas, longe da enlouquecedora multidão e longe do barulho e correria da vida moderna nas cidades, um camarada entre os pássaros e ratos d'água.

Pesca de truta é a melhor cura-descanso do mundo.

Nessas ocasiões um guia de pesca atrapalha o espetáculo. Um homem que não consegue pescar seu próprio peixe não é um pescador.

---

116 Charneca - terreno inculto em que só crescem plantas rasteiras.

117 Galway - Cidade irlandesa localizada na costa oriental.

118 Hampshire - Hampshire é um condado do sul da Inglaterra. Historicamente, já foi chamado de Southamptonshire e de Hamptonshire.

119 Narceja - Gallinago gallinago. Espécie de ave ribeirinha típica da Europa.

120 Olmo ou Olmeiro - *Ulmus minor* - Árvore típica da península ibérica (Portugal e Espanha)

## TIRO E CAÇA<sup>121</sup>



*Eu caçava apenas o bastante. rascunho por Robert Baden-Powell*

### **Caçando galinhas na Albânia<sup>122</sup>**

Alguém disse há pouco tempo atrás, falando de tiro, “caça a galinhas é o esporte mais perigoso do mundo”.

Realmente é bem arriscado quando você está caçando em tocaias na Inglaterra e a presa voa baixo, desviando aqui e ali, e todas as armas a vista arriscam um tiro.

Mas em seu próprio país, a Albânia, onde não é uma raridade, você atira mais calmamente, mais cuidadosamente, e com melhor efeito.

Aquele é um excelente país pra se atirar. Está se tornando muito civilizado agora, mas alguns anos atrás, quando fui até lá em um iate (a única maneira de se chegar lá)<sup>123</sup>, ancoramos em uma perfeita baía cercada de terra e desembarcávamos todos os dias para atirar.

A lei lá era que você deveria levar um soldado com você como

---

121 Tiro e Caça - Ao contrário de hoje em dia, onde a consciência ecológica está difundida, na época em que Baden-Powell viveu e escreveu este livro, a caça era um esporte difundido e muito valorizado pelas qualidades de vigor, disposição física, planejamento e coragem que ensinavam aos homens.

Um dos méritos de Baden-Powell foi sua visão avançada e transformação interior por que passa, como em relação ao pacifismo. Com a caça acontece a mesma coisa, como é vista no final deste capítulo em que B-P valoriza a fotografia mais do que a caça propriamente dita. Lembremos que nesta época a fotografia era uma arte que apenas engatinhava e ainda bastante restrita.

122 Albânia - País localizado no leste europeu.

123 Há diversas formas de acesso a Albânia hoje em dia, por via marítima, aérea ou terrestre.

acompanhante. Seu pagamento era seis pences<sup>124</sup> por dia e cigarros ilimitados. Então você conseguia alguns moradores das vilas próximas e seus cachorros para irem com você como batedores. Eles formavam um pitoresco bando de desordeiros o que era natural porque, afinal, sua outra ocupação era de bandidos, por quem você seria seqüestrado e levado para ser extorquido, a não ser que estivesse sob proteção do governo, como evidenciado por seu soldado acompanhante.

Mas como batedores eram excelentes companheiros, bons guardas, rudes e duros e ótimos desportistas.

Os cães daquele país eram um atrativo a parte no cenário. Eram treinados para atacar estranhos, de forma a prevenir o roubo de ovelhas. Se alguém avista um bando de ovelhas pastando na vertente de uma colina, deve se manter completamente atento, porque cada bando é protegido por três ou quatro cães. Os danados ficam deitados em volta do local onde as ovelhas pastam, mas se um homem estranho aparece na cena, o cão mais próximo vai até ele, chamando os outros cães ao ataque, e eles não estarão satisfeitos até abaterem o sujeito.

Havia uma rigorosa lei contra atirar em um cão mesmo que em defesa própria, e se impunham severas penas por fazê-lo, mas você poderia apunhalá-lo se ele chegasse próximo o suficiente para estar em seu alcance.

Quando desembarcamos nós levamos parte da tripulação conosco como batedores, e eles estavam armados com piques de abordagem, que serviam tanto como porretes, quanto como lanças para defesa contra os cães.

Um desportista bem conhecido, de Essex<sup>125</sup>, que esteve caçando pela Albânia, disse-me que ele havia sofrido um ataque de um desses cães, e em autodefesa atirou nele.

Lembrando-se, então da lei ele prontamente se pos a enterrar o cão antes que alguém o visse.

Bem no meio da operação o dono do cão apareceu!

“Meu Deus” Eu disse: “O que você fez então?”

“Oh, não havia outra maneira. Enterrei-o também.”

---

124 Pence - fração da libra, moeda corrente no Reino Unido.

125 Essex - Condado localizado na região leste da Inglaterra. Sua cidade mais importante é Chelmsford.

## Em Malta<sup>126</sup>

É dito em um livro sobre caça no Mediterrâneo que eu obtive um recorde na caça de galinhas em Malta. Eu me esqueci qual era exatamente o recorde, porém não poderia ser um muito grande porque não acho que consegui mais de meia-dúzia em uma mesma temporada.

Quando as galinhas fazem sua migração anual, eles acabam escolhendo os arvoredos de laranjeiras pertencentes ao palácio de campo do Governador em Verdala<sup>127</sup>. Cuidar do palácio era uma de minhas responsabilidades e combinei com o jardineiro-chefe que, quando uma galinha fosse avistada, hastear uma bandeira amarela na torre. Era visível a mim de meu escritório a treze quilômetros de distância em Valetta<sup>128</sup>. Quando eu via aquela bandeira ao vento, eu pulava em meu carro e dirigia até Verdala<sup>36</sup>, e o jardineiro, enquanto isso, já teria reunido alguns batedores para caçarmos a ave.

Entretanto, atirar em Malta é um esporte perigoso, já que os campos são pequenos enclausurados entre muros de pedra de um metro e meio de altura, e quando os pássaros estão por perto há um esportista com uma arma em quase todos os campos.

Eles atiram em qualquer direção e seus tiros ao atingir os muros ricocheteiam em todas as direções. Eu era um homem cuidadoso e, vendo o perigo, tomei a precaução de fazer um seguro, especialmente para meus olhos, contra acidentes. Descobri, entretanto, que meu seguro se paga pelas incontáveis vezes que ocorreram os pequenos acidentes jogando pólo.

O campo de pólo em Marsa<sup>129</sup> era rocha sólida na maioria dos lugares, o que fazia a bola voar com força impressionante para atingi-lo no rosto, e se você caísse, o que ocasionalmente acontecia, lhe daria desastrosos cortes e contusões quando não acontecia de quebrar-lhe os ossos.

---

126 Malta - Pequeno país europeu insular, localizado no Mediterrâneo.

127 Verdala - Palácio e escola de Malta onde funcionava The Royal Navy School - Escola Real de Marinha e onde foi fundado um Grupo Escoteiro do Mar em 1910.

128 Valetta ou Il Belt "A Cidade" é a capital de Malta, país Europeu localizado no Mediterrâneo.

129 Marsa ou Il-Marsa é uma cidade no Sul da ilha de Malta.

## Na África do Sul

Eu tinha um querido velho amigo Bôer<sup>130</sup> na África do Sul que, quando estava cultivando seu milho, deixava uma fina faixa deles em pé para que as codornas viessem para usá-los como abrigo. Era fácil, assim, surpreendê-las. No primeiro dia em que caeci em seus domínios ele me acompanhou em sua carroça do Cabo<sup>131</sup>.

Quando atirei na primeira codorna ele gritou em admiração, mas quando pouco depois atingi uma a direita e outra a esquerda e ensaquei as duas seu entusiasmo era sem limites. Ele disse que nunca havia visto nada igual antes e que era motivo de celebração. Então, de acordo, a garrafa de cerâmica com conhaque foi aberta e a libação oferecida.

Ele então examinou minha arma com curiosidade e espanto. Acontece que ele nunca havia antes visto uma espingarda e havia suposto o tempo inteiro que eu estava atirando com um rifle!

## Na Tunísia

Eu tomei parte de mais caças a codornas no Egito, no Sudão e na Índia, sem mencionar que caçamos narcejas<sup>28</sup> e patos em abundância.

Esses eu também caeci na Tunísia sob condições mais ou menos românticas. Eu tinha um amigo por lá, um fazendeiro inglês que havia se estabelecido por lá há muitos anos em um distrito encantador para o esporte. Ele apresentou-me a um instruído Árabe que se tornou meu constante companheiro e me hospedou diversas vezes em que visitei o país.

Eu tive uma deliciosa noite em seu campo Sidi Salem El Owain, “a tumba de um pequeno homem manco”. Ele preparou um jantar de cuzcuz<sup>132</sup> para mim na forma de uma tigela de arroz e frango e cabrito cozidos juntos com outros condimentos formando um prato muito saboroso, do qual nós nos servimos com nossas mãos; e também murga<sup>133</sup>, comido com milowee, finas tiras de chapatti<sup>134</sup>.

---

130 Bôer - Descendente dos holandeses colonizadores da África do Sul.

131 Carroça do Cabo - carroça típica da África do Sul.

132 Cuzcuz / Cuscuz / Couscous - Prato berbere, típico do norte africano. Consiste em uma espécie de farinha feita a base de semolina que demanda bastante tempo para sua preparação. Utilizado em todos os momentos pode ser servido com carnes ou vegetais, comido puro, temperado ou não, quente ou frio.

133 Murga - Curry de frango, prato típico da Índia.

134 chapatti - Tipo de pão indiano comido em todo Sul da Ásia e Leste da África. Em alguns locais é a comida mais importante de subsistência.

لادن باور  
الحاج احمد رحمه

*A assinatura de Hadj Amor.*

Então nos sentamos ao redor de um fogo flamejante, pois as noites eram frias, sob a luz brilhante das estrelas, conversando e ouvindo seus homens cantando suas canções estranhas, noite adentro. E quando nos recolhemos para dormir o fizemos juntos, sob seu único cobertor.

Ele era, em tudo, um magnífico anfitrião e um perfeito cavalheiro árabe. Mais tarde eu descobri que ele era um árabe argeliano, chefe de uma tribo, seu verdadeiro nome sendo Cherif Bem Ali Sed Kaoui. Ele havia, de acordo com os tradicionais costumes de seu povo, matado um adversário de uma tribo rival. Por este motivo ele foi julgado pelas autoridades franceses<sup>135</sup>, condenado e transportado para Cayenne<sup>136</sup>, em um estabelecimento penal do outro lado do mar. Quando completou um ano ou dois por lá ele conseguiu efetuar sua fuga e retornou a Tunísia, onde agora vive protegido contra a recaptura pelos homens de sua tribo.

Daí sua relutância em conhecer oficiais franceses.

Não muitos meses depois, li em um jornal francês que seu esconderijo fora descoberto, cercado pela polícia, e ele havia sido capturado e morto.

135 A Tunísia, país do norte da África, era, na época em que Baden-Powell visitou o país, uma colônia francesa, por isso o julgamento ter sido feito pelas autoridades deste país.

136 Cayenne - Cayenne ou Cayena é a capital da Guayana Francesa, departamento francês de ultra-mar localizado na América do Sul. Na época em que o texto foi escrito, os criminosos e prisioneiros eram enviados para lá.



*Um filho do deserto. Rascunho por Robert Baden-Powell*

Por meio dele, fiz muitos amigos entre os Beduínos<sup>137</sup>, cuja hospitalidade e espírito esportivo sempre apreciei. Eles têm muitos ótimos atributos, esses filhos do deserto.

Um grande costume deles é que logo que você entra no círculo formado pelas pregas de suas barracas, você se torna um convidado e nenhum mal pode cair sobre você. Para provar suas intenções hospitaleiras, eles fixam as pregas de suas barracas o mais longe possível, de forma a garantir a segurança do convidado.

Na mesma vizinhança, conheci um jovem fazendeiro francês, que me convidou para caçar narcejas em um pântano em sua propriedade.

Ele me disse que muitas pessoas caçaram ali, mas eles a consideravam um pântano amaldiçoado porque nunca conseguiram mais nem menos que dezoito aves. Quando lá cacei, achei que bateria o recorde quando abati a décima nona ave, mas apesar de ela ter caído em uma área perfeitamente aberta nós nunca conseguimos achá-la, então minha bolsa totalizou a usual soma de dezoito!

Uma interessante dica de primeiros-socorros que adquiri deles foi que mutucas<sup>138</sup>, quando capturadas, seguram-se a qualquer coisa que

137 Beduínos - Povo nômade que vive nos desertos do norte da África e Oriente Médio.

138 Mutuca - Espécie de mosca hematófoga.

conseguirem morder com a tenacidade de um buldogue, e os Árabes as utilizam como utilizariam pinças para retirar espinhos de cactos de si mesmos.

Eles também me mostraram a cova em que um jovem Árabe havia sido enterrado há pouco tempo. Ele foi pego por um marido ciumento rodeando sua tenda. O marido o pegou e, tendo amarrado suas mãos as costas, atirou e matou-o.

Como isso era considerado um pouco acima dos limites na lei Árabe o marido foi preso e agora está em custódia sob sentença de execução. Ela será levada a cabo por estrangulamento, um processo em que um homem põe uma corda com nó de correr sob sua cabeça e o puxa firmemente enquanto outro homem põe uma segunda corda com o nó e a puxa na direção oposta até que a infeliz vítima esteja morta.

Um espirituoso jeito de fazer as coisas.

### Na Inglaterra

Eu nunca fui de encher grandes sacos de caça. Como regra eu caço apenas o suficiente, exceto, logicamente, quando caço em tocaia na Inglaterra.

Aqui em uma ocasião eu bati todos os recordes.

Minha caça em um estande só era algo como 50 pássaros quando eu havia disparado apenas 20 cartuchos!

Meu anfitrião havia contratado os serviços de escoteiros locais para atuarem como batedores e situou um escoteiro atrás de cada arma para avistar e coletar as aves abatidas.

No fim da batida, quando me virei para deixar meu estande, encontrei uma pilha de aves creditadas a mim. Eu então percebi que por trás da linha de tiro os rapazes haviam sorratamente passado pássaros abatidos por outros homens como contribuições para a minha pilha!

Tamanho é o espírito de grupo entre os escoteiros!

De alguma forma caçar em esconderijos não tinha o mesmo apelo pra mim quanto caçar ao ar livre. Uma possível razão é a que o Major Powell Cotton<sup>139</sup>, o notável caçador ao ar livre, me deu por sua abstenção a este tipo de caça: “Eu sou tão... tão ruim de mira”.

---

139 Major Powell Cotton (1866-1940) - Inglês, fundador do Museu Powell Cotton em East Kent, Inglaterra, onde hospedou sua coleção de material etnográfico e mamíferos que havia adquirido em expedições pela África e Ásia.

## Caçando Antílopes Africanos

Falando em caça, eu tenho uma memória bem feliz de ter me hospedado com um Bôer, Bertie Van der Byl, em Bradesdorp<sup>140</sup> próximo ao Cabo das Agulhas<sup>141</sup>. Ele tinha uma grande fazenda de avestruzes em que havia diferentes tipos de caça e nós até tentamos caçar com lanças alguns descendentes de porcos domésticos que haviam se tornado selvagens.

Nessa fazenda havia um rebanho preservado de Bontebok<sup>142</sup>. Esses são uma variedade do Blesbok<sup>143</sup>, que havia praticamente se tornado extinto na Colônia do Cabo. Meu anfitrião me permitiu atirar em um espécime. Essa foi uma ocasião única, não apenas pela raridade da espécie, mas também pela maneira como nos as caçamos.

Van der Byl dirigiu-me em uma carroça do cabo de duas rodas com quatro mulas, diretamente através do campo aberto até avistarmos o rebanho. Quando nos viram, os antílopes começaram a fugir a galope a toda velocidade. Craque, craque, fez o chicote, e atrás deles fomos nós a um galope esticado. Foi uma perseguição emocionante, em que chacoalhávamos no chão desigual algumas vezes em apenas uma roda, às vezes em nenhuma, eu me segurando por minha querida vida e meu motorista, tão entusiasmado e excitado quanto um garoto, urgindo suas mulas para fazer seu melhor.

Por um tempo parecia uma perseguição sem esperanças, mas como o rebanho mudava sua direção e circulava, nós podíamos cortar caminho e gradualmente fomos nos aproximando.

Duas colinas relativamente íngremes surgiam a nossa frente lado a lado, e enquanto o rebanho se dirigia para a da direita, Van der Byl se dirigiu para a da esquerda, e quando nos aproximávamos do caminho entre elas, ele gritou para mim: “Agora” – freou as mulas, e eu pulei para fora em tempo o suficiente para um tiro em movimento em um macho que passava na passagem entre os dois montes.

---

140 Bradesdorp - Região da África do Sul, na Província do Cabo, onde hoje há um Parque Nacional.

141 Cabo das Agulhas - O Cabo das Agulhas é o extremo sul do continente africano, considerado divisor dos oceanos Atlântico e Índico.

142 Bontebok - *Damaliscus pygargus pygargus* - Espécie de antílope sul-africano. Esta espécie foi caçada até sua quase extinção e hoje são criados como gado.

143 Blesbok - *Damaliscus pygargus phillipsi* - Também conhecido como Damalisco. Espécie de antílope sul-africano.

Por grande sorte meu tiro atingiu um bom macho através do pescoço e ele caiu de cabeça pra baixo morto. Felizmente era um ótimo exemplar.

Alguns anos depois Van der Byl mudou-se para uma outra fazenda, bem no Transvaal<sup>144</sup>, levando o rebanho consigo, que passou a viver em um grande pasto.

Quando começou a Guerra dos Bôers<sup>145</sup> as tropas inglesas invadiram o país e, ao chegarem nesta fazenda, abateram o rebanho inteiro, vendo a oportunidade de conseguir boa carne.

Temo que agora o Bontebok esteja praticamente extinto.

### Caça a Raposas<sup>146</sup>

Havia vários bons esportistas entre meus amigos holandeses no Cabo. Por um tempo eu fui líder dos caçadores de raposa do Cabo<sup>147</sup> e tínhamos alguns membros muito entusiasmados.

Seus feitos eu escrevi em *Sport in War*<sup>148</sup>. Isso foi há muito tempo atrás, antes da infeliz Guerra dos Bôers. Estou certo que, dada a união criada pelo esporte que uniu Bretões e Bôers no campo de caça se houvesse oportunidade de continuar, hoje haveria uma grande amizade, se não uma fusão das duas raças naquela região.

---

144 Transvaal - Na época em que B-P viveu na África se tratava de uma província bôer que ocupava toda parte norte da África do Sul, desde o rio Vaal - de onde vem o seu nome - até o rio Limpopo.

145 Guerra dos Bôers - Houve na verdade duas guerras com este nome que opuseram os britânicos e os bôeres, colonos de origem holandesa que ocupavam territórios no nordeste da África do Sul, Transvaal e Orange. A Primeira Guerra dos Bôeres aconteceu entre 16 e dezembro de 1880 e 23 de março de 1881. A Segunda Guerra dos Bôeres durou de 1899 a 1902 e foi vencida pelos britânicos.

Nesta segunda guerra, Baden-Powell se tornou conhecido por defender Mafeking, na época importante entroncamento ferroviário, por vários meses, contra forças bôeres numericamente bastante superiores.

146 Caça a Raposas - Esporte tradicional inglês, que consiste na caça, acompanhada de cães e cavalos, à raposas. Tal prática foi proibida pelo Parlamento Inglês no começo do Século XXI por ferir os direitos dos animais.

147 Cabo - Cidade sul-africana. Hoje é a capital legislativa da África do Sul. Os primeiros europeus que chegaram a região foram os portugueses com Bartolomeu Dias, a caminho das índias. Depois o holandês Jan van Riebeeck estabeleceu aí a primeira colônia européia na África do Sul, em 1652.

148 *Sport in War* - Esporte na Guerra - Livro escrito por B-P e publicado em 1900, sem tradução para o português.

### Caça a Raposas como Escola

Caça a raposas, quando você para pra pensar, é na verdade uma maravilhosa instituição. Apesar de ter se tornado um esporte um tanto artificial em um mundo totalmente civilizado ele ainda é praticado em todas as partes da Inglaterra apesar da guerra, apesar do declínio da criação de animais, e apesar dos pesados impostos e custos elevados. É uma das poucas instituições restantes que nos mantêm ainda hoje em contato com as tradições e o espírito da antiga Inglaterra.



*Um Bôer caçador de raposas.*

Há outro ponto sobre isso também. Tendo visto a maioria da cavalarias do mundo eu não tenho dúvidas em minha mente sobre qual é a mais eficiente para seu trabalho em guerra, e igualmente eu não tenho dúvidas que a caça a raposas é em grande extensão responsável por essa eficiência.

A nação realmente deve muito a caça a raposas pelo que tem feito para ajudar nossa cavalaria a compensar sua pequena quantidade com sua excelência em qualidade, e isso sem nenhum chamado extra ao contribuinte dos impostos – pelo menos uma vez!

O ex-Kaiser<sup>149</sup> reconhecia isso completamente antes mesmo de testar

149 Kaiser - Título que significa “imperador”. Vem do latim Caesar, por empréstimo do cognome do imperador romano Júlio César.

sua qualidade na Grande Guerra<sup>150</sup>, e estabeleceu em Hanover uma matilha de cães de caça como parte do estabelecimento da Escola de Cavalaria lá.

Logicamente, era militarizado, tendo um capitão como mestre, um sargento major como caçador, um sargento como primeiro chicote, e daí pra baixo.

Sem dúvidas, a caça a raposas se provou uma escola para homens em treinamento para cavalgar destemidamente em todo o país de todas as descrições. Ensinou-os domínio prático do cavalgar, em economizar o poder do cavalo, e julgar o momento de tratá-lo bem e de quando deixa-lo ir.

Também os treinou em um atributo imensurável, “um olhar pelo país,” e não por palestras ou tediosas saídas a campo, mas por um esporte que apela para seu entusiasmo e lhes dá de uma vez saúde e diversão.

### **Pólo**

Igualmente como caça a raposas, o pólo também é como uma escola, em qualquer nível, para oficiais da cavalaria, e novamente sem nenhuma despesa para o contribuinte dos impostos, apesar de ser uma bem grande para o jogador.

### **Winston Churchill<sup>151</sup> sobre Pólo**

Winston Churchill, em sua recente autobiografia, omite o fato de ter proferido em um banquete de pólo um dos melhores discursos de todos os tempos sobre o assunto.

Ele eloquentemente trouxe o assunto a nossa apreciação, e gradualmente expôs o fato de que não era o pólo só o melhor e maior jogo do mundo, mas também a mais heróica e esportiva aventura do universo. A essa floreada finalização, nós não pudemos mais conter nosso entusiasmo e o saudamos com uma salva de palmas e aclamações.

Após isso, alguém propôs uma moção de que “já é o bastante de Winston,” que foi aceito com apenas uma opinião divergente, e

---

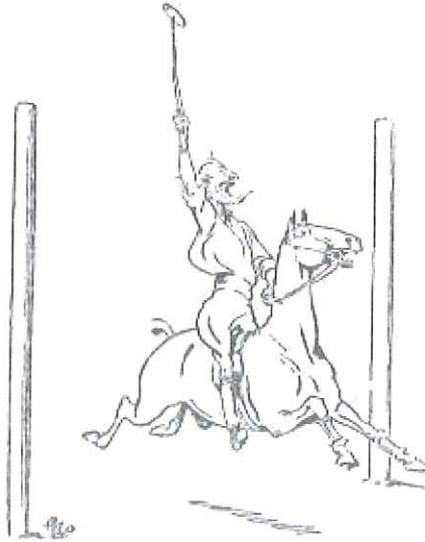
150 Grande Guerra - Assim era chamada a Primeira Guerra Mundial antes de 1939. Iniciou-se em 1914 e foi encerrada em 1918.

151 Winston Churchill (1874-1965) - Inglês, Primeiro ministro britânico, de 1940 a 1945 e de 1951 a 1955, foi quem dirigiu a Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial. Foi também repórter tendo feito a cobertura da Guerra dos Bôeres.

Winston foi posto debaixo de um sofá invertido, pra ser retido lá pelo resto da noite com um pesado subalterno sentado sobre ele.

Mas pouco depois ele emergiu por baixo de um dos braços do sofá, com a que pode ser considerada histórica frase:

“Não adianta sentar sobre mim – Eu sou borracha da Índia.



*Dum vive Polo*

## CAÇA A PORCOS SELVAGENS<sup>152</sup>

### O Javali

Uma vez eu pedi enfaticamente ao Sr. Rudyard Kipling<sup>153</sup> para adicionar a suas histórias da selva alguma consideração sobre os dois maiores personagens da vida selvagem, que sentia que até então ter sua existência ignorada em seus livros da jângal<sup>154</sup>. Esses eram o Javali e o Pato-real, ambos criaturas de caráter.

O Javali, que merece um J maiúsculo sempre que é mencionado, é o Rei da Selva. Ele é um animal que nenhum outro, exceto talvez

---

152 Caça a Porcos Selvagens - Esporte praticado principalmente por oficiais e nobres ingleses quando de serviço na Índia. A competição mais importante se chamava Kadir Cup

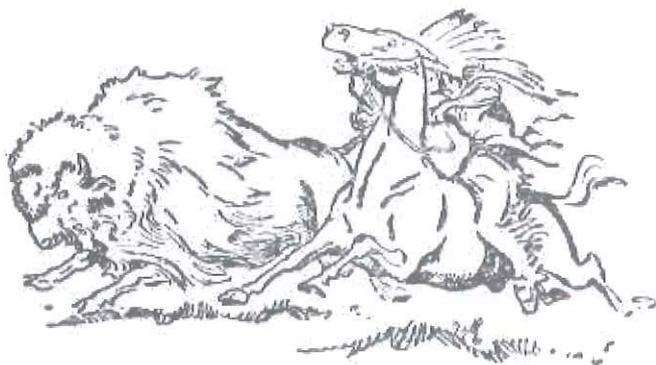
153 Rudyard Kipling (1865-1936) - Indiano, Joseph Rudyard Kipling foi escritor consagrado, tendo recebido o Prêmio Nobel de Literatura em 1907. É autor de O Livro da Selva, publicado em 1894, onde conta a história de Mowgli. Era amigo pessoal de Baden-Powell.

154 Jângal ou Jungle - Floresta. Este termo genericamente designa a floresta indiana.

por um bem confuso e velho rinoceronte, irá encarar. Quando ele desce ao poço de água para beber todos, incluindo o tigre, o búfalo e o elefante (especialmente o elefante), saem de fininho, e passam a acreditar que não estão mais com tanta sede ou resolvem tentar conseguir água em outro lugar.

E não é porque ele fede ou baba, apesar de ser bem nojento com suas presas. Ele é o único animal que vai atacá-lo sem ser antes provocado, porque ele é o único animal que é naturalmente mal-humorado.

Um velho búfalo africano ou um bisão canadense, tem, logicamente, seus acessos de mal-humor, e são então bem desagradáveis, mas o Javali está sempre irritado por uma coisa ou outra.



*Um bisão canadense tem seus acessos de mal-humor.*

O Javali é valente e durão, rápido como um cavalo, e pode pular onde um cavalo não consegue. Ele pode ter até a altura de uma mesa, possui pernas longas, e bem musculosas. Ele não hesita pra nadar em um rio, mesmo quando é habitado por crocodilos; ele parece pensar que as plantações em que os nativos criam melões, cana-de-açúcar e cereais são para ele devorar, o que ele faz extensivamente, e se um nativo discorda, ele o derruba e tenta estripá-lo com suas presas mortais.

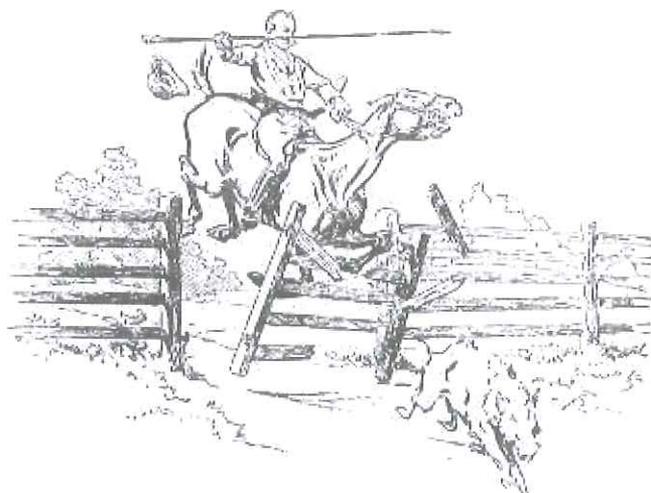
Bem, esse é o sujeito que nós caçamos na Índia cavalgando com lanças, e não há esporte que chegue aos pés da caça ao javali em excitação ou valoroso treinamento.

### A Caça

Três ou quatro cavaleiros formam o grupo. Batedores atraem o porco para fora de sua toca na selva, o grupo então corre atrás dele,

mas no primeiro quilometro geralmente ele consegue ir mais rápido que os cavalos.

As honras ficam então para o homem que primeiro conseguir alcançá-lo e atingi-lo com a lança. Mas logo quando o Javali se vê em risco de ser abatido ele ou “despista”, isso é, dispara para o lado, ou se vira e corre pra atacar seu perseguidor.



*Bill Beresford<sup>155</sup> dando com os burros n'água*

Uma investida com a lança, a não ser que o atinja em um ponto vital, tem pouco efeito senão o de deixá-lo ainda mais furioso, e será então seguida por uma boa seqüência de ataques dos dois lados, e não é sempre que o Javali acaba como segundo melhor da disputa.

Ele tem o espantoso poder de usar rápido e efetivamente suas presas, e vários bons cavalos já foram fatalmente retalhados pelo animal que caçavam.

Entre os príncipes indianos e líderes de cavalaria estão um bom número de bons caçadores de javali, e é nesse campo comum do esporte que nossos oficiais de ambos os regimentos ingleses e indianos partilham tão bons termos de amizade.

Um grande homem na caça era Lorde William Beresford, naquele tempo Secretário Militar do Vice-rei. Eu me lembro dele sendo

155 Lorde William Beresford (1768-1854) - Irlandês, Bill Beresford foi militar britânico que se tornou Marechal-general do Exército Português. Durante o período de permanência da corte portuguesa no Brasil (1808 – 1821) gozava de poderes de governador em Portugal.

arremessado, de uma forma que mataria qualquer homem comum, quando perseguindo um javali na Fazenda Stud em Saharunpur<sup>156</sup>.

Aqui os pastos eram divididos por robustas cercas de troncos e portões de madeira. Seu javali, em vez de pular a cerca, investiu contra o portão, quebrando a barra mais inferior, livrando o portão de sua retenção, de forma que no momento em o cavalo de Beresford elevou-se saltando o portão se abriu abaixo dele, e caindo sobre o portão ele foi a uma desconcertante colisão com a dura estrada.

Mas Beresford era um Irlandês e não houve grandes danos.

### **Testado em Caça a Porcos Selvagens**

Eu fiz grande parte de minhas caças a javalis quando estava com meu regimento, durante três gloriosos anos em Muttra<sup>157</sup>. Eu nunca aproveitei a usual licença para as colinas durante o verão porque eu não conseguia me afastar do esporte.

Alguns quatorze anos depois, depois de servir na África do Sul e em casa, eu retornei a Índia para comandar o 5<sup>a</sup> Regimento de Dragões da Guarda.

Alguns dias depois de eu haver me juntado ao regimento, eu fui questionado educadamente sobre a possibilidade de termos um dia de caça a javalis. Eu senti em meus ossos que havia algo escondido nessa questão, e que esses jovens estavam ansiosos para por seu novo Coronel a prova no campo de caça para ver de que ele era capaz.

Foi um momento de ansiedade para mim. Eu não tinha certeza se meus nervos para o jogo haviam sobrevivido aos anos de abstinência do esporte que haviam se passado (e ele requisita nervos mesmo).

Entretanto, quando o porco selvagem estava a caminho eu esqueci todas as minhas dúvidas. Tivemos uma grande corrida em que o javali chegou enfim a uma grande faixa isolada de mata de arbustos.

Eu galopei até o fim pra ver se ele havia saído por lá, enquanto outro cavaleiro ia vigiando os lados. Sabendo que ele ainda estava lá dentro chamamos os batedores e eles atravessaram o esconderijo de um canto a outro. Nenhum sinal dele!

Então eu desmontei e entrei eu mesmo junto aos batedores, carregando minha lança comigo, para garantir que o lugar fosse minuciosamente verificado. Quando avançávamos pela terceira vez

156 Saharunpur - Cidade localizada no Estado indiano de Uttar Pradesh, no norte da Índia.

157 Muttra ou Mathura é uma cidade indiana na região de Agra, localizada no norte da Índia, no estado de Uttar Pradesh.

pela selva percebi que os batedores ao centro da linha desviaram de um arbusto particularmente espesso.

Eu avancei em direção a ele, urgindo-os para se fechar e forçar o velho malandro pra fora. Mas houve pouca necessidade para minha insistência, porque ele saiu por conta própria, não apenas de boa vontade, mas com vigor, e diretamente contra mim.

Eu apenas tive tempo de abaixar minha lança enquanto ele corria e ela entrou fundo em seu peito. Mas o choque do impacto me arremessou de costas e, enquanto eu ainda segurava firmemente ao cabo da lança, ele estava bem em cima de mim, tentando me alcançar com suas presas mas mantido suficientemente a distância pela lança cravada em si.

Os nativos, bravos sujeitos, debandaram da mata com grandes gritos aos cavaleiros do lado de fora, dizendo em hindustani: “Está tudo bem, o porco estava lá; ele foi morto pelo Coronel Sahib!”

Em poucos momentos eles tinham descido de seus cavalos e corrido a meu resgate. Um pequeno oficial em sua impetuosidade avançou contra o porco com sua lança, errou completamente, e caiu por cima dele. Entretanto, melhores esforços prevaleceram, e o javali foi prontamente despachado.

Aí veio a temida questão: “Você sempre vai a pé, senhor?” e em autodefesa eu tive que dizer: “É lógico, porque não?”.

Mas isso me envolveu em freqüentes repetições do feito, e por fim nós o adotamos como um hábito, aumentando a emoção da perseguição. Certamente lhe dava um toque a mais.

### **A Copa Kadir**

Todo ano uma competição de caça a javalis acontece na selva de Kadir próximo a Meerut<sup>158</sup>. Esportistas de todos os cantos da Índia se reúnem aqui para partidas eliminatórias de caça, até a partida final, que decide quem vencerá a Copa.

Essa corrida é conhecida como Copa de Caça ao Javali.

---

158 Meerut - Cidade localizada no Estado indiano de Uttar Pradesh, no norte da Índia.



*O Príncipe de Gales vencendo a Copa de Caça ao Javali*

O Príncipe de Gales, durante sua visita a Índia, veio ao campo para testemunhar a partida final da Copa Kadir e então disse que gostaria de competir pela Copa. Mas como isso era limitado àqueles que haviam participado da competição da Copa Kadir completa, disseram-lhe ser impossível, e isso foi dito enfaticamente porque ninguém queria vê-lo caçar cavalgando nessa região onde as quedas são regras e com frequências quedas não muito boas.

Entretanto, Sua Majestade insistia em competir, mesmo compreendendo que seria desqualificado. Ele foi um dos poucos que não caiu e apesar de completo estranho ao tipo de região ele ganhou a corrida e foi desqualificado. Um grande desempenho.

Sendo entusiasta da caça a porcos selvagens era apenas natural que inscrevesse cavalos tão bons quanto os que eu tinha, e isso eu fiz em três diferentes ocasiões. A última foi quando estava no 5<sup>a</sup> Regimento de Dragões da Guarda<sup>68</sup>. Os outros dois homens sorteados para minha rodada, por coincidência, também eram do meu regimento.

Tivemos um galope compassado atrás do porco. Pouco depois do início um deles caiu, e a corrida ficou apenas entre o outro homem e

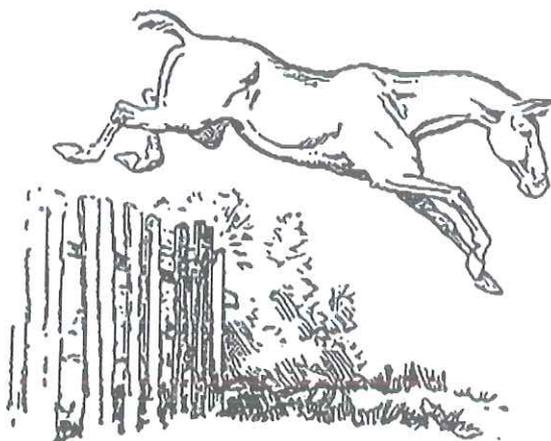
eu. Estávamos indo com tudo, pescoço a pescoço, quando de repente meu rival desabou, embolando-se todo, e eu fui deixado com um porco cansado a minha frente.

Eu tenho que apenas continuar mais um pouco, perfurá-lo e vencer. MAS – olhei para trás para ver como meu caído rival, Dunbar, estava se saindo, e vi que tanto o cavalo quanto o homem estavam aturdidos e ele estava com a cabeça próxima demais dos cascos do cavalo para estar seguro. Então dizendo adeus ao porco retornei e arrastei o rapaz pra longe do perigo. Depois de lhe dar um descanso, o árbitro deu a partida para perseguirmos um outro javali, quando Dunbar, de forma indelicada, eu considero, passou por mim rapidamente e espetou o javali logo em seguida, e, portanto, ganhou a partida. Isso o colocou na final, que ele acabou vencendo, levando a Copa de todos os eventos para o regimento. E isso foi o que realmente importou.

Nas duas ocasiões prévias em que me inscrevi eu consegui ser colocado na rodada final e uma delas me trouxe um dos grandes golpes da minha vida, na forma da Copa Kadir.

Eu tinha vencido todas as partidas preliminares com os dois cavalos com que havia me inscrito, Hagarene e Patience, portanto os dois precisavam correr na rodada final contra um terceiro competidor.

Eu cavaleguei Hagarene, minha favorita, e Ding MacDougall, um oficial da 13<sup>a</sup>, cavalegou Patience para mim. Hagarene rapidamente ultrapassou suas rivais e estava liderando por uma grande distância quando o javali mergulhou em uma espessa linha de arbustos.



*Hagerene, uma verdadeira amiga. Ela aproveitava a vida e dava seus saltos pelo amor à coisa.*

Enquanto Hagarene saltava, eu percebi que não havia um local de pouso do outro lado, mas sim uma queda dentro de um riacho. Ali mergulhamos, quase em cima do javali, que se virou e rastejou novamente pelo caminho em que veio e enquanto eu estava saindo por um lado e Hagarene pelo outro, o porco encontrou MacDougall chegando em Patience e foi prontamente abatido.

Dessa forma eu venci a Copa das mãos de MacDougall.

### **Um Esporte Brutal**

Você que está sentado em casa naturalmente irá condená-lo. Mas novamente eu digo, como o boêmio diz ao membro do clero, experimente antes de julgar.

Veja como o cavalo se diverte, veja como o próprio javali, louco em sua raiva, entra de coração inteiro na batalha, veja como você, com seu temperamento agitado, aproveita a oportunidade de extravasá-lo ao máximo.

Sim, caça ao javali é um esporte brutal – e ainda assim eu o amei, e amei também o bom velho companheiro contra quem lutei. Eu não posso fingir que não sou inconsistente. Mas há muitos de nós completamente consistentes? Façamos o que for ou digamos o que quisermos, apesar de termos uma camada de civilização, os instintos do homem primitivo ainda não estão muito longe da superfície. Assassínatos vão acontecer. Não vimos isso em todos os horrores da guerra?

Mas aparentemente as Igrejas reconhecem o fato, e em todo caso, é difícil se lembrar de suas tentativas de evitar que nós matemos nossos companheiros, nossos irmãos-cristãos.

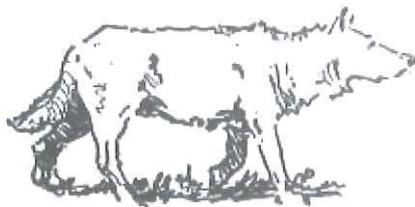
Até criarmos em nossa educação uma base mais espiritual em vez de ficarmos contentes com uma mera educação acadêmica, mais desenvolvimento de caráter do que padrões de conhecimento, nós vamos ter apenas uma camada de civilização.



*Um matador de leões Masai. Desenho por Robert Baden-Powell*

### **Caça a Grandes Animais**

Além de caça a javalis e raposas, você não precisa caçar cavalgando como regra.



*Uma vez eu tive uma boa caçada atrás de um lobo.*

Uma vez eu tive uma boa caçada atrás de um lobo com um bom número de homens em montarias próximo a Kandahar<sup>159</sup>. Como regra um lobo consegue vencer em distância um cavalo comum, mas nessa ocasião ele tomou a direção errada e talvez tivesse acabado de almoçar. De qualquer forma, após um bom galope nós o encurralamos em uma vala de um forte, e lá nos o abatemos.

Eu também persegui uma hiena com um número de Árabes, uma

<sup>159</sup> Kandahar - Cidade do sul do Afeganistão, capital da província com o mesmo nome.

das mais alarmantes caças de que já participei, já que o plano era galopar atrás dele e cerca-lo para cada homem então atirar nele com seu rifle.

Da maneira em que estávamos em um círculo, estávamos, portanto atirando um contra os outros, mas felizmente, estando montados, as armas apontavam para baixo e a maioria das balas que não atingiram a hiena entraram na areia.

Com a ajuda de cães eu também persegui um cobo-de-meia-lua<sup>160</sup> na África do Sul e o matei com uma assegai<sup>161</sup>, e uma vez peguei um antílope-negro na Índia com minha pistola.

Eu estava na linha de marcha com o regimento para o qual eu havia acabado de ser alocado, quando eu vi um bonito antílope-negro com distintos grandes chifres, correndo pela planície aberta em um estado excitado. Notei um pilar de alvenaria próximo de onde ele havia por fim parado, então me movendo até que esse ficasse entre o antílope e eu, galopei através da planície até atingir o pilar sem ser visto, porém ouvido pelo animal.

Dei um rápido tiro nele com minha pistola Mauser logo quando ele se virou e galopava para fugir. Ele saltou um muro de lama alguns metros adiante e então desapareceu de vista.

Eu ouvi um "oh" de lamento de minhas linhas do Regimento quando galopei atrás dele. Olhando sobre o muro para a planície aberta que se seguia ele não estava em lugar algum a vista, mas ali estava ele deitado morto sob o muro. O tiro havia perfurado seu coração e o salto foi havia sido seu último espasmo de esforço.

Na Índia, às vezes caçadores encontram panteras enquanto perseguem javalis, e apesar de eu nunca ter tido a sorte de fazê-lo pessoalmente muitos esportistas já perseguiram uma pantera e a mataram com uma lança. Mas é um jogo muito perigoso, já que com sua pele dura e folgada é bem difícil aplicar um ferimento mortal e elas são bem aptas a, quando perseguidas, agachar de repente e deixar homem e cavalo passar e então saltar na traseira do cavalo e atacar o cavaleiro por trás.

---

160 cobo-de-meia-lua - *Kobus ellipsiprymnus* - Espécie de antílope africano que possui uma mancha branca na região traseira, vindo daí o seu nome.

161 Assegai ou Azagaia - Lança com ponta de faca, comum de algumas tribos africanas.



*A pantera em que atirei na floresta de Knysna. Rascunho por Robert Baden-Powell*

As únicas duas panteras que encontrei foram um filhote de pantera que capturei vivo e mantive como animal de estimação e uma outra que matei em uma floresta em Knysna<sup>162</sup> na África do Sul.

Nós estávamos, na época, de licença em uma expedição de caça na floresta, em que havia um lindo cenário de montanhas. Floresta adentro nós fizemos nosso campo e começamos a desbravar atrás de elefantes.

A julgar pelos relatos dos habitantes o perigo estava nos elefantes desbravarem atrás de nós!

Um lenhador italiano, por exemplo, disse que o jeito mais simples de se aproximar dessas bestas era fingir ser um lenhador e começar a derrubar uma árvore. Eles viriam correndo momentos depois. Ele disse que então era a hora em que ele sempre corria “como fogo” e subia na árvore mais próxima.

Um velho fazendeiro holandês também nos disse que desses animais havia abundância, mas adicionou caracteristicamente: “Se um elefante não me der passagem, aí eu volto pra casa.”

Entretanto não fomos importunados por animais. Caminhamos por quilômetros e quilômetros sem ver nenhum. Estávamos em uma apavorante selva com samambaias arbóreas, emaranhadas, com densas trepadeiras, samambaias suspensas e espinhosos arbustos, formando um labirinto regular de estreitos e gastos caminhos de elefantes em todas as direções.

---

162 Knysna - Cidade sul-africana da província do Cabo.

Algum tempo depois o grande caçador de elefantes, Selous<sup>163</sup>, visitou o local e quando viu a selva quase impossível de atravessar ele refez seu caminho para fora dela o mais rápido que pode, dando graças por ter conseguido fugir de lugar tão perigoso antes que algum elefante o avistasse.

Nós sendo perfeitamente ignorantes dos elefantes e de suas maneiras entramos bravamente onde um anjo teria temido pisar!

De uma pequena colina nós finalmente avistamos um bando de elefantes se alimentando em um baixo arbusto na vertente oposta da colina, suas grandes costas redondas e orelhas abanando, brilhando ao sol.

Nós rastejamos e lutamos por uma hora através da espessa selva de samambaias. Por fim próximos o suficiente para ouvi-los rasgando os galhos e bufando e gargarejando.

Gradualmente o quebrar dos galhos e tombar das plantas foram ficando mais intensos à medida que os animais chegavam mais perto, até que soavam bem próximos e em torno de onde estávamos; mas graças ao denso arbusto não podíamos ver nada deles.

De repente houve um movimento no arbusto bem acima do ponto em que eu estava procurando por eles. Um galho foi de repente arrastado com um tronco de cor de ardósia enrolado em sua volta e por um segundo ali apareceram duas grandes presas brancas e a enorme cabeça e orelhas de um elefante selvagem. E em um momento estava novamente escondido por galhos ondulantes.

Dois outros elefantes estavam próximos de mim com seus flancos bem invisíveis exceto quando se mexiam. Mesmo então era difícil distingui-los das árvores cobertas em sombras à sua volta.

Eu não podia ver o suficiente para atirar, e mesmo se conseguisse duvido se eu teria atirado. Digo isso não por algum motivo de precaução, mas porque eu estava tão fascinado em vê-los e, bem, eu sempre senti que, se é possível dizer, um elefante é uma coisa grande demais e sagrada demais para um pequeno homem matar.

E nisso continuaram, quebrando, mastigando, retumbando e guinchando. Então, subitamente houve um completo e tenso silêncio. Nenhum som. Eu pensei que eles haviam sentido nosso cheiro ou nos ouvido, e nos mantivemos alerta.

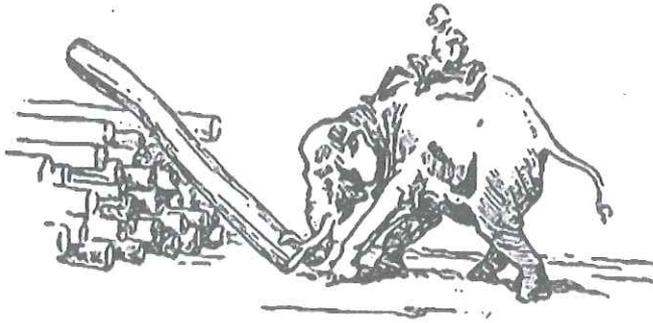
Mas o silêncio foi quebrado por meu rastreador que disse: "Eles se

---

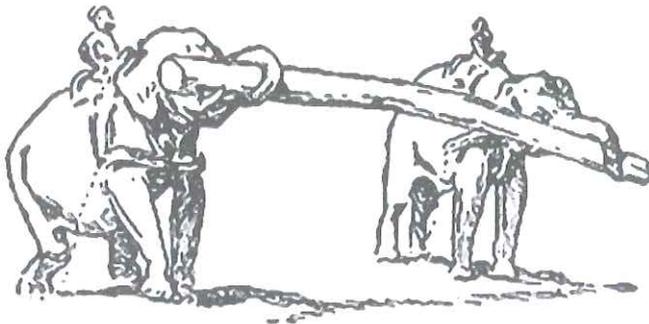
163 Selous (1851-1917) - Inglês, Frederick Courteney Selous foi explorador da África, tendo criado um regimento de forças especiais do Exército da Rodésia (hoje chamada de Zimbabwe), os Escoteiros de Selous.

foram.” E foram mesmo. Eles se foram sem barulho algum, sem nem quebrar um galho, na ponta dos dedos como diriam.

Se elefantes selvagens são interessantes de observar, ainda mais interessantes eles são quando são domados.



*Elefantes empilhando teça.rascunho por Robert Baden-Powell*



*Quando um elefante encontra um tronco muito pesado para ele, encontra um companheiro pra dar-lhe uma ajuda.*

Em Moulmein<sup>164</sup>, em Burma, você pode vê-los realizando sua diária tarefa de empilhar troncos de teça e trabalhando nas serrarias, com uma inteligência quase maior que humana.

Só como exemplo, um elefante carregando um grande tronco em sua tromba o leva dentro de uma serraria, onde ele deveria esgueirar-se por uma estreita passagem entre duas sibilantes lâminas giratórias e máquinas barulhentas.

Ele teve então o senso de virar sua cabeça e carregar o tronco

<sup>164</sup> Moulmein - Cidade, hoje chamada Mawlamyaing localizada em Myanmar (antigamente chamada Birmânia ou Burma). É a terceira maior cidade deste país.

verticalmente e então colocá-lo longitudinalmente na plataforma de serragem e o ajustou, até o último centímetro, no lugar próprio com um empurrão final aqui e ali com seu nariz até estar completamente alinhado. Então ao sair ele pegou uma pilha de pedaços de madeiras não utilizadas para levar a pilha de lixo. Ele passa então por três homens puxando um pesado tronco que havia ficado preso em um impedimento. Percebendo isso pelo canto de seu olhar, e sem receber ordens, ele dá ao tronco um bom empurrão com seu pé traseiro enquanto passa que o faz passar por cima do obstáculo – tudo por puro espírito de ser útil aos demais.

Então, passando por um posto de água, sentindo que gostaria de uma bebida, ele gira a torneira com a ponta de sua tromba e bebe até se satisfazer, e depois continua em frente, deixando a água correndo. Seu dono disse que esse era seu único mau hábito. Ele sempre se esquecia de fechar a torneira novamente!

Eu tive outras experiências da maravilhosa esperteza e docilidade dos elefantes com uma fêmea que foi designada a mim em Terai<sup>165</sup> para propósitos de caça. Seu nome indiano soava como “Dandelion”, então de Dandelion<sup>166</sup> eu a chamava. Ela era confortável para se montar, o que muitos elefantes não são quando batem o pé e balançam todos os ossos do seu corpo a cada passo.

E indo através do mato selvagem, em sua altura de quase 2 metros, enquanto ela abria seu caminho com o alto barulho de mato sendo amassado, você se sente exatamente como em um barco no mar.

A ilusão não cessou nem mesmo quando paramos, pois Dandelion não conseguia permanecer completamente parada, mas movia-se de um lado para o outro, em um tranqüilo sonolento movimento. Mas era rápida como um cão de caça para farejar caça, e fosse uma perdiz ou fosse um tigre ela se mantinha como uma pedra no momento em que a caça estava ocorrendo.

Veze após veze ela me avisava antes de eu mesmo ver qualquer alvo para atirar.

Em uma ocasião estávamos saindo de uma profunda ravina na floresta; quando ela estava fazendo o que podia para puxar seu corpanzil pra

---

165 Terai - Região de florestas, savanas e pântanos na base da cadeia do Himalaia, se espalhando pela Índia, Nepal e Butão.

166 Baden-Powell diz que o nome indiano do elefante soava parecido com “Dandelion”, cuja tradução literal é “dente-de-leão”.

cima na íngreme encosta ela repentinamente “congelou”. A caça estava próxima.

Eu olhei em volta e por um momento ou dois não pude ver nada. Então, ao longo da linha do céu acima de nós, eu pude ver alguns centímetros das costas peludas de um grande urso negro.



*Dandelion, minha esperta elefanta, levando pra casa o urso negro.*

Um ágil tiro lhe acertou através da espinha, e ele desceu rolando passando próximo a Dandelion, mas ela não se moveu nem um centímetro e deixou-o cair passando por ela até o fundo da ravina.

Logicamente, elefantes não são sempre tão bem comportados. Um elefante de transporte, designado ao meu regimento, estava levando um carregamento de barracas através de um rio, quando colocou seus pés em areia movediça. Imediatamente pegou com sua tromba, um após o outro, três operários que caminhavam a seu lado, e os puxou para baixo de si para usar como apoio para as patas.

Foi inteligente de sua parte, mas não é o tipo de coisa realizado pelas melhores classes elefânticas, e o pobre foi condenado a usar pesadas correntes e braceletes em cada pata pelo resto da vida.

Uma vez quando tínhamos uns 20 elefantes no campo um desses guardou rancor de seu mahout<sup>167</sup> e, vendo-o dormindo em seu

---

167 Mahout - Tratador de elefantes.

descanso do meio-dia, levantou uma de suas patas para pisar sobre ele, mas mirou mal e esmagou apenas sua coxa.



*Levando um carregamento de barracas.*

Houve uma imensa confusão e o elefante ofensor foi levado pelos outros mahouts e amarrado a uma árvore. Os remanescentes dezenove elefantes foram colocados em formação e foram solenemente informados da ofensa cometida pelo Número Vinte, e foram convidados a aplicar a ele uma surra. E assim foi feito. Cada elefante, pegando certo comprimento de corrente com a tromba, marchou, em uma fila única atrás do acusado, e cada, enquanto passava, girava a corrente e a acertava no traseiro do réu.

### **Hipopótamos**

Eu não ligo de confessar que tenho uma fraqueza por hipopótamos. Se eu fosse manter um mascote eu penso que, apesar de ele não se dispor exatamente a ser um animal de estimação, eu certamente gostaria de ter um hipopótamo pra mim.

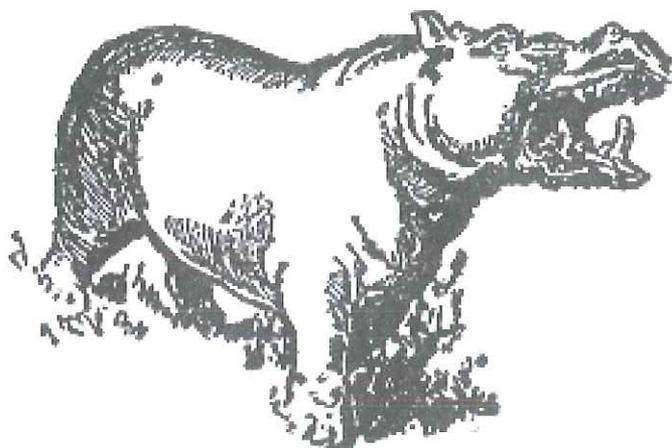
É lógico que ele não é exatamente o que você chamaria de belo, mas ali está – ele não cai em lugar comum em nenhum nível, é pitoresco. Vá e estude-o no zoológico. Você pode observá-lo por horas e... Amá-lo!

Falando do Zoológico um hipopótamo fugiu de lá uma vez.

Era cedo pela manhã antes dos visitantes estarem enchendo os

jardins. Os tratadores estavam com um grande problema nas mãos, pensando em como fazê-lo retornar à sua jaula. Eles o tentaram com suculentos montes de feno, mas ele só comeu um pouco e se aventurou ainda mais campo afora.

O que poderia ser feito? Uma brilhante idéia ocorreu ao Sr. Bartlett, o gerente. Ele se lembrou que “Obash” – esse era o nome do animal – tinha um particular desgosto por um dos tratadores chamado Scott, e costumava correr na direção dele toda vez que o avistava.



*É claro, ele não é o que você chamaria de lindo.*

Então Sr. Bartlett foi até Scott e pos um cheque em suas mãos e disse: “Agora vá e se mostre ao Obash e quando ele vir em sua direção corra como nunca para a jaula dele e então escape pelas grades do outro lado”.

Scott, que era um sujeito com um bom espírito esportivo, não hesitou. Seguiu em direção ao hipopótamo e gritou: “Ei, você Obash! Sua besta feia, você mesmo”.

Obash levantou os olhos de sua refeição com surpresa e então, vendo de quem se tratava, soltou uma bocada de feno que estava mastigando, virou-se balançando e disparou em direção a Scott em uma velocidade tremenda.

Scott não perdeu tempo. Sem tempo para delongas, ele só correu o mais rápido que podia para dentro do cercado, com o velho Obash rasgando logo atrás dele.



*Scott não perdeu tempo.*

Ele conseguiu alcançar as grades ao fundo e se esgueirou por elas bem na hora de escapar da investida da poderosa fera, que estava então seguramente enjaulada em seu cercado de novo.

Incapaz de suprir meu desejo de ter um hipopótamo como animal de estimação em uma moradia inglês eu me contentei com a próxima melhor coisa – a caveira de um como recordação – e assim foi como eu consegui a danada.

Um amigo e eu estávamos acampando próximo a um lago em que havia vários hipopótamos e os nativos das proximidades estavam famintos com falta de alimento e queriam carne. Mas os hipopótamos eram muito espertos. Eles não apareceriam sobre a água enquanto estávamos por perto, então era difícil conseguir mirar bem para atirar.

Um dia fomos para uma parte distante da margem para persegui-los. Hipopótamos podem ficar um longo tempo sob a água, mas precisam ocasionalmente emergir para respirar. Quando o fazem são cuidadosos o suficiente para colocar apenas as narinas sobre a superfície; eles podem soprar uma pequena fonte de água e pra baixo eles voltam. Então tudo que você consegue ver deles são seis pequenos pontos pretos – suas duas narinas, olhos e orelhas – e esses só aparecem por uns três segundos.

Mas eles sempre emergem no mesmo ponto, então o que você deve fazer é manter seu rifle apontado para o local, e no momento em que um olho aparecer puxar o gatilho antes que a besta desça novamente.

Meu amigo e eu estávamos disputando pra ver quem conseguia matar um grande hipopótamo que estava se comportando dessa forma próximo a margem oposta de onde estávamos. Eu deitei de costas para conseguir uma mira mais certa. Foi esse deitar de costas que inspirou os nativos que me acompanhavam a me dar o apelido

“M’hlalapanzi”, que significa “o homem que se deita para atirar”, e, em sua segunda interpretação, “o homem que repensa seus planos cuidadosamente antes de se atirar para pô-los em prática”.

E esse apelido se manteve comigo para sempre depois entre os nativos e caçadores.



*M’hlalapanzi.*

Eu acertei minha bala cuidadosamente bem no olho do velho sujeito quando ele apareceu, e mantive meu rifle firmemente apontado para o local onde ele havia descido, para que quando ele viesse à tona novamente eu estivesse pronto para ele e atirasse logo.

O monstro elevou metade de seu corpo para fora da água com um tremendo ronco e então mergulhou novamente em meio a uma fonte de água, e não o vimos mais.

Outro apareceu não muito distante e meu amigo lhe acertou um tiro que o fez pular também.

Um hipopótamo quando morto geralmente afunda completamente, mas quatro ou cinco horas depois, devido a gases se formando em seu interior, ele flutua até a superfície.

Nossos nativos ficaram a espreita, portanto, pelos corpos dos dois hipopótamos, e durante a noite um corredor veio excitado em nosso campo nos dizer que um deles estava flutuando lá morto.

Nós nos apressamos para examiná-lo, e lá estava ele, um grande monstro gordo de lado, levado para próximo da margem no meio da correria.

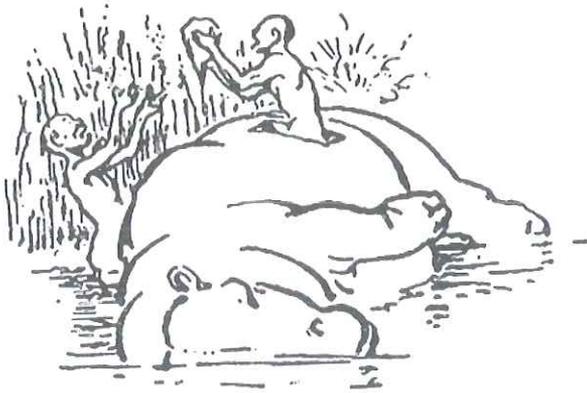
Não conseguimos encontrar nenhum sinal de ferimento até que abrimos sua pálpebra e lá encontramos o olho que havia sido esmagado; a bala havia entrado diretamente por essa marca e havia

penetrado em seu cérebro.

Logicamente, cada um de nós clamou o animal como seu.

Eu estava atirando com um rifle do governo enquanto meu amigo estava usando um “expresso”. Quando desenterramos a bala ela tinha uma larga flecha na base. Era uma bala de um rifle do governo e então o hipopótamo era meu.

Você precisava ter visto os nativos e o que eles fizeram com aquele hipopótamo. Como primeiro passo eles cortaram um buraco quadrado em seu flanco, o bastante para que coubesse uma pessoa, e então um homem entrou e cortou com uma faca partes do fígado, coração, etc., que passava para seus amigos.



*Hipopótamo para o almoço. Rascunho por Robert Baden-Powell*

De todas as horríveis visões que você poderia imaginar aquele nativo sorridente, literalmente coberto de sangue, da cabeça aos pés, era uma visão completa. Nós estávamos em uma região razoavelmente deserta na época, onde parecia haver poucos habitantes. Mas ao cair da noite havia quase cem nativos coletando da carcaça e para aquelas pessoas um pedaço de carne crua dava tanta alegria quanto um bom pudim de ameixas inteiro daria para um garoto no Natal, especialmente para aqueles que estavam quase a beira da inanição.

Naquela noite nosso campo foi uma cena de um tremendo banquete e festividades. Todo homem acendeu seu próprio fogo e, depois de espetar grandes porções de carne em suas assegai<sup>72</sup>, a colocou em volta do fogo. Então se sentou solenemente e se pos a trabalhar para comer tudo.

A carne não teve tempo de ser assada. Simplesmente a comeram crua ou meio aquecida.

Durante toda a noite, sempre que acordávamos, podíamos ouvir os homens mastigando sua refeição.

### Leões

Era aproximadamente quatro da manhã. Estávamos dormindo pacificamente, a fogueira queimava baixa, e até o mais faminto de nossos rapazes estava cochilando. Um dos cães me acordou com um rosar contínuo e sem descanso; então o distúrbio foi acrescido do penetrante balido de alarme de um bode nas proximidades; em outro momento houve um súbito sopro do vento, um estrondo, e um confuso atropelar de cascos agitados quando nosso rebanho de quatro bois arreventou seu curral e correu para o mato próximo.

Em um segundo todos estavam acordados e em movimento. Eu pulei de minha barraca, lança de javali em mãos, para encontrar todos os “rapazes” em um não desejado estado de excitação, com apenas uma palavra em suas bocas: “N’gonyama” - leões.

Pareceu que, atraídos pelo cheiro de hipopótamo assado, de nosso gado e de pôneis – e um pônei é para um leão o que uma sopa de tartaruga é para um senador – um bando de leões passou por nosso campo, e em consequência o gado fugiu por medo, sendo seguido por seus agressores.

Enquanto estávamos lá discutindo a situação um guincho estridente de dor ecoou de um arbusto a uma pequena distância do campo, nos informando do destino de um dos pobres bovinos.

Logo quando o dia começou a clarear nós os seguimos e no mesmo instante os encontramos. Havia um velho leão tomando seu café da manhã de boi, enquanto um grupo de uns quatro leões mais jovens estava sentado em volta esperando até que o velho leão terminasse para que eles pudessem ter sua vez de se alimentar.

Entretanto, seus planinhos foram estragados por nossa aparição na cena, e eles fugiram o mais rápido que podiam; e nós seguimos o velho leão por suas pegadas na areia.

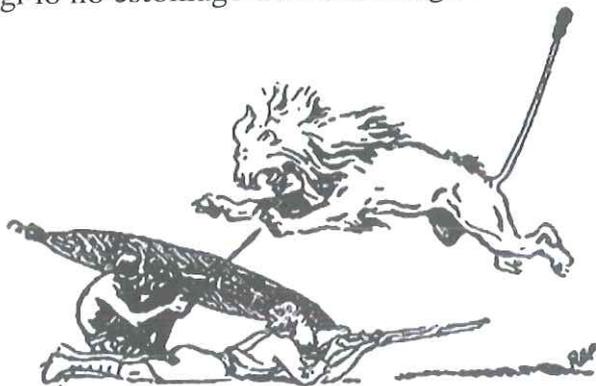
Nós o rastreamos por muitas horas tentando alcançá-lo, mas ele sempre se livrara de nós sentindo nosso cheiro antes de conseguirmos avistá-lo, até que finalmente tivemos que cruzar uma ampla clareira na floresta em que o vimos mergulhar em compacto amontoado de arbustos espinhosos para se esconder.

Nós subimos o mais rápido que podíamos e cercamos a moita, prontos para atirar nele em qualquer lado pelo qual ele resolvesse surgir. Mas

ele não saiu. Então um plano foi formulado, por sugestão de nosso rastreador chefe, que era um guerreiro Zulu, pelo qual podíamos ter certeza de capturá-lo.

Essa moita de arbustos era como um grande amontoado de tojo<sup>168</sup> que você pode encontrar em qualquer lugar, bem denso e espinhento por cima, mas com vários túneis e caminhos abertos por baixo.

O plano era que eu deveria engatinhar por dentro desses túneis, com meu rifle, e o Zulu me seguiria de perto. Logo que eu visse o leão eu deveria atirar e deitar-me no chão. O zulu iria então colocar seu grande escudo sobre nós dois e quando o leão investisse contra nós ele iria atingi-lo no estomago com sua assegai.



*Uma maneira simples de matar um leão. Rascunho por Robert Baden-Powell*

Eu achei tudo um excelente esquema exceto pela parte em que eu entrava! E eu não gostei de jeito nenhum daquele jogo de rastejar. Só de pensar meus cabelos quase ficaram todos de pé. Mas quando garoto eu aprendi a lei do lobinho e que eu não devia ceder sempre a meus sentimentos e desejos, e sempre tentei leva-la a sério.

Naquele momento eu me senti horrivelmente tentado a quebrar a lei e ceder a mim mesmo. Mas fico feliz em dizer que a cumpri e rastejei por aquele túnel. Enquanto íamos cada vez mais fundo meus cabelos estavam cada vez mais inclinados a ficar completamente em pé, e virando uma esquina do túnel, eu vi a minha frente... Luz do dia na outra saída! Então meu ânimo retornou; O leão não estava ali, e

---

168 Tojo - Planta arbustiva espinhosa freqüente nas matas portuguesas. São conhecidas várias espécies com este nome e características semelhantes: *Ulex europaeus*, *ulex scaber*, *ulex manus*, etc.

eu sai pela abertura do outro lado me sentindo um perfeito herói.

O leão havia se esgueirou pela abertura e fugiu sem que nos tenhamos visto.

Então você vê que um leão não é sempre tão corajoso quanto ele é retratado. Por outro lado eu conheci um que foi bem desagradável sobre isso quando me viu, e – bem, para encurtar a história, eu ainda estou vivo e a sua cabeça, empalhada, e pele agora adornam minha sala.

### Animais de Estimação



*Squirks quando bem jovem.*

Eu tenho dito que amo meus inimigos. Isto é com freqüência sugerido, mas pouco praticado. Nesse caso, por inimigo eu quero dizer o javali.

Eu fui sortudo o suficiente para capturar na floresta um “guinchador” que é como javalis jovens são chamados. Eu o levei para casa e o mantive por um longo tempo, descobrindo nele um prazeroso e interessante jovem amigo. Ele vivia solto em minha propriedade e manteve sua natureza selvagem, escondendo-se em uma moita de arbustos sempre que um estranho aparecia.

Eu o treinei para vir a mim quando o chamava para comer e ele também vinha ao meu auxiliar quando ele lhe oferecia comida. Mas depois ele invariavelmente atacava o rapaz, empurrando-o com suas

pequenas presas, dando-lhe a dica que ele queria a comida, mas poderia dispensar sua companhia.

Havia um velho toco de árvore em um jardim próximo que Algernon (pois esse era seu nome) nunca se cansava de galopar. Ele costumava praticar correr formando a figura de um oito em volta do tronco, acertando-o com suas presas todas as vezes que passava por ele, direita e esquerda alternadamente, assim praticando para os combates que estavam por vir.

Eu tinha uma velha égua solta na propriedade, que, sendo uma convicta caçadora de javalis, costumava correr para Algernon sempre que o via, e o pequeno peste ficava positivamente feliz em atizá-la até que ela não agüentasse mais, com as orelhas para trás, louca para atropelá-lo ou chutá-lo se ela pudesse apenas alcançá-lo.



*Atirando em uma pata de pantera. Desenho por Sir Robert Baden-Powell*

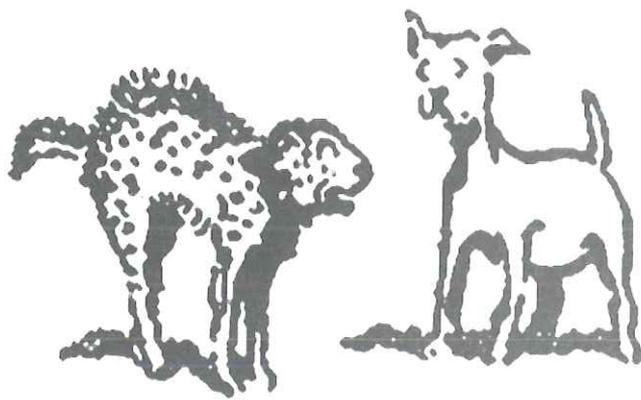
Infelizmente um dia alguns cães que estavam por ali viram essa perseguição acontecendo e se uniram a égua alcançando o pobre pequeno Algernon e o morderam e feriram tanto que ele teve que ser sacrificado. O sacrifício foi feito com uma lança como requeria seu nível.

O único outro animal selvagem que tive como estimação foi uma pequena pantera, chamada Squirks. Eu havia ouvido falar de uma pantera em alguma parte de Kadir<sup>169</sup> e estava procurando por ela em um elefante.

<sup>169</sup> Copa Kadir - A Copa Kadir era disputada em Meerut, região norte da Índia, se tratando de uma competição com regulamentos definidos e da qual participavam militares e lordes britânicos, das forças colonizadoras. Seu vencedor passava a ter muito prestígio entre os colonizadores.

Olhando para baixo na selva de mato apesar de estarmos nos movendo eu vi o que acreditei ser uma pata de pantera sobressaindo de um grande tufo de mato. Então atirei onde julguei estar o corpo do animal.

Isso assustou o animal e quando ele se moveu notei que era uma pantera macho inteira em um escala bem pequena. Então desci e o recolhi e levei de volta ao acampamento.



*Squirks conhece meu filhote.*

Eu estava dormindo ao ar livre naquela noite em um estrado feito pelos nativos com meu filhote de cachorro e essa nova aquisição ao meu lado. Durante a noite ele começou a gritar em linguagem de pantera, mas logo se acalmou e deitou-se novamente ao lado do filhote, com quem já havia feito amizade.

Na manhã seguinte nós encontramos as pegadas da pantera dando voltas e voltas ao redor da minha cama, evidentemente em conexão com a gritaria – possivelmente de sua mãe, mas que não havia encontrado coragem o suficiente para vir resgatar sua prole.

Então Squirks viveu comigo por quase um ano e era um animado companheiro travesso, tão domado quanto um cachorro, mas de nenhuma forma confiável.

Quando eu estava deixando a Índia muitas pessoas se oferecerem-se para tomar conta de Squirks. Eu os dei vinte e quatro horas para experimentar, e em todos os casos ele foi devolvido com um obrigado. Ele era forte demais e travesso demais, então eu finalmente

o entreguei para Jamrach<sup>170</sup>.



*Ele era muito forte e travesso. Desenho por Sir Robert Baden-Powell*

Logicamente, eu tive inúmeros cavalos e cães, nem sempre bonitos, mas não por isso menos amados. Suponho que é difícil terem existido pôneis mais feios que o Hercules, mas ele foi minha primeira posse na linha eqüina e eu o comprei por uma quantia bem pequena de um jardineiro indiano que o usava para carregar rações para o mercado.

Com cuidado e alimentação ele se mostrou o mais útil dos animais, um ótimo saltador para o jogo de cães e lebres<sup>171</sup>, e um disposto e inteligente pônei para jogar pólo.

Desde “Boswell’s Life of Johnston”<sup>172</sup>, um filhote que morreu por ter recebido comida demais quando eu era um garoto, até “Shawgm” de hoje em dia, eu dificilmente estive sem ter um cachorro – ou dois – ou três.

Shawgm, um lindo Labrador, com grossa pela e grandes olhos marrons solenes, foi dado a mim na ocasião do encontro dos escoteiros

---

170 Jamrach (1815-1891) - Alemão, nascido Johann Christian Carl, passou a ser conhecido como Charles Jamrach na Inglaterra onde foi o maior negociante de animais de seu tempo sendo responsável por boa parte da coleção do Zoológico de Londres e dos museus britânicos.

171 Cães e Lebres - “Paper Chase” ou “Hare and Hounds” é um jogo britânico disputado ao ar livre em que um participante é a “lebre” e foge deixando pistas para que os “cães”, os outros participantes, o procurem. Preferencialmente praticado em regiões de bosques.

172 Boswell’s Life of Johnston”- Este é o nome do cachorro. Provavelmente nome de pedigree, que pode ser traduzido como Vida de Boswell de Johnston. Provavelmente Johnston é o nome do canil ou do proprietário original.

de cinco condados – Shropshire, Herefordshire, Worcestershire, Gloucestershire e Monmouth. Daí o nome, baseado nas iniciais dos nomes dos cinco condados.

Esse cão tem uma compreensão e mente perfeitamente humanas.

Eu recentemente li que a diferença entre o mundo dos homens e das criaturas é que o homem tem um senso de humor e os animais não. O autor desse comentário claramente nunca teve um cão.

### Tocaia

Eu tenho uma tremenda fascinação pela tocaia, que joga a esperteza de um contra a segurança de outro. Se aproximar sorrateiramente de um pássaro ou um coelho e congelar tão bem para que ele não note que alguém observa todos os seus movimentos de perto.

Ainda mais emocionante, é claro, é a espreita de animais de grande porte selvagens em um terreno difícil, como o Íbex<sup>173</sup> no Himalaia ou os cervos na Escócia. Ainda melhor se é uma besta que tenha em si o poder de enfrentar você.

Ao mencionar a espreita de cervos eu não quero dizer o que é normalmente entendido pelo termo na Escócia – aproximar-se com auxílio de um guia até que ele lhe mostre o alvo e lhe entregue o rifle.

O momento do rifle é, para mim, o momento em que o prazer de espreitar termina. Você tem ainda, é verdade, a excitação final de ver se você acerta ou erra seu tiro e então, se seu tiro mata ou apenas fere.

Em todo caso, para mim, apesar de em boa verdade saber que eu já estou muito calejado para isso, o tiro sempre trás arrependimento. Eu odeio ver o olhar de uma gazela gentilmente questionando: “Que mal eu já lhe fiz para que você precisasse atirar em mim?” e então se apagando para a morte.

Eu nunca, em todos os anos que se passaram desde então, superei completamente o remorso que senti quando garoto ao matar meu primeiro pássaro.

Mas, como disse antes, eu sou por completo inconsistente; há uma tremenda satisfação em abater direito um faisão, voando alto e rápido,

---

173 Íbex - Capra ibex - Espécie de caprino europeu que habita as regiões montanhosas dos Alpes.

ou um tetraz<sup>174</sup> vindo em direção ao seu rosto, como também há em derrubar um gamo em corrida ou um animal perigoso.

Por outro lado matar um venerável grande elefante seria pra mim de uma impertinência tão grande quanto explodir parte da Torre de Londres; mas espreitá-lo com uma câmera seria uma situação completamente diferente – o melhor esporte possível.

### **Tocaiar Cervos Escoceses**

Disso eu pratiquei poucas vezes e sou pouco qualificado para comentar – mas fiz o suficiente para saber que não gostei tanto. Eu tenho tocaiado muitos tipos de cervos e animais de grande porte em outros climas, mas quando fui conduzido por um guia em uma charneca<sup>25</sup> na Escócia eu perdi o interesse. Na minha mente toda a diversão da tocaia está em avistar seu gamo e planejar e levar a cabo sua aproximação por conta próprio. Tudo que você quer é conseguir chegar a uma boa distância bem sucedidamente (especialmente se estiver próximo suficiente para usar uma câmera de longa distância). Por mim, outra pessoa pode dar o tiro.

Eu odeio ter meu rifle carregado por mim dentro de um estojo. Na minha primeira visita a uma colina eu postulei: “Suponha que encontremos um veado de repente”.

“Ah! A gente não vai fazer isso não”, e na próxima curva do caminho acontece exatamente isso. Que confusão foi tirar o rifle do estojo, carregá-lo e entregá-lo a mim, tempo em que o cervo já estava fora do campo de visão, bem acima no vale. Quando finalmente tocaíamos um quase a uma distância suficiente para o tiro ele farejou nossa presença e trotou para trás de um amontoado de árvores. Com o rifle em mãos eu corri atrás dele – o guia ficando para trás discordando, dizendo que aquela não a maneira! Eu estava evidentemente quebrando algumas regras de etiqueta da tocaia.

Com efeito, lá estava o cervo trotando a uns 145 metros (medidos por passos) e com minha sorte infernal um tiro certo acertou-lhe no pescoço e o derrubou, morto.

O guia estava cheio de comentários bajuladores, mas eu pensei o tempo inteiro que ele estava escondendo certo desgosto pelo meu comportamento. Mais tarde ele teria realmente razão para não gostar de mim.

---

174 Tetraz - Nome comum de um grupo de aves galiniformes do hemisfério norte da família Phasianidae.

Eu estava subindo uma colina com uma conhecida dama, exímia em tocaia. Ela insistiu em carregar seu rifle em mãos em caso de uma surpresa. De repente um veado apareceu a nossa frente e ela deu um tiro relâmpago enquanto ele fugia e precipitava-se pela vegetação densa na ravina. Não conseguíamos ver nada dele, mas um cão que nos acompanhava disparou para dentro e retornou logo em seguida dando o aviso que havia pegado o rastro subindo a vertente. Nós todos começamos a segui-lo, mas eu não estava satisfeito e ainda continuava procurando sinais no chão.

Quase imediatamente eu encontrei, uma gota ou duas de sangue, depois uma marca de casco que me levou vertente abaixo na direção oposta da caça. Eu havia seguido apenas uns cinqüenta a cem metros até que encontrei o cervo deitado jazendo morto. O cão estava seguindo a trilha por qual o cervo havia vindo.

### **Tocaia com uma Câmera Fotográfica**

A caça de animais de grande porte com uma Kodak<sup>175</sup> está tomando o lugar da caça armada, como forma reconhecida de esporte. Onde caçadores armados costumavam comparar seus conhecimentos sobre seus rifles eles agora o fazem sobre suas câmeras com o mesmo interesse. Implica uma tocaia ainda mais complicada e desafiadora como nunca.

Os troféus, especialmente se conquistados com uma máquina fotográfica, formam uma recordação muito mais excitante tanto para você quanto para seus amigos que chifres e peles mortas.

Está tendendo a transformar o caçador de grandes animais mais em um naturalista do que um açougueiro, e deixa a fauna intacta para nossos filhos caçarem também em sua vez, e aprenderem as lições de valor incalculável adquiridas na escola da selva.

### **Montanhismo**

Há ainda uma outra modalidade esportiva com que eu gostaria de ter recheado minha vida, e essa é a escalada.

Eu já brinquei bem livremente acima e abaixo nas altitudes do Himalaia, dos Andes e das Montanhas Rochosas<sup>176</sup>, mas apesar de

---

175 Kodak - Esta foi a primeira máquina fotográfica popular. Por este motivo se usava o nome da marca como sinônimo de máquina fotográfica.

176 Estas são, respectivamente, as maiores cadeias de montanhas da Ásia, América do Sul e Estados Unidos.

sempre admirar boquiaberto seus magníficos topos nevados, eu nunca desafiei aquelas alturas sublimes.

Há para mim algo sagrado sobre seu calmo isolamento bem acima do mundo onde seria presunção de um minúsculo homem deixar suas pegadas.

Montanhismo é atraente para mim não meramente pelo esporte de tocaiar íbex<sup>84</sup> ou de escalar só por escalar, mas porque há algo espiritual e edificante, tão bom para a alma quanto é exercício para o corpo.

Eu li algo recentemente:

“Uma pessoa se torna um tipo de “Yogi” nas montanhas, onde você pode apenas caminhar, dormir e pensar”.

“Eu não sei o que é; nove décimos das pessoas que vivem acima de 500 metros montanha acima são Budistas. É quase como se as montanhas os convencessem. Na quietude da noite você escuta suas vozes; você é atraído pela pensativa intensidade que está a sua volta. Então, como se um abismo de cuidados e preocupações imediatos lhe deixasse, o espírito se expande e círculos mais amplos de consciência se abrem”.

“Em cidades quentes em que os homens se amontoam, uma pessoa precisa ter algo em que se apoiar, um Salvador pessoal, uma lanterna em uma mão gentil e firme, vozes reconfortantes na escuridão”.

“Mas aqui você não procura – você sabe. O próprio eu desaparece. Há um propósito místico na natureza com que você se relaciona – remotamente, não individualmente”.

“Você pode sonhar separado, mas você é um só com todas as sementes de grama e pequenos seixos redondos, sem privilégios”.

### **A Escola da Selva**

Essas lições da vida selvagem são, para o Escotismo, indispensáveis, seja para os propósitos da paz, da exploração e similares, ou para propósito de guerra e para obtenção de informações militares.

Elas desenvolvem qualidades de observação e dedução, resistência, coragem, paciência, sabedoria, auto-suficiência, nervos, e um novo olhar para o campo, como nenhum outro treinamento faria.

Mas, lado a lado com essas lições, uma pessoa ganha também um conceito mais amplo da fraternidade entre os homens, onde as dificuldades e perigos são partilhados com dedicados, mesmo que

menos civilizados, nativos.

E daí por viver em continuo contato com a Natureza uma maior e mais completa admiração é desenvolvida por sua ordem e por seu criador.





*Capitão R. S. S. Baden-Powell, 13<sup>o</sup>. Hussardos*

## CAPÍTULO IV

### ESPIONAGEM E ESCOTISMO MILITAR

Chegamos agora ao mais interessante trabalho que existe entre os deveres de um Oficial do Exército, que baseou as atividades em ambas minhas vidas, na primeira, militar e na segunda, no escotismo.

Aliada ao escotismo está a espionagem.

Espionagem é conseguir informação militar secretamente em tempos de paz em preparação para eventualidades. Espiões são como fantasmas. As pessoas parecem ter uma vaga noção que essas coisas podem existir, mas ao mesmo tempo não acreditam totalmente nelas porque nunca as viram.

Mas espiões existem, em grandes números, não só na Inglaterra, mas em todas as partes da Europa. Um espião não é o sujeito raso e desprezível que o nome implica; ele é invariavelmente tanto esperto quanto corajoso.

O espião alemão, Carl Lody <sup>177</sup>, quando capturado e julgado pela Corte Marcial em Londres durante a Guerra, disse que “não se rebaixaria e pediria misericórdia. Ele não sentia vergonha de nada que havia feito; ele estava, por sua honra, impedido de dizer os nomes daqueles que o contrataram para aquela missão; ele não foi pago para cumpri-la, ele a fez pelo bem de seu país, e ele sabia sua vida dependia apenas de si mesmo ao fazer isso”.

Ele foi fuzilado como espião, mas mesmo em nosso Parlamento ele foi mencionado como “um patriota que havia morrido por sua pátria tanto quanto qualquer soldado que caiu no campo de batalha”.

ESCOTISMO MILITAR por outro lado é conseguir informação durante o decorrer de uma ação militar no campo.

### **Meu Começo no Escotismo Militar**

Eu não estava há muito tempo em meu Regimento após terminar a escola quando fui enviado ao Afeganistão, e enquanto acampava por lá uma repentina tempestade de vento e chuva derrubou metade de nossas barracas e fez uma grande lona voar em direção ao céu, e ela eventualmente caiu entre os cavalos presos a estacas em suas linhas. Os animais estavam naturalmente apavorados, rompendo suas cordas e fugindo amedrontados para todos os cantos.

No dia seguinte, quando chegou a luz do dia, o Regimento estava ocupado reunindo os cavalos novamente até faltar apenas um – o melhor cavalo do Regimento, A.44, cavalgado pelo Primeiro Sargento.

Havia uma excitação considerável sobre isso, especialmente porque o Coronel estava bem furioso com a perda.

Então eu comecei a buscar por conta própria, e encontrei os rastros do cavalo que segui por alguns quilômetros do campo até levarem as montanhas e, tirando meus olhos dos rastros e olhando para cima, eu avistei o fugitivo bem alto na linha do horizonte no topo de uma pequena montanha. Deixando meu cavalo ao pé eu escalei o penhasco e finalmente consegui trazer o A.44 em segurança de volta ao campo.

Esse breve episódio graças a seus resultados foi um grande passo para mim.

---

<sup>177</sup> Carl Lody ou Karl Lody (1878-1914). Espião alemão, capturado e executado durante a primeira guerra mundial. Foi a primeira pessoa após 150 anos a ser executado na Torre de Londres.

Enquanto estávamos estacionados em Baluchistão<sup>178</sup>, próximos a Quetta<sup>179</sup>, o General durante as práticas de manobras colocou uma linha de postos de observação e desafiou a cavalaria a conseguir informação do que estava acontecendo atrás da linha. Foi uma tarefa para a noite toda, uma noite bem escura e gelada por sinal.

Entre outros eu fui enviado para descobrir onde o inimigo se encontrava e se possível me infiltrar em suas linhas e reportar qualquer coisa que conseguisse descobrir.

Então novamente o paciente rastejar que pratiquei nos bosques da escola tornaram-se úteis, e devagar eu fui penetrando pelo caminho entre os postos de observação e finalmente descobri onde o apoio e as reservas deles estavam posicionados. Tendo conseguido chegar tão longe como fiz marquei a localização plantando um graveto no lugar com uma de minhas luvas em cima, e rastejei pelo caminho de volta a minha própria tropa.

No dia seguinte, na conclusão das operações, nós, oficiais, apresentamos nossas respectivas versões de nossos feitos ao General.

Eu expliquei onde estive e que o Oficial Comandante dos postos de observação havia dito a mim que havia certo toque de Ananias<sup>180</sup> no que eu dizia e que teria sido impossível para alguém chegar até onde eu dizia ter chegado.

Então eu lhes contei de minha luva, que foi então encontrada no local em que indiquei.

Da Índia o Regimento se moveu para a África do Sul, onde uma expedição estava sendo formada sob o comando de Sir Charles Warren<sup>181</sup> contra alguns aventureiros Bôers<sup>182</sup> que estavam tentando anexar parte do território ao norte da Colônia do Cabo em

---

178 Baluchistão - É uma grande região que se estende do sudeste do Iran ao sudoeste do Paquistão, passando pelo Afeganistão. Antigamente sofria forte influência britânica e a coroa inglesa possuía muitos destacamentos locais.

179 Quetta - Queta ou Kwatah é a maior cidade e capital da província do Baluquistão, no Paquistão. O nome deriva da palavra urdu "fortaleza".

180 Toque de Ananias - Ananias é um personagem bíblico relacionado a mentira. Assim o oficial estava dizendo que provavelmente B-P estaria mentindo. Hoje em dia diríamos que parece algo de Pinóquio, o famoso boneco mentiroso.

181 Sir Charles Warren (1840-1927) - General inglês, Sir Charles Warren foi oficial do Corpo Britânico de Engenheiros Reais e depois Chefe da Polícia Metropolitana de Londres.

182 Bôer - Descendente dos holandeses colonizadores da África do Sul.

Bechuanalândia<sup>183</sup>.

Nós fomos apressadamente enviados de Bombai<sup>184</sup> sem nossos cavalos, e em nossa chegada em Natal<sup>185</sup> recebemos cavalos reservas não domados que ainda estavam completamente selvagens. Aqui novamente tivemos fugas a noite, e um bom número de animais excitados escapou e não foram encontrados por uns dois dias.

O Coronel, caçoando de mim, me enviou para fazer meu jogo e encontrar os tais cavalos.

Então, beneficiando-me de minha experiência prévia apesar de não haver neve ou lama em que rastreá-los, com o terreno sendo gramado e montanhoso, eu subi nas colinas pra procurá-los nos picos.

A única coisa viva que consegui avistar depois de um dia de procura foi um rebanho de gado bem alto na vertente montanhosa. Eu dei uma olhada neles com meus binóculos, e por acaso notei que algumas das bestas tinham uma cor amarela bem peculiar. Então avistei mais um de cor amarela, e logo reconheci que esses eram cavalos que acabaram se juntando ao gado e estavam vestindo suas cobertas de lã que eram amarelas.

Então com grande alegria, subi e capturei os dois que avistei e os levei de volta ao campo.

### **Bestas de Aspecto Peculiar.**

Outro tapinha nas costas do Coronel.

Eu tinha sorte de ter uma ótima visão para longe que me capacitava a enxergar coisas a distancias que muitas outras pessoas precisariam usar seus binóculos. Meu coronel também tinha uma notável visão e gostava de anunciar coisas que outras pessoas não haviam visto. Um dia quando estávamos no Campo de Tiro o coronel de repente me disse com a voz mais áspera: “O que aquele homem está fazendo lá?”.

Eu sabia que ele ficaria furioso se eu perguntasse qual homem e onde, então olhei de soslaio para ver do que ele estava falando e por sorte avistei a cabeça de um homem sacudindo-se logo atrás do cume de uma colina próxima.

---

183 Bechuanalândia - A Bechuanalândia passou a ser conhecida como Botsuana após sua independência em 1966. Desde 1885 até a independência era um protetorado britânico.

184 Bombai ou Mumbai, cidade indiana, capital do estado de Maharashtra. Hoje é a maior cidade da Índia.

185 Natal - Província localizada na costa oriental sul-africana, hoje em dia chamada KwaZulu-Natal.

Percebendo a direção que ele estava tomando, que era no sentido de uma grande fazenda onde eu sabia que os sargentos obtinham seus vegetais para as refeições, eu arrisquei e disse: “É o Sargento Russel, senhor, o fornecedor de mantimentos para a refeição dos sargentos, saindo para comprar vegetais”.

Ele rosou “besteira” e mandou seu servente a galope abordar o homem distante e descobrir quem ele era.

O servente retornou com a informação: “Sargento Russel, senhor, indo comprar vegetais”.

O Coronel foi embora sem dizer uma palavra, mas brevemente depois ele me selecionou para uma importante missão de exploração que foi uma das mais interessantes que já tive.

### **Minha Primeira Missão de Espionagem**

Perdoe-me por citar esses contos sem grande importância sob um título tão importante quanto “espionagem”, mas servirá bem para mostrar como de pequenos começos grandes coisas podem surgir.

Pouco tempo depois do resgate dos cavalos desgarrados, o Coronel praticamente jogou uma bomba em minhas mãos quando mandou chamar-me uma manhã e disse que estaria formando uma coluna volante de tropas montadas e armas para estar pronta para cruzar o país para dentro do território Bôer, para o caso da expedição de Sir Charles Warren encontrar resistência em Bechuanalandia.

Como preliminar, ele gostaria de ter informações precisas sobre possíveis passagens pelas quais ele poderia mover-se sobre as montanhas de Drakensberg que formavam a fronteira entre Natal<sup>186</sup> e as Províncias Bôers do Estado Livre de Orange e do Transvaal<sup>187</sup>, e EU DEVERIA IR E CONSEGUIR ESSAS INFORMAÇÕES. Deveria ser feito em absoluto sigilo.

Havia duas passagens bem conhecidas cujas estradas chegavam ao Transvaal e ao Estado Livre de Orange respectivamente. Naturalmente essas estariam sob o controle de nossos adversários.

Existiram, nos tempos antigos, outras passagens pelas montanhas, mas haviam sido explodidas e destruídas de propósito por nossos engenheiros, para prevenir ataques a Natal pelos nativos de

---

186 Natal - Província localizada na costa oriental sul-africana, hoje em dia chamada KwaZulu-Natal.

187 Estado Livre de Orange e do Transvaal - Territórios na África do Sul formados por colonos de origem holandesa, os bôeres.

Basutolândia<sup>188</sup>.

Eu fui capaz de descobrir se alguma dessas poderia estar disponível em uma emergência.

Minha expedição durou um mês, envolvendo cavalgar mais de 900 quilômetros. Eu cavaleguei em um cavalo e guiei outro que carregou meus cobertores e provisões. Deixei crescer uma barba magra e devo ter ficado parecido com um ameaçador selvagem. De qualquer modo meu disfarce era evidentemente efetivo, já que por acaso encontrei o Major de meu Regimento em uma cidade pela qual estava passando, e que ele estava visitando em sua folga. Ele era um tipo resmungão.

Esquecendo um pouco minha aparência, cumprimentei-o com um costumeiro “Bom dia, Major”. Ele se virou e olhou para mim por um momento, e aparentemente pensando que eu era um vagabundo, atrás de dinheiro, rosnou rispidamente: “Vai embora”, e seguiu seu caminho, e eu segui o meu, contente por não ser reconhecido como um oficial britânico.

Eu geralmente me hospedava em fazendas próximas de onde estava quando a noite caía, e minha desculpa usual por estar vagando dessa maneira era ser um correspondente de jornais buscando informações, para recomendar o lugar para imigrantes, e assim conheci um bom número de Bôers, assim como ingleses, fazendeiros, e suas variadas opiniões sobre a situação entre as duas nacionalidades e sobre suas esperanças para o país.

Eu descobri que o mapa que estava usando como guia era muito impreciso, e, portanto, tomei a responsabilidade de adicionar um pouco de mapeamento a minhas atividades, e fiz um número de correções que seriam úteis de um ponto de vista militar.

Uma dessas, de qualquer forma, não foi levada em consideração pelas autoridades a quem meus relatórios foram enviados posteriormente, pois quando a Guerra dos Bôers<sup>189</sup> começou, e Redvers Buller<sup>190</sup> lutou

---

188 Basutolândia - Região sul-africana que fazia parte do Estado Livre de Orange, dominado pelos Bôeres. Posteriormente a região ficou sob domínio britânico até 1966 quando foi declarada a independência e passou a se chamar Lesoto.

189 Guerra dos Bôers - Houve na verdade duas guerras com este nome que opuseram os britânicos e os bôeres, colonos de origem holandesa que ocupavam territórios no nordeste da África do Sul, Transvaal e Orange. A Primeira Guerra dos Bôeres aconteceu entre 16 e dezembro de 1880 e 23 de março de 1881. A Segunda Guerra dos Bôeres durou de 1899 a 1902 e foi vencida pelos britânicos.

Nesta segunda guerra, Baden-Powell se tornou conhecido por defender Mafeking, na época importante entroncamento ferroviário, por vários meses, contra forças bôeres numericamente bastante superiores.

190 Redvers Buller (1839-1908) - General inglês. Redvers Buller participou da Guerra

na batalha de Colenso<sup>191</sup>, ele pensava que certa montanha estava do outro lado do rio Tugela<sup>192</sup>, e o velho mapa mostrava isso, enquanto eu encontrei essa montanha na margem mais próxima.

Aparentemente, esse erro não havia sido corrigido no mapa governamental, apesar de minhas indicações.

Também, eu havia expressado em meu relatório que, caso nossa coluna de Natal precisasse se retirar em seus esforços para avançar para o norte, ela deveria seguir para o sul do Tugela, e não tentar fazer sua resistência no município de Ladysmith<sup>193</sup>.

Se esta idéia tivesse levada a Guerra dos Bôers, sinto que a divisão de Sir George White<sup>194</sup> não teria sido retida pelos Bôers como foi por mais de quatro meses.

É frequentemente argumentado que os Zulus<sup>195</sup> podem fazer marchas mais longas que o soldado britânico comum. É lógico que esse último é prejudicado por carregar pesadas roupas e equipamentos, mas mesmo sem esses, e sem treinamento, duvido que ele consiga se manter em uma boa caminhada com qualquer Zulu.

Em certo dia de minha jornada, eu saí de Greytown<sup>196</sup> ao mesmo tempo em que um robusto jovem Zulu e sua noiva. Eu comecei com um meio galope como de costume, e então parei depois de uma hora ou mais, para desmontar, deixar os cavalos pastarem, e fazer minha própria refeição. Não muito depois, o par Zulu veio andando rapidamente e passou a minha frente. Mais tarde ultrapassei-os de novo alegremente seguindo juntos, e em outra vez que parei, eles me deixaram para trás.

Isso aconteceu ao longo de todo o dia, e quando eventualmente

---

contra os Xhosa e os Zulus na África do Sul.

191 Batalha de Colenso - Batalha ocorrida na região de Natal, ao leste da África do Sul, na região de Ladysmith.

192 Tugela - Rio localizado na província sul-africana de KwaZulu - Natal. No passado era o limite entre a então colônia de Natal e o reino independente dos Zulus.

193 Ladysmith - Cidade sul-africana na região de Natal, hoje Kwa-Zulu Natal.

194 Sir George White (1835-1912) - Inglês, Marechal de Campo Sir George Stuart White foi oficial britânico condecorado com a Victoria Cross, a mais prestigiosa distinção pela coragem na luta contra os inimigos a ser concedida pelas forças britânicas. Serviu na Índia e Afeganistão.

195 Zulus - Povo sul-africano que vive nos territórios hoje correspondentes à África do Sul, Moçambique, Zimbábue, Lesoto e Suazilândia. Foi uma nação guerreira que por muitos anos se opôs ao domínio britânico na região.

196 Greytown - Cidade situada as margens do rio Umvoti, na região sul-africana de KwaZulu-Natal. A cidade foi fundada em 1850 e seu nome advém do Governador da Colônia do Cabo Sir George Edward Grey. Aí está enterrada Sare Mares, da famosa música tradicional sul-africana e adotada pelos Escoteiros de todo o mundo.

cheguei ao meu destino 65 quilômetros depois, lá estavam eles, bem animados, e provavelmente capazes de continuar no dia seguinte no mesmo ritmo.

Conheci muitas pessoas interessantes no decorrer de minha jornada, entre colonos e entre a polícia, muitos dos quais eram membros de famílias bem conhecidas.

Um dono de loja, onde repousei certa noite, mostrou para mim um pequeno incêndio na mata a distância no campo, e disse que o fazia lembrar das luzes de Ryde<sup>197</sup> na ilha de Wight. Ele provou-se um ávido iatista, que a cada dois anos, mais ou menos, ia a Inglaterra com os fundos que acumulava com a loja, e gastava tudo para alugar um iate pela temporada, e se divertir navegando pelo Solent<sup>198</sup>.

Ele havia se casado com uma mulher nativa muito competente, que cuidava da casa para ele, e controlava a loja em sua ausência quando viajava para o porto de Cowes<sup>199</sup>.

Descobri ter chegado em um dia infeliz, pois havia um funeral na família. Ele disse que seu pequeno filho havia falecido na noite anterior, e ele o havia enterrado naquele dia. Não havendo nenhum caixão regular, ele disse tê-lo enterrado em uma caixa de empacotar vinhos, rotulada Heidsiech Dry Monopole, que ele considerava bem apropriado, já que o nome do filho era Baco.

### **Espionagem em Países Estrangeiros**

Minha primeira tentativa em espionagem foi tão interessante que repeti a experiência o mais rápido que pude conseguir uma oportunidade. O desejo crescia em mim tão forte quanto o desejo por bebida cresce em algumas pessoas, então, quando aquartelado na Inglaterra, eu agarrei todas as oportunidades de viajar para o exterior e aprender o máximo possível sobre exércitos estrangeiros e suas maneiras.

Eu assistia a manobras sempre que possível, como qualquer outro turista conhecendo o lugar, até que finalmente fui encarregado de fazer esse mesmo trabalho.

Então eu visitei o estreito de Dardanelos<sup>200</sup> em um navio mercante

197 Ryde - Cidade britânica localizada na costa nordestina da Ilha de Wight, sendo a segunda maior da ilha.

198 Solent - Estreito que separa a Ilha de Wight da Grã-Bretanha.

199 Porto de Cowes - Porto na Ilha de Wight, ao sul do Porto de Southampton.

200 Dardanelos - Antigamente conhecido como Helesponto, é o estreito localizado no noroeste da Turquia que liga o Mar Egeu ao Mar de Mármara e separa Europa da Ásia.

sem rota fixa, carregando grãos de Odessa<sup>201</sup>, um navio bastante confortável com um encantador velho capitão escocês e sua ainda mais encantadora esposa que era uma excelente cozinheira e uma anfitriã maternal.

O capitão colaborou completamente com meu plano e sempre que aportávamos em frente a algum forte em que eu tinha algum interesse especial ele ancorava, e descia um barco para eu poder ir “pescar”.

Várias vezes ele foi visitado por barcos-patrolha dos fortes, dizendo-lhe pra se afastar do local. Ele atraía a atenção deles para barulhos de marteladas acontecendo nas profundezas do navio, dizendo-lhes que os motores haviam quebrado, e assim que estivessem prontos novamente seguiria seu caminho de bom grado; em meio tempo poderiam eles aconselhar seu sobrinho no pequeno barco ali sobre qual tipo de isca usar para a pesca na região; seu “sobrinho” enquanto isso estava pescando em outro sentido da palavra, isso é tomando nota dos ângulos das diferentes frestas e facetas do forte.

Alguns desses fortes tinham a reputação de estarem armados com um novíssimo tipo de arma sobre o qual havia muitas questões. Eu fui capaz de chegar a origem disso por uma amiga minha, uma dama que vivia em Constantinopla<sup>202</sup> e estava em termos amigáveis com o Comandante Turco de um dos mais importantes instrumentos de defesa.

Ela o persuadiu a convidá-la para tomar chá em seus aposentos, e de levar-me com ela.

Passeando pelo forte depois do chá eu prestei atenção a uns misteriosos armamentos cobertos por lonas, e ele, risonho, explicou enquanto levantava um canto da cobertura: “Essas são as mesmas velhas armas que estiveram por aqui por anos, mas achamos recomendável, em vista de alguns movimentos de certo poder vizinho, faze-los supor que estamos rearmados com algo novo e formidável”.

---

201 Odessa - Cidade costeira ucraniana, situada às margens do Mar Negro. É uma das maiores cidades do país.

202 Constantinopla - Conhecida desde 1930 como Istambul e no passado como Bizâncio. Foi a capital do Império Romano do Oriente, conhecido também como Império Bizantino. O nome Constantinopla faz referência ao imperador romano Constantino I que tornou esta cidade a capital do Império Romano no ano 330.



*As mesmas velhas armas.*

Como recordei em meu livro, “*As Aventuras de um Espião*”<sup>203</sup>, eu posei de artista em outra ocasião, quando estava reunindo informações relativas à qualidade de tropas montanhesas em uma difícil fronteira.

Eu havia conhecido um desses soldados, que em conversas contou-me que a tropa a que ele havia pertencido, composta por infantaria e artilharia, estava em grandes altitudes na área nevada da montanha realizando manobras contra uma força similar atuando de outro vale, e me indicou grosso modo onde a sua tropa estava acampada – próximo a um alto pico chamado de “O Dente do Lobo”.

Ele acidentalmente deixou escapar que as manobras estavam sendo mantidas em segredo e que os caminhos que levassem àquela direção estavam sendo vigiados pela polícia militar.

Depois de escurecer naquela noite eu deixei minha pensão – discretamente – e descobrindo meu caminho escalando por cachoeiras secas, longe das estradas das mulas, simplesmente me guiando pelo Dente do Lobo cuja silhueta eu conseguia avistar contra as estrelas.

Foi uma difícil e árdua subida, e levou praticamente a noite toda, mas cheguei lá antes do amanhecer, e logo quando chegou ao topo vi

<sup>203</sup> My Adventures as a Spy - Minhas Aventuras como Espião - Livro de Baden-Powell, publicado em 1915 ainda não traduzido para português

uma das mais estonteantes visões da minha vida – o nascer do sol em uma grande montanha nevada.

Aqui eu de fato pus em prática minha pretensão de estar procurando inspiração para desenhar e fiz uma rápida aquarela do cenário, e fui pouco depois surpreendido por uma invasão de Oficiais dirigindo as manobras táticas.

Reconhecendo em mim um artista inofensivo eles se tornaram bastante amigáveis, e me mostraram seus mapas e me explicaram seus procedimentos, e passei um dia cheio de interesse em assistir as engenhosas soluções que eles usavam para vencer as dificuldades de subir montanhas com suas armas e mulas, e de vencer geleiras e a neve com os homens amarrados uns aos outros.

Foi minha habilidade em desenho que me salvou de ficar sob suspeita ou pior.

Eu tive momentos bem excitantes ao esquivar-me de guardas armados em um novo estaleiro naval onde eu não tinha muitas razões para estar.

Esse também, com um mapa da perseguição, eu descrevi em minhas *“Aventuras de um Espião”*.

#### **Mapa do Estaleiro.**

Eu havia passado escondido pelo portão do estaleiro junto a um vagão que me deu cobertura para não ser visto pelo guarda Nº. 1; mas quando o vagão, mais adiante, convergiu à direita próximo ao Nº. 2, Nº. 1 me viu e me chamou aos brados. Não dei atenção e continuei andando até a Casa de Força, então ainda em construção. Uma vez fora de vista eu justamente disparei, e fazendo a curva ao fim subi uma escada que levava aos andaimes.

Eu havia subido metade do caminho quando da esquina vinha um dos policiais. Congelei de uma vez, sem me mover. Estava a uns cinco metros acima do nível do mar e não mais que a dezoito metros dele. Como aprendi com os mestres de Charterhouse<sup>27</sup>, a não ser que pensem nisso homens raramente olham para cima, e sem mesmo respirar tive esperanças que esse companheiro seguisse esse padrão.

Ele se manteve de pé indeciso com as pernas separadas, se curvando e olhando para todos os lados e direções, ansioso e sagaz, para ver para onde eu havia ido.

Eu estava igualmente ansioso, mas imóvel.

Pouco tempo depois ele se aproximou mais da escada e,

estranhamente, eu me senti mais seguro quando ele ficou sob mim, e passou quase exatamente debaixo de mim ao olhar pelas portas do edifício inacabado.

No mesmo momento em que ele desapareceu, terminei o resto de minha corrida escada acima e cheguei a plataforma do andaime em segurança, rapidamente procurando por outra escada como rota de fuga. Pois é sempre bom ter uma saída de emergência quando você está explorando.

Encontrei uma escada curta, mas ela só levava a plataforma abaixo, e não diretamente ao chão. Espiando em silêncio vi meu amigo policial logo abaixo, ainda em culpa por seu erro, então eu me sentei para tomar nota dos arredores e adquirir toda a informação que pudesse desse local de observação que era particularmente bom.

Percebi que eu estava nova Central Elétrica, de onde eu tinha uma excelente visão sobre o estaleiro, e dentre 30 metros estava a escavação para a nova doca, cujas dimensões eu podia facilmente estimar.

Com minha bússola prismática tomei a direção de alguns pontos ressaltados nas colinas vizinhas, e então fixei a posição da Casa de Força, para que pudesse então ser registrada em um mapa de larga escala para propósitos de bombardeá-la se necessário.

Através de uma rachadura entre duas tábuas eu observava meu perseguidor e seu companheiro em confabulação. Logo depois eles analisaram um galpão de bens próximo, um entrando enquanto o outro aguardava para me agarrar se eu saísse, mas ele se manteve acidentalmente próximo ao pé de minha escada.

Enquanto eles estavam então ocupados eles estavam deixando o portão principal da área cercada desprotegido e vi que era a hora de eu fugir se pudesse.

Então silenciosamente me movi pelo andaime, até atingir a escada curta, desci ao andar inferior, e então rapidamente escorreguei por uma das traves do andaime e aterrissei justo fora do campo de visão do policial vigiando a escada, e, mantendo a borda do edifício entre nós, escapei pelo portão sem ser visto.

Eu fui, devido ao descuido de excesso de autoconfiança, realmente capturado em uma ocasião. Foi em meu início de carreira – na Rússia.

Eu havia passado uma semana assistindo a manobras noturnas que envolviam interessantes experimentos com holofotes, e tendo

conhecido esses e seu funcionamento por de fato entrar no forte de onde iluminavam.

Era a última noite de manobras quando o próprio Tsar<sup>204</sup> estaria presente.

Eu já havia reunido toda a informação que queria, mas como essa prometia ser uma apresentação extraordinariamente especial, saí para ver um pouco dela.

Meu irmão estava trabalhando comigo nessa ocasião e ele concordou em seguir as tropas que iriam atacar o forte enquanto eu iria observar a defesa. Ao entrar no local descobri que essa ocasião especial havia atraído um número extra tão grande de oficiais e policiais que pensei ser mais sábio ir embora - o que fiz.

Quando caminhei de volta junta a estrada no escuro vi as luzes de um número de carruagens do cortejo do Tsar dirigindo ao forte.

Quando a primeira carruagem passou por mim eu fiz algo estúpido; curvei minha cabeça em saudação para evitar ser reconhecido.

Esse deixou os ocupantes da carruagem suspeitos. Eles eram oficiais.

Eles pararam a carruagem, imediatamente me agarraram e me empurram para dentro seguiram sem palavra alguma para checar o progresso dos demais.

Então eles me questionaram sobre quem eu era e porque estava ali, e finalmente me entregaram quando chegamos ao forte a alguns oficiais na guarnição.

Eu lhes disse honestamente que era um inglês, que estive assistindo às manobras como espectador e havia perdido meu caminho para a estação, e que ficaria satisfeito se eles me instruissem quanto a como chegar lá.

Eles fizeram isso me enviando de volta sob a responsabilidade de um oficial para ser entregue a polícia e removido da capital.

Ao chegar ali eu fui colocado em uma prisão aberta, isso é, com permissão de viver em um hotel, mas sem permissão para deixar a cidade. Tornei-me amigo então de um oficial alemão, que estava atuando como um garçom no hotel por suas razões próprias, e ele gentilmente me disse qual dos freqüentadores do hotel era o detetive especialmente enviado para vigiar-me.

---

204 Tsar ou Czar, título do imperador da Rússia. Vem do latim Caesar, por empréstimo do cognome do imperador romano Júlio César.

Eu recebi avisos de que eu deveria fugir sem demora, já que as acusações contra mim significariam cinco anos de prisão sem julgamento, e um acordo havia sido feito com um Capitão de um navio Inglês, zarpando de um porto vizinho, para levar meu irmão e eu como membros da tripulação.

Eu esquivei-me da atenção de meu vigilante detetive, e nós fizemos nosso caminho de fuga desviando para que qualquer perseguidor não conseguisse seguir nosso rastro, sendo bem sucedidos em subir a bordo.

Eu agora não tenho mais nada a acrescentar sobre espionagem, porque parece que eu fui finalmente capturado e morto como espião durante a Grande Guerra.

O seguinte é um completo relato de minha morte como detalhado pela imprensa americana.

A primeira referência ao fato foi o seguinte telegrama:

*“Os jornais de domingo relatam que Baden-Powell foi fuzilado na Torre de Londres como espião alemão quando retornava da Alemanha. Foi capturado com mapas de fortificações que estava tentando destinar ao inimigo. Sr. Walterbury, retornando de Pittsburgh. Um oficial inglês que esteve presente no julgamento e viu o momento da execução.”*

O relato da imprensa sobre o infeliz episódio é o que se segue:

“BADEN-POWELL EXECUTADO COMO ESPIÃO”.

15 de Janeiro, 1916. Pittsburgh, Pa.

“Fuzilado por soldados ingleses em seu retorno a Inglaterra como espião alemão”.

“Isso foi o que aconteceu ao major-general Robertson Stephenson Smyth Baden-Powell, herói da defesa de Mafeking na Guerra dos Bôers, e idealizador dos Escoteiros, quando retornava a Londres e foi capturado com a posse de documentos, mostrando mapas das fortificações da Grã-Bretanha que dizem estarem sendo vendidos ao inimigo da Inglaterra. – Essa afirmação é feita por um

homem que diz ser Britânico e que a execução foi testemunhada por seu irmão”.

“Minha história é a verdade’, ele declarou essa noite. ‘Eu não posso lhe dizer mais nada. Meu irmão viu a execução com seus próprios olhos. Meu irmão explicou que Baden-Powell marchou para o local da execução sem um tremor, e, quando a venda estava sendo posta sobre seus olhos, disse apenas essas palavras: “Que Deus tenha piedade”. Se os relatos forem verdade, e tenho certeza que meu irmão é digno de confiança, a Inglaterra acabou de colocar em seu sono final um dos mais valentes soldados que já conduziram seus batalhões em terras estrangeiras”.

Realmente até valeu a pena ser executado para ganhar um epitáfio tão doce quanto esse.

A propósito dessa ligeira confusão de minha nacionalidade o caso está em pé de igualdade com o caso em que uma efígie minha foi queimada por mulheres das indústrias de uma cidade escocesa na noite da libertação de Mafeking. Apenas um desconcertante pequeno caso de identidade trocada entre o Presidente Kruger<sup>205</sup> e mim.

Eu encontrei, entretanto, recentemente uma possível explicação disso pelo General Smuts<sup>206</sup>, que me disse que depois da Guerra dos Bôers<sup>12</sup> um velho interiorano em Rustenburg<sup>207</sup> lhe disse estar um pouco confuso em sua mente sobre a relação entre “Oom Pole” (Tio Paul em africâner) e aquele chamado “Baden Pole”.

Por acaso eu não estive na Alemanha durante a guerra apesar de boas autoridades terem me assegurado que estive lá.

Um oficial naval, por exemplo, me disse recentemente que havia me escoltado de volta para casa quando vim da Noruega. Ele sabia o nome do navio em que eu havia navegado (um que eu nunca tinha ouvido falar pessoalmente) e que um barco patrulha tomava cuidados

---

205 Paul Kruger (1825-1904) Bôer sul-africano, Stephanus Johannes Paul Kruger foi presidente da República de Transvaal e líder da resistência bôer contra o domínio britânico na África do Sul.

206 General Smuts (1870-1950) - Sul Africano, Marechal de Campo Jan Christiaan Smuts foi estadista e filósofo, além de primeiro ministro sul africano. Assumiu funções de comando na Guerra dos Bôeres, na Primeira e Segunda Guerras Mundiais.

207 Rustenburg - Pequena cidade sul africana, aos pés das montanhas Magaliesberg.

especiais para prevenir minha captura ou ataques por torpedos durante a rota.

As autoridades alemãs também souberam que estive na Alemanha e expediram algumas ordens especiais para minha captura.

Acredito que a fonte para esses rumores pode ter sido provavelmente o nosso quartel-general, onde era útil às vezes começar um boato para ver se e até onde informações confidenciais vazavam.

Espiões não são utilizados apenas em tempos de paz, mas em períodos de guerra também. Durante a Grande Guerra<sup>208</sup> todas as frentes estavam repletas deles dos dois lados.

Eu tenho uma interessante relíquia pendurada em minha parede na forma de um quadro de avisos em que estava escrita em três línguas, francês, inglês e flamengo, a história de seu dono, um aleijado.

“Bondosos amigos... Eu entrei na água gelada como gelo para resgatar uma criança de afogar-se, e não tenho mais o uso de minhas pernas. Ajude-me...”

Ele se sentava em um pequeno carrinho de mão em Ypres<sup>209</sup> durante a guerra e as pessoas por piedade costumavam atirar-lhe alguns francos ocasionalmente. Um dia uma dessas notas voou com o vento e um soldado da Infantaria Leve de Durham<sup>210</sup> a pegou e ao devolvê-la percebeu que não era uma nota de dinheiro, mas sim uma carta escrita em alemão.

Isso ele relatou, e descobriu-se que o homem não era nenhum aleijado, mas sim um agente bastante ativo ou “caixa de correios” para espiões alemães na vizinhança, cujos relatórios ele costumava coletar dessa maneira sob o pretexto de serem notas de dinheiro, e transmiti-las depois de anoitecer as linhas alemãs.

Ele foi julgado e executado; e eu guardei sua plaqueta como memorial de um bravo homem.

Grande parte de seu sucesso como espião vem naturalmente do disfarce adotado.

Isso não significa a mera maquiagem teatral, mas a habilidade de assumir um personagem completamente diferente de si próprio e

---

208 Grande Guerra - Assim era chamada a Primeira Guerra Mundial antes de 1939. Iniciou-se em 1914 e foi encerrada em 1918.

209 Ypres ou Ieper - Cidade belga, localizada na província flamenga de Flanders Ocidental. Durante a primeira guerra mundial foi palco de batalhas intensas entre os alemães e as forças aliadas.

210 Durham - Nome de um condado inglês e uma cidade neste mesmo condado.

também a repressão de quaisquer pequenos maneirismos que você possa ter, ou a adoção de um em especial para a ocasião.

Isso pode ser certo jeito de andar mancando, o hábito de fungar, uma voz desagradável, etc.

Um ponto muito importante da sua maquiagem é alterar sua aparência ao ser vista por trás.

Eu estive uma vez sob a vigilância de um detetive que trocava sua aparência todos os dias; um dia ele era um homem com aparência de soldado; no outro um inválido com um curativo sobre seu olho; e daí adiante; mas eu o reconhecia como o mesmo homem quando o via de costas e o via andar.

Certas vezes pode ser necessário fazer uma rápida mudança de aparência como tive que fazer mais de uma vez.

Você sabe como, ao dirigir-se a um homem, você nota sua gravata mais que qualquer coisa – e provavelmente seu chapéu.

Fui entrevistado um dia por um jornalista em uma estação de trem. Poucos minutos depois me encontrei próximo ao entrevistador na multidão, onde ele estava recontando o incidente a um irmão jornalista que também estava ansioso por me encontrar – e eu não estava ansioso por ser encontrado.

“Ele está lá em baixo em um dos últimos vagões do trem. Você o reconhecerá logo de cara. Ele está vestindo um chapéu verde, uma gravata vermelha, e um terno de sarja azul”.

Felizmente eu tinha um sobretudo cinza em meu braço, em cujo bolso estavam meu chapéu de viagem e um cachecol. Mergulhando na sala de espera eu efetuei uma rápida troca para esses, comprimi meu chapéu dentro do bolso e cambaleei de volta, com um arrastar de pés de inválidos, bem diante do nariz do repórter em espera, ao meu vagão.



*Rápida mudança de chapéu, casaco, gravata e barras da calça.*

### **Escotismo Militar**

O escotismo militar difere da espionagem por ser uma forma de adquirir informações sobre um inimigo ou sobre seu país durante o decorrer normal de uma prática militar.

A definição de um scout foi dada há muito tempo atrás em 1560 d.C. por Maquiavel<sup>211</sup> em seu livro “A Arte da Guerra”.

“Não creio que, para afastar o perigo, a noite, no acampamento, eles fiquem fora da trincheira, pois atualmente usam homens a quem chamam de ‘scouts’. Toda vigilância esteve dentro da trincheira. Tinham receio que, com homens colocados na frente, o exército que se mantinha dentro pudesse ser enganado ao vê-los entrar, ou que pudessem ser oprimidos ou corrompidos pelo inimigo.”

Isso significa que escoteiros estavam sendo usados no lugar de postos avançados. É dito: “Raramente há batalhas na história que não foram vencidas ou perdidas em proporção ao valor do reconhecimento e coleta de informações prévias”.

Apesar de tamanha importância do escotismo de exploração não havia, quando me alistei, nenhum treinamento específico nessa ciência essencial. Ensinavam-nos, é verdade, a desenhar mapas e fazer relatórios, mas não nos ensinavam sobre como adquirir as informações para fazê-los em território inimigo, nem sobre como realizar o mais importante trabalho de conseguir informações sobre o próprio inimigo.

---

211 Maquiavel (1469-1527) - Italiano, Nicolau Maquiavel foi historiador, poeta, diplomata e músico do período do Renascimento. Considerado o fundador da ciência política.

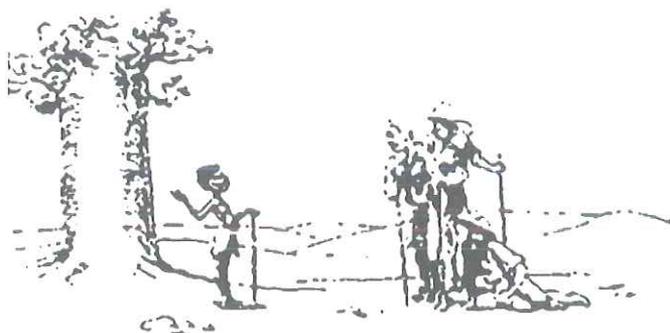
Eu já vi o oficial britânico padrão daqueles dias ser descrito como “tão ignorante em escotismo quanto um chimpanzé é em relação à patinação”.

Pessoalmente fui puxado para o “scouting”, como indiquei, pelo meu Coronel mandando-me recolher informações porque eu tinha aparentemente adquirido o hábito de notar pequenos sinais e ler significados neles: em outras palavras, Observação e Dedução.

Graças a isso eu tive acesso a algumas das experiências mais estimulantes que qualquer soldado pode desejar ter em um tipo de trabalho de detetive glorificado.

O seguinte não é uma fábula, mas sim o que de fato aconteceu há não muito tempo atrás. Um grupo de sábios e exploradores estava realizando uma expedição científica pelo interior da Austrália, que por pouco não chegou a um trágico fim na grande terra seca em que eles se encontravam.

O fato de eles conseguirem sair vivos foi devido aos poderes de observação e dedução e ingenuidade da parte de uma pequena garota nativa de quatorze anos que eles conheceram. Semimortos de sede eles estavam vasculhando a planície por uma gota da água quando a garota notou umas formigas subindo pelo caule de uma árvore e entrando por um pequeno buraco na casca. Logo ela inferiu que elas estavam entrando ali por um razão, e, passando um galho pelo buraco, ele descobriu haver água no tronco oco da árvore. Ela então retirou alguns galhos verdes do tronco para que eles formassem uma sucessão de pequenos tubos, encaixando uns aos outros, e, ao passar o final do tubo pelo buraco no tronco, ela providenciou um instrumento pelo que cada um do grupo poderia sugar uma suficiente quantidade de água.



*Sábios na natureza selvagem - uma criança irá guiá-los.*

Não foi o conhecimento de grego ou de complexa matemática que o grupo eminente possuía que os salvou, mas sim o conhecimento natural de alguém que havia sido criado com um pouco dos essenciais da vida.

Como esses sábios eu também aprendi uma lição em observação e dedução por um nativo.

Isso ocorreu comigo quando em reconhecimento do inimigo em Matabelelândia<sup>212</sup> muitos anos atrás.

Uma manhã, bem cedo, meu rastreador Zulu e eu estávamos cavalgando por uma planície gramada aberta quando encontramos algumas pegadas de várias mulheres seguindo em direção a umas colinas alguns quilômetros à distância, onde acreditávamos ser o esconderijo do inimigo.

Uma folha de Mahobahoba<sup>213</sup> jazia a uns dez metros fora da trilha. Não havia árvores por perto, mas sabíamos que algumas desse tipo existiam em uma vila vinte e quatro quilômetros distante na direção indicada pelas marcas.

O “sinal” apontava para essas mulheres vindo dessa vila, carregando a folha consigo, seguiram em direção as colinas.

A folha estava úmida e tinha o cheiro de cerveja nativa e inferimos que elas estavam carregando potes de cerveja nativa em suas cabeças, as bocas desses potes sendo geralmente tampadas com montes de folhas.

A folha havia caído e sido soprada para dez metros fora da trilha. Mas nenhum vento havia soprado desde cinco da manhã e eram agora sete.

Portanto lemos as notícias de que um grupo de mulheres esteve transportando cerveja durante a noite da vila para o inimigo nas colinas, aonde elas provavelmente chegaram às seis horas. Os homens provavelmente começaram a beber na mesma hora (já que a cerveja estraga se guardada por muito tempo), e que eles estariam, pelo tempo que levaríamos pra chegar lá, ficando sonolentos por causa dela; então deveríamos ter uma oportunidade favorável para fazer um reconhecimento de sua posição.

Agimos de acordo com a informação, com completo sucesso.

---

212 Matabelelandia - Região entre os rios Limpopo e Zambezi, ao oeste do que hoje é o país africano Zimbábue. O nome vem dos seus antigos moradores, o povo Ndebele.

213 Mahobahoba - Espécie de árvore africana da família do Baobá.



*Folhas ao vento de um pote de cerveja.*

Não parece certo, de alguma forma, que essa ciência da observação e dedução, que forma uma qualidade tão valiosa na personalidade de um homem, não esteja ainda incluída no currículo escolar – exceto nas escolas em que é adotado o Método Escoteiro.

Para início de conversa, ela tem um enorme valor educacional para garotos ou garotas, de acordo com uma autoridade que diz:

“OBSERVAÇÃO desenvolve um grau excepcional de prontidão e eficácia dos sentidos; pela prática continua a visão fica aguçada e fortalecida; também o ficam a audição e o sentido do olfato e do tato”.

“DEDUÇÃO promove de maneira ainda mais eficaz a prontidão da mente pelo desenvolvimento do poder da razão, imaginação, paciência, senso comum e memória”.

“É uma ciência que tem o benefício adicional de ser interessante e cheia de atrativos para os jovens, de forma que quando este for introduzida a ela, administrará sozinho seu estudo com crescente avidez e vai praticá-la por si próprio”.

E por acaso também assim acontece para alguns mais velhos.

O valor prático dessa educação em fornecer uma nova qualidade a personalidade do homem é incalculável, não importa qual linha de vida ele venha a escolher. Decidindo-se por direito ou medicina,

exploração ou pesquisa, negócio ou militarismo, policial ou caçador, seja o que for, suas utilidades apareceram todos os dias.

É essencial para ele que deseja ganhar conhecimento sobre os fatos materiais ou que deseja ler o caráter ou entrar simpaticamente dentro dos sentimentos de outros homens; que deseja aproveitar os pequenos prazeres que a Natureza oferece ao olhar perspicaz; e que deseja realmente fazer completo uso dos talentos que Deus ofereceu a ele.

Em outro momento, durante o cerco de Mafeking<sup>214</sup>, tivemos uma quinzena de contato próximo entre nós e as trincheiras Bôers, a sessenta e dois metros de distância. Nós, finalmente, fizemos um esforço, determinados a penetrar na trincheira de comunicação deles, que ligava seus postos avançados direto à sua base.

No meio de nossa empreitada, por volta das três da madrugada, ouvimos os Bôers<sup>6</sup> fazendo um barulho considerável, clamando uns aos outros para se retirar, e podíamos ouvi-los seguir seu caminho pela trincheira de comunicação, evidentemente esvaziando sua linha de frente.

Meus homens estavam loucos de contentamento e ávidos por avançar e tomar posse, mas os impedi.

Observação. Porque estaria o inimigo indo embora com tanto barulho, se poderíamos esperar que eles se retirassem silenciosamente?

Dedução. Havia alguma coisa suspeita e cautela era necessária.

Então mandamos a frente dois scouts de confiança para descobrir o que estava acontecendo. Eles entraram na trincheira de comunicação e foram tateando seu caminho por ela em direção aos postos principais evacuados, quando descobriram que as paredes da trincheira estavam úmidas ao toque, e logo em seguida descobriram que um fio corria pela parede da trincheira, recentemente coberto com lama, evidenciando uma tentativa de escondê-lo.

Cortamos o fio, e então o seguimos até a trincheira principal, onde ele levava a uma lindamente organizada mina de 90 quilos de nitroglicerina, que poderia ter nos explodido aos céus se tivéssemos entrado em grupo.

Não contente em descobrir apenas isso nós pegamos a ponta final

---

214 Cerco de Mafeking - Mafeking ou Mafikeng "lugar de pedras" era um entroncamento ferroviário defendido por Baden-Powell, entre outubro de 1899 e maio de 1900 contra forças bôeres numericamente superiores. A partir da resistência em Mafeking Baden-Powell se tornou reconhecido e foi nomeado o mais novo (em idade) general do Império Britânico.

do fio e puxamos uns bons noventa metros de bom fio de cobre com o qual conseguimos então preparar minas, usando nitroglicerina em pequenas proporções.

Nossos homens deram três vivas a Rainha, quando nossos amigos do outro lado estavam tentando disparar sua mina e amaldiçoando sua sorte pela ação retardada do explosivo.

### **Rastreando**

De tudo que vim dizendo sobre Observação você provavelmente pode prever que a arte de rastrear é de completa importância para o escotismo militar.

É dito que scouting sem rastreamento é como pão com manteiga, sem o pão. Com um scouting, rastreamento se torna hábito; subconscientemente ele procura e lê sinais todo o tempo mesmo quando engajado em outras coisas.

Um scouting está liderando uma coluna por uma trilha, para talvez surpreender um kraal<sup>215</sup> a uns 25 quilômetros de distância. Longe, na grama a esquerda do caminho, ele nota a marca recortada no chão de um dedão do pé e pouco a direita a de um calcanhar, recentemente feitos (grama ainda dobrada) por um homem correndo (marcas mais expressivas dos dedos do pé a intervalos longos), seguindo em diagonal na mesma direção da coluna, e indo secretamente (pulando o caminho para evitar deixar pistas).

Esse scout pára e diz não adiantar mais seguir em frente – eles tem notícias de nossa chegada.

Incidentes como esse acontecem quase em todos os minutos no dia de um escoteiro militar bem treinado.

Escotismo militar é uma arte que você pode continuar praticando para sempre, e apesar de continuar melhorando um homem branco raramente atinge o ápice atingido por alguns rastreadores nativos, como aqueles do Sudão ou os Bosquímanos<sup>216</sup> na África do Sul, os Gondas<sup>217</sup> da Índia, e os negros da Austrália, que são criados desde a infância, usando rastros como seu jornal e como seu guia infalível na caça e na guerra.

---

215 Kraal - Vilarejo de nativos sul-africanos.

216 Bosquímanos - Conjunto de grupos étnicos conhecidos também como Khoisan, Hotentote ou San que partilham características físicas e lingüísticas. Vivem hoje no norte da África do Sul e na Namíbia.

217 Gondas - Povo habitante da região de Gonda, no norte da Índia, onde hoje fica o estado de Uttar Pradesh.

O que o homem branco acerta é na aplicação de sua inteligência para ler os significados dos rastros.

Quando fui explorar com Fred Burnham<sup>218</sup> ele era mais rápido que eu para notar “sinais”, mas ao apontá-los para mim ele dizia: “Aqui, Sherlock<sup>219</sup>, que conclusão você tira disso?”.

Infelizmente nós britânicos fazemos pouco uso dessa arte, seja em nosso treinamento militar ou civil, de forma que quando vamos servir não estamos acostumados a rastrear habitualmente, e com frequência negligenciamos o seu uso, mesmo quando o chão a nossa frente fica aberto como um livro, cheio de informação.

Eu fui enviado para unir-me a uma coluna em marcha na Matabelelândia, e cavalgando com o Oficial Comandante notei algumas pistas recentes de nativos, evidentemente se movendo aos nossos arredores. Esses se tornaram tão intrigantes que eu perguntei ao Coronel se scouts batedores trouxeram qualquer informação. Ele respondeu que não havia enviado nenhum, e que não valia a pena cansar homens e cavalos em uma terra em que nenhum inimigo estivesse visível.

Eu fiquei horrorizado e assegurei a ele que se ele não os avistava ele provavelmente os sentiria em breve, pois até onde eu podia prever eles haviam nos cercado.

Misericordiosamente eles não nos atacaram e tempos depois eu descobri por um Impi (grupo de homens armados em língua Zulu), quando estes se renderam, que eles nos permitiram atravessar aquela parte do país sem nos perturbar porque eles não queriam chamar atenção para sua presença naquele local onde estavam conseguindo bons alimentos; mas, tendo visto a coluna vagando com o Comandante cavalgando a frente, eles haviam dado a ele o apelido de “o carneiro com sino liderando o rebanho”.

“Sinal” não é aquilo composto apenas por pegadas, mas inclui também pistas de qualquer tipo que podem ser descobertas pelos sentidos. Portanto, um fósforo riscado em uma posição alta na

---

218 Fred Burnham (1861-1947) Americano, Frederick Russell Burnham foi explorador militar e viajante. Prestou serviços no exército colonial britânico tendo travado contato com Baden-Powell na África do Sul onde trabalharam juntos como batedores militares, servindo na Campanha dos Matabeles, em 1896.

219 Alusão a Sherlock Holmes. Sherlock Holmes é um detetive de ficção, criado pelo médico e escritor britânico Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930). Ambientado no final do século XIX e início do século XX, aparece pela primeira vez no livro Um Estudo em Vermelho, em 1887. Ficou famoso por utilizar na resolução dos seus mistérios, o método científico e a lógica dedutiva. Andava acompanhada de um amigo, o Dr. Watson.

vertente de uma colina, no meio da noite, que informa a alguém que aquela posição estava em posse do inimigo, é um “sinal”.

Eu fui um pouco rebaixado em minhas capacidades de rastreamento de que tanto me gabava por uma jovem na Inglaterra. Ela era a filha do falecido Lorde Meath<sup>220</sup>. Enquanto caminhávamos pelos jardins da Casa de Sion ela de súbito apontou para umas pegadas no caminho e perguntou o que elas significavam.

Eu disse indulgente: “Um gato comum ou de jardim recentemente passou por esse caminho”.

“Sim, até eu posso dizer isso”, ela respondeu, “mas eu consigo dizer mais, sobre qual era a cor do gato – você consegue?”.

Portanto, colocado a prova, eu me pus a procurar qualquer galho ou ramo que pudesse ter capturado um pêlo do animal, pelo mesmo princípio pelo qual Zadig<sup>221</sup> pôde afirmar que um cavalo ruão da altura de dezesseis mãos havia passado pela floresta.

Mas pesquisando como fiz eu não consegui encontrar nenhuma dica que poderia indicar a cor do gato. Minha companhia olhou novamente ao rastro de perto, e disse: “Sim, eu não posso estar errada. Era um gato malhado com as cores preta, branca e vermelha”.

Eu também procurei mais minuciosamente pelo chão, mas não retornou nenhum sinal que pudesse me ajudar. Por fim me dei por vencido. “Como você descobriu a cor?” Eu perguntei. “Eu vi o gato”, ela respondeu.



*Um Rastreador Árabe.*

220 Lorde Meath (1841-1929) Reginald Brabazon, político, diplomata e filantropo inglês. Em 1877 abandonou o serviço diplomático e passou a dedicar, junto com sua esposa, suas energias para ajudar a resolver os “problemas sociais e promover o alívio do sofrimento humano”. Foi Comissário Escoteiro para a Irlanda.

221 Zadig, ou O Destino é o nome de um conto de temática oriental do autor francês Voltaire (1694-1778), escrito em 1747 e inspirado nas Mil e Uma Noites.

Um bom exemplo de rastreamento por um rastreador Egípcio foi quando, ao retornar de um dia de campo no deserto, descobri que havia perdido meu binóculo. Um rastreador foi requisitado que então examinou as patas de meu cavalo e observou seu galope quando estava sendo cavalgado para cima e para baixo durante a inspeção.

Como eu estava cavalgando como líder do Regimento era provável que meus rastros estivessem bem apagados. Entretanto ele saiu cheio de confiança e finalmente retornou com meu binóculo. Ele encontrou as pegadas de meu cavalo mostrando onde eu havia me distanciado sozinho para observar o campo de operações, reconhecendo-o entre os muitos outros na planície, e elas então o levaram ao meu binóculo.

Grande parte do trabalho de um escoteiro militar é feita à noite. Isso é também uma arte que requer muita prática da maneira que raramente conseguimos em países civilizados. Pessoalmente acredito que trabalhei mais durante a noite que de dia quando em serviço militar ativo, e certamente quando engajado no escotismo militar.

É verdade que, em Matabelelândia e Zululândia<sup>222</sup> pelo menos, era preciso fazer seu caminho até próximo da posição do inimigo sob a cobertura da escuridão, e então esconder-se durante a luz do dia em um lugar de onde consiga observar os procedimentos do inimigo sem ser observado, e escapar novamente ao cair da noite.

Freqüentemente acontecia que aquele que fizesse isso deveria então liderar uma coluna pela noite até chegar a uma posição para atacar logo ao amanhecer. Era uma tremenda responsabilidade para os ombros de um só quando fazendo isso sob o constante temor de talvez seguir o caminho errado ou liderar todo o grupo para uma emboscada.

Essas lideranças requerem cada grama de concentração que você puder aplicar. Eu não sou rude por natureza, mas nunca fui tão rude a alguém em minha vida quanto o fui com um jovem oficial. Pensando que eu parecia solitário caminhando sozinho adiantou-se, e me alcançou e, querendo bem, começou uma jovial e alegre conversa. Minha resposta não foi cortês e ele ficou para trás sentindo-se um pouco ofendido.

Pontos de referência a noite são bem diferentes daqueles durante o

---

222 Zululândia - Região sul-africana dominada pelos Zulus na época da colonização britânica, que corresponde a área ao longo da costa do Oceano Índico, entre o Rio Tugela ao sul e o Rio Pongola ao norte.

dia, e isso é algo que um iniciante não percebe. Então existem aqueles infalíveis guias, as estrelas. Infalíveis até a noite importante em que elas estão invariavelmente cobertas por nuvens; e você agradece a Deus por ter lembrado de tomar nota de pontos de referência também.

### Jan Grootboom<sup>223</sup>

Assim era o caráter com que Jan veio a mim em Rodésia. Ele era um Zulu que recebeu certa educação e uma experiência bem vasta, tendo viajado e se misturado com europeus dos melhores tipos.

Apesar de conhecer a Zululândia eu era novo na Rodésia<sup>224</sup> e desconhecido para seu povo, e precisava de um guia realmente confiável e companheiro scout.

Quando você está escolhendo um homem para um trabalho como esse, em que sua vida irá depender dele, e, também deve ser levado em consideração, em que ele às vezes precisará depender de você para guardar a vida dele, a seleção não pode ser feita descuidadamente.

É tão difícil quanto escolher um cavalo – ou uma esposa. Muita coisa depende disso.

Mas em meu caso não havia tempo para ensaios gerais ou testes preliminares com os candidatos, e eu tive que contratar esse homem com base em sua reputação e no valor de seu rosto. Por acaso as duas coisas me atraíram, e eu nunca tive que me arrepender de minha escolha. O caráter que o descreveu em primeira instância o descrevia perfeitamente; ele se provou o homem mais corajoso que já vi.

Muitos camaradas, ao viajar para além-mar pela primeira vez, estão apenas demasiadamente prontos para calçar sua “superioridade” e encarar com desprezo os “nativos”. Mãos mais velhas e gastas, que já compartilharam perigos e esporte com nativos, sabem reconhecer as qualidades deles e reconhecem com facilidade um pata-tenra novato que tenta subestimá-los.

Então eu lhe conto de Jan Grootboom.

---

223 Jan Grootboom - Sul-africano da etnia Xhosa (embora B-P o citasse como Zulu). Foi colaborador do exército britânico na guerra contra os Matabeles no final do século XIX, considerado um traidor para os de sua etnia

224 Rodésia - Nome utilizado durante a colonização africana a região ao norte da África do Sul. Seu nome advém de Cecil Rhodes, dominador da região. Em 1888 surgiu oficialmente a Rodésia, quando Rhodes conseguiu o direito de mineração na região para sua empresa - British South África Company. Em 1910 se dividiu em Rodésia do Norte, atual Zâmbia e Rodésia do Sul, atual Zimbábue.

Para realizar nosso trabalho ele e eu costumávamos sair cavalgando de nossos postos avançados logo quando a noite havia chegado. Isso nos dava a oportunidade de cruzar os quarenta quilômetros de terreno em tempo de nos escondermos próximos à posição do inimigo por volta do amanhecer, e então averiguar suas localizações exatas observando as fogueiras enquanto acendiam para cozinhar a refeição matinal.

Havia muito trabalho de Sherlock Holmes em nosso serviço.

Por exemplo, certa manhã, estávamos tendo dificuldade em esgueirar pelos postos de vigia do inimigo, e, então atrasados, não chegamos ao perigoso terreno próximo ao acampamento principal antes da luz do dia.

Quando encontramos um bom esconderijo para nós mesmos e para os cavalos organizamos turnos para examinar a posição inimiga.

Mas Jan não era muito ligado a escaladas e como todo nosso trabalho se passava em pequenos morros rochosos eu descobri que com meus sapatos de sola de borracha eu conseguia me movimentar mais rápido que ele, e, de fato, mais rápido que o inimigo – como eu já lhe disse.

Dessa forma o inimigo pôde me conhecer razoavelmente bem; eles me deram o apelido de “Impeesa” – o lobo que nunca dorme.

Uma noite nós havíamos rastejado até próximo da forte inimigo e estávamos esperando as fogueiras matinais para averiguar suas posições. Logo o primeiro fogo foi aceso e depois outro e então outro.

Mas antes que meia dúzia houvesse sido acesa Jan de repente rosnou: “Aqueles brutos, eles estão armando uma armadilha para nós”.

Eu não entendi no momento o que ele queria dizer, mas ele disse: “Se você ficar aqui e vou até lá olhar”.

Ele se despiu de todas as suas roupas e as deixou em uma pilha e saiu pela escuridão praticamente nu. Evidentemente ele estava indo visitá-los para ver o que estava acontecendo.

A pior coisa da espionagem é que ela lhe faz sempre suspeitar de tudo, mesmo de seus melhores amigos; então logo que Grootboom havia partido em uma direção eu rastejei para outra, levando os cavalos comigo, e fiquei entre algumas rochas em uma pequena colina em que eu poderia ter alguma chance caso ele tivesse alguma

intenção de me trair e trazer os Matabeles<sup>225</sup> para me capturar.

Por uma hora ou mais eu fiquei ali enquanto o sol avançava, até que por fim eu vi Jan rastejando de volta pela grama – sozinho. Envergonhado de minhas dúvidas eu rastejei em sua direção também e o encontrei sorrindo de orelha a orelha de satisfação enquanto estava colocando suas roupas de volta.

Ele disse ter encontrado, como esperado, uma emboscada armada para nós. A coisa que o havia feito suspeitar foi que as fogueiras, em vez de se acenderem em diferentes pontos da vertente simultaneamente, foram acesas em uma estável sucessão, um após o outro, aparentemente por um único homem dando a volta para acendê-los.

Isso pareceu suspeito a ele e pressupôs que o inimigo acreditava que podíamos estar nas vizinhanças e estava tentando nos atrair para examinar o local mais de perto.

Ele próprio então seguiu em frente na direção deles por uma rota tortuosa da qual ele pode perceber um grupo deles deitados na grama próximos ao caminho que provavelmente usaríamos caso tivéssemos seguido em frente.

Ele então passou por eles sem ser visto e atingindo um ponto próximo ao forte ele retornou a eles fingindo ser um deles; e depois de conversar um pouco ele descobriu quais eram suas intenções relativas a nós dois, e também quais eram seus planos para o futuro próximo.

Quando os deixou ele retornou bravamente pelo caminho em direção ao forte, e, uma vez fora de seu campo de visão, rastejou novamente entre as pedras e silenciosamente refez seu caminho de volta a mim.

Um serviço que levado a cabo a sangue frio, com a certeza da morte caso falhasse, demandou um bom alto nível de coragem – mas alto mesmo que o do soldado que se adianta na investida na excitação da batalha.

Várias e várias vezes, Jan arriscou sua vida de formas parecidas.

Quando ao final da campanha eu deixei a Matabelelândia<sup>36</sup> nós nos despedimos como verdadeiros amigos.

Três anos depois, em meio a Guerra dos Bôers, eu estava comandando uma coluna em um canto longe do caminho do Transvaal quando fui informado que um nativo gostaria de me ver.

---

225 Matabele - Os Ndebele eram um ramo dos Zulus que se separaram durante o reinado do grande Rei Shaka em 1820, sob liderança do chefe Mzilikazi. Foram chamados de Matabele pelos britânicos pela dificuldade da pronúncia inglesa de seu nome. Hoje vivem na região do Zimbábwe.

Era Jan. Ele havia descido seu caminho pela Matabelelândia através do território Bôer, e apareceu no acampamento com um esplendido cavalo e uma boa mula e dois rifles de primeira-classe e uma quantidade de munição.

Quando nos encontramos nenhum de nós pôde fazer nada por um momento e um camarada nos fotografou. Éramos simplesmente, cada um, um enorme sorriso.

Quando eu o perguntei como ele havia conseguido chegar ali tão bem equipado ele disse ter ouvido que eu estava no Transvaal, e começou a seguir a pé para vir me encontrar; e havia se apropriado de muitos cavalos, rifles e munições inimigos pelo caminho, que demonstrou com satisfação.

Quando deixei a África do Sul, Jan se juntou a George Grey<sup>226</sup>, o celebrado caçador de leão e um grande amigo mesmo. Jan o serviu bem mas foi então morto defendendo-o. O próprio Grey foi morto depois por um leão.

---

226 George Grey (1812-1898) - Nascido em Portugal, foi militar, explorador e governador do estado do Sul da Austrália, da Colônia do Cabo, na África do Sul e da Nova Zelândia.



*Insígnia Regimental*

## CAPÍTULO V: SERVIÇO MILITAR

### **Bombardeado para Dentro do Exército**

A segunda bomba de minha vida estourou mais ou menos quatro meses depois de terminar a escola. Eu estava a bordo do Gertrude, um iate pertencente ao Professor Acland<sup>227</sup>, Professor Régio de Medicina em Oxford, um velho amigo de meu pai, que era sua “contraparte” como Professor Saviliano<sup>228</sup> de Geometria.

Um dos convidados a bordo era o Reitor da Christchurch<sup>229</sup>, o celebrado e elegante idoso religioso, Dr. Liddell<sup>230</sup>.

O Reitor dirigiu-se a mim uma manhã com a notícia de que, de acordo com o jornal, alguém com o mesmo nome que eu havia passado pelo exame. Para o Exército. E ali, em preto e branco, estava meu próprio nome!

---

227 Professor Acland (1815-1900) - Dr Sir Henry Wentworth Acland, Professor Chefe de Anatomia e Medicina. Cirurgião e Responsável pela criação do Museu da Universidade.

228 Nas universidades inglesas é costume dar o nome de uma determinada “cadeira” professoral em honra a uma pessoa. No caso da Universidade de Oxford, existem duas cadeiras com este nome: “Savilian Professor of Astronomy” e “Savilian Professor of Geometry”. Essas cadeiras têm esse nome em honra a Sir Henry Savile que foi Diretor do “Merton College” da Universidade de Oxford, na passagem do século XIV para o XV.

229 Christchurch é uma das faculdades constituintes de Oxford e também catedral da diocese de Oxford

230 Dr. Liddell (1811-1891) - Inglês, Reitor da Faculdade Christchurch, se tornou imortalizado por ter escrito o livro “Alice no País das Maravilhas”.

Bem, o Conselho do Exército não podia mais me recusar, então eu posso confessar que entrei no Exército praticamente graças a um truque; isto é, eu entrei por provas, mas provas não são de forma alguma uma maneira justa de testar as habilidades de um camarada.

Quando fui fazer o Exame do Exército, naturalmente eu não tinha muita esperança de passar. De fato eu apenas considerei a coisa toda como um teste qualquer durante o curso.

No assunto de Euclides<sup>231</sup> eu nunca fui bem sucedido em superar a *pons asinorum*<sup>232</sup>, mas com certa esperteza eu escrevi usando o método Loissette<sup>233</sup> – o sistema Pelman<sup>234</sup> daqueles dias – e me comprometi a memorizar os muitos livros de Euclides requeridos para o Exame do Exército. Meu sucesso foi completo apesar de o real significado daqueles problemas eram, e ainda são hoje, um livro fechado para mim.

### **Outra Dica para Passar em Exames**

Cedo em minha carreira militar me comprometi a escrever, sendo autor de um pequeno manual para o uso de meus homens, chamado *Reconnaissance and Scouting*<sup>235</sup>. Mais tarde quando tive que realizar um exame de Reconhecimento para receber uma promoção, o examinador perguntou se eu era o autor do manual sobre o assunto, e teve a decência de me passar sem mais perguntas.

Então para qualquer candidato para um exame que está duvidoso de sua habilidade em passar em qualquer assunto em particular, meu conselho é escrever um livro sobre ele e tornar o examinador ciente de que você é o autor. Material para o livro pode, claro, ser obtido dos outros muitos livros existentes sobre o assunto!

### **No Estado-Maior**

No devido tempo eu consegui colocar um pé no Estado-Maior em

---

231 Euclides (360-295 AC) - Euclides de Alexandria, grego, foi professor, matemático e escritor, criador da geometria euclidiana.

232 *Pons asinorum* - Literalmente é “ponte dos asnos”, a 5ª proposição de Euclides em um de seus livros sobre geometria.

233 Método de memorização do livro “*Assimilative Memory or How To Attend and Never Forget*” escrito pelo Professor Antoine Loissette, pseudônimo de Marcus Dwight Larrowe.

234 Sistema de treinamento da mente e da memória do Instituto Pelman.

235 *Reconnaissance and Scouting* - Reconhecimento e Exploração Militar, escrito em 1884 e não publicado em português. Foi o primeiro livro escrito por B-P.

uma humilde posição, como ajudante-de-ordens do General H. A. Smyth<sup>236</sup>, Comandante-em-Chefe na África do Sul.

Quando as notícias chegaram ao meu Regimento, de que eu seria nomeado para esse posto, os homens de meu esquadrão me presentearam com um certificado floreado em reconhecimento, impresso em cetim em que eles generosamente desejavam o melhor para meu sucesso. Êxpressões de estima dos homens para seus oficiais são estritamente proibidas, entretanto, eu pergunto, o que você pode fazer quanto a isso quando a coisa em si é de fato colocada em suas mãos? De qualquer forma – é uma das minhas posses mais estimadas até hoje.

Minha experiência prévia com serviços do Estado-Maior havia acontecido quando, na Índia, eu havia sido indicado temporariamente à equipe do Duque de Connaught<sup>237</sup>, quando Vossa Alteza era General-de-Divisão em Meerut<sup>238</sup>. Nunca houve três líderes militares mais incomuns em seus respectivos métodos e caráter que os três a quem eu servi direta e pessoalmente.

Sir Baker Russell<sup>239</sup>, um intenso líder de cavalaria, não sabia nem uma só palavra de comando como regularizadas pelo Livro de Regras, mas ele disparava para a ação com um conhecimento instintivo do que era necessário, e por pura vivacidade e determinação cumpria a coisa até o fim, fosse uma batalha no campo contra um inimigo ou fosse uma batalha em papéis com as “autoridades”.

O Duque de Connaught<sup>11</sup>, com ampla experiência do mundo, tinha o extraordinário dom de ver o lado humano de toda empreitada. Ele percebia até onde seus oficiais e seus homens poderiam ir, e pela sua simpatia pessoal e memória de todas as personalidades com quem ele entrava em contato, ele ganhou o coração e devotado trabalho de equipe de todos aqueles servindo sob ele.

---

236 General H. A. Smyth (1825-1906) - Sir Henry Augustus Smyth. Militar atuou no comando do levante Zulu e foi Governador da Colônia do Cabo e de Malta, onde B-P foi seu Secretário Militar. Era tio de Baden-Powell, irmão de sua mãe.

237 Duque de Connaught (1850-1942) - Príncipe Artur, Duque de Connaught e Strathearn, Conde de Sussex. Terceiro filho da Rainha Vitória, foi militar iminente, tendo sido Governador Geral do Canadá e tendo prestado serviços militares no Egito, África do Sul, Irlanda e Canadá.

238 Meerut Cidade localizada no Estado indiano de Uttar Pradesh, no norte da Índia.

239 Sir Baker Russell (1837-1911) - General Sir Baker Creed Russell, australiano. Destacou-se no serviço militar britânico.

Meu novo chefe, Sir Henry Smyth, era próximo do mais completo oposto de Sir Baker Russell que você poderia imaginar; muito lento e cuidadoso em suas deliberações, ele analisa a questão ou plano por todos os pontos de vista, em princípio e em detalhe com um olhar imparcial, e ele se salvou de cair em muitos erros fatais por sua calma premeditação e uso da experiência.

Bem, para um jovem oficial aprendendo seu serviço de Estado-Maior, esses instrutores deram uma valiosa liderança, se apenas tivesse o senso e poder para segui-la.

### **A Vida de um Ajudante-de-Ordens**

A vida no Estado-Maior no Cabo<sup>240</sup>, sob um adorado General e sua popular senhora, era uma experiência bem feliz e agradável. Era dificilmente o que alguém poderia chamar de serviço militar, mas havia muito serviço a ser feito no Quartel-General. Devido ao fato do posto de Secretário Militar estar temporariamente vago, eu fui requisitado para assumir esse posto em adição a meus deveres como Ajudante-de-ordens. Isso me deu o mais valoroso treinamento e experiência no trabalho do Estado-Maior.

Em meu tempo livre eu tinha bastantes ocupações já que era o Hon. Séc. do Clube de Pólo<sup>241</sup>, para o qual eu organizava festivais e gincanas para levantar fundos para construir nosso terreno e pavilhão.

Então, em adição a dar uma mão no teatro, Menestréis de Pierrette, Sociedade de Desenho<sup>242</sup>, etc., eu fui por uma breve estação, Mestre dos Foxhounds<sup>243</sup> do Cabo.

Nessa época o Governador do Cabo era Sir Hercules Robinson<sup>244</sup>, mais tarde Lorde Rosmead. Ele era um governador colonial típico, bem britânico, um diplomata, e um esportista, e conseguia sempre parecer os três.

---

240 Cabo - Cidade sul-africana. Hoje é a capital legislativa da África do Sul. Os primeiros europeus que chegaram a região foram os portugueses com Bartolomeu Dias, a caminho das Índias. Depois o holandês Jan van Riebeeck estabeleceu aí a primeira colônia européia na África do Sul, em 1652.

241 Hon. Séc. do Clube de Pólo - Espécie de Diretor do clube, mas designado não por eleição, mas com indicação militar.

242 Peças de teatro da época.

243 Foxhounds - Caçadores de Raposa. Esporte britânico, hoje proibido e bastante apreciado na época em que B-P escreveu o livro.

244 Sir Hercules Robinson (1824-1897) Hercules George Robert Robinson, Primeiro Barão de Rosmead, foi Governador em Hong Kong e na África do Sul.

Lady Robinson por sua vez parecia uma típica duquesa, majestosa e bem segura de sua própria mente. E ela foi a causa de uma das mais aterrorizantes experiências que tive e para minha sorte conseguir superar.

Eu queria garantir seu patrocínio para um concerto que estava montando e resolvi ir a Casa do Governador com esse propósito. Eu era um jovem oficial muito tímido e estava esperançoso até o último momento de que ela pudesse não estar em casa. Mas lá ela estava e eu fui anunciado e convidado a entrar.

Apesar de usá-los para me examinar mais de perto Vossa Alteza não precisava dos binóculos de opera para ver o poderoso pânico em que eu estava. Ela me fez passar por uma intensa argüição sobre meus sentimentos em relação às muitas charmosas jovens do Cabo uma por uma, e parecia fazer menor conceito sobre eu enquanto atravessávamos a lista sem nenhuma descoberta interessante.

Finalmente, quando eu estava reduzido a um trapo nervoso ela perguntou: “E quanto a esse concerto? Você irá cantar uma de suas imitações de uma Prima Donna<sup>245</sup>?” Pensando em agradá-la disse que sim. “Então cante agora”, foi sua ordem.

Não havia escapatória. Eu parei, eu hesitei, mas tinha que fazê-lo. Você consegue imaginar? Sozinho e indefeso sob aquele olhar impiedoso eu comecei a cantar miseravelmente em meu alto falsete ridículo aquelas seqüências e garganteios que me fizeram quase um herói para mim mesmo nos palcos.

Havia muito pouco do herói agora. Mas gradualmente eu fui retomando o jeito e estava bem no ponto alto da apresentação que me levariam as mais altas notas da extensão da minha voz quando a porta se abriu e entraram um empregado seguido por um pomposo mordomo trazendo chá. Eu não sabia se parava ou o que fazer. O que eu mais queria era que a terra abrisse e me engolisse. Daquele jeito eu levei meu desempenho a um fim logo entre as próximas notas, e exercitando todos os meus poderes dramáticos eu expliquei a ela, para o benefício do mordomo, que aquele era o tipo de coisa que ela poderia esperar no concerto.

---

245 Prima Donna - Título do principal papel feminino de uma ópera, geralmente sopranos.



*O que o mordomo viu*

Então ela me ofereceu chá e eu logo descobri que por baixo daquele, para mim, exterior amedrontador, havia uma alma cheia de humor e um coração cheio de bondade.

No geral, eu estava agora em um tipo de atmosfera muito diferente daquela do serviço militar, e por um tempo foi uma agradável mudança. De fato era bem divertido, até que... Bang veio uma bomba!

#### **Zululândia<sup>246</sup>**

Um alarmante telegrama veio de Zululândia para dizer que os Usutus<sup>247</sup> haviam se rebelado. Eles haviam desafiado a polícia; algumas tropas de Natal<sup>248</sup> foram enviadas para fazer a retirada da força civil e foram rechaçadas com perdas. Em geral a vaca estava indo para o brejo.

O Governador de Natal (e incidentemente da Zululândia) estava perturbado em sua mente. Ele queria mais tropas como reforço, mas sendo por título “Comandante-em-chefe” de Natal ele não queria a intromissão de generais militares. Entretanto, o General Smyth viu que se era pra enviar tropas deveria haver transporte e suprimentos e organização e hospitais e montarias reservas, e que cada hora de atraso significaria maior revolta e confusão, então sem mais ele despachou todas as ordens necessárias e prontamente partiu com sua

246 Zululândia - Região sul-africana dominada pelos Zulus na época da colonização britânica, que corresponde a área ao longo da costa do Oceano Índico, entre o Rio Tugela ao sul e o Rio Pongola ao norte.

247 Natal - Província localizada na costa oriental sul-africana, hoje em dia chamada KwaZulu-Natal.

248 Natal - Província localizada na costa oriental sul-africana, hoje em dia chamada KwaZulu-Natal.

### Equipe para Natal e Zululândia.

Aqui novamente minha sorte agia. O posto de Secretário Militar estava então vago, esperando por um Oficial de Campo a ser indicado pela Inglaterra. Eu fui anunciado para atuar como Secretário no ínterim, apesar de estar abaixo do nível de Oficial de Campo.

O Estado-Maior consistia em:

Comandante-em-chefe	Tenente-General H. A. Smyth
General-Adjunto	Coronel Curtis, C.M.G. <sup>249</sup>
Assistente de General Adjunto	Major Gordon.
Secretário Militar	Capitão Baden-Powell.
Ajudante-de-ordens	Capitão H. Robinson.
Oficial Comandante da Unidade de Serviço do Exército	Coronel Christie.
Oficial Médico	Coronel-Cirurgião Faught.
Comandante de Levas Nativas	Coronel Sir F. Carrington.

### John Dunnn<sup>250</sup>

Eu nunca me esquecerei de meu primeiro encontro com o exército Zulu<sup>251</sup>. Eu estava indo com minhas tropas em marcha pela Zululândia 20 quando encontramos um grupo de guerreiros com um homem branco cavalgando a sua frente. Era John Dunn, seguido de alguns de seus chefes. John Dunn era um velho mercante escocês que viveu desde sua infância entre os Zulus, e era tão admirado e confiado entre eles por sua honestidade e coragem que se tornou conselheiro-chefe de Cetywayo<sup>252</sup>.

---

249 CMG - Companheiro da ordem de São Miguel e São Jorge. Título militar.

250 John Dunnn (1834-1895) Sul-africano de origem escocesa, John Dunn da Zululândia, conselheiro do Rei Cetshwayo e caçador, acabou se tornando ele mesmo também um Rei Zulu. Atuou também junto a inteligência do exército britânico pelo seu conhecimento extenso da região. Curiosidade: Casou-se com mais de cinquenta mulheres, tendo tido mais de cem filhos. Possuía grandes propriedades de terra que recebeu por seus serviços prestados aos Zulus, onde hoje é a cidade de Mtunzini e onde seus descendentes ainda vivem.

251 Zulus - Povo sul-africano que vive nos territórios hoje correspondentes à África do Sul, Moçambique, Zimbábue, Lesoto e Suazilândia. Foi uma nação guerreira que por muitos anos se opôs ao domínio britânico na região.

252 Cetywayo - Chefe Zulu do grupo que depois foi denominado Usutu.



*John Dunn*

Mesmo quando os Zulus declararam guerra contra os britânicos, e Cetywayo, considerando-se invencível, esperava invadir e capturar Natal completamente, nenhum mal foi feito a Dunn. Ele até mesmo tentou persuadir o grande Chefe de que esse levante estava fadado a terminar em desastre.

Se alguém de seu próprio povo tivesse tido a coragem de lhe dizer isso, Cetywayo teria prontamente ordenado sua morte, mas seu respeito por Dunn era grande demais.

De qualquer maneira ele não aceitou o conselho, e viveu para se arrependar disso quando seu vasto exército foi finalmente destruído na batalha de Ulundi, e ele mesmo foi capturado como prisioneiro.

Foi após essa derrota que a Zululândia foi dividida em oito províncias pelo Lorde Wolseley<sup>253</sup>, e cada província foi colocada sob o comando de um Chefe diferente – E John Dunn se tornou um deles.

Quando encontramos John Dunn ele nos informou estar trazendo seu Impi ou Regimento junto de si para se unir a nossa força em nosso avanço contra o restante da nação Zulu.

### **Um Impi Zulu**

Pouco depois eu ouvi um som a distância que a principio eu pensei ser um órgão tocando em uma igreja, e achei por um momento que

<sup>253</sup> Lord Wolseley (1833-1913) - Marechal de Campo Garnet Joseph Wolseley, 1º Visconde de Wolseley do Cairo. Militar britânico serviu em Burma (atual Mianmar), Índia, China, Canadá e vários lugares da África, tendo tomado parte ativa na Guerra da Criméia (Ucrânia), no Motim Indiano e liderado a Campanha Ashanti no oeste africano.

podíamos estar nos aproximando de uma estação da missão sobre a colina.

Quando chegamos ao topo da elevação vimos subindo em nossa direção, vindos de um vale abaixo três longas linhas de homens marchando em filas e cantando um maravilhoso hino enquanto marchavam.

Tanto a visão quanto o som eram intensamente impressionantes.

E os próprios homens pareciam tão esplendidos. Eles eram todos camaradas primorosos, fortes e musculosos com faces alegres e belas de uma rica cor de bronze, e eram inteligentemente adornados com penas e peles e rabos de vaca.

Eles usavam poucas roupas e seus corpos morenos estavam polidos com óleos e pareciam estatuas de bronze. Suas cabeças eram cobertas com plumas de avestruz e eles tinham saiotos de rabos de raposa e tiras de pêlos; enquanto em volta de seus joelhos e cotovelos estavam fixados rabos de vaca brancos como sinal de que eles estavam a caminho da batalha.

Eles carregavam escudos gigantescos de pele de touro no braço esquerdo, cada regimento tendo escudos de sua cor em especial; enquanto na mão direita dois ou três assegais<sup>254</sup> de arremesso para atirar em um inimigo, e um assegai de lâmina larga para estocadas que eles guardavam para combate corpo-a-corpo; enquanto em seu cinto estavam pendurados porretes ou machados com propósito de finalizações.



*Um Guerreiro Zulu*

254 Assegai ou Azagaia - Lança com ponta de faca, comum de algumas tribos africanas.

Com quatro grandes Impis dessa magnitude contra nós, sentimos que tínhamos sorte de ter de alguma maneira uma força como essa em nosso lado, sob a liderança de um homem como John Dunn. Ele e seus scouts eram inestimáveis.

Além desses, nossas forças consistiam dos seguintes destacamentos:

6º Regimento de Dragões de Inniskilling

Artilharia de Montanha.

Regimento Real Escocês.

Fuzileiros de Inniskilling.

Regimento de North Staffordshire.

200 Basutos<sup>255</sup> Montados.

Uma tropa de Voluntários Montados.

### Uma Coluna Móvel

O General, ao chegar ao país, não perdeu tempo para começar a trabalhar. Dando seqüência ao sucesso do Major McKean<sup>30</sup> na região sul, ele estabeleceu uma linha de postos fortificados para prevenir o retorno do inimigo àquela área, e organizou ataques aos diferentes Impis hostis cuidadosamente antes que eles pudessem completar sua concentração.

Mas o primeiro e mais urgente assunto era efetuar o socorro a Pretorius, um magistrado que estava sendo sitiado em sua casa por Zulus. Uma coluna móvel foi formada de imediato para o propósito, constando de 400 homens da Infantaria Montada e dos Dragões, duas artilharias, 200 Basutos da polícia nativa, e 200 Zulus de John Dunn.

Essa força foi colocada sob o comando do Major McKean, e ele me colocou como seu Oficial Auxiliar.

Começamos no sétimo dia de Julho e cobrimos os primeiros oitenta quilômetros em dois dias, com o inimigo pairando ao nosso redor, não se atrevendo a atacar a princípio. No segundo dia eles investiram contra nossa retaguarda, matando quatro de nossos homens. Eles foram, entretanto, facilmente repelidos.

Após a luta houve uma noite molhada e suja que sempre ficará em minha memória. Estávamos viajando leves, sem barracas, mas com algumas carroças de mulas que carregavam rações e forragem.

---

255 Basuto - Povo sul-africana que vivia na Basutolândia, protetorado britânico, hoje independente e chamado Lesoto.

McKean e eu fazemos nosso bivaque sob uma destas carroças, mas era só uma simulação de abrigo, porque o chão embaixo era lama macia, molhada e muito gelada. A chuva caía constante por entre as tábuas das carroças e nos molhava como um filete de água contínuo.

Nós conseguimos acender um fogo por perto, e mudando para o lado dele nos sentamos com nossos cobertores a prova de água sobre nossas cabeças.

Um de nossos zulus veio da luta carregando uma garota ferida em suas costas. Era uma coisa um tanto surpreendente que um Zulu viesse a salvar um dos inimigos, então perguntamos a ele a razão; ele nos informou que aquela era sua sobrinha que estava em uma cabana próxima da linha de tiro e uma bala perdida havia atingido ela no estomago, atravessado-a.

Não tínhamos médicos na coluna e então McKean e eu tomamos a responsabilidade por ela. Ela era bem corajosa e se ajoelhou quando lhe pedimos para que pudéssemos tampar os ferimentos e atá-la. Sua única roupa era um cinto de contas e um colar de contas brancas e pretas. Então procuramos um bom grande saco grosso esfarinhado e cortando buracos para sua cabeça e braços, a vestimos e a deixamos confortável próximo ao fogo; então cozinhamos um pouco de sopa e após oferecer a ela, a deixamos sob os cuidados do tio enquanto nos retirávamos para nossos aposentos sob a carroça para a tentativa de tentar dormir um pouco.

Sob a carroça deita-se de lado na lama para tentar sentir-se aquecido, e a imaginação vai longe. Mas quando seu quadril se cansa e você vira para o outro lado você encontra a lama fresca tão gelada e molhada que você não quer mais repetir a situação. A chuva caindo deixava tudo molhado, é verdade, mas tinha um efeito bom, lavando boa parte da lama que era continuamente espirrada e distribuída pela mulas que rodeavam o vagão espalhando a lama. Foi uma noite bem alegre.

Então depois de um tempo a pobre garota começou a gemer perto do fogo. Então eu me levantei e fui ver como ela se sentia. Lá estava ela, completamente nua de novo, com a chuva a castigando e seu tio encurvado com o saco em seus ombros fumando um cachimbo. Eu corri até ele em fúria e lhe acertei um chute antes que ele desaparecesse na escuridão levando o saco consigo.

McKean veio e deu uma mão na tentativa de deixar a garota mais

confortável. Nós colocamos o casaco capa de chuva dele sobre ela e lhe demos um pouco mais de comida. Mas antes de amanhecer ela morreu.

Nós tínhamos que começar bem cedo, antes do nascer do sol, então ele e eu a colocamos em um buraco e o cobrimos o melhor que conseguimos, e jogamos uma grande pilha de arbustos espinhentos por cima para manter as hienas longe.

Antes de enterrá-la eu tomei a liberdade de guardar seu colar como uma recordação, o que me ajudou muito mais tarde.

Nós prestamos socorro a Pretorius e o encontramos em seu posto, bastante fortificado, abarrotado de comerciantes com suas esposas, crianças e nativos amigos das redondezas. Ele conseguiu resistir a um pesado ataque, mas perdeu quarenta mortos e catorze feridos antes de repelir o ataque. Ele próprio teve uma ótima pontaria ao atirar, matando dois homens sob uma árvore, que descobrimos por medidas estar a mais de oitocentos metros do forte.

Nós melhoramos suas fortificações, deixamos uma pequena guarnição para protegê-lo e retornamos ao quartel-general levando as mulheres e crianças brancas conosco.

Também levamos um ou dois nativos que haviam sido severamente feridos durante a defesa de Pretorius, e um mercador, que escapou de uma maneira incrível quando sua carroça foi capturada pelos Zulus. Ele tinha dois ferimentos em sua perna.

Como médico amador da força eu estive bastante ocupado, cuidando dos feridos. Alguns não haviam recebido qualquer tratamento para seus ferimentos, que nem mesmo haviam sido cobertos. Além disso uma das mulheres brancas estava bastante doente com disenteria; então no geral tudo isso me serviu como um aprendizado bastante prático.

### **Maori Brown**<sup>256</sup>

Um oficial branco de nosso contingente nativo era bem conhecido em toda a África do Sul como Maori Brown, um aventureiro duro de roer, filho de um general e de uma boa antiga família na Irlanda. Ele viveu uma vida de inigualáveis aventuras se apenas metade do que ele conta for verdade.

---

256 Maori Brown - George Hamilton Brown, depois George Hamilton-Browne, escritor e líder militar irlandês. após sua vida na Nova Zelândia, onde participou da Guerra Maori, de volta a África do Sul passou a fazer parte do exército britânico tendo sido comandante dos "Rifleiros de Umtali" com o posto de Major.

Depois de ser educado para o exército ele se meteu em várias complicações e teria sido abandonado por seu pai caso não tivesse havido a intervenção de outro velho general. Eles concordaram em uma reconciliação e foi convidado para um almoço para celebrar a ocasião com os dois velhos cavalheiros em seu Clube. Lá levou sermão e prometeu mudar. Então Brown, como um pedido de desculpas e agradecimento combinado, ofereceu um charuto ao pai e ao outro general. Enquanto acendiam os charutos simultaneamente as ervas dos dois explodiram com um bang. Ele havia se esquecido que tinha colocado alguns charutos com explosivos para dar umas risadas de um amigo.

Isso foi o bastante, e ele tomou o próximo navio para a Nova Zelândia. Lá ele conseguiu se tornar Oficial de Polícia e estava indo bem até que um caso de assassinato aconteceu. Um conhecido seu, descendente de europeus foi morto por alguns Maoris<sup>257</sup> desconhecidos. Com a companhia da Polícia ele apressou-se para o local quando cruzou no mato com três ou quatro nativos usando as roupas do homem assassinado.

Pelo princípio do “bis dat qui cito dat” (“dá em dobro aquele que dá rápido”) ele os prendeu e fuzilou ali mesmo, sem mais nenhum julgamento. Por esta esperteza ele foi expulso da polícia.

Então ele vagueou até a África do sul onde ele passou por uma incrível seqüência de aventuras nas guerras Kaffir<sup>258</sup> e em escavações a procura de ouro, até finalmente cair sob a atenção do celebrado guerreiro sul-africano, Sir Frederick Carrington, que o colocou no comando de suas levas nativas.

Eu o achei um prazeroso companheiro durante aquela pequena campanha.

Anos depois, quando estava na Inglaterra, eu vi um parágrafo no jornal tratando de que certo Coronel Brown estava passando por dias ruins e estava sob os cuidados do Exército da Salvação<sup>259</sup> na região

---

257 Maori - Povo nativo da Nova Zelândia. A palavra significa “normal”.

258 Guerras Kafir - Foram conflitos por território que ocorreram entre colonizadores europeus e o povo nativo amaXhosa. Kaffir, termo hoje considerado ofensivo, refere-se a povos negros da África do sul.

259 Exército de Salvação - “The Salvation Army” é um movimento internacional e um ramo da Igreja Cristã, criado em 1865 por William e Catherine Booth. Sua missão é identificar problemas sociais, assistir e promover o ser humano, sem distinções, em nome de Jesus.

leste de Londres. Eu fui vê-lo e descobri se tratar de meu velho amigo, acamada e abatido pela febre e a idade, mas ainda sorrindo. E ele tinha razão para sorrir, por que uma dama, uma generosa amiga do Exército da Salvação, ouvindo de seu aperto vinha visitá-lo frequentemente, e no fim ele acabou se casando com ela e viveram felizes para sempre.

### **A Escadaria do Salão de Bailes**

Diferentes pequenas tropas foram enviadas pelo país quando toda resistência organizada estava quase em seu fim, com objetivo de concluir a luta, aprisionar os rendidos e recolher armas. Aqui e ali pequenas lutas aconteciam, mas como regra os Usutus cediam rápido.

Certa vez acompanhando uma dessas expedições que recolhia gado, cheguei a beira de um penhasco coberto por arbusto densos. Enquanto espiava o vale abaixo para ver o que havia sido feito de alguns batedores inimigos que estávamos seguindo, meu auxiliar gritou: “Cuidado, atrás de você”.

Eu saltei me virando e ali estava a esplendida figura de um guerreiro Zulu, em toda a glória de sua deslumbrante pele e seu toucado de plumas brancas de onde os Usutu recebiam seu apelido de “Tyokobais”.



*Um Guerreiro Usutu com Tyokobais.*

Com seu grande escudo de pele de touro e assegai brilhante ele formava uma bela figura. Ele havia saltado de baixo da frente do penhasco para me pegar, mas me encontrando com mais alguém ele não parou para discutir e pulou de volta para seu esconderijo. Eu podia ver ele e mais um correndo e tropeçando por um tipo de trilha no escarpado, e me mantive acima deles com minha pistola preparada. Pouco depois eles cruzaram um pedaço de rocha aberta dando a mim uma chance, mas eu não a aproveitei. Eu queria ver onde eles estavam tentando chegar, e logo eles desapareceram no que era evidentemente a entrada de uma caverna. Meu amigo particular prendeu seu escudo em um arbusto no decorrer de sua fuga e em vez de se atrasar o deixou para trás.

Então, acompanhado por meu auxiliar, eu desci pelo caminho e peguei o escudo.

Seguindo o caminho logo descobri que no lugar da caverna havia uma profunda fenda ou vala na face do penhasco que corria direto à planície abaixo.

Enquanto eu olhava para baixo ali uma estranha visão encontrou meus olhos. A vala estava abarrotada com as faces morenas com olhos exasperados e dentes brancos, de centenas de mulheres e crianças, refugiados se escondendo de nós. Bem abaixo, próximo a planície, estavam multidões de guerreiros, evidentemente esperando um ataque daquela direção. Eu havia chegado pela porta dos fundos.

Eu fiz meu auxiliar Basuto<sup>260</sup> dizer aos Usutus<sup>261</sup> que as lutas haviam se acabado agora e que nenhum mal seria feito a eles se eles se rendessem calmamente, e no íntimo do meu coração eu calorosamente esperava que eles o fizessem. Logo naquele momento nossas tropas surgiram na base do penhasco, e isso os ajudou a tomar a decisão em suas mentes, que haviam sido bem estremecidas com nossa inesperada aparição também pela porta dos fundos. Então eles clamaram “Pax”.

Então eu fiz meu caminho por entre eles. As mulheres pareciam pensar que isso era o início de um massacre e começaram a gritar e a empurrar para saírem de meu alcance. Em uma confusão um pequeno garoto moreno travesso caiu de uma rocha em que havia sido colocado então eu naturalmente o peguei e o coloquei novamente

---

260 Povo sul-africano que vivia na Basutolândia, protetorado britânico, hoje independente e chamado Lesoto.

261 Grupo de zulus liderados pelo rei Cetshayo que exerceu importante resistência ao governo britânico colonial e depois se aliou ao mesmo contra os Zulus.

em seu lugar, dando-lhe algo com que brincar. Isso teve um efeito milagroso; o tumulto morreu; comentários eram feitos de boca a boca e eu fui capaz de me espremer por entre eles até a base sem maiores problemas.

Um dos camaradas lá em baixo, a me ver fazer isso, gritou: “Como é que é lá?” A que eu respondi: “Igual ao espreme-espreme de um baile em Londres”. Por esse brilhante comentário a vala ficou conhecida como a Escadaria do Salão de Bailes.



*Fortaleza de Dinizulu em Ceza Bush*

Finalmente Dinizulu<sup>262</sup> tomou refúgio em sua fortaleza, conhecida como Ceza Bush. Tivesse ele resistido lá nós teríamos um duro trabalho para tomá-la, sendo composta por uma massa de rochas, moitas e cavernas, por toda uma íngreme vertente.

Da maneira como foi ele levantou acampamento e fugiu, alguns dias depois ele veio e se rendeu.

### **John Dunn em Casa**

Antes de deixar a Zululândia na conclusão das operações eu prestei cheio de interesse uma visita à casa do grande caçador e chefe tribal, John Dunn. Mangate, como era chamada, consistia em três casas próximas uma das outras, em um bonito jardim. Ele vivia em uma casa e outra era ocupada por um destacamento de suas esposas e crianças.

---

262 Dinizulu (1868-1913) Dinizulu kaCetshwayo, Rei Zulu. Dinizulu assumiu o trono aos 16 anos, sucedendo seu pai que foi o último rei Zulu reconhecido pela coroa britânica. Foi aliado dos bôeres contra os ingleses, tendo sido posteriormente capturado e exilado na Ilha de Santa Helena, onde ficou sete anos até ser levado de volta para a África do Sul pelo seu amigo e, então presidente Louis Botha.

Nós vimos vários deles. As mulheres eram negras, sendo filhas de vários chefes reais com quem ele como Chefe teve que se casar e estavam todas vestidas em roupas européias. As crianças eram mestiças e em muitos casos praticamente brancas. Ele tinha uma escola para elas coordenada por uma professora branca.

Dunn possuía mais dois terrenos, Inyazone e Ingoya.

Nós jantamos por volta das 6:30. O único servo era um Zulu nu que vestia uma curta – bem curta – camiseta para a ocasião. Dunn parecia estar muito quieto e um tanto triste e também um pouco surdo. Mas ele pode ver e aproveitar uma boa piada quando o contador atrai sua atenção. Seu olho ligeiro e claro era um traço notável.

Eu li parte de sua autobiografia depois do jantar. Era bem interessante ler sobre a quantidade de animais para caça que ele costumava avistar nos terrenos em que estivemos e onde quase não avistamos nem uma cabeça.

John Dunn, apesar de seu estado muito casado, era um homem bem religioso e bastante escocês!

### O Fim do Show

A campanha foi em sua totalidade outro bom exemplo da futilidade da autoridade dividida entre autoridades civis e militares quando uma força militar é chamada.

Até onde ia o interesse de nós soldados foi uma experiência útil, especialmente para os jovens oficiais, entre os quais estavam os futuros Marechal Lorde Allenby<sup>263</sup> e o General Sir M. Rimington<sup>264</sup>, ambos do Regimento de Dragões de Inniskilling, e o General Sir Archibald Murray.

Por mim eu aproveitei plenamente a excursão e me trouxe não apenas valorosas experiências mas também promoção, porque quando as autoridades continuaram se opondo que eu não poderia assumir a posição de Secretário Militar já que eu era um Capitão, o General respondeu que como eu cumpri meus deveres quando em serviço ativo eu estava evidentemente qualificado por completo

---

263 Marechal Lorde Allenby (1861-1936). Marechal de Campo Edmund Henry Hynman Allenby, 1º Visconde de Allenby, inglês. Durante a I Guerra Mundial liderou a Força Expedicionária Egípcia na conquista da Palestina e da Síria

264 General Sir M. Rimington - General Sir M. Rimington - Nascido no País de Gales. Apresentou atuação destacada na África do Sul, e seu regimento era conhecido como Rimington's Scouts. Ao final de sua carreira foi nomeado General e Inspetor Geral da Cavalaria na Índia.

e que portanto, para enfrentar o empecilho, eles deviam logo me transformar em Major – o que eles fizeram!

Então pela quarta vez eu fui prontamente promovido antes de meu tempo; e as pessoas dizem que não existe sorte!

Depois da África do Sul eu fui por três anos Secretário Militar e Oficial da Inteligência em Malta; um trabalho bem fascinante.

Mais tarde, colocado na Irlanda com meu Regimento, eu soltei uma bomba em mim mesmo que teve poderosas repercussões em minha carreira.

Em um dia de exercícios de campo eu mandei alguns de meus homens rebocar galhos de árvores em uma estrada empoeirada, para atrair a atenção do inimigo enquanto eu capturava suas armas.

O truque funcionou sem problemas, mas havia sido observado pelo Comandante-em-Chefe, Lorde Wolseley<sup>27</sup>, que para meu susto pediu que me levassem até ele. Eu esperava uma demissão sumária do Serviço por bancar o engraçado, mas para minha surpresa ele me elogiou bastante pela artimanha.

Pouco depois ele me enviou para o Escritório de Guerra<sup>265</sup> e me disse que havia me selecionado para ir para a costa oeste da África para levantar e comandar um contingente nativo para a Expedição Ashanti.

“Não que seja um Serviço na Cavalaria”, ele explicou, “mas é um em que você poderá usar sua esperteza”.

### Com Levas Nativas em Ashanti



*Um Soldado de uma Leva Nativa*

<sup>265</sup> War Office – Escritório de Guerra. Antigo departamento britânico, substituído pelo Ministério da Defesa

Ao chegar ao Castelo da Costa do Cabo, tendo comigo como assistente o Capitão Graham<sup>266</sup>, do 5ºs Regimento de Lanceiros, eu me pus a trabalhar para organizar um contingente de 800 guerreiros nativos de oito diferentes tribos nas vizinhanças, cada tribo formando uma companhia com um Rei no comando.

### **Pioneirismo**

A missão para minha força era ir a frente do corpo principal, formado por tropas brancas e do oeste de Índia, para explorar o terreno alguns dias a frente, e para averiguar os movimentos e localizações do inimigo. Também precisávamos agir como pioneiros em abrir o caminho e criar uma estrada através da selva para as tropas seguirem; e isso se provou não ser nada fácil.

A cada 12 quilômetros mais ou menos fazíamos campos de descanso para as tropas. Isto quer dizer que nós clareávamos um amplo espaço no mato e levantávamos galpões de madeira, cobertos com folhas, com longas esteiras de bambu para os homens se deitarem. Também construíamos armazéns onde seus suprimentos poderiam ser guardados; e em volta de tudo construíamos cercas de estacas para defender o local caso fosse necessário.

Tínhamos nossas pequenas revoltas as vezes – os construtores de pontes, por exemplo, se recusando a marchar um dia porque não havia sal suficiente em sua ração – então era necessário enviar outra companhia prender o Rei deles e faze-los enxergar a razão de alguma forma.

Os primeiros a se rebelar foram meus próprios seguranças importados de Serra Leoa<sup>267</sup>. Eu havia saído do campo para um passeio com meu rifle pelo caminho por onde havíamos chegado, e na volta encontrei oito de meus partidários seguindo em direção à costa.

Eles pararam em horror pelo encontro inesperado e como estavam em fila única no caminho eu fiz o cano de minha arma de repetição apontar em direção a eles e os mandei retornar e marchar de volta pelo mesmo caminho, ou senão a repetidora iria começar a “falar”.

Quando retornamos ao campo eu chamei Ali, meu servente Hausa<sup>268</sup>, e os pus presos sob sua responsabilidade.

---

266 Capitão Graham, D.S.O (Distinguished Service Order, Ordem de Serviços Distintos condecoração britânico por serviços durante guerras)

267 Serra Leoa - País do Oeste africano.

268 Hausa - povo do oeste da África

Um Hausa é um personagem bem diferente do homem da costa mediano, e goza de um prestígio considerável entre os outros, bem como um Zulu o faz entre outros Kaffirs na África do sul.

Eu observava com interesse de minha tenda seus procedimentos com os prisioneiros.

Ele cortou uma pequena árvore de forma que ela caísse e se mantivesse a uns 40 centímetros do chão, e fez todos os oito homens se sentarem e colocar suas pernas por debaixo da árvore com os pés se projetando do outro lado; então todos os homens deveriam se curvar e encostar os dedos da mão nos do pé; O Hausa veio então e amarrou cada polegar com cada dedão do pé.

Essa foi sua idéia de estocagem e lá ele os deixou pelo resto da noite. Os prisioneiros, entretanto, conseguiram inventar uma maneira de obter sua liberação – ou achavam que conseguiram. Um deles começou a gritar uivando em uma maneira miserável ao máximo de sua voz, e assim que seu fôlego acabasse o grito era tomado pelo próximo, e assim adiante em sucessão. Isso, eles esperavam, iria me perturbar de tal forma que eu iria ordenar sua soltura.

Mas antes que eu pudesse sugerir um remédio o próprio Hausa criou um. Ele cortou um fino chicote de cana e foi ao cantador e o castigou com um golpe nas costas, e então se posicionou atrás do próximo homem pronto para golpeá-lo no momento em que ele começasse sua canção.

A cantoria parou como mágica e não foi retomada.

O efeito moral desse pequeno episódio no resto da força foi excelente.

### **Como Ginger foi Divulgado como Morto**

Meu oficial branco pediu baixa com febre e foi substituído por outro e esse por sua vez por outro, até que eu tinha recebido não menos que cinco substitutos, embora tivesse sorte de escapar eu mesmo da doença. Eu tinha tanto a fazer que realmente eu não tinha tempo para ficar doente.

Em um momento eu tive “Ginger” Gordon do 15º Regimento dos Hussardos, servindo comigo, e eu o pus responsável por parte de minha coluna para fazer uma estrada paralela a uns cinco ou seis quilômetros de mim, trabalhando para rodear o flanco do inimigo que segundo os realtórios estava se concentrando em Kumassi.

Nessa natureza selvagem, e estando a frente do trem de suprimentos do exército, nós não mantínhamos uma mesa luxuosa. Foi um grande luxo quando um de meus escoteiros conseguiu adquirir um bode.

Pensando em dividir esse luxo com Gordon eu enviei uma porção a ele por um mensageiro nativo, com uma etiqueta em que se lia: “Major Gordon”, e a data em que o bode foi morto.



*Uma enganadora etiqueta.*

O procedimento padrão seria para ele marcar com suas iniciais a etiqueta e enviar de volta para mostrar que havia recebido o presente em segurança. O mensageiro, entretanto, falhou em me encontrar em seu retorno, pois eu já havia me movido de minha última posição; mas encontrou alguns da guarda avançada do corpo principal e entregou a etiqueta ao oficial responsável, que, lendo, “Major Gordon, morto em 14 de Abril”, com umas iniciais ilegíveis abaixo, evidentemente autenticou a notícia e mandou relato ao Quartel-General de que o Major Gordon havia sido morto.

Pouco depois eu comecei a receber mensagens urgentes perguntando onde a batalha havia ocorrido e porque eu não havia enviado nenhum relatório, e levou algum tempo para explicar o desentendimento causado pelo pequeno pedaço de etiqueta.

A expedição foi bem sucedida em sua missão de tomar Kumassi e capturar o Rei Prempeh. Isso foi efetuado sem derramamento de sangue, principalmente graças ao movimento rápido e ao fato de superarmos taticamente o inimigo. Foi posto fim ao sacrifício humano, e o lugar deixou de ser “O Lugar de Sangue”. Kumassi é agora uma cidade modernizada e atarefada.

A Grande Bacia de Execução que foi trazida por mim da sagrada Bantama agora pode ser vista no Museu do Royal United Service, em Whitehall.



*A Bacia de Execução Ashanti*

### **A Viagem para Casa**

A última marcha foi feita parcialmente a noite, para que eu pudesse pagar minha dívida e dispensar meu exército ao nascer do dia em nossa chegada ao Castelo da Costa do Cabo.

Então, para conseguir um bom café da manhã, fui a bordo do navio hospital Coromondel. Eles me deram umas boas-vindas sinceras e enquanto eu sentava em uma cadeira no convés esperando pelo café da manhã, com todas as responsabilidades fora de meus ombros, silenciosamente adormeci. Não acordei novamente até o dia seguinte para me encontrar em uma cama em uma confortável cabine.

Eu finalmente recebi minha passagem para casa naquele navio, não como paciente, mas como convidado do capelão, um velho amigo de escola, e fui testemunha de incidente cômico para encerrar a campanha.

Na chegada nas Docas de Londres, um grande navio entrou na doca logo em nossa frente e enquanto fazia isso uma banda no cais começou a tocar “See the Conquering Hero Comes”<sup>269</sup>, e uma grande

269 “See the Conquering Hero Comes” - Vejam os Heróis Conquistadores Voltando, do

companhia de generais e oficiais do Escritório de Guerra entrou em formação em um tapete vermelho para recebê-lo enquanto ele se atracava ao cais.

Como nosso navio foi então rebocado para o lado oposto da doca, a banda subitamente parou de tocar e os instrumentistas, junto com os generais e equipe, podiam ser visto correndo pelo cais, apressadamente deixando o outro navio para vir e nos receber. Um pequeno erro havia sido cometido.

O primeiro navio tratava-se de um transporte trazendo da África do Sul, como prisioneiros, oficiais e homens envolvidos no Assalto de Jameson, para julgamento e punição em casa. “Heróis conquistadores” e tapetes vermelhos não se ajustavam exatamente ao caso!

“Estabelecer as idéias e administração britânicas sobre toda essa nova área (Ashanti) está atado a render formosos retornos no comércio e nas finanças... Não é apenas pouca vantagem para nossos mercadores descobrir em Ashanti um novo mercado que, se apropriadamente organizado, consumirá nos próximos anos provavelmente dois a três milhões de libras em produção britânica. Além disso, ao então estabelecer firme e definitivamente a paz da Rainha sobre essa grande área nativa, no lugar do degradante, desmoralizante, pauperizante regime até então dominante, nós estaremos levando a talvez quatro ou cinco milhões de nativos todas as vantagens de um comércio e indústria pacíficos e o princípio máximo da ordem e justiça e boa vontade para todos os homens – que são afinal os princípios-guia ensinados pela nossa firme religião nacional”.

*Política e Riqueza em Ashanti, 1896,  
Por Sir George Baden-Powell.*

A profecia de meu irmão se provou verdadeira até o dia de hoje. Ashanti é agora uma muito próspera colônia do Império, e Kumassi é uma cidade modernizada com vias férreas, luz elétrica, cinemas e carros.

---

oratório de Handel Judas Maccabeu.

## O Velho Soldado e o Novo

Eu tive a felicidade de servir tanto com soldados do Serviço de longa duração quanto dos de Serviço de curta duração<sup>270</sup>.

Eu não estava longe de chorar quando vi um grupo de homens com seu tempo expirado indo embora de trem, deixando meu regimento ao completar seus doze ou vinte e um anos de serviço no Exército; camaradas esplêndidos na condição de soldado, inteligente, lúcidos, eficientes, e cheios de espírito de equipe, orgulhosos de si mesmos e de seu Regimento.

Eu posso relembrar da maioria deles agora, por nome e figura, apesar daquele dia estar há cinqüenta anos atrás.

Eles eram bem diferentes dos soldados de hoje em dia, um tipo diferente, treinados de maneira diferente.

O soldado de serviço de curta duração de hoje em dia é educado para ser uma unidade inteligente de sua equipe, sua disciplina vem largamente de si mesmo de forma que ele é mais sóbrio e bem conduzido, e um guerreiro individualmente mais inteligente que seu predecessor.

O velho soldado foi treinado para seguir um padrão médio por um longo curso de disciplina, para ser um dente na engrenagem da máquina, fiel como um cão ao seu oficial e tão dependente dele quanto um cão de seu dono.

Mas mesmo em uma máquina padronizada são encontradas personalidades individuais.

Em meu esquadrão havia entre outros uma grande velha personalidade, Farrier Gauld, um escocês que havia se juntado a nós vindo dos 92<sup>os</sup> Highlanders. Ele era um sujeito corpulento e sério, que mantinha tudo para si mesmo e passava seu tempo de sobra pacificamente costurando meias.

Mas se em alguma ocasião ele fosse provocado, tinha um punho duro como uma marreta. Uma dessas ocasiões aconteceu quando nosso Regimento foi subitamente movido para uma nova estação para substituir o antigo que havia sido transferido devido aos atritos com os vizinhos dali.

Na tarde de nossa chegada ao novo quartel-general Gauld foi

---

270 Serviço de longa duração e Serviço de curta duração - Divisão no alistamento realizada antes da Primeira Guerra Mundial, permanecendo depois apenas o de Short Service. Na época variavam de 12 a 21 anos de incorporação.

provocado. Ele estava fazendo um calmo passeio, dando uma olhada no novo acantonamento, quando foi atacado por três soldados do Regimento que haviam permanecido. Ele nocauteou os três e trouxe um consigo como troféu.

Foi então descoberto que seus atacantes não sabiam da mudança de Regimentos que havia ocorrido e o confundiram, como homem da cavalaria, por um de seus antigos inimigos.

A fama de sua proeza se espalhou de uma vez e ganhou para nosso Regimento a completa admiração de nossos vizinhos – e uma aterradora quantidade de cerveja para Gauld.





*B-P em patrulha nas Colinas de Matobo. Guerra dos Matabele, 1896*

## CAPÍTULO VI: MATABELELANDIA<sup>269</sup>

Após o episódio dos Ashanti<sup>270</sup>, fui aquartelado com meu esquadrão dos 13<sup>os</sup> Hussardos em Belfast<sup>271</sup>.

Um dia recebi um telegrama do General Sir Frederick Carrington<sup>272</sup>, com o objetivo de informar-me de que fui destacado para servir na África do Sul e deveria começar em um intervalo de três dias. Se eu pudesse me juntar a ele, seria levado como Chefe do Estado-Maior.

Isso foi em 29 de Abril e ele iria partir em 2 de Maio.

Eu parti na mesma hora e enquanto estava na jornada enviei um telegrama a meu Coronel no quartel-general regimental em

---

269 Matabelelandia - Região entre os rios Limpopo e Zambezi, ao oeste do que hoje é o país africano Zimbabwe. O nome vem dos seus antigos moradores, o povo Ndebele.

270 Ashanti - Grupo étnico majoritário de Gana. Antes da colonização exerciam grande influência no oeste africano. Hoje também é chamado de Ashanti um dos estados de Gana.

271 Belfast (em irlandês Béal Feirste) É a maior cidade e capital da Irlanda do Norte e da província de Ulster. A Irlanda do Norte, junto com a Inglaterra, Escócia e País de Gales forma o Reino Unido.

272 Sir Frederick Carrington (1844-1913) - General britânico, teve importante participação na Guerra dos Bôeres, na África do Sul.

Dundalk<sup>273</sup>, dizendo que eu estava indo para a África do Sul e pedindo minha dispensa a ele – não era bem o procedimento mais ortodoxo, mas era aceitável – pelo menos era o que eu achava – sob as circunstâncias.

O Coronel não ordenou meu retorno então eu fui; e devo muita gratidão a esse Coronel desde então, pois, sem saber, fui para a melhor aventura de minha vida.

A razão para chamarem tão subitamente o General Carrington foi que a tribo Matabele<sup>274</sup> na África do Sul havia fugido ao controle, e seus guerreiros estavam assassinando colonos brancos por lá.

Os Matabeles eram originalmente Zulus que sob a liderança de ‘Msilikatsi<sup>275</sup>, filho de Matshobane<sup>276</sup>, foram enviados a uma expedição de ataque pelo Rei Zulu, Tshaka<sup>277</sup>, em 1847.

Era esperado que, dado o fracasso do ataque, eles retornassem e, de acordo com o costume, fossem desarmados e então tivessem seus pescoços quebrados pelas mulheres da tribo. Nessa ocasião, eles não enxergaram a situação da mesma maneira, e se decidiram por não retornar a sua casa mas sim ir embora, por si próprios, com pescoços intactos, para o norte, até que descobrissem um terreno adequado para se assentar.

Isso eles eventualmente encontraram no que é hoje conhecido como Região Sul da Rodésia<sup>278</sup>, onde, dizimados os pacíficos habitantes

---

273 Dundalk (em irlandês Dún Dealgan) Cidade da República da Irlanda, capital do condado de Louth.

274 Matabele - Os Ndebele eram um ramo dos Zulus que se separaram durante o reinado do grande Rei Shaka em 1820, sob liderança do chefe Mzilikazi. Foram chamados de Matabele pelos britânicos pela dificuldade da pronúncia inglesa de seu nome. Hoje vivem na região do Zimbábue. O nome significa “povo dos escudos longos”.

275 Msilikatsi ou Mzilikazi (1790-1868), também conhecido como Mosilikatze. General Zulu, que se separou e fundou o Reino Matabele, se tornando seu primeiro rei na região que se tornou a Rodésia e hoje é o Zimbábue.

276 Matshobane (final de 1700-1820) - Matshobana KaMangete, Chefe dos Khumalo, tribo Zulu.

277 Tshaka (1787-1828) - Também grafado Chaka ou Shaka. Rei Zulu responsável pela união de diversos subgrupos que formaram a nação Zulu. Foi considerado um gênio militar pelas reformas que impôs ao exército zulu e suas inovações. Lutou contra o regime colonialista na África do Sul.

278 Rodésia - Nome utilizado durante a colonização africana a região ao norte da África do Sul. Seu nome advém de Cecil Rhodes, dominador da região. Em 1888 surgiu oficialmente a Rodésia, quando Rhodes conseguiu o direito de mineração na região para sua empresa –

Makalaka<sup>279</sup>, e tendo tomado posse de suas mulheres e gado, assentaram-se em Gobulawayo<sup>280</sup> e formaram uma nova tribo.

Isso foi em 1850.

‘Msilikatsi, um primoroso velho guerreiro, morreu em 1868 e foi sucedido por Lobengula<sup>281</sup>. Em 1888, Rhodes<sup>282</sup> assegurou um acordo com Lobengula para tomar posse e colonizar a Mashonalândia<sup>283</sup>, o território a leste da Matabelelândia. Esse território, em 1890, foi colocado sob governo de seu amigo, Dr. Jameson<sup>284</sup>, mas os Matabeles não conseguiram superar o hábito de assaltar e atacar seus vizinhos e continuaram a fazer incursões através da fronteira e por fim começaram a lutar com a Polícia da Mashonalândia e a matá-los.

Finalmente, em 1893, Dr. Jameson organizou uma contra-ofensiva com os colonos brancos pioneiros na Mashonalândia, e, após algumas lutas com os Matabeles, capturaram o principal kraal<sup>285</sup> de Lobengula, em Buluwayo, e o próprio fugiu para o norte ao longo do Rio Shangani, antes de conseguir entrar em contato com uma outra parte de seu exército, comandada pelos generais M’jaan e Gambá, que estavam participando em assaltos e não voltaram a tempo de participar da resistência contra os britânicos.

Major Wilson<sup>286</sup>, com um destacamento avançado de trinta e quatro

---

British South África Company. Em 1910 se dividiu em Rodésia do Norte, atual Zâmbia e Rodésia do Sul, atual Zimbábue.

279 Makalaka - Designação usada pelas tribos Bechuana e Matabele para seus escravos ou tribos conquistadas. Este nome era especialmente utilizado para designar os Makalanga ou Mashona, que eram capturados com frequência pelos Matabele

280 Gobulawayo ou Bulawayo - Cidade localizada no centro da antiga Rodésia. Hoje é a segunda maior cidade do Zimbábue.

281 Lobengula (1845-1894) - Lobengula Kumalo, foi o segundo e último Rei dos Ndebele (Matabele), sucessor de Mzilikazi.

282 Cecil Rhodes (1853-1902) Cecil John Rhodes, empresário e explorador inglês, fundador da Rodésia, atual Zimbábue.

283 Mashonalândia - Região ao norte da Rodésia, atual Zimbábue. Local de moradia do povo Shona.

284 Dr. Jameson (1853-1917) - Sir Leander Starr Jameson, Escocês. Também conhecido como Dr. Jim ou “O Doutor”, por ser médico. Foi primeiro ministro da Colônia do Cabo e Governador da Rodésia.

285 Kraal - Nome dado as aldeias na África do Sul.

286 Major Wilson (1856-1893) - Major Allan Wilson, escocês - Militar do exército britânico durante a I Guerra Matabele. Massacrado pelos Matabeles no rio Shangani.

homens montados da coluna do Major Forbes<sup>287</sup>, havia perseguido Lobengula com o objetivo de capturá-lo, mas teve a má sorte de encontrá-lo assim que ele alcançou esse exército de guerreiros fresco e descansado.

Por um azar maior ainda o rio que eles haviam acabado de atravessar se elevou em uma enchente na sua retaguarda, separando-os de sua coluna de suporte.

Então, cercados por uma horda de guerreiros imbatíveis, apesar de lutarem galantemente até o fim, todos os homens da patrulha encontraram a morte.

A história de sua última resistência se tornou um épico na história do país e seus ossos estão postos próximos daqueles do próprio Rhodes no cume do Malindidzimu, “a colina dos espíritos”, local conhecido como Vista do Mundo, em Matobo<sup>288</sup>.

Nityana, o Chefe que liderou o último ataque contra eles, assim descreveu o fim de Wilson:

“O Induna<sup>289</sup> estava enfeitado. Nós atiramos nele com seis rifles e ele ainda lutava. Um homem ferido lhe entregava uma nova arma a toda hora. Mas o matamos por fim e os homens feridos que não podiam mais lutar colocaram suas mãos sobre os olhos enquanto os perfurávamos com assegais. Ah! Eles não morrem como os Mashonas<sup>290</sup>. Eles nunca choram ou gemem. Eles são Homens.”

Isso foi em 1893, e Lobengula morreu dois meses depois, ainda fugitivo no mato.

### **A Segunda Campanha em Matabelelândia**

Chegamos agora a 1896, quando os Matabeles já haviam se assentado

---

287 Major Forbes (1861-1918) - Patrick William Forbes, inglês - Militar do exército britânico durante a I Guerra Matabele.

288 Matobo - Colinas de Matobo, onde hoje está localizado Parque Nacional de Matobo, a cerca de 50 km ao sul de Bulawayo, na Matabelelândia, Zimbábue.

289 Induna - palavra Zulu que significa grande líder ou comandante de um grupo de guerreiros

290 Mashona ou Shona, nome de vários grupos da região sul da antiga Rodésia. Este nome foi dado pelos Matabeles, como uma corruptela de Amashuina, significando “povo que se abriga nos campos rochosos”. Antes da invasão Matabele, a região da Mashonalândia estava ocupada pelos Makalanga, Makorikori e Banyai, grupos próximos que se uniram para se defender dos ataques.

e estavam esperançosos que a invasão britânica pelo país fosse apenas uma incursão temporária, da maneira como eles próprios tinham o hábito de realizar.

Descobrimo que os britânicos tinham a intenção de permanecer ali eles se dirigiram a “Mlimo”<sup>291</sup> – seu deus – que por gerações eles estavam acostumados a consultar em situações de emergência nacional.

Esse oráculo deu sua instrução em certa caverna em Matobo, e também em dois ou três lugares na Mashonalândia.

Nessa ocasião seu conselho era o de que os guerreiros Matabeles deveriam fazer seu caminho até Buluwayo em certa noite e massacrar o povo branco do lugar, e depois disso deveriam sair e matar os colonos em suas fazendas.

Esse plano fracassou devido a impaciência dos guerreiros ao caminhar rumo ao ponto de encontro, já que eles não conseguiram resistir a tentação de matar alguns dos fazendeiros enquanto passavam próximos a suas propriedades. Muitos desses homens, entretanto, conseguiram escapar e fugir para Buluwayo e levar a notícia do ataque iminente. Entre esse que escaparam estava Selous<sup>292</sup>, o celebrado caçador de grandes animais, que tinha uma fazenda a uns cinquenta quilômetros de Buluwayo.

Os cidadãos de Buluwayo formaram um forte acampamento de defesa com barricadas de carroças na Praça do Mercado, dentro do qual todos se reuniram em segurança contra o ataque. Os Matabeles chegando a cidade durante a noite encontraram tudo muito escuro e anormalmente quieto, e suspeitaram de algum tipo de emboscada.

Assim, não se aventuraram a entrar no lugar, mas se contentaram em destruir fazendas distantes e assassinar qualquer homem branco vagante que encontrassem. Neste meio tempo os colonos se organizaram em unidades de batalha montadas e desmontadas, e realizaram ousados ataques ao inimigo quando e onde achavam possível.

---

291 Mlimo é a palavra que designa “Deus” em muitos dialetos Shona. Quando B-P diz que se dirigiram ao seu oráculo, estavam se referindo a Mukwati, líder espiritual Shona e que foi morto na Segunda Guerra Matabele. Baden-Powell em outro trecho novamente faz confusão dos termos, usando a palavra para significar seus líderes espirituais.

292 Selous (1851-1917) - Inglês, Frederick Courteney Selous foi explorador da África, tendo criado um regimento de forças especiais do Exército da Rodésia (hoje chamada de Zimbabwe), os Escoteiros de Selous.

Forças de socorro foram neste meio tempo levantadas entre os residentes de Salisbury<sup>293</sup> na Mashonalândia, e pelo Coronel Plumer<sup>294</sup> na Colônia do Cabo<sup>295</sup>. Foi para comandar essas forças e tomar conta da situação geral que o General Carrington havia sido convocado.

A estação de trem mais próxima de Buluwayo era em Mafeking – a 945 quilômetros de distância – e a estrada para lá era uma pesada estrada de areia, sem água por grande parte da distância. Carroças de gado eram a única maneira de transportar bens pesados e em seu usual passo de três quilômetros por hora era, naturalmente, um trabalho longo para conseguir suprimentos de comida e munições, equipamentos e provisões hospitalares, para a frente de batalha.

Como se isso já não fosse bastantes obstáculos, a peste bovina havia aparecido e varrido o país de modo que diversos touros morreram no caminho e centenas de carroças haviam sido abandonadas pela estrada.

De Mafeking, o General, com sua equipe de Estado-Maior (consistindo do Coronel Vyvyan<sup>296</sup>, como Assistente de General-Adjunto, e Capitão Ferguson como Ajudante-de-ordens, Coronel Bridge<sup>297</sup> como General Intendente, oficial do estado-maior responsável por provisões e suprimentos e eu mesmo como Chefe de Estado-Maior), seguiu em uma carruagem velha e bem estragada, com oito mulas, por uma longa e difícil viagem.

Levou-nos dez dias E NOITES para chegar ao local, a mais irrequieta jornada a que já resisti. Nós pegávamos mulas novas nos postos do correio aproximadamente a cada vinte e cinco quilômetros. A maravilha foi que, apesar de estarmos em território inimigo, os

---

293 Salisbury - Antigo nome de Harare, capital do Zimbabwe.

294 Coronel Plumer (1857-1932) - Tenente Coronel Herbert Plumer, 1º Visconde de Plumer, militar britânico que chegou a Marechal de Campo por suas atuações na I Guerra Mundial onde comandou exércitos britânicos.

295 Cabo - Cidade sul-africana. Hoje é a capital legislativa da África do Sul. Os primeiros europeus que chegaram a região foram os portugueses com Bartolomeu Dias, a caminho das índias. Depois o holandês Jan van Riebeeck estabeleceu aí a primeira colônia européia na África do Sul, a Colônia do Cabo, em 1652.

296 Coronel Vyvyan - Courtenay B. Vyvyan estava com B-P em Mafeking, tendo sido responsável pelas defesas, tendo sido nomeado Comandante da cidade. Recebeu o título de Barão de Vyvyan, herdado de seu pai.

297 Coronel Bridge (1852-1926) - Sir Charles Henry Bridge. Militar Britânico na Rodésia, atual Zimbabwe.

Matabeles nunca interferiram com o trânsito em nossa estrada. A razão que depois foi apresentada por eles para isso foi que eles supuseram que se deixassem um caminho para a retirada aberto, o povo de Buluwayo iria aceitar agradecido e o utilizaria para escapar do país.

Não estava em seus planos que nós pudéssemos usar esse caminho da maneira inversa.

Imediatamente ao chegarmos a Buluwayo arrumamos nosso escritório e começamos a nos organizar.

Houve algumas poucas lutas no distrito e os Matabeles eventualmente se retiraram para sua grande fortaleza nas Colinas de Matobo.

Essas colinas consistiam de uma extensão de terra, quebrada em pilhas de rochas de granito, alcançando em muitos pontos duzentos e quarenta a duzentos e setenta metros em altitude, cheio de cavernas e ravinas profundas meio escondidas na vegetação de cactos, mahobahoba, e baobás.

O distrito se estendia por oitenta quilômetros de comprimento e trinta e cinco em profundidade, e era o mais deplorável terreno que se pode imaginar para se lutar.

Aqui o inimigo escondia seu gado e mulheres e tomava posições fortes para defesa, não em apenas um, mas sim em meia dúzia de lugares diferentes. Apesar de termos muitos nativos amigáveis e abundantes voluntários brancos para agir como batedores, achamos que as informações que eles trouxeram estavam tão incompletas de detalhes militares que seriam de pouco uso para nossos planos táticos, e por fim o General me enviou para reconhecer as posições, passando meus deveres no estado-maior para o meu assistente ainda mais capaz, Capitão – agora Sir Courteney Vyvyan.

Esses reconhecimentos tornaram-se a mais jubilosa aventura da minha vida mesmo que um pouco árdua.

Nesse trabalho eu estive em diversas ocasiões associado ao Major Fred Burnham<sup>298</sup>, um batedor americano, cujas aventuras estão completamente descritas em seu livro *Scouting in Two Continents*<sup>299</sup>.

---

298 Fred Burnham (1861-1947) Americano, Frederick Russell Burnham foi explorador militar e viajante. Prestou serviços no exército colonial britânico tendo travado contato com Baden-Powell na África do Sul onde trabalharam juntos como batedores militares, servindo na Campanha dos Matabeles, em 1896.

299 *Scouting in Two Continents* - Exploração Militar em Dois Continentes – Livro auto-

As colinas de Matobo estavam a uns cinquenta quilômetros de Buluwayo.

Meu método usual de proceder era sair cavalgando com um assistente, para chegar até metade do caminho durante a luz do dia. O restante da jornada precisava ser feito no escuro para escapar de ser observado. Nosso plano era chegar a uma posição antes do amanhecer onde podíamos observar os afazeres do inimigo sem sermos vistos e adquirir, se possível, a posição e força do inimigo.

Isso poderia ser observado pelas fogueiras que eram acesas pela manhã para cozinhar.

O resultado era que nós éramos capazes de localizar as diferentes posições mantidas pelo inimigo e podíamos atacá-las precisamente.

Esses ataques exigiam métodos pouco ortodoxos devido ao terreno muito incomum em que tínhamos que trabalhar. As altitudes em que se formavam as fortalezas eram compostas, principalmente, por gigantescas pilhas de rochas, uma sobre a outra, entre as quais havia túneis e cavernas naturais, e em algumas, fontes de água.

Nosso contingente de nativos do Cabo era particularmente apto ao tipo de luta necessária para limpar essas cavernas. Sob o comando do Major Robertson<sup>300</sup>, um antigo membro do Regimento Highlander, eles corajosamente rastejam para dentro de locais onde mesmo anjos temeriam pisar, e usam a baioneta como sua arma favorita.

Aliás, essa unidade tinha o apelido de “A Esperança Perdida” porque, apesar de terem rifles e baionetas, nós não tínhamos equipamento suficiente para supri-los com cintos e bainhas, e conseqüentemente eles sempre se moviam com as baionetas fixas e então pareciam particularmente sérios e comprometidos.

E assim, com algumas batalhas violentas, nós gradualmente superamos a resistência em Matobo.

### Uwini

Certo dia eu fui colocado no comando de uma coluna móvel para limpar do país os bandos dispersos de Matebeles.

Um trabalho da minha coluna era capturar, se possível, um dos dois “Mlimo” que estavam urgindo o povo a continuar lutando contra

---

biográfico, publicado originalmente em 1926 e não editado em português.

300 Major Robertson - R. Robertson, comandou a tropa conhecida como “Rapazes do Cabo”, que chegando a Mafeking em 1895, marchou até Buluwayo, chegando lá em 1896 para tomar parte na Campanha dos Matabeles.

nós. Major Watts havia sido bem sucedido em capturar um desses, Makoni, e o homem foi julgado e executado. Major Burnham<sup>31</sup> havia fuzilado outro.

Quase ao mesmo tempo minha coluna encontrou um terceiro, chamado Uwini, que, acompanhado de aproximadamente mil homens, estava resistindo em diversos kopjes<sup>301</sup> fortificados. Nos propusemos a atacar severamente estas fortificações, e ao tomar o primeiro perdemos quatro homens, mas depois de uma excitante luta, em escuros túneis sob a terra, nossos homens capturaram o próprio Chefe, ferido, mas desafiador.

Havia vários crimes contra ele, incluindo o assassinato de ao menos dois homens brancos. Nós o julgamos pela corte marcial e ele foi considerado culpado e sentenciado a morte.

Alguns dias depois uma surpreendente ordem veio do Governador da África do Sul, indicando que eu deveria ser julgado pela corte marcial como responsável pela execução de Uwini, já que eu assinei seu mandato de execução, e dizendo que eu deveria ser preso.

Sir Frederick Warrington telegrafou ao Governador, em resposta, requerendo que o “Coronel Baden-Powell deveria ser poupado da indignidade da prisão como um oficial que tem prestado tantos excelentes serviços”, mas que uma Corte de Inquérito deveria ser organizada.

Isso aconteceu em seu devido tempo em Gwelo<sup>302</sup>. A acusação contra mim era a de que, tendo prendido um malfeitor, eu deveria tê-lo entregado a Estação de Polícia mais próxima para ser julgado por autoridades civis.

Em minha defesa eu apresentei a questão legal de que, de acordo com a Lei Militar, eu estava em poder de exercer meu próprio julgamento caso estivesse a mais de cento e sessenta quilômetros de qualquer autoridade superior.

Eu estava a mais de cento e sessenta quilômetros de meu General e a mais de mil e seiscentos quilômetros do Governador, apesar de que, mesmo que estivesse a apenas 80 quilômetros, eu teria agido da mesma maneira, já que execução sumária na presença de seu próprio povo apresentava-se como uma oportunidade excepcional

---

301 Kopjes - Designação de pequenos morros na África do Sul

302 Gwelo - Atualmente chamada Gweru. Cidade na região central do Zimbábwe.

para acabar com a crença deles no ‘Mlimo. Isto também garantiu a rendição deles, salvando muitas vidas que poderiam ter sido perdidas, tanto de nossos homens quanto entres os inimigos, se tivéssemos que continuar nosso ataque nos oito kopjes sucessivos que formavam sua fortaleza.

Logicamente, a Corte me considerou “inocente” e eu fui liberado sem nenhuma mancha em meu caráter.

Se o Governador não estava satisfeito comigo, meu General estava, e me disse privadamente que havia me recomendado para a Ordem de São Miguel e São Jorge, conhecido como CMG. Mas eu não recebi – somente de outra forma!

Alguns anos depois, quando estive na África novamente para a Guerra dos Bôers, um homem me abordou na Cidade do Cabo e me perguntou: “Você recebeu aquele C.M.G. pela execução do Uwini?” E quando eu, risonho, lhe disse “Não” ele tirou de seu pulso um bracelete comum de fio de aço que entregou a mim e disse: “Aqui está então – o bracelete que Uwini tinha consigo quando o fuzilamos. Eu estava no pelotão de fuzilamento!”.

Eu citei o caso de Uwini de maneira bem completa porque ilustra o fato de que há um comichão que às vezes ataca homens de autoridade, e os incita a ficar puxando os fios quando eles, na prática, já passaram a responsabilidade a um responsável local que tem o dever de controlar a situação.

Acontece ocasionalmente com Generais, em que pode ser um pouco mais perdoável, mas não é meramente curioso, mas sim de fato prejudicial, quando Governadores se metem como fizeram em ocasiões como aquelas na Zululândia<sup>303</sup>, atrasando nosso ataque ao Dinizulu<sup>304</sup>, erroneamente acusando um oficial de matar sujeitos de um poder amigo, e então na Matabelelândia ordenando a prisão de oficiais e criticando as táticas do General Oficial Comandante.

Mesmo políticos buscando popularidade às vezes sentem esse

---

303 Zululandia - Região sul-africana dominada pelos Zulus na época da colonização britânica, que corresponde a área ao longo da costa do Oceano Índico, entre o Rio Tugela ao sul e o Rio Pongola ao norte.

304 DiniZulu (1868-1913) Dinizulu kaCetshwayo, Rei Zulu. Dinizulu assumiu o trono aos 16 anos, sucedendo seu pai que foi o último rei Zulu reconhecido pela coroa britânica. Foi aliado dos bôeres contra os ingleses, tendo sido posteriormente capturado e exilado na Ilha de Santa Helena, onde ficou sete anos até ser levado de volta para a África do Sul pelo seu amigo e, então presidente Louis Botha.

comichão e recebem permissão para ter poder de voz efetivo em casos como o do Coronel Dyer<sup>305</sup>, na Índia e do General Gough<sup>306</sup>, na França.

Não faria diferença se houvesse apenas um lado ridículo nisso, mas há o perigo, é claro, da possibilidade de ser por completo criticado e profissionalmente arruinado por esse tipo de influência externa.

Joseph Chamberlain<sup>307</sup> foi um modelo aos outros, que se proclamam e se manifestam como estadistas. Uma vez ele disse a mim, quando lidava com dificuldades na África do Sul: “Não tenha medo de fazer aquilo que você sente ser correto. Nós (isto é o Gabinete Colonial) iremos te apoiar”.

Assim é que deveria ser. Quando você tiver selecionado um homem para confiar um assunto, confie nele. Se ele não for um sucesso não o transforme em um bode expiatório para aquilo que foi seu próprio erro: fazer uma má seleção.

No fim os Matabeles se renderam, mas sua rendição foi transformada por alguns dos biógrafos de Cecil Rhodes em um assunto bem mais dramático do que realmente foram os fatos reais.

### **Mashonalândia**

Logo quando havíamos acabado de reprimir a rebelião em Matabelelândia uma nova rebelião estourou em Mashonalândia, colocando cerca de vinte mil homens em campo contra nós, enquanto os homens brancos armados daquele país não excediam dois mil. Tropas regulares chegaram vindo da Colônia do Cabo, sob comando do Coronel Alderson, e pouco depois todo o levante foi suprimido logo antes da chegada da estação de chuvas.

Nessa pequena campanha, nós perdemos 187 mortos e 188 feridos, enquanto 264 homens brancos civis foram assassinados.

Ao concluirmos a campanha, o General e eu viajamos de Mashonalândia para a costa ao sul com Cecil Rhodes. Um incidente interessante ocorreu quando chegamos a Umtali<sup>308</sup>. Essa cidade havia

---

305 Coronel Dyer (1864-1927) - General Brigadeiro Reginald Edward Harry Dyer, oficial britânico responsável pelo Massacre de Amritsar, na Índia.

306 General Gough (1880-1963) - General Sir Hubert de la Poer Gough, inglês. Comandou forças britânicas na I Guerra Mundial, tendo participado também da II Guerra Bôer.

307 Joseph Chamberlain (1836-1914) - Homem de negócios, político e estadista inglês.

308 Umtali - Cidade do Zimbábue, hoje em dia chamada Mutare, capital da província de Manicaland.

sido construída e colonizada com base na informação de que, assim que possível, a ferrovia de Beira<sup>309</sup> seria trazida à cidade, mas havia sido descoberto que dificuldades de engenharia iriam impedir a linha de chegar mais próximo que trinta quilômetros da cidade.

Isso, naturalmente, irritou os habitantes, e quando chegamos lá eles comunicaram ao Sr. Rhodes que pretendiam agredi-lo por este motivo.

Ele, entretanto, lidou com a situação em sua costumeira maneira peculiar. Um após o outro, ele convidou os proprietários a irem a seu quarto, averiguou com cada um o quanto haviam gasto em suas propriedades, entregou um cheque com valor equivalente a quantia e enviou ordens para se estabelecer uma nova cidade que estava sendo planejada na região adjacente a ferrovia.

Quando veio almoçar naquele dia, Rhodes perguntou: “Alguém quer comprar uma cidade? Eu acabei de comprar essa aqui completa com casas, hotel, igreja e cadeia. Alguma oferta?”.

### **Adeus aos 13<sup>os</sup>. Hussardos**



*Tenente-Coronel Robert Baden-Powell Comandante, 5<sup>o</sup> Dragões da Guarda.*

Quando retornei da campanha Matabele para casa eu me reuni ao meu Regimento, os 13<sup>os</sup> Hussardos, em Dublin<sup>310</sup>. Eu cheguei lá

309 Ferrovia da Beira - Ferrovia que se origina na cidade da Beira, Moçambique.

310 Dublin - Capital e maior cidade da República da Irlanda. Em irlandês seu nome é Baile Átha Cliath.

pela manhã, tomei um banho, e ao tirar minha roupa tirei de meu pescoço um pequeno amuleto que havia sido entregue a mim pelo meu cavaliário, Martin Dillon, quando parti para a campanha no ano anterior. Ele havia implorado para eu usá-lo tão seriamente, porque havia recebido uma bênção especial de seu padre, que então o fez para agradá-lo.

Eu o retirei, como disse anteriormente, ao entrar na banheira, e depois ao me vestir novamente não consegui encontrá-lo em lugar algum.

Naquela manhã quando encontrei o velho Dillon lhe contei do misterioso desaparecimento, e ele não se mostrou nem um pouco surpreso, mas apenas comentou que isso era até mesmo natural. O amuleto havia sido dado a mim apenas para garantir a preservação de minha vida durante a campanha e tendo cumprido seu dever havia agora naturalmente desaparecido.

De qualquer forma eu nunca o vi novamente, apesar de ter realizado uma busca minuciosa.

Eu havia estado com meu Regimento apenas tempo o suficiente para comprar uma nova vestimenta quando de repente, bang, veio outra bomba.

Eu havia recebido a patente de Tenente-Coronel para a campanha Ashanti<sup>311</sup>, seguido da patente de Coronel para a campanha Matabele, então apesar de figurar como um Major em meu Regimento, abaixo do Tenente-Coronel que estava no comando e do Major Sênior, segundo no comando, eu estava na verdade acima dos dois na hierarquia, o que era certa anomalia.

Esse fato não me veio à mente até que o Coronel me convocou um dia e me informou que eu havia sido apontado para o comando a 5º Regimento Dragões da Guarda.

Isso foi de fato uma bomba, mas eu a rejeitei dizendo a ele: “Eu não quero ir. Eu prefiro permanecer no Regimento”.

Entretanto, ele então me explicou que, para mim, sendo Coronel, era impossível permanecer onde eu estava, e eu tive que ir.

Deixar meu velho Regimento foi talvez um dos momentos mais amargos de minha vida.

---

311 Campanha Ashanti - Campanha militar realizada pelos britânicos contra os Ashanti, grupo étnico majoritário de Gana. Antes da colonização exerciam grande influência no oeste africano. Hoje também é chamado de Ashanti um dos estados de Gana.

Eu havia servido nele por vinte e um anos, os melhores anos de minha vida, então ir embora era um grande sofrimento, especialmente o momento de partida, que foi pior do que eu esperava.

Eu havia combinado com meu ordenança que eu escaparia cedo pela manhã antes do desjejum; e, para que isso não fosse notado, ele deveria ter um táxi atrás de meus aposentos e deixá-lo carregado com toda a minha bagagem para que eu pudesse escapulir sem ser visto.

Quando eu estava pronto escapei pela porta dos fundos, para encontrar meu táxi, encontrei o Sargento do regimento sentado no capô e conduzindo a Banda que também estava presente, junto a todos os homens de meu Esquadrão reunidos em longas fileiras, e todo o Regimento ali para me ver sair pelos portões do Quartel.

E aí fomos, a experiência mais “engasgante” da minha vida.

Meu último vislumbre do quartel mostrava cobertores sendo sacudidos de todas as janelas, e por todos os bairros pobres e ruas de Dublin foi essa louca procissão que finalmente me deixou na estação com uma ovação de despedida.

Agradeço a Deus por ter me permitido retornar ao Regimento alguns anos depois, como seu Coronel-em-chefe, cargo em que eu ainda permaneço, e completo então mais cinqüenta e seis anos de conexão com os velhos “Lillywhites”<sup>312</sup>.

### **Quinto Dragões da Guarda**

Minhas bombas têm caído em mim em uma sucessão um tanto rápida. Retornar para casa vindo da campanha Ashanti não foi menos rápido do que o tempo gasto para ser ordenado para Matebelelândia, e agora eu mal havia me estabelecido em casa novamente quando fui enviado para a Índia.

Eu fiz um apelo para ser liberado em licença, já que duas campanhas bastante árduas em sucessão deixam alguém um tanto esgotado.

Mas disseram-me que meus serviços com o 5º eram requisitados urgentemente, e eu deveria partir o mais rápido possível, mas que tão logo eu ajeitasse as questões por lá eu poderia pedir por tanta licença quanto eu desejasse.

Então eu fui.

---

312 Lillywhites - Diz-se de algo muito branco, imaculado. Este nome vem dos lírios-brancos (*Lilium candidum*), símbolo do Regimento de B-P.

Eu descobri logo após minha chegada em Meerut<sup>313</sup> que com o excelente grupo de oficiais e suboficiais eu não deveria ter nenhuma dificuldade em deixar o Regimento bem caprichado, tão logo eu os conhecesse melhor e eles me conhecessem melhor.

Não há nenhum trabalho na terra, que eu saiba, tão prazeroso quanto o de Coronel de um Regimento, especialmente se, como aconteceu comigo sob Sir Bindon Blood<sup>314</sup>, seu General simpatiza com suas manias.

Eu encontrei tanto nos oficiais quanto nos homens um time bastante responsável de soldados perspicazes e pudemos desenvolver várias novas linhas de treinamento para o desenvolvimento da eficiência. Estes foram experimentos tanto interessantes quanto produtivos em termos de resultados úteis.

### **Domínio do Homem**

Domínio do cavalo é naturalmente desenvolvido, já que é o grande objetivo primário de todo Regimento de Cavalaria. Em adição a isso nós promovemos o “domínio do homem” que é ocasionalmente um assunto deixado de lado, enquanto que o cavalo é afinal apenas o instrumento para levar o homem a ação. É o homem, seu preparo físico, sua eficiência, e seu espírito, que importa.

Um homem só poderá ser um bom mestre de cavalos se ele apreciar seu cavalo. Ele só poderá ser um bom soldado se apreciar o serviço militar. Igualmente um oficial só poderá ser um bom mestre de homens se apreciar seus homens.

Por mestre de homens eu não quero dizer escravizador, mas aquele que, como o mestre de cavalos, mantém seus homens na melhor condição para a batalha. Isso envolve mantê-los aptos e bem alimentados, mas não aborrecidos, e ele precisa dar-lhes o espírito que os mantenha animados, perspicazes e leais.

Qualquer tolo pode dar comandos, mas para ser um líder bem sucedido um homem precisa ser um mestre de homens.

Conhecendo o valor em meu próprio caso de ter recebido responsabilidades de meu Coronel, quando eu era um jovem oficial, fiz uso desse princípio por inteiro com os jovens oficiais do Regimento,

---

313 Meerut Cidade localizada no Estado indiano de Uttar Pradesh, no norte da Índia.

314 Sir Bindon Blood (1842-1940) - Major-General Escocês que comandou forças britânicas no Egito, Afeganistão, Índia e África.

e ao organizar os homens em pequenas patrulhas a responsabilidade era transmitida aos suboficiais juniores, como sendo a espinha dorsal da disciplina e da eficiência.



*O Coronel atira responsabilidade em mim. Rascuho por Baden-Powell*

Quando fui um comandante de Esquadrão, eu havia transformado em uma prática constante, apesar de ser estritamente contrário aos regulamentos, ver cada homem do Esquadrão em privacidade e sozinho em meus aposentos. Eu o deixava mais tranqüilo oferecendo-o algo para fumar ou dando permissão para tomar chá comigo; e, em costumeiras conversas, buscava fazê-los me dizer o que os havia induzido a se alistar no Serviço Militar, que tipo de vida ele tinha no passado, quais eram suas ambições, quem era sua família, e daí em diante. Dessa maneira era possível adquirir um contato amigável com cada indivíduo e ao receber suas confidências conseguia assegurar sua confiança.

Por exemplo, eu descobri a que surpreendente grau eles consideravam as opiniões e sentimentos de seus pais.

Eu estou absolutamente convencido de que é esse toque pessoal entre oficial e os homens, individualmente, que comanda uma disciplina mais forte, a disciplina que vem de dentro, diferente de qualquer disciplina imposta de fora por regulamentos ou medo de punições.

Problemas intestinais estavam gerando o caos nas tropas em Meerut, e tendo visto todos os arranjos sanitários no quartel, incluindo o

suprimento de água e o sempre importante item de manter moscas fora das cozinhas, e manter estas imaculadamente limpas sob superintendência de brancos, eu cheguei à conclusão de que os homens possivelmente estavam pegando os germes em lanches e refeições leves nas lojas nativas.

Portanto, eu me dirigi ao Regimento um dia e sugeri que como um experimento eles deveriam privar-se de ir aos bazares nativos por uma quinzena, e ver se causaria qualquer efeito na saúde geral do Regimento.

Eu expliquei que não queria tornar isso uma ordem geral, porque eles não eram crianças, mas sim homens razoáveis, e deixei a questão em suas mãos.

Alguns dias depois um homem deu entrada no hospital bastante machucado, mas não quis admitir como adquiriu seus ferimentos. Mais tarde tornou-se público que havia ido ao bazar contrário ao desejo geral do Regimento, e o próprio Regimento, conseqüentemente, deu-lhe uma expressão de seu desagrado.

O resultado do experimento, entretanto, parecia mostrar que estávamos seguindo a linha correta, portanto, eu resolvi dar início a uma padaria interna nossa, gerenciada por um sargento que havia sido padeiro e sabia como fazer todo tipo de iguarias.

Também tínhamos nossa própria produção de água com gás e limonada, e estabelecemos uma sala de lanches em que os homens podiam conseguir refeições leves a qualquer hora e jantares quentes à noite.

Além disso, diretamente em oposição aos regulamentos, eu permitia aos homens tomar uma caneca de cerveja com o jantar se assim desejassem, e então não havia mais razão para a usual peregrinação para a taberna e ficar vadiando por lá bebendo.

De fato, nosso sargento da taberna veio a mim um dia e disse que nem um só homem havia ido ao lugar naquele dia e que ele podia continuar com apenas um assistente em vez de dois no futuro. Eu o presenteei com um par de luvas brancas para marcar a ocasião.

Começamos a fabricar laticínios, mantendo nosso próprio rebanho de vacas e um sargento encarregado de garantir limpeza meticulosa. Fazíamos nossa própria manteiga e esterilizávamos o leite e creme. Com essa indústria conseguimos lucro rápida e continuamente. Pessoas de fora vinham a nós para comprar seu leite e manteiga.

Leite indiano faz uma manteiga muito pálida, então costumávamos adicionar um pouco de açafrão para lhe dar uma aparência cremosa. Um dia o pote de açafrão virou mais do que deveria e a manteiga terminou com uma rica cor amarelada. Isso ganhou o coração de um bom número de nossos clientes, que pediam por mais e mais daquela deliciosa manteiga amarela, e nós os atendemos com o uso liberal do açafrão, mas logicamente cobrando dois pences<sup>315</sup> a mais por cada meio quilo – pela exata mesma manteiga! Não que açafrão fosse tão caro assim, mas já que eles gostaram – bem, você sabe o que quero dizer.

A maneira mais importante, entretanto, pela qual nossos laticínios nos recompensavam, foi a notável redução de doenças no Regimento. Isso nos colocou em uma boa posição quando, ao fim do ano, tivemos que entregar nossos relatórios sobre a quantidade de acontecimentos no Regimento.

Não houve casos de embriaguez e apenas algumas poucas pequenas confusões. Isso perturbou as autoridades no Escritório de Guerra, que disse ao General que o Regimento estava certamente escondendo fatos.

Nosso General, plenamente familiarizado com nossos arranjos internos, respondeu que mesmo que o Regimento pudesse estar escondendo seus crimes ele não podia esconder suas mortes, e essas estavam muito baixas em relação os relatórios de outros Regimentos, em que problemas intestinais estavam fazendo grandes números de vítimas.

Incidentemente, eu mantinha anotações desses casos de problemas intestinais quando ocorriam, relatando em que alojamento do quartel eles ocorreram, se o alojamento tinha teto com palhas ou telhas, qual era a distância entre o piso e nível do terreno, e de que direção o vento estava vindo, etc. Pode parecer uma coisa boba a se fazer, mas em um curto período de dois anos de observação estávamos começando a atingir dados definitivos; e quando deixamos Meerut o General entregou esses relatórios de observação aos Oficiais Médicos para continuação.

### **Exploradores do Regimento**

Eu dei início a um sistema de organização e treinamento de

---

315 Pence - Fração da Libra Esterlina, moeda inglesa.

Exploradores no Regimento, que veio posteriormente a ser adotado para o Exército em geral.

Eu obtive permissão do Quartel-General do Exército para que aqueles homens que haviam passado pela dificuldade de completar o treinamento pudessem usar em seu braço uma insígnia distinta como Exploradores. Para isso eu escolhi a Flor-de-Lis, que marca o ponto Norte na bússola, como o explorador é o homem que pode mostrar o caminho como a agulha da bússola.

Lorde Haldane<sup>316</sup> me informou, mais tarde, que o esquema de exploradores havia sido adotado pelo Exército em geral, e para encorajá-lo os homens que houvessem passado pelos testes iriam receber dois pences<sup>51</sup> extras no pagamento diário. Eu o assegurei que dois pences por ano, na forma de um distintivo a ser utilizado, iria ter o mesmo efeito a um menor preço. Homens fazem muitas coisas por um distintivo – criaturas vaidosas que somos.

Nosso trabalho de exploradores era feito tanto de noite quanto de dia. Para oferecer aos homens prática, eu obtive permissão para que eles participassem das manobras táticas do Exército em Attock<sup>317</sup>. Eles deveriam ir sem montaria, já que essas manobras eram realizadas completamente nas montanhas. As companhias Pashtun<sup>318</sup> dos Regimentos indianos foram enviadas para atuar como inimigos com seus próprios métodos de luta, que na ocasião se tornou bem realista e bem próximo do negócio verdadeiro!



*Bem próximo do negócio verdadeiro. Rascunho por Baden-Powell*

316 Lorde Haldane (1856-1928) - Sir Richard Burdon Sanderson Haldane, 1º Visconde de Haldane. Político, advogado e filósofo escocês.

317 Attock - Cidade localizada na borda norte da Província de Punjab, no Paquistão.

318 Pashtun - Também conhecidos como 'afegãos étnicos' ou 'povo dos olhos esverdeados' são um grupo etnolinguístico localizado principalmente no leste e no sul do Afeganistão e, no Paquistão, nas províncias da Fronteira Noroeste e do Baluchistão.

No primeiro dia, meus exploradores ficaram um tanto estupefatos ao descobrir que as operações se encerravam ao cair da noite, e o General em Comando ficou igualmente surpreso quando eles lhe disseram que a noite era o momento certo para terminarem o serviço. Até então ele pensava que era o momento certo para descansar seus homens, mas por sugestão deles achou ser uma boa coisa dar a eles algumas operações noturnas, e mais tarde se expressou como impressionado e satisfeito com o bom trabalho de reconhecimento feito pelos exploradores e as boas informações fornecidas por eles. Ele também ficou impressionado com a independência deles em carregar tudo que precisavam em uma mochila nas costas e em cozinhar suas próprias refeições, quando e onde precisassem delas.

Em adição aos exploradores, nós também treinamos estafetas, usando bicicletas regimentais, que os permitiam se mover rápida e silenciosamente, para a grande economia dos músculos do cavalo.



*Cavalos nadadores. rascunho por Baden-Powell*

Naturalmente, todo explorador deveria saber nadar em rios com seu cavalo.

### **Mobilização Ágil**

Outra inovação introduzida por nós foi a de ter um Esquadrão sempre pronto para sair em Serviço Ativo em caso de notícia de última hora. Cada Esquadrão recebia esse dever em turnos de um mês cada, mantendo os homens e cavalos fortalecidos, com seus pagamentos e

documentos todos prontos, munição, suprimentos, etc., disponíveis – e espadas afiadas.

Esse último item levantou a ira das autoridades de Almojarifado, sendo a regra que espadas deveriam ser mantidas cegas até requeridas para o serviço ativo, quando deveriam ser afiadas pelo Armeiro Regimental.

Eu estimei que essa afiação, com a equipe disponível, levaria duas a três semanas. Então eu fiz homens em cada Esquadrão serem treinados para serem afiadores, e os próprios homens foram ensinados sobre como manter suas lâminas eficientes depois de serem afiadas.

É preciso lembrar-se do caso dos Carabineiros no ataque da Revolta em 1857<sup>319</sup>, quando, com espadas cegas, eles foram de repente chamados para obstruir os revoltosos da Cavalaria Indiana, que habitualmente deixam suas espadas afiadas como navalhas.

“Tão desgraçado quanto uma espada cega” é um ditado na Cavalaria Indiana.

Agora e então eu dava o alarme para mobilização do “Esquadrão de Serviço” com a ordem de embarcar no trem com suprimentos para três dias, e seguir para um destino desconhecido. Isso costumava ser cumprido completamente em cada detalhe, até mesmo com a Banda tocando na despedida do Esquadrão, na estação, na melodia da Canção da Despedida<sup>320</sup>, enquanto o trem seguia seu caminho.

As vezes seguia os trilhos apenas uns cem metros e retornava, em outras seguíamos por uma hora ou mais, para então desembarcar e acampar.

Dessa maneira todo o Regimento estava pronto para ligeira mobilização.

### **Cavalaria Indiana**

Eu tive sorte, nessa época, de comandar Brigadas de Cavalaria para diferentes manobras, e dessa forma ganhei uma grande afeição e admiração pela Cavalaria Indiana, de que os seguintes Regimentos estiverem sob meu comando em diferentes situações: o 1º, 4º, 5º, 13º,

---

319 Revolta de 1857 - Em 1857 aconteceu a Revolta dos Sipais (ou cipais, sipaios ou cipaios), período prolongado de levantes armados e rebeliões na Índia setentrional e central contra a ocupação britânica.

320 Canção da Despedida - ‘Auld Lang Syne’ é uma tradicional canção de língua inglesa, cuja melodia é usada no Brasil com uma letra diferente pelo Movimento Escoteiro.

14<sup>o</sup> e 18<sup>o</sup> Cavalaria de Bengala<sup>321</sup>, e os 15<sup>o</sup> Multanis<sup>322</sup>. Esses últimos eram fascinantes sujeitos selvagens e posso vê-los ainda agora no olho da mente saindo da formação para correr a todo galope atrás de uma lebre que se levantara em frente ao Regimento, cavaleiros atirando seus pugarees<sup>323</sup> neles.

Eu formei uma grande afeição pelos oficiais indianos nos Regimentos de minha Brigada.



*Fascinantes sujeitos. Rascunho por Baden-Powell.*

### **Fronteira Nordeste**

O que aumenta o tempero de servir ativamente na Índia é o fato de sempre existir atritos acontecendo em uma parte ou outra da Fronteira Nordeste.

---

321 Bengala - Região no nordeste da Ásia, dividida entre Bangladesh e o estado federado de Bengala Ocidental, na Índia, antes sob domínio inglês da Índia. Habitada pelo povo Bengali, é uma das zonas mais densamente povoadas na Terra, com mais de 900 habitantes; km<sup>2</sup>. A maior parte da região está no delta dos rios Ganges e Bramaputra, sendo considerada sagrada pelos hinduístas.

322 Multanis - Soldados oriundos da cidade paquistanesa de Multan, situada na província de Punjab e capital. É uma das mais antigas cidades paquistanesas, tendo sido conquistada em 326 a.C. por Alexandre, o Grande.

323 Pugarees - Turbante usado sobre um capacete.

Sir Bindon Blood, que foi nosso General em Meerut, havia realizado grande parte das mais pesadas lutas na fronteira e era um grande defensor do uso da Cavalaria, mesmo nessa região montanhosa, porque entre as cadeias montanhosas havia sempre vales e planícies para se lutar montado.

Portanto, apesar de ter experiência de mais de um ano no Afeganistão e Baluchistão<sup>324</sup>, eu senti que precisava aprender mais sobre esse tipo de combate, se possível.

Por essa razão, eu assisti às manobras de fronteira, em Attock. Depois, ao receber um convite de Sir Bindon, que havia completado recentemente uma difícil campanha além da Passagem de Malakand<sup>325</sup>, eu me apressei para aproveitar a ocasião.

Eu cheguei à Passagem de Malakand apenas para descobrir que ele estava em Dargai<sup>326</sup>, mas eu fui gentilmente recebido e hospedado pelo General Jefferys<sup>327</sup>, que estava comandando aquele posto. (eu não poderia imaginar que dentro de um ano ele iria morrer e eu, como Coronel sênior, seria indicado para General em seu lugar. Na verdade, eu apenas permaneci como General por quatro dias ao ser indicado pelo Quartel-General em Simla<sup>328</sup>, pois minha promoção foi cancelada pelo Escritório de Guerra, na Inglaterra, baseando-se no fato de eu ser jovem demais para a posição!

A Passagem de Malakand, agora uma posição bastante fortificada, foi capturada pelos Britânicos dois anos antes daquela ocasião, e quatro meses antes de minha chegada havia resistido com tremendo esforço a um assalto feito pelos homens das tribos locais para retomá-la.

A batalha aconteceu com quase nenhum descanso por quatro dias e noites, no decorrer de que o inimigo esteve em muitas ocasiões corpo

---

324 Baluchistão - É uma grande região que se estende do sudeste do Iran ao sudoeste do Paquistão, passando pelo Afeganistão. Antigamente sofria forte influência britânica e a coroa inglesa possuía muitos destacamentos locais.

325 Passagem de Malakand - Região na fronteira noroeste do Paquistão. Existe na região uma passagem pelas montanhas, fundamental para o domínio da região e aí se deu uma batalha entre os britânicos e forças locais.

326 Dargai - Nome de uma montanha e estação de trem na fronteira nordeste do Paquistão.

327 General Jefferys - Comandou a Campanha Mohmand

328 Simla ou Shimla, cidade no estado indiano de Himalach Pradesh.

a corpo com nossos homens.

Micky Doyme, antigo capitão nos 13<sup>os</sup> comigo, e mais tarde promovido a Coronel dos 4<sup>os</sup> Dragões da Guarda, conseguiu escapar de seu comando e se camuflar como soldado raso no Regimento de Infantaria Real das Fronteiras Escocesas para poder estar “lá dentro”.

Sir Bindon levou-me ao local onde ocorreram seis diferentes batalhas dessa campanha, e mostrou-me onde ele havia usado a cavalaria com efeito mortífero em duas delas, e onde Fincastle<sup>329</sup> e Adams<sup>330</sup> ganharam a Cruz de Victoria<sup>331</sup> por recuperar o corpo de Greaves, que havia se distanciado de seus homens ao perseguir o inimigo volante.

Sir Bindon então me levou à ponte sobre o rio Swat<sup>332</sup> e seu forte protetor, Chakdara<sup>333</sup>, onde aconteceu a heróica defesa de 300 Sikhs<sup>334</sup> por seis dias e noites contra ataques contínuos de doze mil homens das tribos afegãs.

Em Chakdara havia vários resquícios de templos Budistas e seus entalhes mostravam que eram evidentemente esculturas gregas. (Eu levei comigo uma linda pequena cabeça).

Um soldado ao cavar uma trincheira para chuva ao redor de sua barraca desenterrou um anel de selo Grego, e um número de moedas gregas foi encontrado na região, o que tendia a mostrar que ali foi onde Alexandre, o Grande<sup>335</sup> cruzou o Swat em sua invasão a Índia em 327 a.C.

Pouco depois de meu retorno a Meerut eu recebo um telegrama no

---

329 Alexander Edward Murray Fincastle (1872-1962) - Visconde escocês, recebeu a Cruz de Victoria por sua atuação em Killa Kazi, no Afeganistão, em 1897.

330 James William Adams (1839-1903), irlandês, recebeu a Cruz de Victoria por sua atuação em Killa Kazi, no Afeganistão, em 1897. Foi o primeiro clérigo a receber esta distinção, sendo até hoje um dos únicos cinco civis a recebê-la.

331 Victoria Cross - Cruz de Victoria. Mais alta condecoração militar britânica por bravura frente ao inimigo. Instituído pela Rainha Victoria durante a Guerra da Criméia, em 1856.

332 Rio Swat - Rio ao norte do Paquistão, formado pela junção dos rios Gabriel e Ushu, na região do Kohistan e alimentando por geleiras.

333 Chakdara - Cidade localizada em Malakand, Paquistão, as margens do Rio Swat.

334 Sikhs – Seguidores do sikhismo, religião monoteísta fundada por Guru Nanak no final do século XV no Punjab, região que hoje é dividida entre Paquistão e Índia.

335 Alexandre, o Grande (356 a.C.-326 a.C.), ou Alexandre Magno. Rei da Macedônia, dominou um dos maiores impérios da humanidade, se estendendo dos Bálcãs a Índia, passando pelo Egito.

dia 4 de janeiro de Sir Bindon Blood, dizendo: “Faremos uma caça a faisões no dia 7. Espero que você possa se unir a nós”.

Eu li nas entrelinhas e parti na mesma hora para Nowshera<sup>336</sup>, a estação mais próxima de Mardan<sup>337</sup> e Dargai.

Alcansei o General e sua coluna em Sanghao<sup>338</sup>. Ali eu tive uma calorosa recepção entre muitos amigos.

Na manhã seguinte estávamos todos acesos bem cedo para um bem espetacular ataque na Passagem de Sanghao.

Estávamos em um vale estreito, encarados por uma íngreme vertente rochosa, a uns sessenta metros de altura, de que ao longo da crista era possível ver hordas de homens de tribos afegãs com seus estandartes, vinte e nove deles, esperando por nosso ataque. Eles haviam construído pequenos fortes de pedra, que forneciam ótimos alvos para nossas armas. Cotinuamos bombardeando pesadamente enquanto nossas tropas faziam seu ataque escalando as alturas em diferentes pontos.

Em nossa ponta, em formação próxima ao vale, os Buffs<sup>339</sup>, com disparos sucessivos de longo alcance, eram capazes de reprimir o fogo inimigo enquanto as tropas avançavam.

O inimigo, entretanto, desprezava a necessidade de buscar abrigo, e grupos deles continuavam a levantar grandes rochas e rola-las precipício abaixo em direção aos atacantes.

No decorrer dessa batalha eu observei o ato mais corajoso que já presenciei. Uma das bombas explodiu um sangar<sup>340</sup> e por baixo do estouro das rochas emergiram três figuras vestidas de azul que aparentemente ficaram bem irritadas com esse insulto. Eles pareciam dizer: “Isso é o fim para vocês!”.

Eles começaram a investir vertente abaixo contra a força britânica inteira. Fogo pesado estava sendo descarregado em sua direção, quando então dois pararam e, reconsiderando, rapidamente

---

336 Nowshera - Cidade localizada na Província da Fronteira Noroeste, no Paquistão.

337 Mardan - Cidade localizada na Província da Fronteira Noroeste, no Paquistão.

338 Sanghao - Passagem de Sanghao – Localizada no Platô Potwar, no Paquistão. Ponto importante no domínio da região, uma vez que o acesso pelas montanhas é restrito a poucos lugares, conhecidos como passos.

339 Buffs - Royal East Kent Regiment - Regimento Real do Leste de Kent, apelidados de Buffs, um dos mais antigos regimentos britânicos.

340 Sangar - Cidade paquistanesa na província de Ghazni.

desviaram seu caminho para retornar ao cume por abrigo. Mas o terceiro homem continuou, uma visão esplendida, com suas folgadas roupas azuis esvoaçando atrás de si e uma cintilante grande espada em sua mão.



*Uma visão esplendida - à distância! Rascunho por Baden-Powell*

Ele veio correndo e pulando em uma velocidade incrível, até que chegou a um pequeno penhasco em que teve que parar e procurar por um caminho para descer. Mas ele conseguiu fazer isso e continuou então destemidamente, saltando de rocha em rocha. Era possível ver nuvens de poeira se levantando a sua volta, mas elas não o desanimavam, até que de repente ele tropeçou e caiu.

Mas foi apenas por um momento ou dois; ele evidentemente se machucou, mas estava cobrindo o ferimento em sua perna. Então ele pegou sua espada e vibrando-a em nossa direção continuou mancando, mas determinado a chegar lá. Era uma grandiosa e patética visão ver esse resoluto camarada avançando sozinho contra uma multidão inteira. Nossos homens na frente de ataque cessaram fogo, seja por admiração ou sob ordens, eu não sei, mas um minuto ou dois mais tarde ele de repente tropeçou para frente e rolou e parou com seu corpo amontoado - morto.

Quando subimos a vertente mais tarde eu passei por ele onde ele jazia, e fiquei satisfeito de ver que algumas das tropas indianas que haviam seguido a nossa frente tinham, por admiração a ele, arrumado e coberto seu corpo.

Antes de bombardeios por aviões terem entrado na moda nossos inimigos além da fronteira e nossas próprias forças lutavam com afeição e admiração mútuas.

Waziristão<sup>341</sup> é um exemplo até hoje. Antigamente uma região extremamente turbulenta foi forçada a se aquietar pelo estabelecimento de postos fortificados comandados por simpáticos e corretos oficiais. Estradas eram construídas e mercados estabelecidos. Mas bombardeios, pelo qual mulheres e crianças têm sido mortas, têm produzido um sentimento amargo que será mais difícil de suavizar.

Após esse pequeno feriado em que acabei realizando a mesma coisa que nos dias de trabalho em Malakand, retornei ao meu Regimento com conhecimentos atualizados sobre batalhas fronteiriças e o que pode ser requerido da cavalaria lá.

Apesar do Regimento não ser o primeiro na lista de plantão para serviço ativo na Índia, eu sentia que se qualquer emergência surgisse durante o verão em minha ausência, as autoridades perceberiam que o 5º D.G. eram os mais preparados e iriam utilizá-los de acordo.

Eu pouco esperava que as preparações que fiz encaixassem perfeitamente, quando um súbito chamado veio convocar as tropas para a África do Sul, alguns meses depois, e o 5º D.G. foi o primeiro a receber a ordem de partir.

Neste meio tempo minha licença foi concedida e eu fiz minhas malas para voltar para casa antecipando um bom tempo de descanso. Um telegrama seguiu-me na jornada para casa que apenas acrescentou a alegria de retornar ao lar, já que me dizia que o Comandante-em-Chefe, Sir George White<sup>342</sup>, havia enviado suas congratulações ao 5º D.G. sendo relatado como a melhor unidade de todos os ramos então situados na Índia.

### **O Exército como Universidade**

Suponho que alguns irão me dizer, como resultado do que tenho

---

341 Waziristão - Região montanhosa do noroeste de Paquistão, que faz fronteira com o Afeganistão e localizada nas Áreas Tribais.

342 Sir George White (1835-1912) - Sir George Stuart White, Marechal de Campo inglês.

dito nas páginas anteriores, que eu deveria me sentir envergonhado por preparar homens para serem assassinos.

Já me disseram isso uma vez, e em minha resposta eu realmente concordei que eu deveria me sentir envergonhado, mas ao mesmo tempo eu não me sentia assim.

Eu mostrei que havia outro lado da questão. Lorde Allenby<sup>343</sup> já disse: “Soldados não fazem guerras. Políticos fazem guerras, soldados as terminam”.

Shalimar, escrevendo para a revista *Blackwood*<sup>344</sup>, cita um soldado americano que diz: “Guerra não é inferno e qualquer jovem camarada que pense assim está morto do pescoço para cima. Eu não conheço nenhum sentimento mais glorioso na terra ou mar que aquele de liderar – sob o firme toque de um General como “Stonewall” Jackson<sup>345</sup> - cem homens como os meus para a ação.

Mas além desse glamour aparente, além da camaradagem e dos esportes, além das aventuras de pioneirismo e batalhas nos mais longínquos cantos do mundo – todos os quais possuem grande poder de atração para qualquer homem com sangue vermelho – há um chamado e uma oportunidade maior ainda para o oficial, que é a educação de milhares de jovens, que passam por sua responsabilidade, para a futura cidadania em suas nações.

O Kaiser<sup>346</sup> alemão uma vez me disse que o valor do serviço militar obrigatório na Alemanha não estava tanto na provisão de certa quantidade de soldados, mas sim em dar a juventude do país uma contínua educação em qualidades como lealdade, patriotismo, obediência, autodisciplina, respeito próprio, senso de equipe, pontualidade e um senso de dever, todos que contribuem para a formação do melhor caráter em seus cidadãos, e que de outra forma não poderiam ser inculcados neles após deixar a escola.

---

343 Marechal Lorde Allenby (1861-1936). Marechal de Campo Edmund Henry Hynman Allenby, 1º Visconde de Allenby, inglês. Participou da II Guerra Bôer. Durante a I Guerra Mundial liderou a Força Expedicionária Egípcia na conquista da Palestina e da Síria.

344 *Blackwood's Magazine*, revista britânica de miscelâneas impressa entre 1817 e 1980, fundada pelo editor William Blackwood.

345 Stonewall Jackson (1824-1863) - Thomas Jonathan Jackson, apelidado “Stonewall” (Parede de Pedra) foi general confederado durante a Guerra Civil Americana.

346 Kaiser - Título que significa “imperador”. Vem do latim Caesar, por empréstimo do cognome do imperador romano Júlio César.

O Exército é a melhor Universidade que temos para a educação pós-escola para um grande número de nossos cidadãos. Aqui pelo menos eles adquirem, em adição ao conhecimento escolar, um desenvolvimento da saúde e vigor físico, e um número de qualidades valiosas com que podem enfrentar a vida e ajudar sua comunidade.

Portanto, o oficial tem em suas mãos um poder valioso tão grande quanto o de qualquer professor ou homem do clero para desenvolver em seus homens os melhores atributos de bons cidadãos.

Disso você provavelmente inferiu a essa altura que minhas tendências militares não se apóiam completamente na rotina usual de Exercícios e Táticas, mas corriam, mais particularmente, em direção ao Escotismo e ao Domínio do Homem. Nisto está a explicação – e a desculpa – por muito de minha linha de ação mais tarde.



## CAPÍTULO VII

### A GUERRA SUL-AFRICANA

#### Missão para a África do Sul

Eu estava em casa, em Londres, recém chegado da Índia em Junho de 1899, aproveitando o que eu considerava ser uma bem merecida licença, quando, almoçando no Clube Naval e Militar, uma nova bomba foi lançada em mim.

George Gough, Ajudantes-de-ordens de Lorde Wolseley<sup>348</sup>, sentado em uma mesa próxima, de repente veio a mim e disse: “Eu pensei que você estava na Índia. Acabei de telegrafar para você voltar para casa pois o Comandante-em-Chefe gostaria de vê-lo”.

Com tanta frieza quanto pude reunir eu disse: “Bem, aqui estou”; e depois do almoço seguimos juntos para o Escritório de Guerra onde fui, mais uma vez, introduzido na sala de Lorde Wolseley.

Ele tinha uma queda por tentar dar sustos em você e era tanto melhor se você não fosse pego por eles. Eu acho que era seu modo de julgar o caráter de um homem, e tomei cuidado especial para não ser pego desprevenido em um deles.

Nessa ocasião ele disse: “Eu quero que você vá para a África do Sul”.

Com o ar de um mordomo bem treinado eu disse: “Sim, senhor”.

“Bem, você pode ir próximo sábado?” ( e isto aconteceu em uma segunda-feira).

“Não, senhor”.

“Por que não?”.

Conhecendo bem a tabela de horários dos navios a vapor Sul-Africanos, eu respondi: “Não há navios aos sábados, mas posso ir sexta-feira”.

Ele rompeu em risadas e então prosseguiu em me dizer que havia risco de guerra com os Bôers<sup>349</sup>, e ele queria que eu fosse e silenciosamente levantasse dois batalhões de Rifles Montados e organizasse Forças

---

348 Lord Wolseley (1833-1913) - Marechal de Campo Garnet Joseph Wolseley, 1º Visconde de Wolseley do Cairo. Militar britânico serviu em Burma (atual Mianmar), Índia, China, Canadá e vários lugares da África, tendo tomado parte ativa na Guerra da Criméia (Ucrânia), no Motim Indiano e liderado a Campanha Ashanti no oeste africano.

349 Bôer - Descendente dos holandeses colonizadores da África do Sul.

Policiais na fronteira nordeste da Colônia do Cabo<sup>350</sup>, que ficassem em prontidão caso problemas surgissem.

Ele já havia nomeado meu Estado-Maior, Lorde Edward Cecil<sup>351</sup>, dos Guardas Granadeiros, para ser meu Oficial de Estado-Maior Chefe, e Major Hanbury-Tracy<sup>352</sup>, da Guarda Montada Real, para ser Oficial de Estado-Maior.

Ele então me perguntou qual seria meu endereço antes de zarpar, e eu disse que se ele não precisasse de mim em Londres eu deveria estar em Henley<sup>353</sup> para as corridas de barco.

“E quanto ao equipamento?”

“Eu tenho tudo o que é necessário, e – África do Sul é um país civilizado”.

Ele então me levou para ver Lorde Lansdowne<sup>354</sup>, Secretário de Estado para Guerra, que me concedeu o sonoro título de “Comandante-em-Chefe das Forças da Fronteira Nordeste”.

Tendo recebido minhas instruções, eu tinha, já naquela tarde, formulado em minha mente meu plano para a campanha.

Enquanto caminhava, quase dançando, para casa parei em uma calçada, e enquanto aguardava o trânsito, descobri que meu vizinho era o Sargento-Major Manning<sup>9</sup>, de meu Regimento, em casa em licença.

Eu lhe disse que estava partindo para a África do Sul e ele me implorou para levá-lo comigo. Eu disse não ter autoridade para levar um sargento-major. Ele disse que eu tinha direito a levar uma ordenança e ele poderia ir nessa função. Assim ficou decidido naquela

---

350 Cabo - Cidade sul-africana. Hoje é a capital legislativa da África do Sul. Os primeiros europeus que chegaram a região foram os portugueses com Bartolomeu Dias, a caminho das índias. Depois o holandês Jan van Riebeeck estabeleceu aí a primeira colônia européia na África do Sul, a Colônia do Cabo, em 1652.

351 Lorde Edward Cecil (1867-1918) - Lord Edward Herbert Gascoyne-Cecil, Oficial britânico e administrador colonial no Egito. Participou também da II Guerra Bôer.

352 Major Hanbury-Tracy (1871-1915) - Algernon Henry Charles Hanbury-Tracy. Faleceu na França durante a I Guerra Mundial.

353 Henley-on-Thames é uma pequena cidade às margens do Rio Tamisa, Sul de Oxfordshire, Inglaterra. É famosa por ser um centro de remo mundialmente famoso. Lá aconteceu, em 1829 “The Boat Race” – “A Corrida de Barcos”, entre as universidades de Cambridge e Oxford. Isto explica a respoeta de B-P.

354 Lorde Lansdowne (1845-1927) - Lord Henry Charles Keith Petty-Fitzmaurice, 5º Marquês de Lansdowne. Militar e político. Foi Governador Geral do Canadá, Vice-Rei da Índia, Secretário de Estado da Guerra e Secretário de Estado para Assuntos Estrangeiros.

mesma hora e lugar, no meio da rua.

Eu nem preciso dizer que ele não permaneceu muito tempo como ordenança, mas eu o fiz Sargento-Major no primeiro Regimento que ergui, e ele depois se tornou Adjunto e finalmente Major.

Minhas ordens eram de erguer dois batalhões de Rifles Montados, dando-lhes montaria, suprimentos e equipamento, com o menor atraso possível e com a menor exposição possível.

Para esse propósito Coronel Plumer<sup>355</sup> e Coronel Hore<sup>356</sup>, com muitos oficiais imperiais, seriam enviados para se juntar a mim, e eu deveria ter que encontrar e organizar o restante do estabelecimento de oficiais e homens aptos na colônia.

Além disso, eu deveria assumir o comando da Polícia de Rodésia<sup>357</sup> e Bechuanalandia<sup>358</sup> e organizá-la como parte da minha força.

Eu deveria levantar o mínimo possível de suspeitas sobre essas preparações para evitar antecipar a guerra por estimular a animosidade dos Bôers.

A finalidade de minha força e seu estabelecimento nos limites a nordeste no Transvaal<sup>359</sup> era, no evento da guerra, atrair as forças Bôers para longe da costa para que eles não interferissem com o aporte de tropas Britânicas; em segundo lugar, para proteger nossas posses em Rodésia e Mafeking, etc. Em terceiro lugar, para manter o prestígio britânico entre as grandes tribos nativas daquelas partes.

---

355 Coronel Plumer (1857-1932) Sir Herbert Charles Onslow Plumer - Barão Plumer de Messines e Bilton. Militar e escritor inglês. Participou de campanhas no Sudão, na II Guerra Bôer, onde comandou o Regimento Rodesiano, auxiliando na libertação de Mafeking e na I Guerra Mundial, onde atuou na França, Alemanha e depois veio a ser Governador de Malta.

356 Coronel Hore (1870-1956) - Walter Patrick Hore-Ruthven Inglês de origem nobre foi educado em Eton, uma das mais tradicionais escolas britânicas. Serviu como Comandante da Brigada de Guarda, de Londres, na Guerra dos Bôeres e na I Guerra Mundial. Recebeu o título de 10º Barão de Freeland.

357 Rodésia - Nome utilizado durante a colonização africana a região ao norte da África do Sul. Seu nome advém de Cecil Rhodes, dominador da região. Em 1888 surgiu oficialmente a Rodésia, quando Rhodes conseguiu o direito de mineração na região para sua empresa - British South África Company. Em 1910 se dividiu em Rodésia do Norte, atual Zâmbia e Rodésia do Sul, atual Zimbábue.

358 Bechuanalândia - A Bechuanalândia passou a ser conhecida como Botsuana após sua independência em 1966. Desde 1885 até a independência era um protetorado britânico.

359 Transvaal - Na época em que B-P viveu na África se tratava de uma província bôer que ocupava toda parte norte da África do Sul, desde o rio Vaal - de onde vem o seu nome - até o rio Limpopo.



*Oficiais de Mafeking*

A equipe pessoal do Estado-Maior que me foi designada desconhecia inteiramente a África do Sul. Eu teria preferido escolher meus próprios oficiais de Estado-Maior, caso tivesse obtido permissão antes de deixar a Inglaterra, para poder contar com homens que conheciam a África do Sul e homens que eu conhecia pessoalmente. Se você torna um homem responsável por algum serviço, você deve, para ser justo com ele, deixa-lo escolher suas próprias ferramentas.

Entretanto, em Rodésia eu encontrei muitas velhas mãos que haviam servido comigo anteriormente, e entre aqueles que foram enviados a mim da Inglaterra estava um excelente grupo e incluía alguns companheiros da África do Sul como Coronel Plumer, Coronel Vyvyan<sup>360</sup>, Major Godley e Capitão Maclaren<sup>361</sup>.

O dever de minha força era defender a fronteira a oeste do Transvaal,

---

360 Coronel Vyvyan - Courtenay B. Vyvyan estava com B-P em Mafeking, tendo sido responsável pelas defesas, tendo sido nomeado Comandante da cidade. Recebeu o título de Barão de Vyvyan, herdado de seu pai.

361 Capitão Maclaren - Kenneth MacLaren, foi amigo pessoal de B-P, no 13º Regimento de Hussardos. Estava presente no primeiro acampamento escoteiro em Brownsea e quando a Associação Escoteira (Scout Association) foi formada, foi o primeiro secretário.

desde Vryburg<sup>362</sup> na Colônia do Cabo a Buluwayo<sup>363</sup> na Rodésia, uma distância de uns 1050 quilômetros, com dois Regimentos de Rifles Montados (se é que conseguiríamos levantá-los) e aproximadamente quatrocentos policiais, mas nenhuma tropa de soldados de linha.

A ferrovia corria a maior parte do caminho próxima a fronteira do Transvaal, e grande porção do território estava praticamente deserto habitado por tribos nativas.

Eu percebi que distribuir os homens ao longo de toda a fronteira seria fútil, então Coronel Plumer tomou o dever de levantar um Regimento na Rodésia, enquanto o Coronel Hore organizou o seu em Ramatlabama<sup>364</sup>, a vinte e cinco quilômetros de Mafeking<sup>365</sup>.

A razão para isso era a de que Ramatlabama estava em território Imperial, no Protetorado de Bechuanalandia, enquanto Mafeking estava na Colônia do Cabo, e o Governo do cabo, sendo simpáticos aos Bôers, não nos permitiria erguer tropas naquele território.

Incidentemente isso se provou uma ajuda para nosso esquema em produzir um efeito moral no inimigo, já que Ramatlabama era um lugar temido pelos Bôers, porque foi ali que Dr. Jameson<sup>366</sup> organizara, três anos antes, seu Assalto a Joanesburgo<sup>367</sup>.

Então a formação de uma coluna montada no mesmo local naturalmente profetizava outra investida desse local para capturar

---

362 Vryburg - Cidade sul-africana na Província Nordeste. Fica situada entre a capital da Província Norte (Kimberley) e Mafikeng, capital da Província Nordeste.

363 Gobulawayo ou Bulawayo - Cidade localizada no centro da antiga Rodésia. Hoje é a segunda maior cidade do Zimbabwe.

364 Ramatlabama - Município no sul de Botswana, onde existe uma importante estação ferroviária que vai até a África do Sul.

365 Mafeking ou Mafikeng "lugar de pedras" era um entroncamento ferroviário defendido por Baden-Powell, entre outubro de 1899 e maio de 1900 contra forças bôeres numericamente superiores. A partir da resistência em Mafeking Baden-Powell se tornou reconhecido e foi nomeado o mais novo (em idade) general do Império Britânico.

366 Dr. Jameson (1853-1917) - Sir Leander Starr Jameson, Escocês. Também conhecido como Dr. Jim ou "O Doutor", por ser médico. Foi primeiro ministro da Colônia do Cabo e Governador da Rodésia.

367 Assalto a Joanesburgo - Assalto de Jameson - "Jameson Raid" - Para muitos, este foi considerado a declaração de guerra que deu início a II Guerra Bôer. Aconteceu de 29 de dezembro de 1895 a 2 de janeiro de 1896, com invasão do território da República do Transvaal por Leander Starr Jameson e policiais da Rodésia e Bechuanalandia em busca de trabalhadores expatriados.

Pretoria<sup>368</sup> e o Presidente.

Pelo menos isso era o que o Presidente Kruger<sup>369</sup> evidentemente pensava, a julgar por seus freqüentes telegramas a seus Comandantes fronteiriços, em que ele repetidamente urgia-os para vigiar Ramatlabama.

Ramatlabama não era nada a mais que um nome, um pequeno desvio da estrada de ferro; não havia cidade lá.

Mafeking, por outro lado, era uma cidade de uns dois mil habitantes brancos, a mil e quatrocentos quilômetros da Cidade do Cabo, com oficinas ferroviárias, trilhos laterais e armazéns de bens, construídos sobre os trilhos, de forma que é possível descarregar sem que ninguém perceba; então era ali que eu coletava da Cidade do Cabo nossas provisões de alimento, equipamento, etc.

Quando, finalmente, Coronel Hore havia organizado seu Regimento em Ramatlabama eu obtive permissão do Governo do Cabo para colocar uma guarda armada em Mafeking, para proteger essas provisões; mas como a força dessa guarda não fora estipulada eu movi o Regimento inteiro de uma vez para o lugar.

Ao mesmo tempo o recentemente erguido Regimento Rodesiano de Plumer, junto com a Polícia Britânica Sul-Africana na Rodésia, assumiu posto em Tuli<sup>370</sup> na fronteira, no vau do rio Crocodilo<sup>371</sup> onde a principal estrada do Transvaal entrava em Rodésia.

Então, ao fim de Setembro nós mantínhamos dois importantes pontos estratégicos, que atraíram consideráveis forças dos Bôers por um tempo bastante longo durante os primeiros meses da guerra. Eles atraíram mais atenção dos Bôers devido ao fato de ambas as forças

---

368 Pretória - Capital administrativa da África do Sul, localizada ao norte da Província Gauteng.

369 Presidente Paul Kruger (1825-1904) Bôer sul-africano, Stephanus Johannes Paul Kruger foi presidente da República de Transvaal e líder da resistência bôer contra o domínio britânico na África do Sul.

370 Tuli - Região que compreende áreas na África do Sul e Botswana, atravessada pelo Rio Limpopo, é um dos melhores locais para observação da vida silvestre africana, sendo encontrados elefantes, leões e rinocerontes na região.

371 Vau do Rio Crocodilo - o Rio Crocodilo (Krokodil River) também é conhecido pelo nome de Limpopo e, nos seus 1770 km faz parte da fronteira entre a África do Sul e Botswana, antes de atravessar para Moçambique e desaguar no Oceano Pacífico. Vau é o nome dado a um trecho de rio onde se pode passar a pé, cavalo ou veículo, o que é especialmente importante em um rio como o Limpopo, repleto de crocodilos.

serem montadas e, portanto, palpavelmente inclinados à agressão ativa e não mera defesa passiva.

Dessa maneira nos empenhamos para cumprir, de maneira mais completa possível, nossas instruções, que se você se lembra eram:

1. Atrair as forças Bôers para longe das costas durante o desembarque de tropas Britânicas.

2. Proteger assuntos britânicos em Rodésia, Bechuanalândia, e Mafeking.

3. Manter o prestígio britânico entre os Bechuanas<sup>372</sup>, Matabeles<sup>373</sup> e outras tribos nativas naquelas partes.

Por fim poderíamos unir nossas forças e formar uma coluna para atacar o Transvaal do nordeste, em cooperação com as tropas vindas do Sul.

Essa era a idéia geral, mas no meio tempo – de forma a não precipitar a guerra – nós devíamos, sem ostentação, alistar homens de diferentes partes da Colônia do Cabo, Natal<sup>374</sup> e Rodésia, equipá-los, obter montarias, e treiná-los tão bem quanto os homens da força, coletar nossos suprimentos e transportes, e tudo isso no intervalo de três meses com muito pouca ajuda do General ou do Governo local.

Deve ser lembrado que o treinamento ordinário de um soldado, mesmo com tudo já pronto, geralmente leva pelo menos doze meses. Então isso significava em nosso caso trabalho intenso e enérgico da parte de todos. A maravilha era que, apesar de termos começado apenas em Julho, tínhamos nossa força pronta para o serviço e em campo quando a guerra foi declarada pelos Bôers, em 11 de Outubro de 1899.

Eu não pretendo cansá-lo com uma descrição detalhada do assim chamado cerco de Mafeking; bastante e mais que o bastante já foi escrito sobre ele em livros e em jornais da época. Como um “grande feito de armas” de fato foi uma operação bem secundária e foi em

---

372 Bechuana - Povo sul-africano, formado por um ramo da família Bantu. Ocupavam o território da Bechuanalandia e também a Basutolandia, sendo numerosos em toda região da Colônia do Rio Orange e nos distritos do Transvaal.

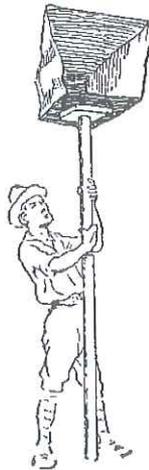
373 Matabele - Os Ndebele eram um ramo dos Zulus que se separaram durante o reinado do grande Rei Shaka em 1820, sob liderança do chefe Mzilikazi. Foram chamados de Matabele pelos britânicos pela dificuldade da pronúncia inglesa de seu nome. Hoje vivem na região do Zimbábue.

374 Natal - Província localizada na costa oriental sul-africana, hoje em dia chamada KwaZulu-Natal.

grande parte um pouco de blefe, mas um blefe que era justificado pelas circunstâncias especiais, e que no fim foi bem sucedido em seu objetivo.

O sitio consistiu de mil homens, recentemente organizados e armados, seiscentos homens brancos e crianças, e setecentos nativos. Nós resistimos ali, primeiramente contra 10.000 Bôers sob o comando de Cronje<sup>375</sup>, e depois contra menores números sob Sneyman, de Outubro de 1899 a 17 de Maio de 1900.

### A Defesa de Mafeking



*Nosso refletor.*

Depois que o inimigo havia cortado a linha de transporte a norte e sul de nossa posição, em 11 de Outubro, a artilharia deles apareceu na Colina do Sinal<sup>376</sup>, a cinco quilômetros dali, onde tínhamos uma base de observação.

Isso foi relatado em boa hora, de forma que pude ver sua artilharia ser posicionada e abrir fogo contra nós.

O primeiro bombardeio veio muito curto, e enquanto seu estava observando no canto de uma rua, uma garota passou por mim em sua bicicleta. Eu disse: “Senhorita, você devia ir para casa e buscar abrigo. Os Bôers estão começando a nos bombardear”.

Ela disse: “Oh, aquelas são bombas? Posso ficar para vê-las?”.

375 Cronje (1836-1911) – General Piet Arnoldus Cronje, líder bôer durante as Guerra Bôer, na África do Sul. Ele foi o responsável pelo cerco de Mafeking.

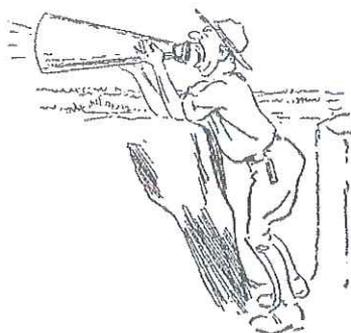
376 Colina do Sinal - No original “Signal Hill”

Mas eu a enviei para casa. Ela iria logo aprender bastante sobre bombas, quando eles conseguissem obter a mira da cidade. Mas seu espírito destemido era típico daquele que distingue todas as mulheres de Mafeking.

Eu estava sempre esperando um ataque noturno, e para desencorajar isso começamos a usar refletores em todos os fortes, isso considerando que fizemos nossos refletores com latas de biscoitos, no topo de um poste que segurávamos em pé, e girávamos gentilmente na direção requerida.

Havia em Mafeking um viajante mercador de lâmpadas de acetileno, e ele tinha algumas e um pequeno suprimento de acetileno com ele. Então ele ajustou uma lâmpada dentro desse refletor com um bico de gás e uma noite a acendemos com um grande brilho onde estava nosso canhão. Era um feixe de luz esplendido que quietamente atravessava o terreno ao redor. Mas tarde naquela noite a mesma lâmpada apareceu em um local totalmente diferente de nossas defesas, e isso se repetiu em várias noites, cada vez em um forte diferente, para que o inimigo acreditasse que estávamos bem supridos com refletores que seriam acionados no momento que eles tentassem qualquer ataque. Na verdade nosso acetileno logo acabou e então não pudemos mais fazer nada deste tipo.

Com o objetivo de perturbar o inimigo à noite, eu também usei uma divertida trapaça minha. Eu tinha um grande megafone feito de lata, com que eu podia seguir para uma de nossas trincheiras avançadas no meio da noite, e pregar uma peça de ventríloquo no inimigo, sabendo que a voz podia ser ouvida facilmente a um quilômetro de distância, e eu comandava um grupo imaginário de ataque, dando com a voz de um oficial a ordem de avançar bem silenciosamente, e perguntando ao Sargento Jackson se seus homens estavam todos prontos.



O “Sargento Jackson” então respondia: “Diga ao Soldado Thomas para fixar sua baioneta”, etc., etc.

Sempre tentávamos fazer a noite tão cheia de vida quanto possível para nossos adversários, e tão quieta quanto possível para nós mesmos, pois os homens precisavam de todo descanso que pudessem conseguir.

### Atiradores de Elite

Nós tínhamos um número de excelentes atiradores com rifles na guarnição, e esses homens recebiam ordens especiais para rastejar pelo veldt<sup>377</sup> e alvejar um por um os operadores de artilharia nas baterias do inimigo e seus oficiais, etc. Eles inventaram um método em que cada homem saia pela noite, carregando consigo uma ferramenta para escavar e uma persiana verde. Chegando a um ponto em que esperava conseguir ter uma boa visão do posicionamento da artilharia do inimigo, ele escavava um poço para si mesmo e quando a luz do dia viesse ele se encolhia dentro dele com a persiana estendida para cobrir o buraco, e silenciosamente repousava ali até a tarde.

Geralmente por volta do pôr-do-sol ele se punha a trabalhar, com o sol em suas costas, ofuscando o inimigo. Ele dava seus tiros quase sempre com precisão mortífera, já que estando na direção do sol poente era quase impossível para o inimigo localizá-lo e, portanto, retaliar.

Nós jogamos esse jogo até mesmo com nossa artilharia, tendo a movido para bem próximo do acampamento do inimigo à noite, deitados como cachorros dorminhocos o dia inteiro, e quando o sol estava quase mergulhando no horizonte no oeste, a artilharia atirava cartucho atrás de cartucho pelos minutos restantes da luz do dia.

Outra brilhante invenção nossa que teve a necessidade como mãe foi – a criação de bombas.

Quando o inimigo se entrincheirou em terrenos próximos a cidade, nós investíamos em pequenos túneis na direção dele, em que nossos homens podiam ir protegidos para perturbá-lo e eventualmente repeli-lo. Para chegar a isso nós precisávamos cavar grandes caminhos subterrâneos.

Então por etapas estabelecemos um sistema regular de trincheiras

---

377 Veldt - Grandes espaços abertos na África do Sul, correspondendo as savanas e campos.

bem nas linhas de antigas guerras. Eventualmente chegamos a um ponto em que estávamos a apenas uns trinta metros do inimigo e ali ficamos estagnados por alguns dias até que pensamos em bombas ou granadas de mão.



*Guerra de trincheiras em Mafeking*

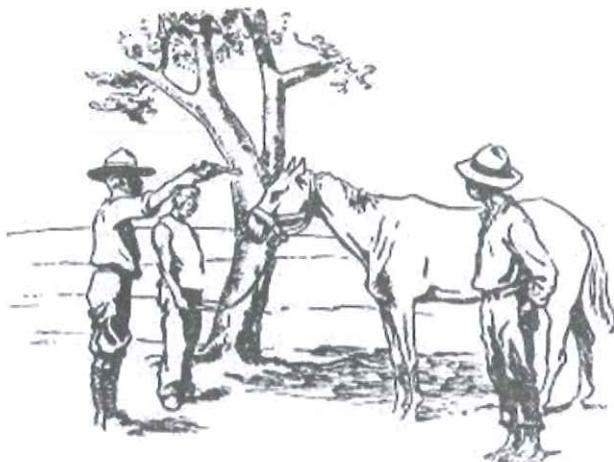
Fizemos as bombas com latas de carne ou geléia, cheias com dinamite ou pólvora com um estopim preso, e as lançávamos para as trincheiras Bôers. Eles logo responderam com granadas construídas mais artisticamente. Mas eles não gostaram das nossas e se retiraram de sua trincheira avançada alguns metros para trás e ali estagnamos novamente por uma quinzena, separados por sessenta e dois metros.

Para o Sargento Page, que havia praticado pesca marítima das rochas costeiras do leste de Londres, ocorreu de tentar lançar as bombas da ponta de uma vara de pescar, que assim fez obtendo grande efeito e um alcance de quase noventa metros.

As pessoas mais tarde riram de nossas idéias de retornar aos métodos medievais com nossas trincheiras e bombas, pouco esperando que dentre alguns anos, os mais modernos exércitos estariam atuando nas mesmas linhas na Grande Guerra.

Conforme o tempo avançava, nós começamos a ficar ansiosos quanto a nosso suprimento de alimentos. Tudo era estritamente racionado e os pobres coitados da minha Equipe de Estado-Maior

tinham que viver com uma ração menor que a dos homens, já que nós tínhamos condição de julgar o quão pouco era necessário para nos manter ativos, e ao mesmo tempo os homens não podiam reclamar que os oficiais estavam vivendo a pão-de-ló enquanto eles morriam de fome.



*Morrendo por uma boa causa.*

Incidentemente aprendemos a economizar bem rigidamente no assunto de comida e também a inventar alimentos substitutos.

Quando um cavalo era morto, sua crina e rabo eram cortados e enviados ao hospital para preencher colchões e travesseiros. Seus cascos eram enviados a fundição para fazer bombas. Sua pele, após ter os pelos retirados ao serem escaldados, era cozida com sua cabeça e pernas por muitas horas, picadas em pequenos pedaços, e com adição de um pouco de salitre era servido como “carne de porco”.

Sua carne era retirada dos ossos e moída em uma grande máquina moedora, e de suas entranhas eram retiradas tripas em que a carne era enfiada, e cada homem recebia uma lingüiça em sua ração.

Os ossos eram então fervidos em uma rica sopa, que era distribuída nas diferentes cozinhas; e eles eram depois triturados até virarem pó com que adulterávamos a farinha. Então não havia muito que era desperdiçado daquele cavalo.

Nossa farinha era feita da aveia dada aos cavalos, triturada e peneirada. Mas com todos os nossos utensílios nunca fomos bem sucedidos em conseguir nos livrar completamente de cascas. Nós

conseguimos então, entretanto, oferecer todo dia um biscoito de flocos de aveia.

As cascas peneiradas da aveia eram colocadas para empapar em grandes tubos de água por um número de horas, ao fim de que raspávamos a crosta formada pelas cascas e dávamos como comida para as galinhas do hospital, enquanto o resíduo formava uma pasta muito similar à cola usada para afixar cartazes. Isso era chamado de *sowens*<sup>378</sup>, uma bagunça meio azeda, mas bastante saudável e nutritiva.

Entre outras coisas nós suprimos os inválidos no hospital com um manjar branco especial que foi feito com o pó-de-arroz desapropriado dos cabeleireiros e das farmácias.

### Dinheiro

Como dinheiro era uma necessidade para pagar salários e para desapropriar provisões nós tomamos o controle do dinheiro em espécie no Banco Standard<sup>379</sup>, mas também achamos necessário emitir nosso próprio papel-moeda. Eu então desenhei um esboço para a nota de uma libra<sup>380</sup> e imprimi umas notas menores para dois xelins e um xelim.

O esboço para a nota de uma libra eu desenhei em um bloco de madeira, feito de um martelo de cróquet<sup>381</sup> cortado ao meio, e isso eu entreguei ao Sr. Riesle, que havia feito gravação em madeira. Mas o resultado não foi satisfatório de um ponto de vista artístico, então usamos essa como uma nota de dez xelins, e eu desenhei outro esboço para a nota de uma libra que foi fotografado.

Essas podiam todas ser trocadas por dinheiro se apresentadas dentre seis meses após o fim do cerco. Mas nenhuma delas foi apresentada, já que as pessoas a guardaram ou venderam como lembranças interessantes.

---

378 Sowens - Comida tradicional escocesa, a base de aveia.

379 Banco Standard - Banco sul-africano, ainda ativo.

380 Libra, Xelim e Xelins - Xelim (pl. xelins) são divisões da Libra Esterlina, moeda corrente no Reino Unido.

381 Croquet - Jogo de passar bolas por baixo de arcos batendo com um martelo. Foi um passatempo popular da aristocracia britânica na época vitoriana.



*Nota de Mafeking.*

Assim o Governo ganhou pelo menos seis mil libras, e por dois anos seguintes exigiu uma explanação para o que eles supuseram ser contadoria fraudulenta, que nos mostrava com tanto crédito. Sentimento não entrou nos cálculos deles.

### Selos

Nós também achamos necessário emitir selos de postagem para o transporte de cartas entre as defesas. Minha Equipe de Estado-Maior ao esboçar alguns desses selos emitiu uma série com minha cabeça neles, sem o meu conhecimento. Como eles eram apenas para uso temporário e local, não era um assunto de grande importância, mas mais tarde ouvi que isso havia sido considerado como um insulto à majestade de minha parte, se não traição, imprimir minha própria cabeça nos selos, e que a Rainha ficou bem irritada comigo! Bem, se ela esteve, Sua Majestade não o demonstrou, mas pelo contrário enviou-me as mais graciosas e apreciativas mensagens, tanto durante quanto depois do cerco, e pessoalmente dirigiu minha promoção para General. É muito divertido ver como rumores se espalham.

Muitas das glórias derramadas em Mafeking, por resistir a grandes forças dos Bôers no nordeste em um momento em que eram necessárias no Sul, e por levar segurança às tribos nativas da fronteira,

eram na verdade devido ao Coronel Plumer<sup>10</sup> e sua coluna Rodesiana, cooperando conosco fora do local. Se qualquer prova for necessária disto, pode ser encontrada nos telegramas capturados de Kruger<sup>25</sup> para seus comandantes antes de Mafeking, em que sua ansiedade era evidente pelas contínuas injunções de “Vigiar Plumer a qualquer custo”, e seu repetido balido de “Onde está Plumer?”.

### O Ataque de Eloff

Algumas cartas vieram a nós dos Bôers, em uma ou duas ocasiões, de uma maneira pouco ortodoxa, sendo atirada na cidade por cima das nossas defesas. Elas deviam ser conduzidas a famílias Bôers que tínhamos no local levando notícias de seus amigos. Uma vez, o artilheiro que atirou a bomba escreveu que o único desejo que ele tinha era ter alguma coisa para beber à nossa saúde, para nos agradecer por entregar essas cartas. Isso foi tão gentil da parte dele que lhe enviei uma garrafa de Uísque sob bandeira branca.

Quando estive na África do Sul de novo, recentemente, um homem veio a mim em DeAar<sup>382</sup> e disse que por muitos anos ele queria me conhecer e me agradecer pela excelente garrafa de uísque que enviei a ele, e esse era o meu amigo artilheiro.

Eu recebi uma carta do Comandante Bôer, Sarel Ellof<sup>383</sup>, um dia, em que dizia que ele e seus amigos propunham entrar em Mafeking rapidamente para jogar críquete conosco.

Ao que eu respondi: “Meu time está dentro rebatendo no momento e o seu está no campo. Você precisa nos derrubar antes que você possa entrar”<sup>384</sup>.

Não muito depois ele fez um esforço para fazê-lo, mas a tentativa falhou e o Comandante Eloff e mais de uma centena de seus oficiais e homens foram capturados por nós.

---

382 DeAar - Cidade sul-africana onde fica uma importante junção ferroviária, situada na Província de Cabo Norte.

383 Sarel Ellof (1863-1924) - Comandante Sarel Johannes Ellof - Neto do Presidente Kruger. Em 1896 foi enviado para investigar o Assalto de Jameson e foi capturado pelas forças britânicas. Foi depois capitão no Transvaal e posteriormente em Mafikeng, onde foi capturado e enviado para Santa Helena.

384 B-P faz aqui uma referência às posições dos times de críquete, e um que um time rebate enquanto outro precisa derrubar o wicket arremessando.

## O Socorro

Uma semana depois da nossa repelida ao ataque de Eloff, Mafeking foi finalmente socorrida, em 17 de Maio, pelas colunas de Mahon<sup>385</sup> e Plumer em cooperação.

Nós recebemos então um telegrama inspirado enviado a mim pela Rainha: “Eu e todo meu Império nos alegramos grandemente com o Socorro de Mafeking, depois da esplêndida defesa feita por você por todos esses meses. Eu o congratulo de coração e todos sob você, militares e civis, Britânicos e Nativos, pelo heroísmo e devoção demonstrados. V.R. e I. (Victoria Regina e Imperatrix<sup>386</sup>)”.

### Em Campanha para o Norte do Tranvaal

Depois que saímos de Mafeking, minha coluna, reforçada por excelentes contingentes de Australianos e Canadenses, investiu pelo Transvaal através dos distritos de Zeerust<sup>387</sup> e Rustenburg<sup>388</sup>, até enfim se juntar ao exército principal de Lorde Roberts<sup>389</sup> em Pretoria.

É uma longa história de muita marcha, poucos suprimentos, poucos combates e muitos incidentes, mas vale a pena chateá-lo com os detalhes.

Um toque cômico foi dado em uma ocasião quando surpreendemos a coluna de De Wet<sup>390</sup> em Warmbad<sup>391</sup>. Um número de Bôers foi

---

385 Mahon BT Mahon (1862-1930) - General Sir Bryan Thomas Mahon. Militar britânico e senador irlandês. Durante a Guerra dos Bôeres, dirigiu a Coluna de Kimberley que tomou parte na libertação de Mafeking. Na 1ª Guerra Mundial comandou divisões na Itália e Sérvia e depois o Comando Geral das Forças de Fronteira no Egito.

386 Victoria Regina e Imperatrix (1819-1901) - Rainha e Imperatriz Alexandrina Victoria. Rainha do Reino Unido e Irlanda e Imperadora da Índia, foi a monarca a permanecer por mais tempo reinando, por 63 anos. Sua influência foi tão grande no seu período que todo período de seu reinado leva o nome de Período Vitoriano.

387 Zeerust - Cidade sul-africana na Província Nordeste.

388 Rustenburg - Cidade sul-africana na Província Nordeste, fundada em 1851. Na época da Guerra dos Bôeres foi base de caçadores e exploradores que a usavam antes de se aventurar pelo interior.

389 Lorde Roberts (1832-1914) Marechal de Campo Frederick Sleigh Roberts, 1º Conde de Kandahar. General britânico, nascido na Índia. Comandou forças no Afeganistão, Índia, Irlanda e África do Sul, tendo sido o comandante durante a II Guerra dos Bôeres.

390 De Wet (1854-1922) - Christiaan Rudolf de Wet, general Bôer e político.

391 Warmbad ou Warmbaths - Cidade termal sul-africana hoje chamada Bela Bela, que na linguagem Tswana significa “fervendo-fervendo”.

capturado por australianos no ato de banhar-se. Os “diggers”<sup>392</sup>, estando eles mesmos em trapos, confiscaram as roupas dos prisioneiros, e vestidos com sobrecasacas e chapéus Bôers trouxeram seus prisioneiros enrolados em toalhas.



*Trazendo um prisioneiro.*

Em uma recente descrição de minha vida pelo Sr. Winston Churchill<sup>393</sup>, ele ressaltou algo que eu não lembrava. Ele conta que meus atos na África do Sul, por terem sido exageradamente anunciados e publicados, atraíram contra mim o desgosto do Quartel-General do Exército, e que meu “brilhante desfrutar da fama e sucesso seria logo obscurecido por uma fria neblina”, e que talvez fosse sorte minha sorte pois não seria utilizado “naquelas preparações árduas e secretas que precederam a Grande Guerra”.

Para falar a verdade pelos próximos sete anos seguintes a minha participação na campanha Sul-Africana eu estive plenamente empregado pelas autoridades em dois dos maiores trabalhos em minha vida – um deles relacionado diretamente com preparações para a Grande Guerra (como os dois próximos capítulos mostrarão)

---

392 Diggers - Apelido dos soldados australianos e neozelandeses durante a Primeira Grande Guerra.

393 Winston Churchill (1874-1965) - Inglês, Primeiro ministro britânico, de 1940 a 1945 e de 1951 a 1955, foi quem dirigiu a Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial. Foi também repórter tendo feito a cobertura da Guerra dos Bôeres.

– pelos quais eu recebi mais honras que abandono.  
Assim eu nunca percebi a “fria neblina” de que ele fala.



*Baden-Powell como Oficial Comandante do Corpo de Polícia Sul-Africana De: Baden-Powell: The Two Lives of a Hero, 1964, Por William Hillcourt com Olave Baden-Powell*

## CAPÍTULO VIII

### CORPO DE POLÍCIA SUL-AFRICANA

*“EU gostaria de vê-lo sem demora em relação à formação do Corpo da Polícia para o Transvaal<sup>394</sup>, Colônia do Rio Orange<sup>395</sup>, e Suazilândia”.*

Assim foi a bomba que, em 29 de agosto de 1900, estourou sobre

---

394 Transvaal - Na época em que B-P viveu na África se tratava de uma província bôer que ocupava toda parte norte da África do Sul, desde o rio Vaal – de onde vem o seu nome – até o rio Limpopo.

395 Colônia do Rio Orange - Colônia Britânica criada por anexação com o Estado Livre de Orange em 1900 depois da Segunda Guerra Bôer, até à sua transformação em 1910 na província Sul-Africana do Estado Livre.

mim em um telegrama de Lorde Roberts<sup>396</sup> em Belfast<sup>397</sup> (Transvaal), logo quando eu havia acabado de tomar o comando em Nylstrom<sup>398</sup> de uma força de todos os ramos armados, com a qual eu devia operar nos distritos ao norte.

Consequentemente, “sem demora” eu entreguei meu recém-adquirido comando ao Coronel Plumer<sup>399</sup> (o antigo Marechal-de-campo), que na época comandava o contingente Rodesiano. Ele foi sucedido nessa capacidade pelo coronel Godley (agora General Sir Alexander Godley<sup>400</sup>).

### **Vestimentas e Equipamento do Corpo de Polícia.**

Nós havíamos naquele dia restabelecido comunicação ferroviária com Pretoria<sup>401</sup>, havendo utilizado a linha e enviado provisões para até o Rio Pienaars<sup>402</sup>, onde a ponte havia sido explodida pelo inimigo. Mas como não havia locomotiva nessa seção da linha, empregamos bois para puxar os trens, enquanto meu irmão da Guarda Escocesa (Major Baden F. S. Baden Powell<sup>403</sup>), que havia se tornado Oficial Ferroviário do Estado-Maior, utilizava um carro ferroviário a que ele

---

396 Lorde Roberts (1832-1914) Marechal de Campo Frederick Sleight Roberts, 1º Conde de Kandahar. General britânico, nascido na Índia. Comandou forças no Afeganistão, Índia, Irlanda e África do Sul, tendo sido o comandante durante a II Guerra dos Bôeres.

397 Belfast - Cidades na África do Sul que recebeu o nome da capital da Irlanda do Norte. Se situa na Província de Mpumalanga, famosa pela pesca de trutas, extração de granito negro e pela vocação agro-pecuária. Nesta região foi construído um campo de concentração onde ficaram detidos mulheres e crianças bôeres durante a Guerra dos Bôeres.

398 Nylstroom - Cidade sul-africana, hoje chamada Modimolle, se situa na região do Rio Limpopo, no Platô de Waterberg, sendo um local procurado por turistas que desejam observar a fauna local e se banhar em cachoeiras e águas minerais.

399 Coronel Plumer (1857-1932) - Tenente Coronel Herbert Plumer, 1º Visconde de Plumer, militar britânico que chegou a Marechal de Campo por suas atuações na I Guerra Mundial onde comandou exércitos britânicos.

400 General Sir Alexander Godley (1867-1957) - General Sir Alexander John Godley, foi comandante inglês na I Guerra Mundial, comandando as forças expedicionárias da Nova Zelândia e regimentos britânicos. Atuou também no Regimento de Guarda Irlandês durante a Guerra dos Bôeres e nas forças de defesa na II Guerra Mundial.

401 Pretória - Capital administrativa da África do Sul, localizada ao norte da Província Gauteng.

402 Rio Pienaars - Rio na província de Gauteng, África do Sul. A região é famosa pela observação de aves.

403 Major Baden F. S. Baden Powell (1860-1937) Baden Fletcher Smyth Baden-Powell. Irmão mais novo de Robert Baden-Powell, foi oficial britânico, tendo sido um pioneiro no uso da aviação militar, Presidente da Sociedade Aeronáutica Real e membro da Sociedade Geográfica Real. Estava em Mafeking quando as forças britânicas libertaram a cidade.

adaptou um mastro e velas para seu trabalho!

Em meu caminho para Belfast eu esbocei em meia folha de papel minhas idéias para um Corpo de Polícia, cuja força seria calculada de acordo com a área, população, branca e nativa, centros de mineração, e cidades envolvidas. Estas receberam aprovação de Lorde Roberts.

Alguns dias depois eu estava em meu caminho para ver Lorde Milner<sup>404</sup>, o Comissário Superior, na Cidade do Cabo<sup>405</sup>, já que a Polícia como uma força civil estaria sob sua jurisdição.

Foi uma longa jornada de trem naqueles dias de pontes explodidas, parando durante a noite toda, linhas quebradas e “desvios”; mas eu fiz uso do tempo para planejar meu esquema em todos os detalhes em várias folhas de papel, com estimativa de pessoal, hierarquia, equipamento, comida, cavalos, transporte, treinamento, distribuição, deveres, finanças, equipe médica, hospedagem, etc., etc.

Para passar o tempo em uma longa viagem tente planejar uma força policial; ganha de todos os quebra-cabeças e cruzadinhas.

### **Recepção na Cidade do Cabo**

Na jornada pelo país eu tive uma maravilhosa experiência. Em vários pontos em que o trem parava, havia acampamentos bem grandes de linhas de comunicação, e os homens se amontoavam em volta do trem para dar salvas. Em um lugar eles invadiram os próprios vagões para me cumprimentar com apertos de mão, e então aconteceu algo similar ao que me aconteceu mais tarde na Rússia.

Uma súbita mania pareceu se espalhar pela multidão e todo homem parecia querer dar alguma coisa como lembrança. Podia ser um cachimbo ou uma caixa de fósforos, uma velha faca, dinheiro, qualquer coisa que ele tivesse consigo no momento, e um querido companheiro, encontrando seus bolsos vazios, arrancou de seu peito sua única posse, uma fita de medalha. Eu ainda a tenho – um grande tesouro – abençoado seja ele, quem quer que tenha sido.

No dia anterior a minha chegada na Cidade do Cabo eu recebi notícia de uma enervante prova pela qual eu teria que passar. O

---

404 Lorde Milner (1854-1925) - Alfred Milner, 1º Visconde de Milner. Estadista britânico, nascido na Alemanha, foi também administrador colonial na África do Sul, onde participou ativamente na Guerra dos Bôeres.

405 Cabo - Cidade sul-africana. Hoje é a capital legislativa da África do Sul. Os primeiros europeus que chegaram a região foram os portugueses com Bartolomeu Dias, a caminho das Índias. Depois o holandês Jan van Riebeeck estabeleceu aí a primeira colônia européia na África do Sul, a Colônia do Cabo, em 1652.

Prefeito e Corporação iriam me encontrar na estação. Para evitar isso eu telegrafei para a Casa do Governo, onde eu deveria comparecer, que estava infelizmente atrasado e poderia não chegar um dia ou dois mais tarde

Isso, eu sabia, seria informado ao Prefeito, que iria então adiar a recepção pelo menos até o dia seguinte, e no meio tempo eu deveria me esgueirar despercebido e “não recepcionado”.

Então, quando meu trem chegou à estação da Cidade do Cabo, eu alegremente peguei minha pequena mochila, pronto para caminhar até a Casa do Governo, ávido por um banho e café da manhã. Mas – Deus, o que era isso? A plataforma era uma oscilante multidão humana, transbordando pelo teto dos trens vizinhos, todos torcendo e acenando.

Eu tenho uma memória confusa do que se seguiu. Eu acredito que um espaço bem pequeno se clareou em que o Prefeito pode me cumprimentar com um breve discurso, e eu fui enviado, carregado sob as cabeças da vibrante massa, para fora da estação para a luz do sol da Rua Adderley. Eu de fato me lembro que dois excelentes camaradas seguraram as portinholas de meus bolsos de cada lado para impedir que meu dinheiro caísse, e dessa maneira eu fui marchado – mais ou menos de ponta cabeça – através da Cidade do Cabo, por todo caminho até a Casa do Governo. Lá fui eu, carregado, passando pelo desnorteado vigia e fui depositado pesadamente no hall de entrada.

O mordomo, rapidamente chamado de sua despensa, apareceu na cena para encontrar uma figura desgrenhada, suja, e vestida em cáqui parada ali, com uma barulhenta multidão na rua. Ele, naturalmente, me olhou na hora como se eu fosse um truculento líder de uma revolução.

Mas um mordomo britânico não é nada se ele não conseguir se manter digno, mesmo durante a pior crise, então ele firmemente perguntou o que eu desejava. Eu não sabia o que fazer. Eu percebi que eu não estava sendo esperado até o dia seguinte e que a Casa do Governo não passou minha mensagem ao município. Tudo que pude pensar para balbuciar no momento foi – “Eu poderia tomar um banho, por favor?”.

Lorde Milner aprovou meu esquema e retornei a Pretoria para começá-lo. Eu estava bem contente por ter esse trabalho, já que, bem antes da Guerra, eu havia servido na África do Sul e tinha amizades com os holandeses sul-africanos. Foi então doloroso me encontrar no

campo de batalha contra eles. Agora estava sendo meu dever ajudar a pacificar o país e ficar novamente em contato amigável com eles.

O Corpo de Polícia na Guerra

### **Dificuldades de Organização**

Em 22 de Outubro de 1900, a Divisão Policial passou a existir oficialmente, mas antes dessa data nós já havíamos, começando do zero, reunido a Equipe de Comando e um número de oficiais e homens de várias unidades de campo, e também tomamos controle dos pequenos contingentes de polícia locais que haviam sido organizados como medida temporária sob o comando do General Ivor Maxse<sup>406</sup>.

A incumbência original passada por Lorde Roberts em Setembro de 1900 era ter uma força de dez mil homens montados, preparados até o meio de 1901 para assumir o controle dos deveres policiais no território.

Eu obtive permissão de extrair, do exército, oficiais, suboficiais, e homens, até certa porcentagem, e cavalos, transportes, vestimentas, alimento, equipamento, tratamento hospitalar, etc.

Tudo muito bom, mas quase desde o início essas tarefas começaram a fracassar.

Minha grande necessidade, é lógico, era de oficiais organizadores especialmente qualificados. Mas aqueles por quem pedi, como Godley, Alderson<sup>407</sup>, Pulteney<sup>408</sup> e outros, não puderam ser dispensados. Coronel John Nicholson<sup>409</sup>, antigo 7º Hussardos, era

---

406 General Ivor Maxse (1862-1958) - General Sir Frederick Ivor Maxse foi um general britânico que se destacou na I Guerra Mundial. Antes deste período havia sido destacado para a Índia, Malta, Egito, Sudão e África do Sul, onde participou na Guerra dos Bôeres, como oficial do staff de Lord Roberts.

407 Alderson - (1859-1927) Sir Edwin Alfred Hervey Alderson, militar inglês. Serviu em Gibraltar e na África do Sul, Egito, Sudão e Índia. Na África do Sul comandou dois batalhões de Rifleiros Canadenses. Na I Guerra Mundial foi novamente comandante de tropas canadenses, estando a frente da Força Expedicionária Canadense, que participou da invasão da França.

408 Pulteney (1861-1941) Sir William Pulterney Pulteney, inglês. Capitão durante o período da Guerra dos Bôeres, chegou a General, tendo comandado forças britânicas na I Guerra Mundial.

409 Coronel John Nicholson (1863-1924) - Brigadeiro John Sanctuary Nicholson, militar e político inglês. Além de suas ações na África do Sul, notadamente na Guerra dos Bôeres, atuou também na I Guerra Mundial. Foi eleito membro do parlamento britânico por dois mandatos.

um que eu particularmente queria como meu braço direito. Ele era Comandante da Polícia Britânica Sul-Africana em Rodésia, e estava no momento servindo como Oficial de Estado-Maior da coluna que eu havia entregado ao General Plumer.

Eu o consegui sim, mas apenas por alguns dias, e então ele foi tomado novamente para trabalhos no Exército.

Eu não o consegui novamente até alguns meses depois.

Em meio tempo eu tinha que fazer o meu melhor com os oficiais que conseguia captar.

Além de comida e equipamento, o Exército era incapaz de suprir nossos homens em roupas, homens, cavalos, transporte, etc. Mais tarde, disseram que não deveríamos tentar conseguir estes pelas reservas do Exército já que eles já estavam trabalhando ao máximo de sua capacidade.

Conseqüentemente, passou a nós a responsabilidade de arranjar nosso próprio recrutamento e transporte de homens de além-mar e cavalos, e em grande parte seu equipamento, e de organizar a equipe médica e hospitais.

Então, conforme o tempo passava e a guerra não chegava a um fim como esperado, nosso objetivo foi modificado, e de polícia nós tínhamos que agora nos preparar em treinamento e organização para ser uma força de luta no campo de batalha – uma posição bem diferente.

Frustrado em meus esforços para conseguir oficiais do exército eu me voltei para o acampamento de almoxarifado em Stellenbosch<sup>410</sup>. Este era um tipo de purgatório em que oficiais que haviam sido responsáveis por algum “incidente lamentável” na campanha eram alocados, e havia uma boa quantidade deles encurralados lá.

Mas eu reconheço que todo homem erra em algum momento ou outro de sua carreira. Como disse Napoleão<sup>411</sup>: “O homem que nunca errou nunca fez nada”. Esses homens haviam errado e tinham, portanto, melhores chances de não errar novamente no futuro, então eu os levei. Eu não me lembro de ter que me arrepender dessa decisão em nenhum momento.

---

410 Stellenbosch - Segunda cidade mais antiga da Província sul-africana do Cabo. Conhecida como Cidade dos Carvalhos pela grande quantidade de árvores plantadas pelos primeiros colonizadores europeus.

411 Napoleão (1769-1821) - Napoleão Bonaparte foi Imperador Francês, tendo conquistado neste período grande parte da Europa central e ocidental.

Tão logo a força passou a ser conhecida inscrições por cargos em números que eram difíceis de lidar. Umás três mil foram recebidas onde apenas trezentos oficiais eram necessários. Literalmente centenas de mães insistiam comigo em cartas recomendando seus filhos, muitos conseguindo amigos influentes para lhes ajudar. Era um trabalho para o dia inteiro para um dos meus oficiais abrir, reconhecer e queimar essas cartas.

O trabalho de organizar do zero uma equipe de comando, e sob acordo de produzir e treinar uma grande e eficiente força de homens montados para serviços tanto militar quanto policiais, era, sem dúvida, um trabalho duro; ao mesmo tempo era um trabalho divertido e interessante, vendo que a força seria inteiramente independente, com seus próprios ramos auxiliares para suprimentos, hospedagem tratamento médico, pagamento, transporte, montarias, investigação criminal, e isso em um distante território em meio a uma difícil campanha acontecendo ao redor.

Pediram para termos nossa força completa e em campo, se possível, em Junho de 1901. Bem, nós sondamos em busca de homens e oficiais em todos os lugares que pudéssemos consegui-los por todo o Império; vaqueiros da Austrália, fazendeiros da Nova Zelândia, caubóis e policiais do noroeste do Canadá, plantadores da Índia e Ceilão, Policiais Reais (Royal Irish Constabulary) da Irlanda, e oficiais da Casa Real na Inglaterra.

Uma dificuldade notável era, de acordo com as maravilhosas leis do Império Britânico, não termos permissão para alistar homens fora do país onde eles iriam servir, então nosso oficial recrutador na Inglaterra, por exemplo, examinava os homens e encontrando-os adequados, tinha que lhes entregar o dinheiro para a passagem para a África do Sul, e confiava por suas honra que chegariam até lá para se alistar. Eu não acho que tivemos nenhum caso de um homem abusando dessa confiança.

Naquela época havia uma boa quantidade de fraudes ocorrendo no alistamento militar através de personificações. Nós evitamos isso ao recrutar para a Divisão Policial, fazendo cada homem, quando recebido pelo oficial recrutador, deixar a impressão de seu dedão em seu cartão de identificação. Com esse cartão ele era então enviado ao oficial médico que o fazia “assinar” o cartão uma segunda vez com sua impressão digital, que era então comparada com a primeira para

garantir que fosse o mesmo homem. Ele seguia então para o teste em montaria, novamente assinando da mesma maneira, e a mesma coisa no teste de tiro.

Então era impossível para ele fazer outro homem passar pelo teste em seu lugar, já não há dois homens com precisamente as mesmas digitais.

Em adição aos contingentes britânicos nós alistamos alguns seiscentos Bôers<sup>412</sup> amigáveis e dois mil Zulus<sup>413</sup> nativos para serviços policiais. Um grupo bem diversificado, mas todos de primeira-classe.

### **Rápido Treinamento para os Homens**

Nós estabelecemos um quartel-general e almoxarifado para central de treinamento em uma fábrica de dinamite em Modderfontein<sup>414</sup>, situado entre Joanesburgo<sup>415</sup> e Pretoria, e começamos a treinar nossos homens em lotes logo que chegavam, por nosso exclusivo método.

Nenhuma outra forma de treinamento, certamente não aquela usual no Exército, poderia ter obtido os resultados no curto tempo em que os obtivemos. Era feito em grande parte colocando os homens para treinarem a si próprios, e o espírito em que eles responderam, e os resultados que se seguiram, realmente se tornaram uma experiência que abriu os nossos olhos.

Descentralizar a responsabilidade era o segredo, de cada homem, do Comandante Divisional ao último cabo, no comando de um grupo, uma responsabilidade era dada e elogios ou culpa eram também dados de acordo com os resultados de seus serviços.

Disciplina era gerada de dentro em vez de imposta de fora. É verdade que nosso método de treinamento foi criticado por muitos disciplinadores militares, especialmente por que eu havia dito que não queria velhos soldados para a Divisão Policial. Eu queria jovens camaradas inteligentes que pudessem usar sua esperteza e que não haviam sido treinados até o ponto de se tornarem máquinas sem

---

412 Bôer - Descendente dos holandeses colonizadores da África do Sul.

413 Zulus - Povo sul-africano que vive nos territórios hoje correspondentes à África do Sul, Moçambique, Zimbábue, Lesoto e Suazilândia. Foi uma nação guerreira que por muitos anos se opôs ao domínio britânico na região.

414 Modderfontein - Cidade sul-africana que se iniciou devido a mineração que ocorria na região. Localiza-se na província de Gauteng.

415 Joanesburgo - Capital da província de Gauteng, na África do Sul, é também a maior e mais povoada cidade do país.

alma, apenas capazes de agir sob ordens diretas.

(Incidentemente, estando em uma fábrica de dinamite, nós pudemos dar aos homens treinos práticos em campos minados. Isso teve um infeliz resultado quando o Bôer local que nos entregava leite e que chegou mais cedo em uma manhã antes que os fios das minas tivessem sido desconectados. Veja ilustração).



*Leite-Oh!*

### **Treino Prático de Guerra**

Em Modderfontein nós ensinamos nossos recrutas a cavalgar, tiro com mosquetes, exercícios e táticas; também como construir fortes e trincheiras que eles construíram em volta de nosso almoxarifado com emaranhados de arame farpado e todas as espécies de dispositivos.

A alguns quilômetros de Modderfontein os Bôers haviam se estabelecido em uma forte posição em um kopje que lhes servia como base para reconhecimento e destacamentos para assaltos.

Para instrução de nossos recrutas em táticas de campo e manobras essa posição servia como um admirável alvo para seus ataques, já que dava aos rapazes um gostinho da ação sob fogo, para que eles aprendessem a manter a cabeça no lugar e seguir com disciplina sob reais condições de guerra.

Quando havíamos avançado o suficiente fizemos soar a ordem de “retirar-se” e praticamos combate em retirada com Bôers saindo exultantes com a idéia de ter nos derrotado.

Esse esquema era praticamente vez após vez, até próximo ao fim de nossa estadia em Modderfontein quando votamos por levar a efeito o ataque e tomar a posição.

O aborrecimento dos Bôers por ter sido capturado naquela ocasião não era nada se comparado a revolta que demonstraram quando lhes disseram que eles haviam sido meramente usados para os recrutas praticarem.

### **Nossa Distribuição**

Eu felizmente fui capaz de conseguir os serviços de um grupo de oficiais de primeira-classe de diferentes ramos das Forças Armadas e de diferentes partes do Império. Organizamos a força em três divisões independentes para o Transvaal e Suazilândia, e uma quarta para o Estado Livre de Orange, cada divisão tendo eventualmente a força de entre dois a três mil homens, e cada uma descentralizada em sua administração.

### **Distribuição Das Divisões do Corpo de Polícia**

Essas divisões foram comandadas pelo Coronel Edwards, 5<sup>o</sup> Dragões da Guarda, antigo Comandante da Montaria Leve Imperial (Imperial Light Horse, mais tarde Regiment Light Horse), Coronel “Sam” Steele<sup>416</sup>, o famoso “cabeça” da Polícia Montada Real do Noroeste no Canadá, Coronel Fair<sup>417</sup>, 21<sup>o</sup> Lanceiros, e Coronel Ridley, Fuzileiros de Northumberland (que foi mais tarde sucedido pelo Coronel Pilkington<sup>418</sup>, antigo 19<sup>o</sup> Hussardos, das Forças Montadas Australianas).

Major Wilberforce<sup>419</sup>, Baios da Rainha (The Queen’s Bays, apelido que mais tarde se tornou o nome oficial do 2<sup>o</sup> Regimento Dragões

416 Coronel “Sam” Steele (1849-1919) - Tenente-Coronel Samuel “Sam” B Steele. Militar canadense, tomou parte na Guerra dos Bôeres e em campanhas em seu país natal.

417 Coronel Fair (1864 - ?) James George Fair - Militar inglês, além da Guerra dos Bôeres, atuou no Egito e na I Guerra Mundial.

418 Coronel Pilkington - Percy Pilkington - Militar britânico tomou parte na ação conhecida como “Assalto de Jameson” e em diversas ações durante as Guerras Bôer. Durante a I Guerra Mundial serviu na França, Bélgica e Rússia.

419 Major Wilberforce - H. W. Wilberforce. Atingiu o posto de Tenente-Coronel, tendo sido nomeado comandante do 2<sup>o</sup> Regimento dos Baios da Rainha.

da Guarda. O nome vem do costume de usar cavalos baios nesse regimento), comandou o almoxarifado, e novas montarias foram treinadas antes de serem enviadas às divisões.

As montarias estavam sob controle do Tenente Mackenzie, que havia sido meu Oficial de Transportes em Mafeking.

O Departamento Veterinário estava sob Major Sanderson, da Nova Zelândia.

### Uniforme

Eu esbocei um uniforme para os homens em minha experiência de trabalho em diferentes climas, de um tipo econômico e que diferia da aparência do Exército. Já que oficiais e homens precisavam ficar em constante serviço e, portanto, sempre em uniforme, era essencial que isso não deveria ser apenas polido, mas também confortável para se usar.

Nós então adotamos casacos caqui com golas altas enroladas e camisas cáqui e colarinhos com gravata, em vez do colarinho apumado e fixo do Exército. Nossa inovação foi depois adotada pelo Exército.

Os adornos do uniforme do Corpo de Polícia eram verdes, com listras amarelas, as cores nacionais do Transvaal e do Estado Livre de Orange, respectivamente.



*Uniforme Ordinário de Sargento*

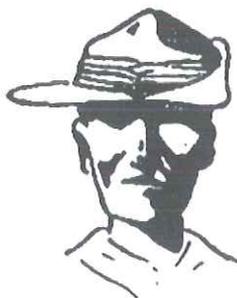


*Vestimenta de campo de tenente-coronel.*

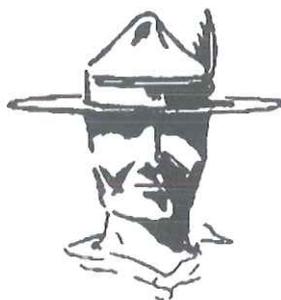
Para cobertura nós usamos Chapéus Stetson<sup>420</sup> com abas achatadas que os distinguiu dos chapéus usados pelo Exército com abas flexíveis levantados em um lado.

Esse tipo de chapéu, que foram importados da América, era conhecido no comércio como “Boss of The Plains” (Chefe das Campinas) ou padrão “B.P.”, que trouxe à tona a errada impressão que eles tinham alguma coisa a ver comigo.

Para fazer uma ainda maior distinção da cobertura militar, o Corpo de Polícia tinha uma pena decorativa, designadas com a marca “Jay’s Wings” (Asas de Galinha). Apesar de nada mais serem que penas de galinha tingidas de verde para o propósito, eu recebi raivosos protestos de amantes de pássaros na Inglaterra por massacrar a raça das galhas.



*Exército.*



*Corpo de Polícia.*

Em março de 1901, um trem carregando um suprimento de nossos chapéus da Força Policial foi saqueado pelos Bôers, Temendo que eles usassem esses chapéus para seus próprios objetivos de disfarce eu mandei emitir um aviso em holandês e publiquei pelo país, alertando a todos e a cada um que qualquer encontrado usando esses chapéus de modo ilegal estaria suscetível a ser baleado.

Apesar de ter acontecido em centenas de ocasiões Bôers serem encontrados usando equipamento de soldados britânicos, nunca encontramos um utilizando um chapéu do corpo de polícia.

Além de planejar o que os homens deveriam ter como uniforme,

420 Chapéus Stetson - Também conhecido como Chapéu de Cowboy ou, no nosso caso, “chapelão escoteiro”. Levam o nome da famosa fábrica de chapéus, fundada em 1865 e ainda ativa.

eu também fiquei responsável por desenhar o uniforme para nossas enfermeiras; e para um homem, e solteiro também, tentar ditar o que senhoritas devem vestir era uma iniciativa bem atrevida de minha parte.

### **Enfermeira do Corpo de Polícia.**

Eu bem que esperava revolta já que, entre outras coisas, eu rompi com o hábito universal das enfermeiras de usar volumosas capas por sobre seu traje uniforme, e as dei sobretudos de sarja de cor cáqui parecidos com aqueles usados pelos oficiais. Para minha surpresa esses foram tão populares que as senhoritas ao receberem suas liberações (que precisavam fazer ao se casar – e elas estavam sempre se casando) universalmente pediam para comprá-los.

O uniforme delas também se provou popular, compreendendo um vestido holandês marrom com capa de ombros com bordas amarelas, um lenço branco para deveres em recintos fechados, e um chapéu de caubói como aqueles que os oficiais usavam para quando ao ar livre.

A respeito de pagar os homens, nosso principio era o de dar-lhes bom pagamento e um serviço de curta duração, e fácil transferência para a Reserva, a idéia sendo a de que assim que a paz fosse completamente estabelecida, o contingente ativo do Corpo de Polícia poderia ser substancialmente reduzido, e se os homens conseguissem se assentar bem em novo território, eles conseguiriam fazendas com facilidade e seriam transferidos para uma Reserva com a possibilidade de serem chamados para qualquer emergência nacional.

Uma taxa de retenção de doze libras anuais seria paga a eles, e tinham a obrigação de, para recebê-la, servir por uma semana a cada ano no posto de Polícia mais próximo, para manter sua eficiência de tiro e seu conhecimento de Lei Policial. O pagamento era liberal pela razão de que os homens não receberiam pensões por serviço de longa duração. Eu sabia – pelo Corpo de Polícia Irlandês – que velhos policiais nunca morrem, e uma lista de pensão com esses vigorosos camaradas seria um fardo maior no bolso público que uma lista de pagamento por serviço ativo.

### **Montarias**

O Corpo de Polícia era para ser uma força montada, mas a imediata dificuldade logo no começo era encontrar cavalos para isso. Todos os mercados de cavalo do mundo estavam esgotados ao suprir nosso

extenso exército armado na África do Sul.

Eu havia, entretanto, sido bem sucedido no passado em montar bem meu Regimento fazendo uso de cavalos de um tipo que outras pessoas não queriam, então me aproveitando dessa experiência, eu mandei buscar cavalos na Austrália, sete mil deles, de um tamanho logo abaixo do mínimo padrão para montarias do Exército.

Dessa forma, eu consegui um grupo de patas curtas muito úteis. Pequenos homens resistentes agüentam mais tensão que grandes musculosos. (para exemplo a armadura que nossos antepassados usavam seria pesada demais para a maioria de nós carregarmos hoje, se conseguirmos entrar em uma. Eles eram homens pequenos, mas deviam ter sido muito fortes para seu tamanho)

Assim também é com cavalos. Os cavalos de patas curtas, em vez de grandes galopantes, eram melhores para nosso tipo de trabalho, que se centrava, principalmente, em extensivas patrulhas de longa distância.

As montarias do Exército vindas de além-mar geralmente chegavam em condições precárias depois de uma longa e turbulenta viagem marítima, e muitas delas esgotavam-se de todo ao serem enviadas a serviço no campo.

Então eu ofereci a Capitães de transportes, que trouxeram os cavalos para o Corpo de Polícia, uma libra por cabeça para cada cavalo que chegasse em boas condições. Isso significava uma centena ou duas no bolso do Capitão, então era de seu interesse evitar atravessar tempestades, ou abrir as escotilhas em tempo quente, e por aí vai; e dessa maneira nossos cavalos geralmente chegavam a nós sob a forma de cavalos, não como esqueletos.

Outro ponto que não recebia a devida atenção, por algumas autoridades superiores, era que cavalos são mais passíveis de serem afetados por altitudes que homens. A maior parte de nosso trabalho no Transvaal e Estado Livre de Orange era a uma altitude de entre mil a mil e quinhentos metros ou mais, e forçar cavalos, frágeis e sem preparo da viagem, a fazer pesados trabalhos nessa altitude desafiadora, era apenas para estourar-lhes o coração e matá-los. E realmente isso os matava em centenas.

No Corpo de Polícia, portanto, nós alugamos uma fazenda em Natal<sup>421</sup>, em uma altitude de 60 a 90 metros, e depositamos nossas

421 Natal - Província localizada na costa oriental sul-africana, hoje em dia chamada KwaZulu-Natal.

montarias lá, após sua chegada, por um período de vários meses, para pegá-los adaptados, condicionados, e treinados para fazer seu trabalho.

Dessa forma, quando eles foram a campo, eles estavam a altura das tarefas em que seus serviços eram necessários, e isso era justo não apenas para o cavalo mas também para os homens que os montavam.

Mas fomos desonestos o bastante para não mencionar as montarias em nossos relatórios até que estivessem adaptados, senão as autoridades do Exército teriam nos obrigado a colocá-los em campo de imediato, e eles teriam sido sacrificados rapidamente.

Unidades do Corpo de Polícia, assim que estivessem disponíveis para serviço, eram emprestadas ao Exército para emprego nas unidades de batalha.

Toda semana supríamos Lorde Kitchener<sup>422</sup> com empréstimos de homens e cavalos então disponíveis para serviço, mas não mencionávamos cavalos reservas. Eu tremi uma vez quando ele prestou uma visita de inspeção a uma fazenda de convalescença do Exército, que era muito próxima de minha fazenda de montarias reservas em Natal, e eu fiquei muito aliviado quando ele acreditou que meu depósito secreto de cavalos fizesse parte do estabelecimento militar ali.

Eu não percebi que esse nosso plano era conhecido fora de nosso círculo imediato no Corpo de Polícia, mas quando retornei para casa mais tarde e fui convocado para ver o Rei Eduardo (King Edward VII)<sup>423</sup> uma das primeiras perguntas que Sua Majestade fez a mim foi, “Como foi que seus cavalos do Corpo de Polícia não morriam na mesma quantidade que os outros?”.

Havia bem pouco que Rei Eduardo não sabia, mas como ele sabia era difícil de dizer.

Eu me lembro também que sua primeira pergunta a mim naquele dia, quando apareci vestido em uniforme oficial perante ele, foi: “Suponho que essa é sua primeira vez vestindo seu uniforme como

---

422 Lorde Kitchener (1850-1916) - Marechal de Campo Horatio Herbert Kitchener, 1º Barão de Kitchener, militar irlandês. Foi governador geral do Sudão, comandante em chefe da Índia e Secretário da Guerra Britânico.

423 Rei Eduardo VII (1841-1910) - Albert Edward, rei do Reino Unido e Imperador da Índia. Reinou de 1901 até a sua morte.

General. Essas esporas são de ouro ou douradas?” Ele ficou muito interessado em ouvir que elas eram de ouro, dadas a mim pelo povo de Lewisham<sup>424</sup>.

Itens de vestimentas tinham uma notável importância sob seus olhos, e poucos erros nessa linha escapavam sua atenção.

### **Táticas de Campo**

Como disse, a organização da força data de 22 de Outubro de 1900, para estar pronta em meados de 1901; mas chamados urgentes para usá-la vieram do Comandante-em-Chefe antes do fim de 1900, e uma coisa surpreendente foi que a força foi capaz de responder, inadequadamente é lógico, mas não sem efeito.

De fato, em 12 de Outubro, quando ainda formando o núcleo da força, nos tivemos nossa primeira ação como unidade de combate em campo. Foi na Passagem de Strydom, no Estado Livre de Orange, em que nossa pequena força foi bem sucedida. Seis Bôers foram mortos incluindo o comandante, Brand, e dez feridos foram capturados. Em contrapartida nossas perdas foram cinco mortos e quatro feridos.

A força passou a ser utilizada principalmente de duas maneiras, uma como coluna móvel trabalhando em cooperação com tropas regulares, e a outra na construção e defesa de linhas de fortes para impedir que o inimigo atravessasse certas extensões de terra.

Como princípio geral para colunas móveis em campo, nós adotamos o que chamamos de um sistema triangular, isso é, a coluna dividia-se em três unidades, que se moviam pelo terreno em uma disposição triangular, cada grupo a uma aproximada distância de um quilometro e meio das outras.

A formação estava, então, sempre pronta para ataques inimigos em qualquer direção; o grupo mais próximo do inimigo assumindo a ofensiva, as outras duas formando suporte e reservas automaticamente.

Os Bôers, ao ver um grupo atravessando um território, geralmente preferiam distrair sua atenção simulando um ataque pela frente e atacando pela retaguarda. Mas quando eles tentaram isso contra a formação triangular, em mais de uma ocasião eles se encontraram em uma enrascada, recebendo fogo de duas unidades de suporte.

Essa formação provou seu valor, particularmente em um embate,

---

424 Lewisham é um Distrito da região sudeste de Londres, capital da Inglaterra.

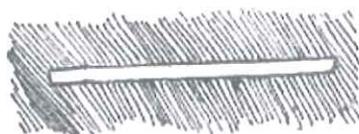
quando Comandante Bôer, Erasmus<sup>425</sup>, sofreu derrota pelas mãos do Corpo de Polícia, e Lorde Kitchener escreveu uma avaliação favorável a sua formação e seu uso.

Para defender uma linha de território, quando requerido, nós planejamos uma forma de trincheira que servia de fortaleza, sem as fraquezas dos reconhecíveis tipos de construções usualmente utilizados.

Era chamado de S.C. ou trincheira de “Senso Comum”, porque em seu traço tinha a forma de uma letra C ou, alternativamente, a letra S – uma longa e profunda trincheira estreita, dois metros de comprimento para cada homem em sua guarnição.

### S.C. ou trincheira “Senso Comum”.

Aberturas largas e baixas eram feitas em cada face, a altura do terreno em volta, e toda a trincheira era coberta com um teto sólido. Ficava oculta a distância pelo uso de arbustos, mato, etc.; qualquer tiro disparado pelas aberturas estava então no mesmo nível da superfície do terreno, e, portanto, era efetivo tanto pela noite quanto pelo dia; a trincheira não oferecia alvo algum para artilharia, e as aberturas sendo amplas porém baixas davam aos defensores um boa amplitude de visão e ao mesmo tempo segurança contra fogo inimigo.



*Boas aberturas*



*E ruíns*

Para tornar nossa linha impenetrável nós, naturalmente, tivemos que empregar inúmeras trapaças para nos adaptar às peculiaridades locais do terreno, mas geralmente nossas fortalezas eram agrupadas em triângulos de forma que, se os Bôers passassem por uma, se encontrariam sob fogo de duas outras; emaranhados de arame farpado os atrasavam em pontos inesperados; fortes de mentira e acampamentos armados de barracas vazias davam falsas impressões a seus scouts durante o dia; linhas de fio para tropeçar e segurar artilharias, lanternas acesas, cães de guarda, etc., eram posicionados em intervalos entre as fortalezas.

425 Erasmus (1845-1914) General Daniel Jacobus Elardus “Maroela” Erasmus – Foi comandante das forças Bôeres na I Guerra Bôer.

Artifícios de sinalização de alarme eram feitas de pacotes de grama seca pendurados em postes, que uma sentinela acenderia para dar o alarme e expor o inimigo.

Para garantir vigilância pelas sentinelas a noite, o oficial encarregado acendia um farol certo de seu quartel em direção aos postos avançados, ao que cada sentinela respondia acendendo um fósforo dentro de uma lata de biscoitos, cuja abertura era dirigida de volta ao oficial, enquanto o fundo impedia a luz de ser vista pelo inimigo.

Foi uma inventiva porém não desconhecida idéia, já que quando Atenas foi sitiada pelos Espartanos, Alcibíades<sup>426</sup> costumava ver se suas sentinelas estavam acordados mostrando uma luz, ao que cada sentinela respondia.

Assim também por Frederick Carrington<sup>427</sup>, na campanha dos Basutos<sup>428</sup>, quando sentinelas avançadas foram colocadas em pontos inacessíveis entre sulcos e ravinas, impossíveis de serem acessados por um oficial de plantão a noite, o mesmo princípio de sinalização foi utilizado.

### **Como Asseguramos Algum Transporte**

Foi um assunto de grande dificuldade para nós obter o transporte necessário para nossos suprimentos para força, já que o Exército havia naturalmente tomado posse de todos os veículos e animais de transporte disponíveis no país.

Um dia Lorde Kitchener me disse que ele havia conseguido um homem de primeira classe para comandar a coluna dos leais fazendeiros holandeses e britânicos. Ele acrescentou que o nome dele era Colenbrander<sup>429</sup>. Eu não pude evitar sorrir de imediato. Lorde Kitchener percebe isso e me perguntou a razão do sorriso. Eu respondi que eu conhecia bem Colenbrander, mas era estranho para mim ouvi-lo ser chamado pelo seu nome verdadeiro em vez do

---

426 Alcibíades (450-404 a.C) - Alcibíades Cleiniou Scambonides, foi um general, político e orador ateniense.

427 Sir Frederick Carrington (1844-1913) - General britânico, teve importante participação na Guerra dos Bôeres, na África do Sul.

428 Basuto - Povo sul-africano que vivia na Basutolândia, protetorado britânico, hoje independente e chamado Lesoto

429 Colenbrander - Tenente Coronel J W Colenbrander

mais comum apelido de “Collar’em and Brand’em”<sup>430</sup>, que havia sido recebido por seu pequeno hábito de seguir quando encontrava qualquer gado desgarrado por aí.

Bem, o velho “Collar’em” e sua força acamparam com minha coluna do Corpo de Polícia certa vez por um tempo. Eu disse a ele que além de ser um velho amigo ele nem precisava se preocupar em surrupiar algum de nossos animais de transporte, já que praticamente não tínhamos nenhum, e estávamos, de fato, necessitando terrivelmente de quaisquer que pudéssemos conseguir. E, é lógico, que eu não iria tentar roubar nenhum dele.

Ele entendeu meu ponto e se provou um verdadeiro amigo. Em poucos dias nós tínhamos vagões e animais atrelados em abundância sendo passados para nossa linha. Eu nunca soube de onde eles vieram, e nem perguntei. Era o bastante para mim que os conseguimos e que estavam marcados como nossos. Então nossos eles deveriam ser.

Conta-se do velho Colenbrander, apesar de eu não saber se é verdade, que quando a Guerra acabou, Lorde Kitchener permitiu a ele comprar milhares dos cavalos do Exército por uma quantia bem pequena por cabeça.

Aqueles que sabiam do estado pobre de Colenbrander, na época, se perguntavam sobre como ele iria pagar pelos animais. Mesmo assim, eles acreditaam que, de alguma forma ou de outra, uma pequena dificuldade desse tipo não iria lhe atrapalhar.

E ele a superou com certeza. Por grande sorte uma tempestade de granizo veio, um dia ou dois depois que ele havia posto seu exército de cavalos em um curral de pasto cercado. Colenbrander apareceu perante Lorde Kitchener desolado. Grande maioria dos cavalos que ele havia comprado, estando em tão ruim condição, havia sucumbido a nevasca de granizo e neve, e ele se deparava com a ruína, sem os meios para pagar por eles.

Ele implorou que tivessem pena de um velho guerreiro com falta de sorte, e ele não o fez em vão.

Mas, apesar de relatórios seguintes dizerem que ele juntou uma fortuna com os cavalos que sobreviveram (o que quase todos eles fizeram), eu dificilmente acredito nisso.

---

430 “Collar and Brand” - Neste trecho B-P faz uso de um trocadilho popular na época que envolvia o nome de Colenbrander e “Collar and Brand”, de pronúncia, em inglês, bastante parecida. A tradução para a expressão é “ponha coleira neles e marque-os a ferro”.

## O Espírito Triunfa sobre o Impossível

Eu sempre defendi que se o espírito certo estiver presente ele pode derrubar o “im” pra fora da palavra “impossível”, e isso certamente se mostrou verdadeiro nos primeiros dias do Corpo de Polícia Sul-Africano.

O espírito dos oficiais e dos homens era indomável. Por grande parte mal alimentados, mal vestidos e vivendo sob os abrigos que conseguiam improvisar, eles continuavam. Em um momento eu encontrei um destacamento fazendo seu trabalho em cavar uma trincheira sob continua chuva pesada, vestidos como vieram ao mundo para manter seu único conjunto de roupas seco.

Um extrato de uma de minhas cartas ao General-adjunto dizia: “Nossos cavalos estão em boas condições, hospitais e transportes organizados e funcionando bem. Nossos homens estão em trapos e fazendo muito trabalho realmente duro em assaltos noturnos e emboscadas. Eles não tem descanso a onze meses, mas estão todos cheios de vontade e entusiasmo para o serviço em campo”.



*Um de nossos trabalhos no Corpo de Polícia.*

Então, apesar de todas as dificuldades, por volta de Junho de 1901, o Corpo de Polícia contava com a força de 8000, do seu contingente final de 10000, já montados, equipados, treinados, e fazendo trabalho efetivo em campo.

### Enviado para Casa por Invalidez

Infelizmente eu mesmo me esgotei por volta dessa época. Eu estive intensamente envolvido, praticamente todos os dias e noites, desde que cheguei no país em Julho de 1899. Doutores sacudiram suas

cabeças sobre mim e me disseram que eu deveria tirar uns meses de licença, e eu fui enviado para casa. Ao chegar em Southhampton fui avisado que havia uma enorme recepção me esperando em Londres, mas as autoridades foram cavalheiras; eles anexaram um vagão para mim ao motor, e deram ordens para o motorista parar e deixar-me em Woking<sup>431</sup>.

Ali eu consegui permanecer sossegado com um irmão oficial de tempos atrás, “Boy” MacLaren<sup>432</sup>, até conseguir escapar para calmos aposentos no interior.

### **Em Balmoral**

Eu logo depois me arrisquei a voltar a Londres e comecei a abrir minhas correspondências, em meio às quais uma bomba caiu sobre mim sob a forma de um convite do Comando para ir imediatamente e ficar em Balmoral<sup>433</sup> por um fim-de-semana.

Eu deixei Londres pelo trem noturno via Aberdeen<sup>434</sup> para Ballater<sup>435</sup> (que descobri ser pronunciado como Bahleter).

Pouco depois de minha chegada, Coronel Davidson, o cavaliário, levou-me por um passeio pelos terrenos do Castelo. Ele e eu havíamos viajado juntos para a Índia em 1876 no Serapis (barco a vapor).

Depois naquela tarde, Rei Eduardo convocou-me para comparecer em seu escritório, onde me fez sentar e ter um bem alegre e longo bate-papo.

Após algum tempo ele tocou um sino e disse ao empregado para “Pedir a Rainha para vir aqui”. Soou para mim como um trecho de Alice no País das Maravilhas<sup>436</sup>.

---

431 Woking - Cidade e Distrito com o mesmo nome na região oeste de Surrey, na Inglaterra. Funciona como uma cidade dormitório de Londres.

432 Capitão Maclaren (1860-??) - Kenneth “Boy” MacLaren, foi amigo pessoal de B-P, no 13º Regimento de Hussardos. Estava presente no primeiro acampamento escoteiro em Brownsea e quando a Associação Escoteira (Scout Association) foi formada, foi o primeiro secretário.

433 Balmoral - O Castelo de Balmoral se encontra no condado de Aberdeen, na Escócia. Foi adquirida pela Rainha Victoria e desde então é propriedade da família real britânica.

434 Aberdeen - Segunda maior cidade da Escócia.

435 Ballater - Distrito de Aberdeen, Escócia, próximo das montanhas Cairngorm.

436 Alice no País das Maravilhas - Livro mais famoso do professor de matemática inglês Lewis Caroll, escrito em 1865

Pouco depois Rainha Alexandra<sup>437</sup> veio, trazendo consigo seu pequeno neto, o atual Príncipe de Gales<sup>438</sup>.

Eu me ajoelhei e beijei sua mão, ou ao menos tentei fazê-lo, mas fiquei sabendo que esse ato era um feito bem raro, já que ela tinha uma queda por arrancar sua mão para longe no momento crítico, e fazendo com que aquele que se arriscasse a fazê-lo terminasse por beijar os próprios dedos bobos. E assim aconteceu em meu caso.

O Rei e a Rainha me perguntaram bastante sobre Mafeking<sup>439</sup>, sobre Lady Sarah Wilson<sup>440</sup>, Ronnie Moncrieff<sup>441</sup>, o atual estado da guerra, o valor das tropas Coloniais, e tudo sobre o Corpo de Polícia Sul-Africano.

Foi uma conversa longa e bem amigável. Por fim, com umas poucas palavras particulares de agradecimento e congratulações, o Rei me entregou minha condecoração como Companheiro da Ordem do Banho (Order of The Bath)<sup>442</sup> e a medalha da Guerra Sul-Africana, e disse-me que eu deveria ficar para um feriado de uns dois dias em Balmoral.

Além disso, quando eu estava deixando o Castelo, uns dois dias depois, o Rei veio ao saguão de entrada pra me ver partir, e presenteou-me com uma bengala como souvenir.

E então me levando a um lado ele começou em uma voz séria, que

---

437 Rainha Alexandra (1844-1925) - A Princesa dinamarquesa Alexandra Carolina Marie Charlotte Louise Julia de Schleswig-Holstein-Sonderburg-Glücksburg foi rainha consorte de Eduardo VII e Imperatriz da Índia.

438 Príncipe de Gales é, desde 1301, o título do herdeiro do monarca do Reino Unido. A tradição foi iniciada por Eduardo I, após a anexação do País de Gales pela Inglaterra.

439 Mafeking ou Mafikeng “lugar de pedras” era um entroncamento ferroviário defendido por Baden-Powell, entre outubro de 1899 e maio de 1900 contra forças bôeres numericamente superiores. A partir da resistência em Mafeking Baden-Powell se tornou reconhecido e foi nomeado o mais novo (em idade) general do Império Britânico.

440 Lady Sarah Wilson (1865-1929) - Sarah Isabella Augusta Wilson. Foi a primeira mulher correspondente de guerra, ao cobrir a Batalha de Mafeking para o jornal Daily Mail. Escritora e viajante, era filha do Duque de Marlborough e esposa do Tenente-Coronel Gordon Chesney Wilson.

441 Ronnie Moncrieff - Infelizmente não consegui maiores informações por falta de mais dados.

442 Companheiro da Ordem do Banho - The Most Honourable Order of the Bath - É uma ordem de cavalaria britânica, criada pelo Rei George I, em 1725. Seu nome deriva da tradição medieval em que o aspirante a cavaleiro era banhado, como um símbolo de purificação.

por um momento mandou meu coração para dentro de minhas botas, e disse: “Eu quero lhe falar seriamente. Eu tenho observado você durante as refeições e percebi que você não come o bastante. Quando trabalhando como você está fazendo você deve preservar seu sistema. Eu estou lhe enviando alguma carne de cervo para lhe tentar a comer mais. Não se esqueça – coma mais”.

E com uma genial piscadela de seu olho, ele riu e cordialmente deu-me um aperto de mão.

Eu quase nunca encontrei um anfitrião mais agradável e gentil. Eu escrevi um dia ou dois mais tarde para o Coronel Davidson privadamente, para lhe contar da ocasião, e ele foi e mostrou a carta para ambos o Rei e a Rainha!

Eu viajei naquele dia e noite para Cornualha<sup>443</sup> para me hospedar com amigos em Fowey<sup>444</sup>. Na noite seguinte um deles disse: “Porque você não toca algo para nós em seu violino?”.

“Violino? Eu não tenho um”.

“Oh sim você tem. Nós o vimos chegar com sua bagagem”.

Eu subi ao meu quarto pra checar e lá, debaixo de minha cama, estava um polido pequeno estojo de violino, contendo a carne de anca de cervo enviada pelo Rei.

### **De Volta a África do Sul**

Com o tempo eu fui considerado são pelos doutores e, apesar de que meu atestado de licença por doença não havia ainda expirado, eu estava de volta a África do Sul por volta do fim do ano (1901).

Ao chegar a Joanesburgo eu descobri que o quartel-general do Corpo de Polícia estava agora estabelecido em uma base permanente na cidade. Eu escrevi para casa dizendo: “É bom estar de volta ao trabalho. Nós (o Corpo de Polícia) somos agora um reconhecido poder em nosso território e estamos fazendo excelentes avanços em todas as direções”.

Tivemos tantos casos de bravura individuais da parte de oficiais e dos homens, que era mesmo difícil torná-los todos reconhecidos pelas autoridades do Exército, especialmente já que eram tantos casos não regularmente ligados às unidades militares. Então, apesar de termos

---

443 Cornualha ou Cornuália - Região e península britânica que faz parte da Inglaterra.

444 Fowey é uma pequena cidade portuária, na foz do Rio Fowey, no sul da Cornuália, Inglaterra.

conseguido três V.C. (Cruz de Victoria) e um considerável número de D.S.O.<sup>445</sup> (Ordem de Serviços Distintos em Guerra) e D.C.M.<sup>446</sup> (Medalha de Conduta Distinta) entregue ao Corpo de Polícia, eu achei necessário instituímos nossa própria Insígnia de Bravura; e isso veio a se tornar uma condecoração altamente prezada em nossa força.

Falando sobre a Cruz de Victoria, nós temos dois recordes no Corpo de Polícia entre os oficiais, a saber, o Major Martin Leake<sup>447</sup>, V.C. (Cruz de Victoria)<sup>448</sup>, que recebeu sua segunda Cruz de Victoria na Grande Guerra, e o General-Brigadeiro E. Wood, D.S.O., que foi subsequentemente presenteado com a Ordem de Serviços Distintos em três outras ocasiões durante a Grande Guerra.

Nos primeiros oito meses de nossa existência, tínhamos lutas freqüentes com os Bôers, de forma que pelo início de fevereiro, em 1902, eles haviam perdido em nossas mãos: 93 mortos, 117 feridos, 543 capturados, 154 rendidos, 3578 cavalos, 248 mulas, 910 bois de jornada, 184 vagões, etc.

### **Nossas Novas Responsabilidades**

O fim de nosso serviço como soldados chegou em 7 de Junho, quando a paz foi estabelecida com os Bôers em Vereeniging<sup>449</sup>.

O Corpo de Polícia foi então de imediato liberados de seus deveres como soldados, para começar a cumprir seus deveres como polícia civil. Aproximadamente dez dias depois, Lorde Kitchener deixou a África do Sul em direção a Inglaterra, mas antes de partir ele telegrafou sua “calorosa apreciação pela boa conduta, resistência, e bravura demonstrada pelos oficiais e homens do Corpo de Polícia que resistiram a sofrimento, isolamento e perigo com alegre entusiasmo e haviam ganhado a afeição e respeito do resto das Forças. O Corpo de

445 D.S.O. - Ordem de Serviços Distintos é uma condecoração militar britânica para serviços meritórios e distintos prestados pelos oficiais durante o período de guerra. Foi instituída em 1886 pela Rainha Victoria.

446 D.C.M. - Medalha de Conduta Distinta - Esta foi, até 1993, uma condecoração para militares britânicos que já houvessem recebido outras condecorações. Foi instituída em 1854, durante a Guerra da Criméia.

447 Major Martin Leake (1874-1953) - Arthur Martin-Leake, médico militar inglês, foi uma dos únicos três pessoas a receber a condecoração Victoria Cross duas vezes.

448 Victoria Cross - Cruz de Victoria. Mais alta condecoração militar britânica por bravura frente ao inimigo. Instituído pela Rainha Victoria durante a Guerra da Criméia, em 1856.

449 Vereeniging - Cidade na província sul-africana de Gauteng.

Polícia tinha agora a grande e nobre tarefa de atuar como expoentes do caráter britânico aos habitantes, e Lorde Kitchener não podia deixar o bom da nação em melhores mãos”.

### **Corpo de Polícia Sul-Africano.**

A pacificação de nossos antigos inimigos era, sem dúvida, uma tarefa mais importante e não muito fácil.

De fato, eu me atrevi mesmo a sugerir a Sua Excelência que alguns dos líderes Bôers, notavelmente Botha<sup>450</sup>, Smuts<sup>451</sup>, Delarey<sup>452</sup>, e De Wet<sup>453</sup>, poderiam assumir comissões na Polícia, de forma que eles então não se sintam como se estivessem perdendo posição social entre seu povo, e, portanto, fossem mais leais ao novo regime e menos inclinados a aceitar as tentadoras ofertas que estavam sendo feitas a eles por inescrupulosos sensacionalistas na Inglaterra, de ir a Europa e dar palestras.

Por velhos conhecidos, eu tinha um gosto e grande admiração pelo Bôer comum. Ele era agora intensamente inseguro e esperto, e suas mulheres o são em dobro; ele estava ainda cheio de natural inquietação sobre até onde nós poderíamos ir em relação a represálias e vinganças, uma vez que o tínhamos desarmado. Ele tinha certa dignidade em si que iria ressentir qualquer familiaridade no momento.

Ao mesmo tempo qualquer sinal de nossa parte em satisfazer sua vontade, seria considerado como fraqueza, e ele iria presumir sobre o fato. Então nós precisávamos ser muito táticos e exibir um firme senso de justiça e dever, junto a compreensão humana.

Bem, era naturalmente óbvio a todos que essa era a linha correta a ser tomada, mas colocá-lo em prática através de nossas tropas, atuando individualmente cada um em sua própria batida, era um pouco problemático.

Ao dar minhas ordens a Força de seus novos deveres eu citei o

---

450 Botha (1862-1919) Louis Botha, general bôer. Participou da guerra contra os britânicos (Guerra dos Bôers) e da guerra contra os Zulus. Em 1910 se tornou o primeiro Primeiro-Ministro da África do Sul.

451 General Smuts (1870-1950) - Sul Africano, Marechal de Campo Jan Christiaan Smuts foi estadista e filósofo, além de primeiro ministro sul africano. Assumiu funções de comando na Guerra dos Bôeres, na Primeira e Segunda Guerras Mundiais.

452 Delarey (1847-1914) Jacobus Herculaas “Koos” De la Rey, general e político bôer. Conhecido como “Leão do Oeste”, realizou vários ataques contra as forças britânicas. Foi depois senador na África do Sul independente.

453 De Wet (1854-1922) - Christiaan Rudolf de Wet, general Bôer e político.

conhecido discurso de Abe Lincoln (Abraham Lincoln)<sup>454</sup> na conclusão da Guerra Civil na América, já que suas palavras apropriadamente serviam à situação presente:

“Sem malícia contra ninguém; com caridade para com todos; com firmeza no correto, que Deus nos permita ver o certo, nos permita lutar para concluirmos o trabalho que começamos; para fechar as feridas da nação, para cuidar daquele que suportaram a batalha, e por sua viúva e seus órfãos, para fazer tudo que possa alcançar e cultivar uma paz justa e duradoura entre nós mesmos e com todas as nações”.

Os homens atenderam nobremente a ocasião e, cuidadosamente instruídos por seus oficiais, eles largaram de lado seu ódio de guerra e assumiram seu papel como pacificadores bem humorados com uma adaptabilidade que eu me atrevo a pensar ser essencialmente britânica.

Como Sir John Fortescue<sup>455</sup> escreve em *O Império e o Exército*<sup>456</sup>: “Não foi apenas com chumbo e aço que o soldado britânico consolidou o Império. Ele sabe fazer guerra quando necessário, mas também sabe como fazer paz... Ele possui aquela linguagem universal que nascem da simples boa natureza e bondade do coração”.

Os próprios Burghers<sup>457</sup> haviam se dividido em amargas facções uma contra a outra, entre aqueles que haviam se rendido e aqueles que haviam resistido até o fim.

Os nativos, como eu disse, estavam ávidos por saquear onde conseguissem. Aventureiros brancos e maus caráter de várias nacionalidades estavam se aproveitando do incerto estado do país, e apropriação de terrenos e roubo de estoques estavam sendo empreendidos em grande escala.

Comércio de bebidas ilícitas e contrabando de armas estavam

---

454 Abe Lincoln (1809-1865) Abraham Lincoln, presidente dos Estados Unidos, de março de 1861 até o seu assassinato. Foi abolicionista e presidente durante a Guerra da Secessão.

455 Sir John Fortescue (1859-1933) - Sir John William Fortescue, historiador militar britânico, nascido na Ilha de Madeira (Portugal). Fortescue escreveu diversos livros, foi editor da correspondência do Rei Jorge III e bibliotecário e arquivista do Castelo de Windsor.

456 *O Império e o Exército* - Livro escrito por Sir John Fortescue, publicado em 1928 e não editado no Brasil.

457 Burgher - Nome pelo qual são conhecidos no Sri Lanka os descendentes dos Portugueses, dos Holandeses e dos Britânicos.

acontecendo, e gafanhotos estavam destruindo as escassas lavouras.

Assim as demandas do Corpo de Polícia eram muitas e tão variadas quanto urgentes.

Mas tanto oficiais quanto os homens começaram seus novos deveres com entusiasmo e determinação, e logo esses vários males estavam sob controle.

Um exemplo notável dessa prontidão e capacidade ocorreu cedo em nossa carreira como polícia, quando houve uma corrida do ouro para os campos de ouro de Lataba<sup>458</sup>. Coronel Steele, comandando a divisão B, havia tido experiência com corridas do ouro em Klondyke<sup>459</sup>, e assim evitou o tumulto da corrida estabelecendo um posto Policial no local, com escritório de registro e regras para regular a busca quando começou alguns dias depois.

Pouco tempo depois veio um pedido urgente do Comissário Superior dizendo que devíamos enviar Policial ao local; e quando foi descoberto que nós já havíamos feito todas as preparações antecipadamente e com fundamento prático, nós recebemos um agradecimento bem cordial do Departamento de Mineração.

Em nossas ordens eu coloquei um aviso de que todos os membros do Corpo de Polícia, onde quer que estejam alocados em seus distritos, deveriam buscar e identificar todos os túmulos de homens mortos na guerra, e renová-los; e tornar parte de seu dever mantê-los em ordem.

Eles deveriam fazer isso não só para britânicos mortos, mas também “para nossos antigos inimigos, os Bôers, que tombaram lutando bravamente por sua causa e que igualmente merecem nosso respeito”.

Coronel Steele, Comandante da Divisão B, era um canadense e uma grande personalidade. Ele havia ascendido na hierarquia até se tornar Comandante da Polícia Montada Real do Noroeste. Ele havia feito árduos trabalhos com excitantes experiências no território Yukon<sup>460</sup>.

Após a Guerra dos Bôers eu o visitei no Canadá e ao me mostrar

---

458 Lataba - Distrito na Província de Limpopo, África do Sul.

459 Klondyke - Região do Yukon onde ocorreu importante Corrida do Ouro, que se iniciou em 1896.

460 Yukon - O Yukon é um dos três territórios do Canadá, fundado em 1888. A região foi palco de corridas do ouro.

os resquícios do Forte Garry<sup>461</sup> em Winnipeg<sup>462</sup>, ele me disse que ele estava como sentinela no portão quando Coronel Garnet Wolseley<sup>463</sup> chegou para se reunir com Sr. Smith, o agente da Companhia da Baía de Hudson (Hudson's Bay Company) no forte.

Sr. Smith foi mais tarde conhecido como Lorde Strathcona<sup>464</sup>.

Essa foi a época da Rebelião de Riel<sup>465</sup>. A história conta que quando Riel eventualmente foi levado à forca, ele se dirigiu a multidão e disse-lhes que apesar de estar sendo levado para ser enforcado ele iria, como Cristo, se levantar três dias depois de seu enterro e liderá-los novamente em mais revoluções.

O oficial de polícia encarregado da execução falou depois dele e relembrou aos ouvintes que no caso aludido eram soldados romanos que faziam a guarda, mas nessa ocasião era a Polícia Montada Real do Noroeste, e que Riel não iria se levantar novamente.

E ele não o fez.

Em relação aos homens do Corpo de Polícia Sul-Africano, as autoridades, bem qualificadas para julgar, disseram que eles formavam “a melhor unidade de tal tamanho que o mundo já tenha visto”, e eu bem que podia acreditar nelas. Todos os homens eram selecionados a dedo, e vadios eram eliminados sem piedade. (Eu já dispensei onze oficiais e 300 homens de uma só vez e os mandei para casa).

Quase dois milhares dos homens eram de escolas públicas. Com tal corpo de funcionários era possível de contar com sua honra e confiar neles para fazer seu trabalho em suas dispersas estações avançadas.

Promoções aconteciam o máximo possível por mérito. Estabelecemos

---

461 Forte Garry - Era um entreposto comercial da Hudson's Bay Company, na confluência dos rios Red e Assiniboine, localizado no Winnipeg, Canadá.

462 Winnipeg - Capital e maior cidade da província canadense de Manitoba.

463 Coronel Garnet Wolseley (1833-1913) - Marechal de Campo Garnet Joseph Wolseley, 1º Visconde de Wolseley do Cairo. Militar britânico serviu em Burma (atual Mianmar), Índia, China, Canadá e vários lugares da África, tendo tomado parte ativa na Guerra da Criméia (Ucrânia), no Motim Indiano e liderado a Campanha Ashanti no oeste africano.

464 Lorde Strathcona - Donald Alexander Smith, escocês, 1º Barão de Strathcona e Mount Royal. Político, comerciante fundador da Hudson's Bay Company e empresário de ferrovias.

465 Rebelião de Riel - Assim é conhecida a Rebelião de Red River, no Canadá, ocorrida entre 1869 e 1870. Louis “David” Riel, líder métis tentou separar as terras de Manitoba da recém-criada Confederação do Canadá. Os métis era uma etnia mista, de ascendência indígena e europeia.

um sistema em que um bom suboficial ou um policial poderia ascender a oficial na força. O candidato precisava passar por um exame em práticas e deveres de campo, economia interna, montaria, e lei policial.

Ele então se tornava um oficial em probatório, com o título de Corneta. Ele se unia a quatro diferentes esquadrões em sucessão por um período de três meses em cada.

Ao fim de um ano ele precisava passar por outro exame em deveres policiais, conhecimento veterinário, e em manutenção de registros, contas, etc.

Um relatório era feito sobre ele pelos Comandantes de cada Esquadrão sob os quais ele serviu, e cada um deveria dizer se gostaria de tê-lo indicado para seu Esquadrão permanentemente ou não. Se tudo fosse satisfatório, o corneta se tornava qualificado para promoção para tenente.

### **Rei Eduardo e África do Sul**

Após a paz estabelecida a questão foi levantada, e tem sido perguntada com frequência desde então, se, em justiça a todas as partes, os britânicos não foram um pouco prematuros em entregar o governo do país a mãos inexperientes.

Rei Eduardo, simpático mas visionário, disse, quando, em 1906, Winston Churchill<sup>466</sup> explicou as propostas de Campbell-Bannerman<sup>467</sup> para a autonomia da África do Sul, que “ele esperava que as otimizistas esperanças de sucesso de Churchill pudessem se realizar, mas implorou a ele que se lembrasse que ali era um país recentemente conquistado e não uma colônia estabelecida buscando autonomia, e que pensava ser um pouco arriscado a supremacia britânica oferecer autonomia prematuramente”.

“Qual será o eventual resultado?” Sua Majestade continuava profeticamente. “A maioria será dos britânicos ou dos bôers?”.

Ele urgiu Churchill a colocar o país antes de partido ao decidir-se sobre esses assuntos.

---

466 Winston Churchill (1874-1965) - Inglês, Primeiro ministro britânico, de 1940 a 1945 e de 1951 a 1955, foi quem dirigiu a Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial. Foi também repórter tendo feito a cobertura da Guerra dos Bôeres.

467 Campbell-Bannerman (1836-1908) - Sir Henry Campbell-Bannerman. Político escocês, foi primeiro ministro britânico de 1905 a 1908.

Quando Lorde Gladstone<sup>468</sup> recebeu proposta do Sr. Asquith<sup>469</sup> de suceder Lorde Selborne<sup>470</sup> como Comissário Superior, Rei Eduardo escreveu: “Não há ninguém melhor? Consultaram as pessoas líderes na África do Sul?”.

Em 19 de Outubro de 1907, o Governo do Transvaal ofereceu ao Rei Eduardo o Diamante Cullinan<sup>471</sup> “como um símbolo da lealdade e apego do povo do Transvaal a pessoa e Trono de Sua Majestade”.

Quanta diferença teria sido feita na história da África do Sul caso o Rei tivesse sido capaz de prestar uma visita pessoal ao país.

### **O Trabalho do Corpo de Polícia é Apreciado**

Sr. Chamberlain, O Secretário de Estado para as Colônias, falou com grande estima do Corpo de Polícia Sul-Africano na Casa dos Comuns<sup>472</sup> do Parlamento, em 1903. Ele disse:

“Eu dou extrema importância ao Corpo de Polícia Sul-Africano como uma grande influência de união e civilização. Ela pode ser lembrada no passado exclusivamente por sua capacidade militar, e de fato durante a guerra se distinguiu sob comando militar, e algumas das mais corajosas pequenas ações da guerra conferiram grande crédito a essa força”.

Ele explicou depois quão difícil era levar um novo governo central a entrar em contato pessoal com as pessoas do interior, mas por ação do Corpo de Polícia contatos simpáticos foram estabelecidos.

“Vez após vez”, ele disse, “eu descobri em conversas com os homens da força, e com os fazendeiros também, que aqueles, aprendendo a língua do país, estavam se tornando amigos do povo, eram bem-

---

468 Lord Gladstone (1854-1930) - Herbert John Gladstone, 1º Visconde de Gladstone. Estadista britânico.

469 Sr. Asquith (1852-1928) - Herbert Henry Asquith, 1º Conde de Oxford e Asquith. Político inglês, foi Primeiro Ministro do Reino Unido entre 1908 e 1916.

470 Lord Selborne (1859-1942) - William Waldegrave Palmer, 2º Conde de Selborne. Político inglês.

471 Diamante Cullinan - Descoberto em 26 de janeiro de 1905 por Frederick Wells na mina Premier, África do Sul. Foi o maior diamante já encontrado e pesava cerca de 3,106 quilates (aprox. 621 g). Recebeu esse nome em homenagem a Thomas Cullinan, dono da mina.

472 Casa dos Comuns ou Câmara dos Comuns - Este é o nome histórico da câmara inferior do parlamento britânico, equivalente a Câmara dos Deputados no Brasil. O líder do partido com maioria na Câmara dos Comuns é o primeiro-ministro desde o século XIX, quando surgiram os partidos políticos.

vindos em todas as fazendas, estavam fazendo pequenos serviços para os habitantes, carregando suas cartas e encomendas, dando informações e resolvendo disputas. Tanto era o caso que eu tive uma séria reclamação de um Magistrado Residente dizendo que seu serviço estava se tornando fácil demais em consequência da ação de um sargento do Corpo de Polícia que estava resolvendo todas as dificuldades sem levá-las a ele”. (Risos). “Eu posso simpatizar com o Magistrado Residente, mas devo dizer que eu não posso deixar de expressar minha completa aprovação à ação do sargento do Corpo de Polícia”.

### **Eu Deixo o Corpo de Polícia**

Minha própria conexão com a força veio a um fim súbito cedo em 1903.

Eu recebi uma declaração dizendo que fui indicado para General Inspetor da Cavalaria para a Grã-Bretanha e Irlanda.

Aqui estava outra bomba! Uma promoção que eu nunca esperava, especialmente já que estava empregado em serviço ativo na África do Sul.

Eu de imediato me pus nas mãos de Lorde Milner, já que eu estava servindo sob suas ordens, em relação a eu aceitar o degrau ou não.

Ele respondeu muito generosamente me mostrando que essa indicação era, como ele chamava, “The Blue Riband”<sup>473</sup> da Cavalaria, e como o Corpo de Polícia estava agora em bom estado de funcionamento eu poderia aceitar com a consciência limpa.

Com sentimentos misturados de euforia e arrependimento, eu conseqüentemente, aceitei. Eu dei uma volta de adeus por minhas Divisões e entreguei o Comando do Corpo de Polícia ao Coronel Nicholson.

Foi apenas então que eu percebi quão difícil era se separar de sua própria criança, mas meu arrependimento foi moderado com as saudações gentis que recebi, não apenas do Corpo de Polícia mas de amigos, civis e militares, britânicos e Bôers também.

Como consolo eu recebi um maravilhoso tributo de Lorde Milner, escrito por seu próprio punho, a eficiência e valor da Força, e também

---

473 The Blue Riband - A “Fita Azul”, prêmio entregue a embarcação vencedora de uma competição, mas que se tornou símbolo de premiação máxima.

uma grande apreciação de Sir Arthur Lawley<sup>474</sup>, Governador do Transvaal.

### **O Fim do Corpo de Polícia Sul-Africano**

As pessoas na Inglaterra pouco sabiam do que havia sido feito pelo Corpo de Polícia pelo Império na África do Sul, e infelizmente, davam ainda menos importância. Poucos anos depois quando o país foi entregue incondicionalmente para ser governado por políticos locais a força foi reduzida, e oficiais e homens foram despejados de suas funções sem mais nem menos, sem nenhuma ajuda ou compaixão da Inglaterra.

Havia se passado uns cinco anos desde que larguei a força quando isso aconteceu, e recebi deles um telegrama de dar pena dizendo “Mortituri te salutamus” (Nós, que vamos morrer o saudamos) – ao que respondi: “Phoenix ex cinibirus resurgat” (Que a Fênix ressurja de suas cinzas), com a vaga esperança que de alguma forma a força pudesse ser reorganizada.

Parcialmente isso aconteceu, mas com uma grande ascensão de oficiais holandeses em lugar daqueles dispensados.

De qualquer forma a Polícia Sul-Africana, como agora é chamada, e como vi ano passado, é um eficiente corpo construído do remanescente das tradições do Corpo de Polícia Sul-Africano. Então ela, até certo ponto, ressurgiu.

Em muitas partes da África, Canadá, Austrália e Grã-Bretanha, existem Associações de Ex-Membros do Corpo de Polícia Sul-Africano, que ainda se reúnem anualmente em 22 de Outubro para trocar memórias e para manter o velho espírito de lealdade e boa camaradagem.

Quando a Grande Guerra veio eu me ofereci para reunir os ex-oficiais e homens do Corpo de Polícia para formar um regimento, completo com reservas e unidos pelo espírito e tradição, e endurecido pelo serviço em campo.

Lorde Kitchener considerou a idéia com grande simpatia, mas a recusou. Ele sustentou que esses homens teriam maior valor distribuídos como estavam entre os jovens soldados nos diferentes batalhões que estavam sendo levantados.

---

474 Sir Arthur Lawley (1860-1932) - Sir Arthor Lawley, inglês, 6º Barão de Wenlock foi Governador de Madras, na Índia, da Austrália Ocidental e do Transvaal, na África do Sul.

## CAPÍTULO IX

### COMO INSPETOR GERAL DA CAVALARIA

Foi com enorme dúvida receio que eu encare a difícil experiência de aceitar essa “Blue Riband”<sup>475</sup> do serviço de Cavalaria, implicando como fazia a grande responsabilidade pela eficiência dos soldados da Cavalaria e dos regimentos voluntários (Yeomanry) na Grã-Bretanha e Irlanda, e a Cavalaria no Egito e na África do Sul.

#### **Uma encomenda bem grande!**

Meu primeiro passo para assumir meus deveres foi educar a mim mesmo, o máximo possível, em métodos da Cavalaria atualizados.

Com essa intenção eu visitei pessoalmente, primeiramente as Escolas de Cavalaria da França, Alemanha, Áustria, Bélgica, Itália e America; e em segundo lugar as manobras de Cavalaria da França, Alemanha e Itália, para ver os resultados de seus treinamentos de fato no campo, em larga escala.

#### **Escolas de Cavalaria**

Quando visitei a Escola de Cavalaria em Saumur<sup>476</sup>, na França, eu fiquei impressionado com o ótimo treinamento versátil ministrado ali aos oficiais de Cavalaria.

Não eram meramente restritos a equitação, conhecimento veterinário, e cuidados com os cavalos comuns em outras Escolas de Cavalaria, mas incluía também reconhecimento, engenharia de campo, história militar, táticas e estratégia.

O treinamento em Saumur era tão prático que nós eventualmente conseguimos permissão para enviar um ou dois de nossos oficiais para ser treinado lá.

Na Alemanha eu tive uma experiência muito interessante na Escola de Cavalaria em Hanover<sup>477</sup>. Ali, sob as ordens do Kaiser, eles mantinham uma matilha de cães hounds como parte de seu equipamento. Já que não havia raposas naquela parte do país, disseram-me que eles caçavam porcos.

---

475 The Blue Riband - A “Fita Azul”, prêmio entregue a embarcação vencedora de uma competição, mas que se tornou símbolo de premiação máxima.

476 Saumur - Cidade francesa do departamento Maine-et-Loire, por onde passa o Rio Loire.

477 Hanover - Capital e maior cidade do estado da Baixa Saxônia, na Alemanha.

## O Kaiser<sup>478</sup>

Em Darmstadt<sup>479</sup> quando eu estava entrando em meu vagão em um trem especial para ir às manobras, uma voz atrás de mim chamou meu nome, sem nenhum prefixo, e com uma boa pronúncia do Inglês, e eu dei meia-volta para me encontrar frente a frente com o Kaiser. Ele era muito simpático e cheio de dizeres sábios, perguntando-me muitas questões sobre assuntos da Cavalaria e nunca falhando em cortar minhas respostas com alguma crítica ativa – e algumas vezes não tão ruins.

### Passos para o Desenvolvimento

Após visitar a maioria das Cavalarias da Europa e America, eu convoquei uma Conferência de Oficiais sobre os passos de desenvolvimento que eu propus para nossa Cavalaria. Eu tinha opiniões favoráveis do Duque de Connaught<sup>480</sup>, Sir Evelyn Wood<sup>481</sup>, Lorde French<sup>482</sup> e Lorde Chesham<sup>483</sup> (representando os regimentos voluntários (Yeomanry)). Também do Coronel Rimington<sup>484</sup>, Dragões de Inniskilling, Coronel Lumley<sup>485</sup>, 11<sup>o</sup> Hussardos, e Coronel Fowle<sup>486</sup>

478 Kaiser - Título que significa “imperador”. Vem do latim Caesar, por empréstimo do cognome do imperador romano Júlio César.

479 Darmstadt - Cidade alemã localizada no estado de Hessen.

480 Duque de Connaught (1850-1942) - Príncipe Artur, Duque de Connaught e Strathearn, Conde de Sussex. Terceiro filho da Rainha Vitória, foi militar iminente, tendo sido Governador Geral do Canadá e tendo prestado serviços militares no Egito, África do Sul, Irlanda e Canadá.

481 General-Brigadeiro E. Wood (1869-1943) - Evelyn Fitzgerald Michell Wood, militar inglês. Filho do Marechal de Campo Sir Evelyn Wood, teve participação marcante na Guerra dos Bôeres e na I Guerra Mundial.

482 Lorde French (1852-1925) - Marechal de Campo John Denton Pinkstone French, 1<sup>o</sup> Duque de Ypres. Militar britânico, atuou na Guerra dos Bôeres e foi o Comandante da Força Expedicionária Britânica na I Guerra Mundial.

483 Lorde Chesham (1850-1907) - Charles Compton William, Barão de Chesham – Buckingham. Militar britânico.

484 Coronel Rimington, depois General Sir M. Rimington - Nascido no País de Gales. Apresentou atuação destacada na África do Sul, e seu regimento era conhecido como Rimington's Scouts. Ao final de sua carreira foi nomeado General e Inspetor Geral da Cavalaria na Índia.

485 Coronel Hon. (Honorável) O. Lumley (1862-1923), depois General Sir Osbert Victor George Athling Lumley. Militar britânico.

486 Coronel Fowle (1884-1940) - Tenente Coronel Sir Trenchard Craven William Fowle. Militar britânico, foi também representante de seu governo no Golfo Pérsico.

do 21º Lanceiros, todos aprovando em geral as idéias apresentadas.

Essas idéias incluíam tais itens como:

**Um.** Responsabilidade para oficiais juniores, desejável sob as novas condições de serviço.

**Dois.** Pequenos grupos permanentes dentro da tropa para delegação de responsabilidade e eficiência.

**Três.** Formação em fila única (Single rank Formation).

**Quatro.** Formação triangular de duplo escalão, como um princípio comum, mas não como uma regra geral.

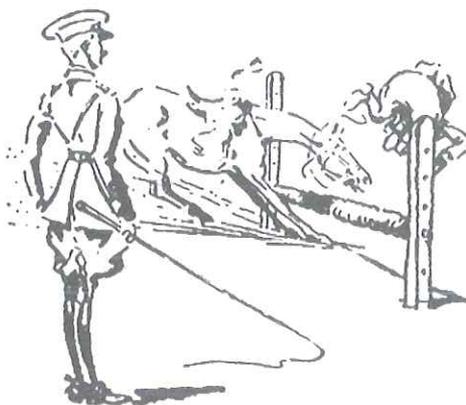
**Cinco.** Faculdade de Cavalaria para treinar oficiais em equitação, reconhecimento, etc.

**Seis.** Sinais manuais em adição a chamadas de trompete e palavras de comando para direcionar movimentos.

**Sete.** Exploradores (scout) treinados para ser uma organização de soldados sob um oficial explorador.

### Domínio do Cavallo

A Guerra dos Bôers<sup>487</sup>, com suas aterradoras perdas em grupos de cavalos, pode ter feito alguns de nós refletirmos sobre se nós, britânicos, éramos, afinal, os melhores mestres de cavalos do mundo ou não.



*Amaciando um Cavaleiro – Estilo Velha Guarda.*

487 Guerra dos Bôers - Houve na verdade duas guerras com este nome que opuseram os britânicos e os Bôeres, colonos de origem holandesa que ocupavam territórios no nordeste da África do Sul, Transvaal e Orange. A Primeira Guerra dos Bôeres aconteceu entre 16 e dezembro de 1880 e 23 de março de 1881. A Segunda Guerra dos Bôeres durou de 1899 a 1902 e foi vencida pelos britânicos.

Nesta segunda guerra, Baden-Powell se tornou conhecido por defender Mafeking, na época importante entroncamento ferroviário, por vários meses, contra forças Bôeres numericamente bastante superiores.

Houve algumas dúvidas sobre isso, mesmo durante os dias da Guerra Peninsular<sup>488</sup> (de 1807 a 1814, aliança da Grã-Bretanha, Portugal e Espanha contra a França Napoleônica na Península Ibérica), quando, enquanto os cavalos da cavalaria britânica estavam gastos como trapos, aqueles de nossos auxiliares de Hanôver (região alemã que na época era unida com a Grã-Bretanha) conseguiam manter-se em forma.

Era por uma questão de fé ou tradição que nós britânicos éramos, por excelência, uma nação de cavaleiros, mas tradição não é sempre confiável.

Bem antes de atingir a hierarquia de um oficial de campo (engloba hoje os cargos de major, tenente-coronel e coronel) eu já estudava as revistas de Cavalaria de outros países. Eu recebia o *La Revue de Cavalerie*<sup>489</sup> e era um membro honorário da Associação de Cavalaria de Forte Leavenworth<sup>490</sup> na América. Nós ao tínhamos revistas de Cavalaria na Inglaterra.

Além disso, eu estive presente em cavalgadas de longa-distância pelo Continente. Apesar de toda nossa experiência na África do Sul, nós não conseguíamos competir com os estrangeiros nessa prática.

Equitação, como nós a conhecíamos então, significava habilidade de se manter no lombo do animal. Ele não incluía, como deveria ter feito, o domínio do cavalo.

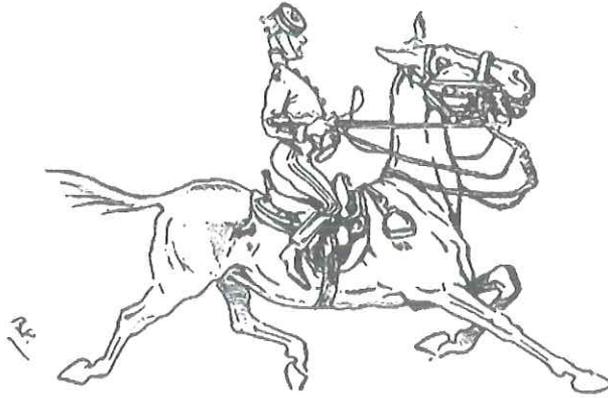
O mestre de cavalgadas daqueles dias era geralmente mais um bruto que um cavaleiro, e ele ensinavam tanto seus homens quanto seus cavalos seguindo o mesmo princípio, aplicando a força o que hoje seriam considerados métodos bastante duros e regras arbitrárias.

---

488 Guerra Peninsular - Parte das "Guerras Napoleônicas", aconteceu de 1807 a 1814, opondo a França de Napoleão contra a aliança de Grã-Bretanha, Portugal e Espanha na Península Ibérica.

489 *La Revue de Cavalerie* - Revista francesa dedicada a cavalaria de grande prestígio. Existiu entre 1883 e 1937.

490 Associação de Cavalaria de Forte Leavenworth - O Forte Leavenworth foi erguido em 1827 e desde então vem sendo ampliado e mantido como importante área militar dos Estados Unidos, no estado do Kansas. Sua Associação de Cavalaria publicava uma publicação muito prestigiada no início do século XX.



*Escola de equitação com uma prancha nas costas, como costumava ser.*

Não importava a ele que um oficial recruta era um dos mais promissores jogadores de pólo no Regimento, ou um cavaleiro de caças a raposas; seu comentário seria invariavelmente: “Alongue esses estribos mais uns três buracos, afunde seu calcanhar e sente aí como um soldado. Eu não posso ter você aí sentado igual a uma galinha choca”.

Tudo isso nós alteramos. Um resultado da melhoria trazido pelo treinamento no domínio do cavalo veio a tona na Grande Guerra<sup>491</sup>, quando o trabalho do cavalo, na Palestina<sup>492</sup> por exemplo, comparado com aquele que eram capazes de fazer na África do Sul, mostrava um enorme avanço.

Naquele país sem água, os cavalos de três divisões montadas seguiram por setenta e duas horas sem água depois da terceira batalha de Gaza<sup>493</sup>, e ainda eram capazes de trabalhar.

O regimento voluntário de Lincolnshire<sup>494</sup> seguiu por oitenta e

491 Grande Guerra - Assim era chamada a Primeira Guerra Mundial antes de 1939. Iniciou-se em 1914 e foi encerrada em 1918.

492 Palestina - Região do Oriente Médio entre a costa oriental do Mediterrâneo e as margens do Rio Jordão. É dividida em três partes. Uma integra o Estado do Israel e as outras, a Faixa de Gaza e a Cisjordânia são administradas pela Autoridade Nacional Palestina.

493 Gaza - Maior cidade dos territórios palestinos, em área de Israel, administrada pela Autoridade Nacional Palestina. A cidade dá nome à região em que se encontra, a Faixa de Gaza.

494 Lincolnshire - Condado localizado no leste da Inglaterra.

quatro horas sem água; o regimento voluntário de Dorset<sup>495</sup> cobriu cem quilômetros em cinquenta e cinco horas sem água. Nas operações finais a 5ª Divisão de Cavalaria cobriu 885 quilômetros em trinta e oito dias.

### **Domínio do Homem**

O homem da Cavalaria não tem utilidade sem seu cavalo, e, portanto, o domínio do cavalo é parte integrante da equitação. Mas igualmente o cavalo não tem utilidade sem seu homem, portanto o domínio do homem por parte dos oficiais é essencial, como descrito no Capítulo VII.

Até então nós tínhamos exagerado tanto o valor de ter cavalos em boas condições que negligenciamos ter homens igualmente preparados para cavalgá-los. O domínio do homem, entretanto, é relativamente fácil sob o prevaiente espírito de camaradagem que permeia a Cavalaria.

A amizade entre oficiais e homens é forte através de seu interesse esportivo comum pelo cavalo. Dessa forma, quando finalmente demos início a Escola de Cavalaria, ela se tornou não só uma mera escola de equitação, não uma mera escola de hipismo, mas também de difusão de uma energia de time que constitui o “Espírito da Cavalaria”.

Esse espírito é de grande valor não só apenas para o ramo, mas para todo o Exército. Esse fato me veio a mente em conversações com o Rei Alberto da Bélgica<sup>496</sup> depois da Grande Guerra, quando, ao comentar sobre a redução dos Regimentos da Cavalaria em nosso Exército, ele disse que no Exército Belga ele manteve a Cavalaria com força total, apesar das críticas quanto a seu valor em guerras modernas, e apesar de suas indubitáveis despesas, pela única razão de que era um lugar criador e difusor do espírito lutador para o Exército inteiro.

Pessoalmente eu acredito que há ainda um valor adicional em fornecer não apenas um espírito vigoroso e ambicioso, mas também o da lealdade e patriotismo, e é por isso que eu vejo no Exército uma escola inestimável para a nação para inculcar o espírito correto na flor da juventude.

---

495 Dorset - Condado localizado no sudoeste da Inglaterra.

496 Rei Alberto da Bélgica (1875-1934) - Alberto I, rei belga, coroado em 1909. Assumiu o comando do exército belga para defender da invasão alemã na I Guerra Mundial, sendo chamado de “Rei Cavaleiro”.

### **Amenidades do Escritório de Guerra**

Nessas notas eu posso parecer estar criticando demais o Escritório de Guerra. Tenho certeza que o pessoal do Escritório de Guerra de hoje não deve guardar rancores de mim por meus desprezos, porque estes não são direcionados a eles mas aos seus predecessores de tempos atrás.

#### **As coisas são bem diferentes agora.**

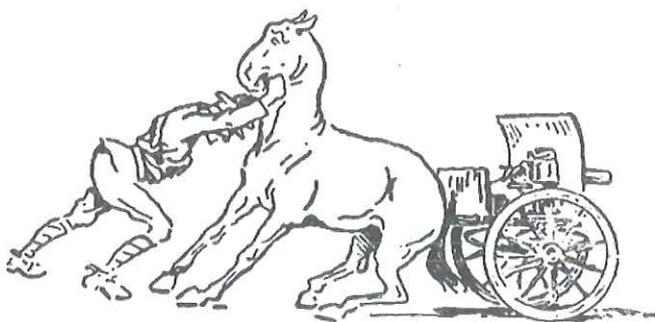
Mas mesmo naqueles dias os detentores do poder de então levavam meus caprichos bastantes levemente – considerando tudo.

Eu descobri em mais de uma ocasião que correspondências oficiais não garantiam retorno tão bem quanto colocar-lhes um sorriso no rosto. Por exemplo, quando comandava uma divisão do exército territorial (Territorial Army), uma ordem oficial foi emitida que cada Batalhão deveria ser fornecido com duas metralhadoras e cavalos para puxá-las.

As metralhadoras foram fornecidas, e excelentes cavalos com elas. Mas os arreios necessários para conectar os dois juntos não estavam disponíveis. Então as armas ficaram paradas tolamente e ociosas por semanas, enquanto os cavalos comiam até dizer chega de toneladas de feno do governo em seus estábulos. “Mas nunca a dupla irá se juntar”.

Eu escrevi ao Escritório de Guerra, vez após vez, orando por pelo menos um pouquinho de arreio. Apesar da notificação de recebimento, nenhuma ação era tomada. O tempo foi passando sem nenhum resultado.

Um dia uma idéia brilhante me ocorreu. Eu escrevi pedindo para cancelarem todos os meus pedidos anteriores, e dizendo que havia acabado de compreender o que eles queriam dizer por não achar que os arreios fossem necessários. Eu estava agora treinando os cavalos para marchar para trás contra as armas e empurrá-las para a ação, como no desenho anexo.



*O novo método de levar as armas para a ação sem arreios.*

Isso deu conta do recado. A caricatura ofereceu algum divertimento nos quartéis superiores e circulou de mão em mão pelo escritório, até ela estimular alguém a perguntar se a idéia era fundada em fato e que realmente não tínhamos arreios.

Deste modo, rapidamente, o departamentos de arreios, que havia até então desconsiderado tudo, recebeu solicitação oficial para cooperar e nos enviar o que queríamos.

### **Inspecões**

Até eu ser indicado para o posto, o General Inspetor da Cavalaria sempre levou a efeito seus deveres em uma maneira cavalheiresca. Ele enviava avisos com meses de antecedência para cada Regimento para dizer-lhes a data em que faria sua inspeção anual, dando uma programação completa do que ele gostaria de ver cada Esquadrão realizar, e ordenando a todos os oficiais para estarem presentes para a inspeção.

Dessa maneira todos sabiam o que esperar deles, e cada Esquadrão se punha a trabalhar para praticar o item particular dos deveres militares em que seria examinado. De fato, a coisa se tornou um tipo de jogo.

### **O truque da lanterna suja.**

O Esquadrão devia estar perfeito em seu assunto e o General Inspetor deveria encontrar uma falha nele. Se ele fosse bem sucedido ele vencia – se não, o Regimento vencia.

Bem, quando eu era um Capitão eu havia compreendido esse ponto e também percebi que era diplomático deixar o General Inspetor vencer; então, tendo sido avisado que meus estábulos seriam

inspecionados, eu deixava tudo limpo como novo, trançados de palha para baixo, cavalos cheios de água alguns poucos minutos antes do General vir (para poder encher seus flancos magros), etc., etc. Tudo o que era possível havia sido lustrado e polido; a sorte parecia toda a favor da vitória do Esquadrão.

Mas eu garanti que ele não ganhasse. Uma lanterna do estábulo foi deixada, pendendo coberta por teias de aranha, imunda e suja.

O General Inspetor deu uma volta, farejando por falhas, mas não encontrando nenhuma, e ficando mais e mais tenso enquanto via que suas chances de ganhar estavam diminuindo, cada oficial e homem na ponta dos pés de ansiedade.

Ele havia quase atravessado o estábulo quando seu olhar recaiu sobre a lanterna. Então veio a explosão “Bom Deus, o que é aquilo? Que droga homem” – e por aí vai. Então sob uma boa maré de severidade, sua raiva gradualmente cedeu ante a compreensão de que ele havia vencido, e seu tom se alterou para o daquele de um vencedor tolerante.

“É uma pena, meu querido garoto, que tinha que haver aquela mancha no que eu devo dizer era fora isso um estábulo louvável; seus cavalos estavam bons, seus homens estavam bem, sua forragem estava boa, e por aí vai, mas realmente aquela lanterna – bem – você entende, não é?”.

E o grande foi embora com um andar de pavão completamente satisfeito consigo mesmo e sua vitória, enquanto uma grande onda de alívio caiu sobre cada homem comum no estábulo, pois sentíamos que nós também não havíamos perdido.

Sim – sou inclinado a achar que diplomacia mais que mérito vencia o dia com alguns inspetores. Era bem a mesma história que exames escolares. Novamente; uma inspeção de um General não era um teste real da eficiência de um Regimento.

Quando veio a mim a responsabilidade de ser General Inspetor, eu não me dei ao trabalho de seguir programações e não infectei os pobres coitados dos oficiais com o vírus da “febre de inspeção”, já que minha prática era de preferência ir me hospedar com os Regimentos por alguns dias, e observa-los em seus ordinários trabalho e lazer do dia-a-dia. Assim é possível ter uma visão bem mais prática e justa da eficiência, e assegurei um entusiasmo bem maior da parte dos oficiais por novidades que eu gostaria de testar.

Foi um toque pessoal, em vez de memorandos oficiais, que trouxe resultados.

Eu não pressionei para que todos os oficiais estivessem presentes em minhas inspeções, já que era pelos resultados de seu trabalho que eu os julgava. O estado de seus Esquadrões dava a mim uma exata medida da qualidade de seus oficiais.

Como consequência, apesar de não ter nenhuma ordem para tanto, poucos oficiais falhavam em estar presentes. Por um lado, eles não ligavam tanto em serem julgados em sua ausência, e por outro, com a crescente responsabilidade que agora foi dada a eles, havia um correspondente entusiasmo e desejo por exhibir seus Esquadrões como efetivos para o serviço.

Em um de meus memorandos aos oficiais eu havia dito:

“Há um grande risco pairando sobre nosso país, que é evidente para qualquer m que viaje e que está em contato com linhas de pensamento militar estrangeiras. Nosso trabalho na cavalaria é tornar nosso ramo a mais perfeita máquina de luta de seu tipo, para compensar por sua excessiva fraqueza em números. Esses números não podem ser inventados no irromper da guerra... Cavalaria é a força de todos os outros que precisam estar prontos no primeiro dia de hostilidades. Nós devemos fazer isso por paciente trabalho sistemático – e não há muito tempo a se perder, pois nossos inimigos estão avançando nas mesmas linhas também”.

No decorrer de minhas inspeções, eu descobri incidentalmente que em muitos casos que os Quartéis da Cavalaria eram totalmente impróprios para ocupação.

Em um caso, em Norwich<sup>497</sup>, eu relatei a sua condição dilapidada. Nenhuma atenção foi dada a isso. Em meu relatório no ano seguinte eu declarei: “Quartéis nas mesmas condições insatisfatórias que antes, exceto por uma cozinha que desabou desde então”.

Enquanto estava inspecionando os Greys<sup>498</sup> no Quartel de Piers Hill, em Edinburgo<sup>499</sup>, eu perguntei como de costume: “Algum homem tem alguma reclamação a fazer?”.

Um soldado respondeu de uma maneira muito ressentida, dizendo:

497 Norwich - Cidade no condado de East Anglia, na região leste da Inglaterra.

498 Royal Scots Greys - Regimento escocês de cavalaria, existente entre 1678 e 1971.

499 Edinburgo - Capital da Escócia, integrante do Reino Unido.

“Sim, senhor. Eu costumava dormir em uma cama no fundo do dormitório e agora me deram ordens para dormir aqui. Eu não quero me mudar porque lá no fundo eu conseguia, por um bom buraco no chão, ver meu cavalo na baía embaixo”.

Ele me conduziu para inspecionar o “bom buraco” e lá sem dúvida ele tinha uma ótima visão de seu cavalo alojado abaixo.

Eu relatei esse incidente ao Escritório de Guerra e acrescentei o fato de que quando o dormitório no andar superior estava sendo lavado, os cavalos, qualquer seja o tempo, precisavam ser movidos para fora para evitar um banho de água suja, que apesar não ter muitas grandes conseqüências para alguns Regimentos se destacava de modo conspícuo no caso dos Greys.

Em 5 de Maio de 1907, meu período como General Inspetor chegou ao fim. Um número de meus companheiros de Cavalaria generosamente deu a mim um jantar de despedida em que estiveram presentes:

Sir Douglas Haig<sup>500</sup>

General Inspetor da Cavalaria,  
Índia.

Sir John Maxwell<sup>501</sup>

Chefe de Estado-Maior do  
General Inspetor, Forças  
Armadas.

Coronel Fanshawe<sup>502</sup>

Brigadeiro.

General Hon. Julian Byng<sup>503</sup>

Brigadeiro.

Coronel Hon. O. Lumley

Brigadeiro.

Coronel Allenby<sup>504</sup>

Brigadeiro.

---

500 Sir Douglas Haig (1861-1928) Barão de Bemersyde. Militar escocês, atuou na Guerra dos Bôeres e na Índia. Na I Guerra Mundial comandou as forças expedicionárias britânicas na França e na Bélgica.

501 Sir John Maxwell (1859-1929) General britânico, atuou nas forças armadas britânicas no Egito durante a I Guerra Mundial e depois foi comandante militar na Irlanda.

502 Coronel Fanshawe (1859-1952) Depois General Sir Edward Arthur Fanshawe – Militar britânico que atuou no Afeganistão, no Sudão e na I Guerra Mundial.

503 General Hon. (Honorável) Julian Byng - Marechal de Campo Julian Hedworth George Byng, Visconde de Vimy. Militar britânico, atuou na I Guerra Mundial em várias frentes, tendo sido comandante da 3ª Armada Britânica.

504 Marechal Lorde Allenby (1861-1936). Marechal de Campo Edmund Henry Hynman Allenby, 1º Visconde de Allenby, inglês. Participou da II Guerra Bôer. Durante a I Guerra Mundial liderou a Força Expedicionária Egípcia na conquista da Palestina e da Síria.

General Rochfort <sup>505</sup>	Artilharia Montada Real.
General Benson <sup>506</sup>	Montarias Reservas.
General Rimington	Brigadeiro.
Coronel Hon. R. Lindley <sup>507</sup>	Escola da Cavalaria.
General Scobell <sup>508</sup>	Inspetor da Cavalaria.
Coronel Fenwick <sup>509</sup>	Guarda Montada Real.
General Birkbeck <sup>510</sup>	Montarias Reservas.

Meu Assistente General Adjunto (Assistant Adjutant General, A.A.G.) era Lorde Errol<sup>511</sup>, da Guarda Montada Real, e meus Ajudantes-de-ordem eram Harvey Kearsley, 5º Dragões da Guarda, Owain Greaves<sup>512</sup>, Guarda Montada Real, e Tom Marchant<sup>513</sup>, 13º Hussardos.

Eu fiquei tremendamente comovido com a inesperada expressão de boa vontade, acompanhada pelas numerosas cartas expressando aprovação pelos passos que tomamos para atualizar a Cavalaria. O

---

505 General Rochfort (1850-1916) General Sir Alexander Nelson Rochfort. Militar britânico, atuou na Índia, Sudão, África do Sul (Guerra dos Bôeres), Somália e comandou as tropas da Ilha de Jersey na I Guerra Mundial.

506 General Benson (1849-1916) - General Sir Frederick William Benson, militar britânico, nascido no Canadá. Serviu na Índia, Egito, Irlanda e África do Sul. Foi comandante do Regimento de Cavalaria do Egito.

507 General R. Lindley (1860-1925) - General John Edward Lindley. Militar britânico, participou da Guerra dos Bôeres, foi comandante da Brigada de Cavalaria Irlandesa e da Divisão Galesa durante a I Guerra Mundial.

508 General Scobell (1859-1912) - General Sir Henry Jenner Scobell. Militar britânico, participou da Guerra dos Bôeres, foi comandante das forças da Colônia do Cabo e Comandante de várias forças da Cavalaria britânicas.

509 Coronel Fenwick (1863-?) - Coronel Henry Thomas Fenwick. Membro da guarda real britânica, serviu nas guerras sul-africanas em diversas frentes. Foi o Comandante chefe da Guarda Montada Real de 1903 a 1907.

510 General Birkbeck (1863-1929) General Sir William Henry Birkbeck. Militar britânico participou de missões no Afeganistão, Índia, China e da Guerra dos Bôeres, na África do Sul. Foi ainda comandante da Escola de Cavalaria britânica.

511 Lorde Errol (1852-1927) Charles Gore Hay, 20º Duque de Erroll, conhecido. Militar e político escocês. Foi comandante da Guarda Montada Real.

512 Owain Greaves (1898-1941) - Major Owain Edward Whitehead Greaves - Militar britânico que se destacou na I Guerra Mundial.

513 Tom Marchant - Thomas H. S. Marchant - Militar britânico, condecorado na Guerra dos Bôeres.

ponto alto dessas foi uma carta que o Duque de Connaught enviou a mim em que ele foi gentil o suficiente para dizer coisas que me fizeram corar de orgulho e satisfação.

Os “passos” aludidos eram brevemente esses:

- Estabelecimentos em ruínas foram abandonados e os Regimentos foram postos em boas condições de trabalho.
- Montarias reservadas criadas para os estabelecimentos.
- Brigadas permanentes formadas.
- Despesas dos Oficiais reduzidas.
- Novo Livro de Práticas com sistema de treinamento aprimorado.
- Responsabilidades dadas ao Esquadrão e ao Oficial de Tropa.
- Treinamento e Instituição de Exploradores autorizados.
- Novo rifle emitido com melhores recursos.
- Escola da Cavalaria estabelecida para Oficiais e Suboficiais.
- Revista da Cavalaria publicada.
- Prática de mobilização instituída em todos os Regimentos.
- Treinamento dos cavalos e de domínio do cavalo seguindo novo fundamento.

- Domínio do homem e Espírito da Cavalaria desenvolvidos.

Eu, de fato, não merecia esses generosos elogios pessoalmente, já que nosso sucesso foi devido ao comprometido trabalho de equipe dos oficiais da Cavalaria.

Agora que já é tarde para eu ser demovido, eu não me importo em confessar que pessoalmente eu estava por completo despreparado, física e intelectualmente, para a posição de General Inspetor da Cavalaria.

Fisicamente porque eu tinha já há algum tempo uma perna um pouco bamba como resultado de um acidente de tiro no Afeganistão, e mais recentemente havia rompido a cartilagem e ligamentos do outro joelho, de forma que as duas pernas estavam como fiapos, e eu não podia oferecer, como deveria, um exemplo de equitação firme.

Intelectualmente eu estava deficiente porque eu não havia passado pelo Colégio do Comando Militar e meu conhecimento de estratégia e história militar estavam limitados a bom senso e admiração pelos métodos de Oliver Cromwell<sup>514</sup>.

Felizmente, nesse momento crítico, eu tinha o apoio de Douglas

---

514 Oliver Cromwell (1599-1658) - Político britânico, adquiriu o título de Lorde Protector, tendo governado a Inglaterra, Escócia e Irlanda, após a derrubada da monarquia britânica.

Haig, que era minha contraparte como General Inspetor da Cavalaria na Índia. Nós éramos bons amigos, sempre nos comunicando, e em total concordância de nossas idéias, eu devia muito a ele então por muitas pesquisas e conselhos práticos.

Douglas Haig era único. Ele era um cavaleiro de primeira-classe, cheio do espírito da Cavalaria com uma mente rápida e resoluta, e ao mesmo tempo ele era um sério estudante da ciência militar, uma rara combinação em um oficial da Cavalaria, e foi nossa salvação na Grande Guerra.

A feliz coincidência de que ele estivesse em posição para se tornar Comandante-em-Chefe naquela crise foi uma grande sorte para a nação.

Talvez um resultado da Grande Guerra possa tender a mostrar que o serviço militar é uma educação em si mesmo, tanto para oficiais quanto para os homens, e apesar de certos ramos serem chamados de lado científico do Exército, não tenho dúvidas de que o treinamento oferecido a um oficial da Cavalaria por sua prática em campo desenvolve a um alto nível certos pontos de caráter como avaliação rápida e ação imediata e resoluta, e outras qualidades necessárias a um líder em guerra.

Se provas forem necessárias, é preciso apenas olhar os nomes daqueles que comandaram nossos exércitos no campo, a grande maioria dos quais haviam adquirido sua experiência no ramo montado, French, Haig, Allenby, Byng, Horne<sup>515</sup>, Plumer<sup>516</sup>, Gough<sup>517</sup>, Rimington, e o resto.

### **Exército Territorial**

O término de meu período como General Inspetor da Cavalaria não foi o ato final de meu serviço, apesar de ter me deixado como Tenente-General no topo da hierarquia da Cavalaria, uma posição que nem mesmo em meus mais loucos sonhos eu havia visualizado – e

---

515 Horne (1861-1929) General Henry Sinclair Horne, Barão de Stirroke. Militar britânico que se destacou na I Guerra Mundial, onde foi o único oficial de artilharia a comandar uma armada inteira.

516 Coronel Plumer (1857-1932) - Tenente Coronel Herbert Plumer, 1º Visconde de Plumer, militar britânico que chegou a Marechal de Campo por suas atuações na I Guerra Mundial onde comandou exércitos britânicos.

517 General Gough (1880-1963) - General Sir Hubert de la Poer Gough, inglês. Comandou forças britânicas na I Guerra Mundial, tendo participado também da II Guerra Bôer.

tampouco havia desejado.

Eu estava agora recebendo um pagamento parcial.

O costume era que permanecêssemos em pagamento parcial por quatro anos, e se nesse ínterim você não recebesse nenhuma nomeação, você se aposentava com a pensão autorizada para seu nível.

Nessa época Lorde Haldane<sup>518</sup> era o Secretário de Estado para Guerra, e estava considerando a questão de desenvolver nossas reservas militares pela organização do Corpo de Treinamento de Oficiais do Exército Territorial. Ele me convidou para me hospedar com ele em Cloan<sup>519</sup> para conversar sobre esses assuntos, e enquanto estive por lá ele me perguntou se eu gostaria de tomar o comando da Divisão Territorial, e tentar quaisquer idéias que eu pudesse tentar para melhorar o treinamento desse ramo.

Isso não contaria como emprego regular para mim, já que o comando era o de um Major-General e eu era um Tenente-General. Mas já que oferecia trabalho, e trabalho de um tipo interessante, eu prontamente aceitei a oferta, e conhecendo um pouco dos planos alemães eu percebi a necessidade urgente por tornar nossas reservas eficientes para serviço em campo e não apenas no papel.

Eu fui indicado ao comando da Divisão de Northumbrian<sup>520</sup>, que incluía Northumberland, Durham e Yorkshire<sup>521</sup> do Norte e do Leste. Aqui eu encontrei excelentes homens com quem trabalhar, mais particularmente aqueles provenientes dos distritos mineradores. Eles eram bem brutos, mas eram leais e camaradas corajosos.

Nós havíamos tido como inimigos na Guerra dos Bôers homens que nunca haviam recebido nem um dia de treinos e práticas em suas vidas e, ainda assim, eram efetivos no campo contra nossas tropas treinadas por suas inteligências individuais, ímpeto e vontade de ter sucesso.

Então, foi nessa linha que tentei desenvolver nosso treinamento em minha Divisão. Eu tinha um automóvel feito para meu próprio

---

518 Lorde Haldane (1856-1928) - Sir Richard Burdon Sanderson Haldane, 1º Visconde de Haldane. Político, advogado e filósofo escocês.

519 Cloan - Localidade escocesa, próxima de Glasgow.

520 Northumbrian - Moradores de Northumberland, condado do nordeste da Inglaterra.

521 Northumberland, Durham e Yorkshire do Norte e do Leste - Nome de condados ingleses.

padrão, que era ao mesmo tempo um quarto e um escritório, e eu continuamente passeava pela divisão, entrando em contato pessoal com cada unidade e estudando as condições locais em que trabalhava. Eu organizava “batalhas” de fim-de-semana, em que a presença era voluntária, mas que atraíam maior número de presenças que a média de paradas militares obrigatórias.

Está, é claro, no sangue dos homens daquelas regiões o costume de apostar. Então eles geralmente tinham apostas nos resultados daquelas lutas. Isso requeria o uso de árbitros particularmente bons; e esse fato também aumentava os padrões da liderança dos oficiais.

### **Advertências da Grande Guerra**

Eu me coloquei em um grande problema por causa de uma conversa com meu Estado-Maior sobre as possibilidades de uma invasão alemã.

Os alemães haviam concordado que a oportunidade mais adequada para uma invasão à Inglaterra seria oferecida pelo dia do Feriado Bancário (Bank Holiday), em agosto de qualquer ano, em que estaríamos menos preparados. Eu decretei o feriado bancário como uma ocasião apropriada para praticar a mobilização de nossas unidades, e para explicar isso e os planos alemães, eu fiz um discurso aos meus oficiais.

Isso acabou levantando exigências de minha demissão por certos membros da Casa dos Comuns (um dos quais é um Ministro do Governo nos dias de hoje), mas, bem mais importante, trouxe a mim algumas enraivecidas cartas anônimas da Alemanha, e também noticiais de amigos próximos de lá dizendo que minha indicação a Tenente-General (em lugar de um usual Major-General) havia causado comentários consideráveis em círculos militares.

### **Então havíamos acertado na mosca.**

Então, quando eu fui acusado como um canalha no Parlamento, eu tomei um trem para Londres e expliquei a Lorde Haldane que minha fala, que havia sido relatada, era uma fala privada endereçada a meus oficiais apenas, e que nunca deveria ter aparecido na imprensa, e que gostaria de me desculpar pela confusão que havia causado na Casa dos Comuns.

Para minha surpresa ele respondeu que estava contente e que foi uma coisa boa abrir os olhos do povo para o fato de existir um perigo

da Alemanha.

Era fato que o povo da Inglaterra não conseguia e não iria acreditar que guerra poderia novamente acontecer na Europa, e complacentemente olhavam para a Alemanha se armando e construindo uma frota que não podia ter nenhum outro objetivo senão opor-se à nossa.

Eles viam Lorde Roberts<sup>522</sup> e outros, que tentavam abrir seus olhos para esse perigo próximo, como fanáticos.

Foi afortunado para o país que o Exército não estivesse cego, e tinha sua força móvel, embora pequena e “desprezível”, pronta para emergência quando a guerra rompeu-se sobre nós.

### **Rei Eduardo<sup>523</sup> e Minha Aposentadoria**

Mas por volta dessa época outra bomba caiu sobre mim. Essa foi a explosão do Escotismo, de uma sugestão que eu havia feito, mas que produziu tamanha safra de jovens escoteiros por todo o país que as demandas sobre meu tempo e energias cresceram, a tal grau que eu tive que considerar se era justificado continuar minha carreira militar, ou se deveria assumir esse novo desenvolvimento e organizá-lo.

Rei Eduardo convidou-me a Balmoral<sup>524</sup>, e lá conversei comigo sobre a questão do Escotismo por um longo período, e apesar de ainda estar no princípio ele mostrava uma forte crença em suas possibilidades e urgiu-me a seguir em frente. Então mais tarde, quando a dúvida se levantou em minha mente sobre minha capacidade em realizar os dois trabalhos adequadamente, chegou aos ouvidos do Rei que eu estava pensando em me aposentar do Exército, e ele de imediato mandou um recado perguntando se era esse o caso, dizendo que considerava ser insensato de minha parte deixar o serviço militar quando, como ele expressou, eu havia acabado de conseguir um bom apoio na carreira.

Mas no dia seguinte, tendo considerado mais plenamente a situação, ele concordou que vendo as possibilidades que se abriam diante do Movimento Escoteiro, e a necessidade por sua organização, seria,

---

522 Lorde Roberts (1832-1914) Marechal de Campo Frederick Sleigh Roberts, 1º Conde de Kandahar. General britânico, nascido na Índia. Comandou forças no Afeganistão, Índia, Irlanda e África do Sul, tendo sido o comandante durante a II Guerra dos Bôeres.

523 Rei Eduardo VII (1841-1910) - Albert Edward, rei do Reino Unido e Imperador da Índia. Reinou de 1901 até a sua morte.

524 Balmoral - O Castelo de Balmoral se encontra no condado de Aberdeen, na Escócia. Foi adquirida pela Rainha Victoria e desde então é propriedade da família real britânica.

afinal, correto de minha parte renunciar do Exército e me devotar a esse trabalho.

### **Investidura em um Piscar de Olhos**

Em relação a minha visita a Balmoral, eu havia ido lá para receber de Sua Majestade a honra do título de nobreza Cavaleiro Comandante da Ordem Vitoriana<sup>525</sup>. Eu havia chegado ao fim da tarde e disseram-me que a investidura seria realizada no dia seguinte, mas logo quando eu estava me vestido para o jantar Legge, o camarista do Rei, entrou correndo pela porta e disse que Sua Majestade queria condecorar-me de imediato, e apressou-me para o camarim.

As anotações de meu diário: Enquanto ainda do lado de fora coronel Legge<sup>526</sup> tirou minhas medalhas miniaturas e pregou dois pinos de segurança em meu casaco, chamando ao mesmo tempo um empregado para trazer uma almofada e outra uma espada.

Era como a preparação para uma execução.

Então nós entramos.

O Rei, em vestimentas escocesas, apertou minha mão, sorrindo contente e continuou a segurar minha mão enquanto me dizia que pelos meus muitos serviços no passado e especialmente pelo meu trabalho atual de organizar o movimento Escoteiro para o país ele propôs tornar-me Cavaleiro Comandante da Ordem Vitoriana.

Ele então se sentou e eu ajoelhei em uma almofada a sua frente, o camarista lhe entregando a espada e ele tocou-me com ela em cada ombro e pendurou a cruz em meu pescoço e prendeu a estrela da Ordem em meu casaco, e deu-me sua mão para beijar. Então risonhamente ele me disse que seu criado iria ajeitar a fita da medalha para mim, e eu sai.

(Por estranho que pareça, no outro dia quando fui pendurar meu chapéu pela primeira vez na Câmara dos Lordes, o condutor (responsável pela ordem em uma corte de justiça) que me recebeu lembrou-me que ele era o mesmo criado que havia me ajudado, e ele

525 Cavaleiro Comandante da Ordem Vitoriana – Ordem de cavalaria criada pela Rainha Vitória em 1896 (não confundir com a Cruz de Victória, de 1856 para distinções de bravura em combate) para agradecer por serviços prestados ao Soberano.

A ordem possuía cinco classes: Cavaleiro da Grande Cruz, Cavaleiro Comandante, Comandante, Tenente, Membro.

526 Coronel Legge (1863-1947) - General James Gordon Legge, australiano, atuou na I Guerra Mundial e após a guerra não aceitou as honrarias imperiais, tendo recusado-se a receber o título de Sir.

também me disse que eu havia dormido no quarto, ao lado do Rei, naquela noite.)

Essa operação me atrasou por alguns poucos minutos e quando desci do camarim encontrei toda a festa esperando por mim, e aqueles que possuíam a Ordem Vitoriana formavam um tipo de Guarda de Honra, após a entrada aguardando para apertar minha mão. Era tudo muito desconcertante – mas muito alegre.

Mais tarde descobri que a razão para essa pressa exagerada foi que os convites para o jantar haviam sido impressos com antecedência, e o Oficial responsável por esse trabalho supôs que eu seria nomeado naquele dia em vez do dia seguinte, e havia, portanto, colocado meu nome como “Sir Robert”, e foi com o objetivo de tornar o convite correto que o Rei teve que realizar a nomeação sem demora!

A agilidade do Rei Eduardo para perceber erros nos detalhes de vestimentas era famosa, e eu pude ser um exemplo disso naquela noite. Ele tinha de prontidão, atrás de sua cadeira, um servo egípcio que era um artista em fazer café. Ele estava vestindo um vistoso uniforme, mas o Rei, aparentemente tendo olhos na nuca, de repente rosnou uma reprimenda ao homem em francês. O homem disparou para fora da sala – ele havia se esquecido de colocar suas medalhas. Em alguns minutos ele retornou, apenas para receber um discurso ainda mais furioso; ele havia as colocado no lado errado do peito!

Após o jantar Rei Eduardo me chamou separadamente e me sentou a seu lado em um sofá e conversou por aproximadamente meia hora sobre meus Escoteiros.

O Movimento não tinha ainda dois anos então, mas havia se espalhado rapidamente. No dia anterior eu havia atendido em Glasgow<sup>527</sup> a um encontro em que 5640 garotos estiveram presentes, e no mês anterior 11.000 estiveram presentes em uma reunião no Palácio de Cristal<sup>528</sup>.

Sua Majestade perguntou-me tudo sobre nossos objetivos e métodos e expressou sua grande crença em que o Movimento era exatamente aquilo de que o país precisava. Ele disse que ele cresceria para se tornar um grande e valiosa instituição, e que ele gostaria de passar

---

527 Glasgow ou Glaschu em gaélico escocês, é a maior cidade da Escócia no Reino Unido.

528 Palácio de Cristal - Palácio de metal e vidro, originalmente erguido no Hyde Park, em Londres, Inglaterra para receber a Grande Exposição de 1851. Depois da exibição ele foi transferido para Sydeham Hill.

em revista aos escoteiros no ano seguinte, no Parque de Windsor<sup>529</sup>. Ele concordou com minha sugestão de que garotos que trabalhassem duro e passassem por testes para eficiência especiais deveria ser nomeados “Escoteiros do Rei”<sup>530</sup>.

Eu fui me deitar como um homem feliz naquela noite.

### **O Fim de Minha Vida Número Um**

Ao enviar meu pedido de aposentadoria do Exército surgiu a questão da minha pensão. Para meu horror eu fui informado de que a Previdência Real não permitia a pensão para alguém da minha idade.

Minha promoção havia sido tão rápida que eu havia me tornado Tenente-General com cinquenta anos, enquanto a Previdência não permitia pensão a ninguém nesse posto abaixo de sessenta e dois.

Eu havia tido uma sorte fenomenal, é claro, em conseguir promoções por patente em todos os passos da hierarquia, dessa forma:

Eu havia recebido promoção direta, em vez de dois anos em Sandhurst<sup>531</sup>.

Dois anos antecipados foram concedidos a mim como Subtenente ao passar com honras pelo exame para Tenente.

Como Tenente e Ajudante de ordens, fui promovido a Capitão supranumerário.

Como Capitão, atuei como Secretário Militar no campo e então fui promovido a Major com patente.

Como Major, recebi patente de Tenente Coronel em Ashanti<sup>532</sup>.

Como Tenente-Coronel, recebi patente de Coronel em Matabelelândia<sup>533</sup>.

---

529 Windsor - Cidade e castelo de mesmo nome, localizados no Condado inglês de Berkshire. O castelo de Windsor é uma das principais residências da monarquia britânica.

530 “Escoteiros do Rei” - Ainda hoje esta é a maior condecoração que pode ser conquistada por um escoteiro britânico. A entrega da insígnia é feita em cerimônia especial, onde normalmente o soberano da Inglaterra está presente, ou algum representante da Casa Real. Atualmente pelo fato do monarca ser uma rainha, e não rei, a insígnia chama-se “Escoteiro da Rainha”.

531 Sandhurst - Nome da Academia Militar Real britânica, localizada em Surrey, Inglaterra.

532 Ashanti - Grupo étnico majoritário de Gana. Antes da colonização exerciam grande influência no oeste africano. Hoje também é chamado de Ashanti um dos estados de Gana, na região tradicional deste povo.

533 Matabelelândia - Região entre os rios Limpopo e Zambezi, ao oeste do que hoje é o país africano Zimbabwe. O nome vem dos seus antigos moradores, o povo Ndebele.

Como Coronel superior, na Guerra dos Bôers, especialmente promovido a Major-General na precoce idade de quarenta e três, comparativamente.

Assim me tornando Tenente-General antes dos cinqüenta.

Medidas, entretanto, foram então tomadas para o recebimento de minha pensão.

Foi bem difícil dar esse último passo para me desligar do Serviço Militar que eu havia amado tanto, apesar de, ao mesmo tempo, eu não me importar em tirar meu pé da escada da hierarquia militar, já que não tinha nenhuma intenção em continuar subindo por ela. Eu não fui feito para ser General. Eu gostava de ser um oficial de Regimento em contato direto com os homens.

Foi uma grande consolação receber do Secretário de Estado para Guerra a carta que ele me enviou, expressando gentilmente seu pesar pela minha perda pelo Exército, em que ele acrescentou: "... Mas eu sinto que a organização de seus Escoteiros tem uma importância tão grande para o futuro que, provavelmente, o maior serviço que você pode fazer ao país é se devotar completamente a ela".

E então terminou minha Vida Número Um.



## CAPÍTULO X

### MINHA VIDA NÚMERO DOIS - OS ESCOTEIROS E AS GUIAS

Então comecei minha segunda vida.

Deixei definitivamente o Exército em 1910 e tratei de me ocupar exclusivamente do Movimento Escoteiro que estava se firmando por toda parte.

A tarefa de levá-lo avante prometia ser a mais importante de minha vida, embora facilitada pelo entusiasmo de todas as pessoas ligadas a ela.

Em 1912 tudo ia bem, quando uma nova espécie de bomba de repente me atingiu em cheio!

#### A Corda no Pescoço

Durante minha primeira vida eu andara sempre ocupadíssimo, sem calma para pensar em casamento; meu melhor amigo, “Ginger” Gordon do 15.º dos Hussardos, protestava sempre que eu dizia ser um celibatário inveterado; quando eu declarava que não queira me casar e que tinha certeza de que ninguém gostaria de se casar comigo, ele me olhava com ar de sabedoria e dizia rindo, como quem conhece o assunto: “Como os Outros, meu caro, um dia desses, quando você menos espera, a coisa acontece”.

E com efeito, aconteceu mesmo. Vou comentar.

Sempre tive o hábito de deduzir o caráter de uma pessoa pelas suas pegadas e pelo seu modo de caminhar. Qualquer pessoa habituada a seguir uma pista sabe ler o caráter e deduzir as ações ou as intenções de uma pessoa pelas suas pegadas: Pé espalhado pressupõe um mentiroso por exemplo; pisar mais forte com o lado externo do pé quer dizer espírito aventureiro e assim por diante.

Nessa pesquisa, cheguei à conclusão de que 46% das mulheres demonstram espírito aventureiro com o pé esquerdo e indecisão com o pé direito, portanto, sujeitas a agir impulsivamente.

Sendo assim, qualquer exceção que encontrava, naturalmente, prendia minha atenção.

Uma dessas exceções se apresentou quando reparei numa moça — totalmente desconhecida para mim e cujo rosto não cheguei a ver — cujo pisar demonstrava honestidade de propósitos, bom senso e espírito de aventura. Reparei que levava consigo um cãozinho “spaniel”.

Isso aconteceu um dia quando eu ainda estava no Exército e me dirigia para a caserna em Knightsbridge. Não pensei mais no caso.

Dois anos mais tarde, a bordo de um vapor que me levava para as Antilhas, reconheci o mesmo andar numa companheira de bordo. Ao ser apresentado a ela, disse-lhe que tinha certeza de que morava em Londres. Engano, minha dedução estava errada. Ela morava em Dorsetshire!

“Mas a senhorita não tem um “spaniel” castanho?”

“Tenho”. Olhando-me surpreendida.

“Nunca esteve com ele em Londres? Perto da caserna de Knightsbridge?”

“Sim, há dois anos”.

E assim nos casamos e vivemos sempre felizes.

Começou aí minha segunda vida e com ela os Escoteiros e Guias.

### **Origem dos Escoteiros e Guias**

A fama que adquiri sem querer na Guerra dos Boers deu-me muito que pensar. Foi imerecida e gratuita e deveu-se em grande parte à falta de equilíbrio na apreciação dos fatos.

Seria possível que houvesse nisso um significado maior? Teria sido como um chamamento? Poderia ser essa fama utilizada para o bem? Nesse caso, como? Foram essas as perguntas que me assaltaram e que começaram a ter resposta quando eu ainda me encontrava na África do Sul no período entre 1901 e 1903. Recebi muitas cartas de rapazes e moças de toda a parte. Tinha eu de alguma forma captado seus interesses e, sem querer, estava estabelecendo relações pessoais com a juventude.

Lord Allenby surpreendeu-se certo dia ao ver seu filhinho subir em uma árvore com a governanta para armar-lhe uma emboscada. A moça explicou-lhe que viera de uma instituição dirigida por uma certa Srta. Mason, que empregava na educação dos alunos meu livrinho destinado a soldados: “Auxílio ao Escotismo”. Por meio dele adestrava-os na observação e dedução.

Foi essa a primeira indicação que tive de que o escotismo militar poderia ter valor educacional.

Era pois a ocasião que se apresentava de ajudar aos jovens, embora não soubesse bem como e houvesse a necessidade de malhar enquanto o ferro estivesse quente.



*Ele encontrou a governanta empoleirada sobre a árvore...*

Assim, às inúmeras perguntas que me faziam e aos apelos de sociedades de meninos que me pediam uma “mensagem”, respondia com os conselhos e sugestões que me permitiam meus afazeres na África que na época eram grandes. Eram geralmente calcados em estórias de escoteiros e mateiros, grandes heróis da criançada. Assim sobre o fumo, por exemplo, escrevi:

“Um escoteiro, ou qualquer homem cuja vida dependa diretamente do equilíbrio dos nervos, de bom fôlego e da acuidade da vista e do olfato, não vai se meter a fumar, porque sabe seus efeitos prejudiciais. É por isso que o grande escoteiro americano Major Burnham não fuma, nem o grande caçador africano F. C. Seous.

O fumo prejudica mais aos jovens do que aos velhos. Portanto um menino, a menos que seja bobo, evitará o fumo, pois não sabe quando será chamado a um trabalho que exige bons nervos e idéias claras.”

Escrevi dezenas de cartas nesse gênero sobre fumo e outros assuntos a meninos que me pediam conselhos. Esse fato convenceu-me que a juventude necessitava de uma liderança disponível e que a aceitariam de bom grado.

De forma que, no final das contas, foi a juventude que me deu a idéia, fazendo-me desistir de minha vida de soldado para iniciar outra bem diferente em 1910.

## **Necessidade Nacional de Desenvolver o Caráter**

Lidei com centenas de jovens recrutas quando fui ajudante de ordens e comandante. Eram produtos típicos da educação média de nossas escolas.

A educação só pode ser medida pelos seus resultados e nunca pelos seus métodos, por excelentes que possam ser.

Esse ponto fica muitas vezes esquecido.

Os resultados que constatei mostravam-me jovens simpáticos, que sabiam ler e escrever, bem comportados na sua maioria e sabendo aceitar uma disciplina. Tornavam-se com facilidade soldados apresentáveis em paradas. Porém não tinham individualidade ou força de caráter; eram completamente sem iniciativa, imaginação ou disposição para aventura.

As condições artificiais da vida moderna estavam fazendo deles um mero rebanho, onde recebiam tudo mastigado e onde se guiavam em primeiro lugar pela idéia da segurança.

Estou falando, não esqueçam, das condições reinantes no princípio do século. Podemos esperar que desde então os métodos de educação tenham melhorado e que hoje se pense menos em preparar jovens para passar em exames e mais em torná-los capazes de utilizar o melhor possível suas vidas como cidadãos conscientes.

Porém a educação enfrenta novas dificuldades hoje em dia, por causa do exagerado instinto gregário, de ensinamentos indesejáveis, de uma imprensa sensacionalista, de cinemas imorais e do fácil acesso a prazeres mórbidos e à jogatina.

Com o aumento atual das cidades, vilas e fábricas, com a multiplicação das grandes rodovias asfaltadas, com o telégrafo, o telefone e a eletricidade espalhados por todo o país, o que nós chamamos de "civilização" vem empurrando o homem para longe da Natureza, que fica cada vez mais inacessível à maioria das pessoas.

Assim a percepção da beleza e da maravilha da criação, cada vez se perde mais no materialismo da vida gregária, com suas tristes condições de trabalho e agitada busca do prazer num cenário árido de tijolos e argamassa.

O artificial parece estar substituindo o natural em nossas vidas, graças aos automóveis, às bicicletas e aos elevadores. Nossos membros e nossas mentes vão se atrofiando por falta de exercício e nossos filhos terão menos iniciativa e menos músculos do que nós.

## **O Valor Educacional do Escotismo no Exército**

Bem, ao adestrar nossos rapazes no Exército, tínhamos que remediar alguns desses defeitos de caráter e suprir as omissões pelo desenvolvimento dos vários atributos necessários para transformá-los em HOMENS, com quem se pudesse contar. Tínhamos que desenvolver muitas qualidades não mencionadas nos manuais escolares, tais como: coragem individual, inteligência, iniciativa e espírito de aventura. Conseguimos fazê-lo não pela imposição, mas procurando levá-los de volta à Natureza, à vida primitiva. Aprendiam a seguir uma pista, a conhecer o terreno, a observar de dia e de noite, a esconder-se e surpreender a presa, a improvisar um abrigo e a alimentar-se e sobreviver sem ajuda.

Esse programa provou ser tão atraente para esses jovens que nunca houve falta de voluntários para o treino. Antes disso, muitos rapazes, pela monotonia mortal da vida da caserna, costumavam desertar. Depois, tornou-se realmente rara qualquer deserção.

Os resultados nos mostraram que havíamos conseguido mais do que transformar os homens em bons escoteiros. Constatamos que trabalhavam agora com satisfação e interesse, com segurança, com sentimento de responsabilidade e confiança e com Outras qualidades que os levavam a um padrão mais elevado de virilidade, respeito próprio e de lealdade.

### **Aplicação do Treinamento Escoteiro à Foração de Cidadãos**

Durante a defesa de Mafeking, Lord Edward Cecil, chefe do meu estado-maior, teve a idéia de empregar os meninos da cidade como mensageiros e ajudantes e assim liberar os soldados disponíveis para guarnecer as trincheiras.

Os rapazes foram agrupados num corpo especial sob o comando de um deles, o Cabo Goodyear e cumpriram seus deveres satisfatoriamente, com grande coragem, mesmo sob o fogo inimigo.

Seu trabalho consciencioso abriu meus olhos para o fato de que, dando-se responsabilidade a meninos e confiando-se neles é possível contar com eles como se fossem homens.

Essa foi uma importante lição para mim.

Em 1904, como resultado desses indícios, fiz um plano para formação de rapazes, que seguia de perto o programa dos exploradores militares.

Em 1905 fui convidado por Sir William Smith para inspecionar a Brigada de Meninos em Glasgow, no seu vigésimo primeiro aniversário de fundação.

Quando vi aquela esplêndida reunião de seis mil rapazes e me contaram a enorme penetração do movimento, meus olhos se abriram para ainda outra característica dos rapazes, em outras palavras, que se seu interesse for captado eles virão aos milhares, entusiástica e voluntariamente receber formação.

Percebi também que centenas de adultos estavam prontos a sacrificar tempo e energia para auxiliar e formar esses rapazes.

Era um fato que nenhuma teoria poderia prever

Quando Sir William me disse que tinha nem mais nem menos do que cinquenta e quatro mil rapazes na Brigada, felicitei-o pelo magnífico resultado de seu trabalho; mas pensando bem, não pude me furtar a tentação de lhe dizer que, considerando-se o número de rapazes existentes tentes na Inglaterra, em vinte anos vezes mais. Talvez o programa que variado e atraente.

Perguntou-me ele, como seria possível tornar-se o programa mais atraente e contei-lhe então a popularidade do programa escoteiro entre a rapaziada da Cavalaria e que alguma coisa semelhante poderia ter igualmente atrativo para esses meninos mais moços, enquanto a finalidade do movimento poderia muito bem ser deslocada da guerra para a paz.

O desenvolvimento do caráter, da saúde e da energia eram a base do seu programa e essas qualidades são tão necessárias ao soldado, quanto ao cidadão.

Concordou Sir William cordialmente com a minha idéia e sugeriu que eu escrevesse um livro para rapazes semelhante ao “Auxílio ao Escotismo”.

De forma que nas poucas horas vagas que me deixava meu cargo de Inspetor Geral de Cavalaria, comecei a formular minha idéia, pois ali estava um trabalho a minha espera, no qual aquela absurda e detestável notoriedade que eu adquirira em Mafeking poderia dar algum fruto.

Por esse tempo, a sorte, ou o destino se preferem — levaram-me até a casa de Sir Arthur Pearson, e lá tive a oportunidade de descobrir sua modesta bondade e simpatia pela infância e juventude, às quais se juntavam um ardente patriotismo.

Era justo o homem de que eu precisava e confiei-lhe minhas idéias sobre a formação dos rapazes. Ele encorajou-me muito e ofereceu-me a ajuda de seus auxiliares. Entre esses encontrei Sir Percy Everett que desde então vem sendo meu braço direito.

Antes de publicar o livro projetado resolvi organizar um acampamento onde pudesse constatar a validade das idéias.

A Sra. Van Realte colocou à minha disposição sua Ilha de Brownsea, na Bahia de Poole pois eu estava à cata de um lugar isolado para realizar a atividade longe do público e de jornalistas. Contava assim realizar a experiência sem interrupções.

Reuni rapazes de todas as classes e origens. Minhas previsões se realizaram e achei que podia então publicar o “Escotismo para Rapazes”.

### As Bases

Para conseguir fazer um plano de um discurso, de um livro ou de uma atividade, é preciso:

1. Saber claramente sua finalidade e expressá-la.
2. Tratando-se de uma atividade para rapazes, o segundo princípio essencial é que seja atraente.
3. Formular então uma lei que lhes sirva de linha de conduta.
4. Formar finalmente uma organização conveniente sob a liderança de chefes competentes.



Finalidade — Era procurar melhorar o padrão dos futuros cidadãos, especialmente seu caráter e sua saúde. Era preciso descobrir os pontos fracos do caráter nacional e esforçar-se por erradicá-los, substituindo-os por virtudes equivalentes que os programas escolares não mencionavam. As habilidades manuais, as atividades ao ar livre e o serviço ao próximo estavam na vanguarda desse programa.

Atração — O plano estava baseado no princípio do jogo educativo, numa recreação que levava o rapaz à auto-educação. Como chamar o movimento? O nome influi muito. Se tivéssemos adotado a denominação de “Sociedade para a Propagação das Qualidades Morais” (que era de fato), os rapazes não teriam se precipitado para entrar nela... Mas chamá-lo de Escotismo e dar-lhes a oportunidade de se tornar escoteiros em potencial era outra coisa. Seu desejo inato de pertencer a um bando era atendido fazendo-os ingressar numa “tropa” e numa “patrulha” Dar-lhes um uniforme, com distintivos a ganhar mostrando os progressos realizados por seus esforços pessoais e estavam assim, conquistados.



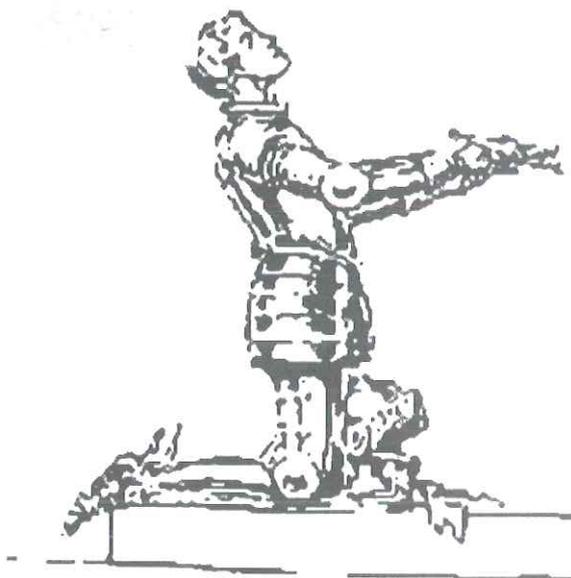
Sob o termo escoteiro, os incontáveis exemplos de exploradores, caçadores, marinheiros, aviadores e pioneiros, os homens das florestas selvagens e das fronteiras, poderíamos responder a seu desejo de admirar e imitar seus heróis.

Até o rapaz da cidade poderia aprender a seguir uma pista, a acampar, a cozinhar ao ar livre, a rachar lenha e a se dedicar a outras atividades ao ar livre.

Essas atividades teriam enorme atração para ele e ao mesmo tempo iriam desenvolvendo sua saúde, iniciativa, inteligência, destreza e energia.

A Lei — o romance dos cavaleiros da Idade Média exerce grande sedução sobre os rapazes e influencia seu senso moral, O código dos cavaleiros andantes estabelecia pela honra, a auto-disciplina, a cortesia, a coragem, o desprendimento na busca do dever, o serviço ao próximo, tendo como guia a religião.

Esses atributos e ainda outros seriam aceitos sem dificuldade se reunidos numa Lei.



*O jovem cavaleiro.*

### **A Lei Escoteira**

A Lei Escoteira não foi elaborada numa base negativa. As proibições geralmente incitam à desobediência, como desafio ao espírito de independência de qualquer menino (ou homem) que se preze. Não se governa um rapaz a custo de dizer “não faça” mas é fácil levá-lo pela

mão dizendo “faça”. A Lei Escoteira, portanto foi imaginada para servir de guia às suas ações, mais do que de repressão às suas faltas, simplesmente uma declaração do que se espera de um escoteiro:

1. Pode-se confiar na honra de um Escoteiro.
2. O Escoteiro é leal.
3. É dever do Escoteiro servir ao próximo.
4. O Escoteiro é amigo de todos.
5. O Escoteiro é cortês.
6. O Escoteiro é amigo dos animais.
7. O Escoteiro obedece às ordens.
8. O Escoteiro sorri e assobia em meio às dificuldades.
9. O Escoteiro é econômico.
10. O Escoteiro é limpo de pensamento, palavras e ações.

### **A Promessa**

Por uma carta que recebi em 1902 de um garotinho percebi que para um menino que fez uma promessa, ela pode representar muita coisa (Será que aquele meu correspondente desconhecido ainda é deste mundo?).

Escreveu ele — “Prometo-lhe de todo coração nunca beber nem fumar.

Que o senhor seja sempre um bravo soldado e eu também serei.

Afetuosamente, H.V... Halifax V.S...”

Assim estabeleci aos escoteiros uma Promessa solene, mais fácil de cumprir que um juramento, na qual ele se compromete:

Prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível para:

1. Cumprir meus deveres para com Deus e o Rei (Não ser apenas leal, pois isso implica somente em um estado de espírito, mas fazer alguma coisa),
2. Fazer todos os dias uma boa ação (quer dizer um dever para como próximo),
- 3 Obedecer a Lei Escoteira.

### **Escoteiros do Mar**

Fui educado na minha meninice por meus irmãos em meio aos mais variados trabalhos a bordo de barcos e iates que passavam por nossas mãos. Sabia pois do extraordinário valor desse treinamento, que desenvolvia muitas qualidades impossíveis de se alcançar tão facilmente em terra.

Além da boa saúde que a vida no mar proporciona, ela familiariza o rapaz com perigos e intempéries inevitáveis, exigindo dele coragem, cautela, disciplina, segurança e iniciativa. Tudo isso tende a fazer dele um homem.

Nestes dias que vivemos em que a moda é “paparicar” os rapazes e habituá-los a procurar primeiro o conforto, o Escotismo do Mar pode proporcionar um pouco da resistência tão necessária ao homem moderno.

Instituímos assim a modalidade dos Escoteiros do Mar, que cinco anos mais tarde, quando o país entrou em guerra, demonstrou sua grande utilidade.



*Escoteiro do Mar*

Nosso movimento pôde atender ao apelo do Governo e se encarregar da vigilância das costas, liberando os homens adultos para o serviço ativo em alto mar.

### **Organização**

No começo os escoteiros foram agrupados em tropas de mais ou menos 32 rapazes, subdivididas em patrulhas de 8.

Passados alguns anos resolvemos, por razões psicológicas, dividi-las em três ramos:

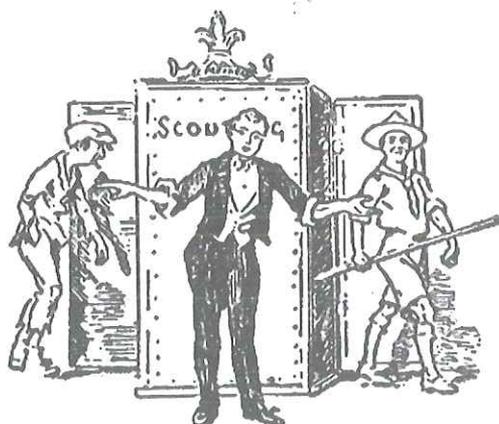
Lobinhos, de 8 a 11 anos, em Alcatéias compostas de Matilhas e com seu chefe.

Escoteiros, de 12 a 17\* anos em Tropas compostas de Patrulhas de seis a oito rapazes, sob o comando de um deles.

Pioneiros, a partir de 17 anos e meio, Clãs subdivididos em equipes com seus líderes.

As três seções formam um Grupo sob a direção de um Chefe de Grupo, O efetivo numa Tropa não deve exceder de 32. Sugerir esse número porque ao me ocupar eu mesmo do treinamento de meninos, descobri que 16 era o número máximo que conseguia atingir para desenvolver o caráter individual de cada um. Admito que outros possam ter o dobro de minha capacidade, daí o limite de 32 rapazes.

ANÁLISE DO ESQUEMA DE TREINO DOS ESCOTEIROS			
1. CARÁTER		2. SAÚDE E VIGOR	
QUALIDADES A ALCANÇAR:	ATRAVÉS DA PRÁTICA DE:	QUALIDADES A ALCANÇAR:	ATRAVÉS DA PRÁTICA DE:
Civismo Respeito pelos direitos dos outros Disciplina Liderança Responsabilidade Honra Cavalheirismo Contar consigo mesmo Coragem Capacidade de divertimento Nível de pensamento mais elevado Religião Respeito por si mesmo Lealdade	Trabalho de Patrulha Jogos em equipe Corte de Honra Conselho de Patrulha Lei e Promessa Trabalhos e Atividades Escoteiras Apreciação da Natureza Estudo da Natureza Astronomia Bondade com os animais Serviço aos outros	Saúde Força	Responsabilidade pela própria saúde Higiene Temperança Continência Acampamento Desenvolvimento físico Jogos Natação Caminhadas Escaladas Atividades na natureza
3. DESTREZA E HABILIDADES MANUAIS		SERVIÇO AO OUTRO	
QUALIDADES A ALCANÇAR:	ATRAVÉS DA PRÁTICA DE:	QUALIDADES A ALCANÇAR:	ATRAVÉS DA PRÁTICA DE:
Habilidade Criatividade Observação intelectual Dedução Auto expressão	Trabalhos manuais Atividades em acampamentos Pioneirismo Sistema de Especialidades Trabalhos manuais Seguir pistas	Altruísmo Civismo Patriotismo Serviço à humanidade Serviço a Deus	Lei e Promessa Boas ações Salvamentos Técnicas de primeiros socorros Técnicas de salvamento Outros serviços Comunitários



*O passe da mágica do instrutor.*

### **O Chefe Escoteiro**

A idéia do Escotismo parecia estar definida quanto ao rapaz, porém por mais entusiasmado que ele fosse e desejoso de praticar o escotismo, havia ainda a questão importantíssima do líder adulto indispensáveis a sua organização prática.

Os próprios jovens resolveram quase que completamente a questão. Tiveram o bom senso de perceber a necessidade de chefes adultos e passaram a percorrer as redondezas de suas casas até encontrarem adultos que quisessem ser chefes.

Eu havia visto pessoalmente o esplêndido trabalho voluntário dos chefes da Brigada de Meninos e assim compreendi que havia entre nossa população um número considerável de homens patriotas que estariam prontos a sacrificar seu tempo e divertimentos para assumir essa tarefa.

Porém realmente não previ que corresponderem tão espetacularmente ao apelo do Movimento Escoteiro. A eles se deve o crescimento fora do comum e os resultados obtidos até hoje.

Havia eu especificado que a posição de chefe escoteiro não seria nem de professor, nem de oficial comandante, mas antes de irmão mais velho, entre os rapazes. Não deveria se colocar de tora ou de cima, mas participar de suas atividades, compartilhando seu entusiasmo e assim, por conhecê-los individualmente, inspirar e sugerir novas diversões, tomando-lhes bem o pulso para saber quando uma atividade qualquer estivesse perdendo sua atração.

O termo chefe escoteiro não era nenhuma novidade. Era um velho título usado por Cromwell, que possuía chefes escoteiros em seu exército. Seu serviço de batedores funcionava sob o comando de um “Chefe Escoteiro Geral”.

### **Uniforme**

O uniforme é uma grande atração para o menino e porque se assemelha ao traje dos mateiros, leva-o em imaginação a sentir-se ligado a esses heróis da fronteira, que tanto o fascinam.

O uniforme favorece também a fraternidade, uma vez que, adotado por todos, nivela os sinais exteriores das diferenças de classe e de origem.

O uniforme escoteiro, ainda, é simples e higiênico (o que hoje em dia está em moda) e se aproxima do traje de nossos ancestrais.

### **O Símbolo Escoteiro**

Há muitos anos, logo depois do aparecimento dos escoteiros, alguns críticos acusaram o movimento de militarismo,

É inevitável que quando qualquer coisa nova aparece, algumas pessoas, antes mesmo de saber do que se trata, precipitam-se para achar ruim.

No nosso caso disseram que o Escotismo tinha a finalidade de levar os rapazes ao Exército e como prova, apresentavam o fato de que o brasão do movimento era “uma cabeça de lança, emblema da luta e derramamento de sangue.”

Telegrafaram-me perguntando o que eu tinha a dizer sobre o caso. Respondi: “O brasão ostenta a flor-de-lis, um lírio, emblema da paz e da pureza”.

Entretanto os escoteiros na verdade o adotaram por outras razões. Na Idade Média, Carlos, Rei de Nápoles, por causa de sua ascendência francesa, ostentava a flor-de-lis no seu brasão. Durante seu reinado Flávio Gioja, navegador, aperfeiçoou a bússola, transformando-a num instrumento prático e seguro. Na bússola vêem-se as iniciais dos pontos cardeais: Norte, Sul, Este e Oeste. Em italiano o Norte é “Tramontana”. Assim ele colocou um T grande para marcar o Norte. Mas em homenagem ao Rei, fez um desenho combinando a flor-de-lis com o T. Desde então o Norte é representado universalmente por esse desenho, em mapas, roteiros e bússolas.

O significado atual que se pode dar à flor-de-lis é que ela aponta a

direção certa (para o alto) não se desviando nem para a direita, nem para a esquerda, o que nos levaria a perder o rumo.

As estrelas nos dois lados do broche representam os dois olhos do lobinho que se abriram antes dele se transformar em escoteiro, quando ganhou seu distintivo de segunda estrela. As três pontas da flor-de-lis lembram ao escoteiro sua promessa, seu dever para com Deus, o Rei e serviço ao próximo.



*O Escotismo não tem nada de comum com uma escola de soldados.*

### O Lema

O lema do escoteiro é “Sempre Alerta”. Era o lema da Polícia Civil da África do Sul e foi adaptado aos escoteiros, aliás o mesmo se dando com vários detalhes do uniforme. Os homens daquela Força haviam escolhido eles mesmos seu lema, em parte porque exprimia bem sua disposição de assumir qualquer encargo que se apresentasse e também porque as iniciais eram as mesmas do meu nome (Be Prepared).

A flor-de-lis passou a ser o distintivo dos escoteiros em quase todos os países do mundo.

Para distinguir uma nacionalidade da outra o emblema escoteiro nacional é superposto à flor-de-lis. Vê-se isso bem nos Estados Unidos, onde a águia e as armas nacionais figuram em primeiro plano no broche, servindo-lhe de fundo a flor-de-lis da fraternidade escoteira. Que assim permaneça por muito tempo!

### O Nó

Abaixo da flor-de-lis e do lema vê-se um pequeno cabo com um nó. Esse nó, como aquele que se costuma dar no lenço quando se quer

lembrar alguma coisa, mantém presente ao escoteiro a necessidade de fazer alguma coisa por alguém naquele dia.

### **O Bastão Escoteiro**

Falando em mostrar o caminho, há outro meio que se usa em muitas das tropas e patrulhas escoteiras, o bastão.

É um objeto útil e mesmo indispensável para encontrar o caminho em terreno acidentado à noite.

Alguns bastões amarrados juntos podem se transformar numa útil ponte improvisada para se atravessar um rio, ou podem servir de posto de observação, de sinaleiro ou de mastro de bandeira.

Os bastões são também utilizados como barreiras para conter a multidão ou para fazer macas para transportar feridos ou a bagagem de seus donos.

### **Distintivos de Especialidades**

Não são apenas os jovens que gostam de ostentar distintivos.

Sei de homens feitos que arriscariam e arriscaram mesmo suas vidas para receber uma condecoração.

Assim, embora possa ser considerado por algumas pessoas imoral aproveitar esse traço de vaidade, instituimos distintivos de especialidades que qualquer escoteiro pode ganhar se quiser se dar ao trabalho de se qualificar e passar a etapa necessária. Esses distintivos são concedidos a quem conseguir proficiência em carpintaria, natação, primeiros socorros, etc. etc. Existe mais de sessenta áreas entre as quais um jovem poderá encontrar aquelas que mais se ajustem a suas tendências.

Isso representa certo encorajamento para que adquira gosto por um passatempo útil e um rapaz que tem esses interesses em geral no desperdiça sua vida.

Além do mais, há apenas uma medida para julgar se um menino se qualificou para receber o distintivo: o grau de esforço que fez para passar. Isso encoraja diretamente o rapaz menos dotado ou atrasado, o rapaz que adquiriu um complexo de inferioridade pelos muitos fracassos que sofreu. Se for persistente, no importa que seja sem jeito, o examinador pode lhe conferir o distintivo e em geral isso leva o menino a fazer novos esforços até conseguir outros distintivos e se tornar normalmente capaz.

O distintivo mais importante é o distintivo Cornwell\*, que um

escoteiro recebe por ter demonstrado bravura. Foi instituído em memória do ex-escoteiro Jack Cornwell, V.C. que morreu a bordo do “Chester” na Batalha da Jutlandia, na 1ª Grande Guerra.

### **O Rei Eduardo e os Escoteiros**

Quando escrevi o meu livro “Escotismo para Rapazes” naturalmente julguei que os rapazes encontrariam nele tudo de que precisavam e que me restaria muito pouco a fazer. Mas passado pouco tempo, na Primavera de 1909, descobri que centenas de rapazes estavam formando Tropas Escoteiras completamente fora das diretrizes dadas no livro.

Foi em 1909 que o Rei Eduardo conversou comigo sobre o movimento. Embora estivesse muito no começo, Sua Majestade viu nele possibilidades latentes e esse fato me animou a prosseguir no trabalho, ainda que ele custasse (como custou) algumas economias, duramente conquistadas.

Resolvi que iria em frente e fui.

Mandei um convite a todos os escoteiros para que viessem se encontrar comigo num certo dia no Palácio de Cristal e isso resultou numa parada de mais de 11.000 escoteiros; a maior concentração de rapazes vista até aquela data e o movimento não tinha ainda dois anos!

Isso representou uma bomba para mim. Vi que não podia continuar soldado e escoteiro ao mesmo tempo. Tinha que abandonar uma das atividades. . . mas qual?

Do ponto de vista de meu interesse pessoal, estava eu com mais de cinquenta anos e havia atingido o posto de Tenente General, estando portanto bem encarreirado para um homem da minha idade; ao mesmo tempo sentia que seria uma pena deixar esse novo empreendimento se esfacelar e no momento não havia outra pessoa que pudesse se ocupar dele.

Como já disse, o rei interpelou-me a respeito e percebendo que ele estava bem a par da questão, deixei em suas mãos a decisão e ele chegou à conclusão de que a experiência escoteira era a mais importante.

Pedi assim demissão do Exército.

Sua Majestade continuou a demonstrar interesse por nosso projeto. No dia 5 de maio de 1910 fui convocado para comparecer ao Palácio

de Buckingham entre três e quatro horas da tarde, pois o Rei queria conversar comigo sobre a realização de uma concentração escoteira em Windsor.

O Marquês de Soveral estava em conferência com o Rei quando cheguei e fiquei esperando numa ante-câmara. Quando Soveral saiu o Escudeiro veio me dizer que o Rei não estava passando bem, mas de qualquer forma o que ele desejava me dizer era que devíamos projetar para junho a concentração escoteira no Grande Parque de Windsor.

Um pouco antes da minha visita aquela tarde, Lord Islington havia beijado a mão do Rei ao receber a nomeação para o posto de Governador da Nova Zelândia e Sir Thomas Robinson, o Agente Geral de Queensland, havia feito entrega ao Rei de um tinteiro de ouro oferecido pelo governo daquele Estado. Foi o último visitante oficial a ver o Rei, uma vez que eu só ouvi sua voz, através da porta aberta.

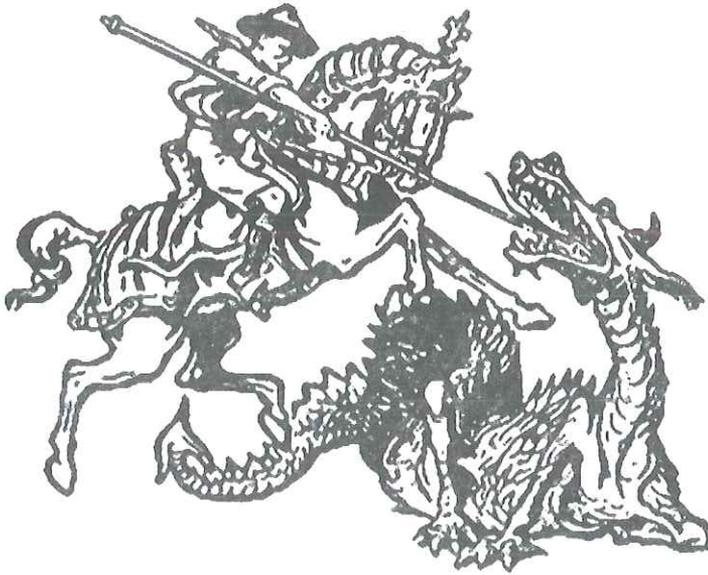
No dia seguinte o Rei, embora se sentisse bem mal, insistiu em se levantar e se vestir. Mandou chamar Sir Ernest Cassel com quem conversou.

O cavalo de Sua Majestade “Feiticeira do Ar” ganhou uma taça rio l’arque de Kempton aquele dia. O Rei recebeu alegremente a notícia por volta das 5 horas, mas à noite desmaiou e foi levado para a cama. Às 11: 45 horas estava morto.

O apoio que me deu o Rei Eduardo foi imitado por Sua Alteza Real, o Duque de Connaught, que percebendo as possibilidades do movimento, mesmo naqueles dias iniciais, aceitou a presidência dos Escoteiros e sempre os prestigiou.

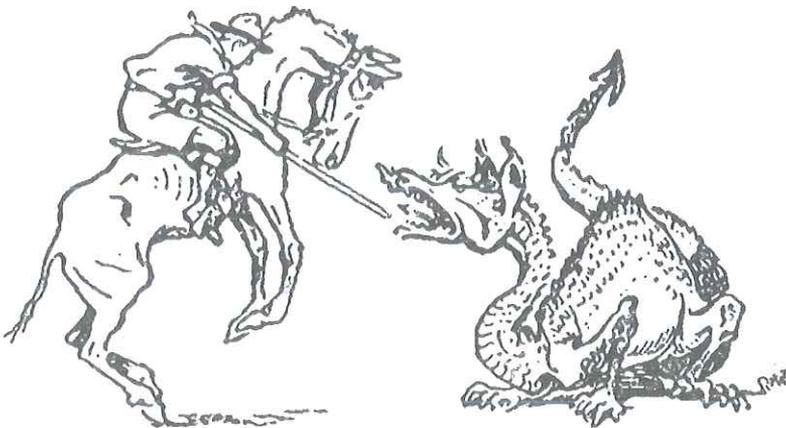
Desde então homens de posição como Lord Roberts, Lord Roseberg, Lorde Grey, Almirante Lord Charles Beresford e outros enviaram-me cartas de apoio e incentivo. Porém os mais preciosos conselhos e aplausos recebi de minha mãe. Educadora ela mesma, viu no Escotismo possibilidades mais extensas do que eu mesmo havia sonhado.

O Rei Jorge deu continuidade ao projeto de seu pai e passou em revista os escoteiros no Parque de Windsor. Desde então tem-me dado provas freqüentes de seu interesse profundo pelo movimento.



*O São Jorge moderno.*

Esses desenhos significam que o jovem cavaleiro moderno pode atacar o dragão do mal, com mais sucesso se estiver melhor preparado.



*Será um São Jorge ou um Dom Quixote?*

## **Desenvolvimento do Escotismo**

Foi essa a origem do escotismo. Sua história posterior e seu crescimento foram amplamente relatadas no livro de E.K. Wade, intitulado: "Vinte e um Anos de Escotismo".

### **A Guerra**

O movimento estava ainda jovem, só tinha seis anos, quando a guerra eclodiu. Mas já representava alguma coisa. Os rapazes haviam adquirido o espírito característico e estavam todos animados para servir o país. Homens e mulheres se apresentavam para tomar o lugar dos chefes que partiam para a frente, e onde não havia substitutos os próprios rapazes mais velhos assumiram o comando e continuaram a manter as Tropas.

### **Pioneiros**

Depois da guerra, em 1919, começamos a cuidar dos rapazes de mais de 17 anos, que chamamos de pioneiros. Esse ramo gradualmente foi se organizando sob a direção do Coronel Ulick de Burgh, parecendo corresponder a uma necessidade real. Escrevi portanto para ele um livro intitulado "Caminho para o Sucesso"\* no qual dizia mais ou menos o que disse no início deste livro: "Parece-me sempre estranho que quando um homem morre, leve consigo todos os conhecimentos que adquiriu em vida, nas aventuras da juventude ou nos sucessos da idade madura. Deixa seus filhos e irmãos mais jovens sem rumo, tendo que aprender tudo de novo pela experiência própria.

Por que não há de transmitir o que sabe de forma que eles já comecem numa etapa mais alta de conhecimentos, eficiência e bom-senso?"

No livro, acautelo os jovens sobre as várias escolhas que encontrarão no caminho da vida e que se resumem em geral em apostas, bebidas, mulheres, hipocrisia e falta de religião.

O livro descreve então a organização dos pioneiros, como sendo uma fraternidade para prestar alegremente serviços aos outros.

"O Caminho para o Sucesso" trouxe-me ampla recompensa, maior mesmo que "Escotismo para Rapazes", uma vez que por causa dele grande número de jovens me escreveram diretamente pedindo conselhos.

Respondi a essas cartas de maneira confidencial e pessoal, empenhando-me ao máximo. Foi uma revelação para mim constatar a necessidade de conselhos que sentiam os adolescentes. Muitos

deles disseram-me que não tinham coragem de falar com os pais ou com seus pastores, porém tendo lido o livro vinham a mim buscar compreensão.

Esses documentos humanos iam direto ao meu coração. Era surpreendente que me tratassem como confessor, embora sendo eu um completo estranho. Procurei aceitar e corresponder à essa confiança.

### **Gilwell**

Em 1919 o Sr. M. de Bois Maclaren doou à nossa organização a propriedade conhecida como Gilwell Park, junto à floresta de Epping. Sua intenção era proporcionar um lugar de acampamentos perto de Londres para os rapazes de poucos recursos. Aceitou entretanto minha sugestão de fazer ali também um centro de treinamento para chefes, aproveitando as edificações existentes no local. Considerei essa medida importantíssima para o movimento.

O Capitão Frank Gidney foi nomeado Chefe de Campo responsável pelo campo-escola e não teria sido possível escolher melhor.

Em grande parte graças a esse Campo-Escola e seu currículo, nossos métodos tornaram-se melhor compreendidos e praticados não só no Reino Unido mas em todos os países do mundo, uma vez que muitas nações estrangeiras mandaram representantes treinar em Gilwell para levar de volta a seus países nossa organização e nosso sistema.

### **Administração**

Em 1920 a maior parte dos países civilizados haviam instituído o Escotismo, organizando-o geralmente em moldes semelhantes aos nossos. Esse largo desenvolvimento tornou necessária a descentralização da administração.

A Direção do Escotismo através do Império Britânico foi dividida em departamentos que se ocupavam dos diversos setores a saber:

Domínios de além-mar

Países estrangeiros

Equipamento

Associações afins

Lobinhos

Adestramento de Chefes

Publicações

Finanças

Pioneiros

Escoteiros do Mar

Esses departamentos eram cada qual dirigidos por um chefe especialmente qualificado, trabalhando voluntariamente.

### **Crescimento Internacional**

Depois da guerra uma concentração de escoteiros de todos os países foi organizada em Londres para aproximar as nações através do Escotismo e celebrar a paz.

Foi algo maior do que estávamos habituados a ver, de forma que chamamos a reunião de “Jamboree”. Perguntam-me muitas vezes:

“Por que esse nome?” E minha resposta tem sido: “Qual outro, poderíamos escolher?”

A reunião foi em Olímpia e durou dez dias. Perto de 12.000 rapazes estiveram presentes, representando um número elevado de países.

A atividade popularizou-se além de nossas expectativas. Não havendo nós previsto esse afluxo de gente, não havia acomodações suficientes para o público e deixamos assim de ganhar dinheiro. Porém nossa fama aumentou muito.

No último dia, os representantes de todos os países se reuniram e me elegeram Chefe Escoteiro Mundial e esse fato foi comemorado com um maravilhoso desfile de jovens em trajes típicos de suas nações, carregando suas bandeiras. Foi uma grande parada à qual duas imponentes senhoras vestidas de Britânia e Colúmbia emprestavam maior brilho. Meu lugar no desfile era logo depois delas.

No meio do desfile um garotinho se aproximou com uma cadeira. Perguntei-lhe para que era e ele muito naturalmente respondeu:

“Para sentar”. Sentei-me pois. Porém os mestres de cerimônia precipitaram-se de vários pontos e expulsaram o menino e sua cadeira, uma vez que estavam estragando o espetáculo. Tirei depois a limpo, que aquilo tinha sido uma idéia espontânea do rapaz, que fabricava, pelas suas próprias mãos, a cadeira para me dar e julgou ser aquela, uma boa ocasião de fazer sua oferta!

### **Honrarias**

Certo dia, vinha eu de trem de minha casa no campo e comecei a abrir minha correspondência, que trouxera comigo. Nova Bomba! Havia uma carta marcada “Serviço de Sua Majestade” que se parecia muito com uma notificação do Imposto de Renda, de forma que

deixei-a para abrir por último. Quando o fiz, verifiquei que o Rei havia-me conferido o título de “Sir”

O fato foi uma bomba porque totalmente inesperado e porque o Movimento Escoteiro longe de ser um árduo trabalho para mim, tinha sido sempre uma alegria e um divertimento.

Algumas pessoas gostam de corridas de cavalo, outras de golfe. Eu gosto de Escotismo. Nunca me ocorrera que receberia tal honraria apenas por me entregar ao meu passatempo favorito, Só me acostumei à idéia quando percebi que era intenção do Rei homenagear assim não só a minha pessoa, mas também o vasto exército de voluntários que dedicavam seu tempo, sua energia e em muitos casos seu dinheiro à formação de jovens, a fim de torná-los melhores cidadãos.

### Índia

No mesmo ano recebemos um telegrama de Lord Chelmsford, Vice-Rei da Índia, convidando minha mulher, que era Chefe das Guias e a mim para visitar aquele país e organizar ali o Movimento Escoteiro. Não esperamos segundo convite e fomos, tendo nossa excursão sido coroada de êxito e extremamente interessante.

Encontramos seis associações escoteiras trabalhando de modo primitivo, muitas delas impregnadas de influência política e todas concordando apenas em uma coisa: que eram diferentes uma das outras.

Visitamos a maioria das regiões do país e achamos os movimentos bem promissores. A dificuldade era reuni-las numa base comum.

Muitos dos chefes estavam equivocados quanto às finalidades do Movimento, porém, depois de conversarmos foram se convencendo.

A Sra. Annie Besant que chefiava um contingente de importância, concordou em se unir com o tronco principal e uma vez que, de modo geral, os hindus a respeitavam muito, não tinham dúvidas de que seu gesto serviria de exemplo, para os demais grupos.

Assim foi combinada uma grande concentração de todos os grupos, durante a qual eu tomaria a Promessa da Sra. Besant no centro de enorme círculo.

Com toda a força dramática de que fui capaz, concitei-a solenemente a repetir as palavras da Promessa que eu iria pronunciar. Nesse momento preciso distraí-me por um momento, pensando em outras coisas. Isso ocasionou um lapso de memória e não houve jeito de

eu me lembrar das palavras da Promessa. Houve uma pausa gelada. Sentia-me como um perfeito idiota. Engoli em seco e tentei começar, mas as palavras haviam sumido. A Sra. Besant, entretanto, percebeu minha situação e com grande presença de espírito deu-me a deixa, como se fosse o ponto de um teatro com longos anos de práticas, Segredou-me as palavras, que eu ia repetindo em tom solene e bem alto, aparentando a maior segurança.

Graças à Promessa da Sra. Besant, os diversos grupos uniram-se para formar um só Movimento em toda a Índia e desde aquele dia tem prosperado apesar dos tempos anormalmente difíceis que aquele país atravessa.

Visitamos ainda a Birmânia e o Ceilão e na viagem de volta passamos pelo Egito e pela Palestina, inspecionando Grupos Escoteiros e de Guias desses dois países.

### **Kandersteg**

Em 1923 nosso Secretariado Internacional tomou posse de um grande Chalé em Kandersteg, na Suíça, que foi transformado em hospedaria para escoteiros de todas as nações. Ali poderiam se alojar grupos pequenos ou grandes que desejassem excursionar e fazer alpinismo. A paisagem é magnífica e a localização bem central em relação à Europa. Desde então o Chalé vem atraindo sem cessar escoteiros de todos os países e em certas ocasiões anuais encontram-se ali rapazes de todo o mundo, imbui'dos do mais amistoso espírito de camaradagem.

Mortimer Schiff, um dos líderes mais destacados do Movimento Escoteiro nos Estados Unidos, pouco antes de sua morte contribuiu para tornar o local ainda mais agradável, doando um terreno ao lado do Chalé, onde 2.000 rapazes poderiam acampar.

Tudo isso incentivou tremendamente o desenvolvimento do Escotismo Internacional.

### **Escoteiros do Império**

Nesse mesmo ano minha mulher e eu fomos convidados a visitar o Conselho Nacional de Educação do Canadá. Visitamos nove centros, dirigindo a palavra a escoteiros e guias.

Em 1924 organizamos uma concentração de escoteiros em Wembeiy, por ocasião da Grande Exposição Imperial, onde 12.500 rapazes acamparam, vindos de todos os pontos do Império. Além dos

escoteiros locais e de Londres, mais 28.000 rapazes compareceram, vindo de trem, de todo o Reino Unido.

Pode-se fazer idéia do número elevadíssimo de escoteiros presentes, sabendo-se que levaram duas horas e meia para entrar no recinto, marchando em filas de 4.

A reunião foi considerada bastante importante para assegurar o comparecimento do Arcebispo de York que dirigiu a palavra aos rapazes durante o serviço religioso especial de ação de graças, realizado no domingo. A importância da atividade foi ainda realçada quando o Príncipe de Gales, ao ser convidado para visitar o acampamento, declarou que não só aceitaria, mas que viria acampar também.

Depois de assistir à parada, jantou com os chefes na sua barraca e foi ao fogo de conselho a noite. Quando viu os escoceses dançarem o ril não pôde resistir e descendo de seu “trono” juntou-se a eles, dançando com grande entusiasmo.

De noite, depois de um dia cheio, dirigiu-se à sua barraca para gozar um merecido descanso. Mas teve ainda forças para me chamar e conversar comigo sobre a caça ao javali e outros esportes da Índia e de outros países.

Sua Alteza Real tinha, sem o saber, uma guarda de honra vigiando sua barraca. Depois que eu fui dormir, um desses jovens veio à minha barraca perguntar o que deveriam fazer. O Príncipe tinha saído para dar uma volta; a escolta deveria segui-lo? Resolveram fazê-lo, discretamente, e mais tarde relataram que o Príncipe tinha ido até a casa do fazendeiro, cujos campos ocupávamos e havia conversado cordialmente com ele antes de voltar para a cama.

Quando me levantei no dia seguinte encontrei o Príncipe já de pé e para horror meu, cercado de escoteiros, cada qual com sua câmara, tirando seu retrato.

Ele havia me dito que, depois do primeiro dia, não queria mais saber de fotografos. Vi logo porém que estava se referindo à imprensa, uma vez que com os rapazes estava inteiramente à vontade parecendo se divertir, fazendo poses e dando-lhes conselhos sobre ângulos e luz.

Dessa forma tornou-se querido desses rapazes, vindos de todos os cantos do Império. O toque pessoal nas relações humanas é sempre de grande valor e alcance.

## **África do Sul**

Em 1925 minha mulher e eu visitamos novamente os Estados Unidos para assistir à Conferência Mundial de Guias e Escoteiras que instituiu o Escritório Mundial.

No outono viajamos para a África do Sul, inspecionando escoteiros e guias. Levamos sete meses numa peregrinação interessantíssima, recordando, constatando o progresso alcançado e as possibilidades futuras.

## **A Cruz de São Miguel e São Jorge**

Ao voltar ao lar em 1927 fui surpreendido por nova honraria. O Rei condecorou-me com a Grã Cruz de São Miguel e São Jorge.

Como já contei, por três vezes, creio eu, meu nome havia sido proposto para receber essa condecoração por serviços prestados no Aschanti, Suazilândia e Matabelândia respectivamente; e por três vezes havia sido recusado. É claro que isso me deu grande vontade de possuí-la, embora em geral não desse grande importância a condecorações (talvez por isso mesmo estava coberto delas!) Porém aquela eu ambicionava possuir. E de repente eis que recebo a Grã Cruz.

Escrevi ao secretário particular do Rei, que era meu amigo pessoal e disse-lhe que estava contentíssimo, dando-lhe sem rodeios as minhas razões. Parece que ele mostrou a minha carta ao Rei, o que não foi direito. De qualquer forma o Rei ficou sabendo que eu estava realmente contente.

## **O Jamboree**

O ano de 1929 marcou o maior acontecimento de nossa história escoteira, desde o início do Movimento, inauguramos um acampamento mundial para 50.000 escoteiros de todas as nações, no Parque de Arroe, perto de Birkenhead (Lyverpool). Comemoramos assim, a maioria do movimento.

O verão de 1929 tinha sido excepcionalmente seco e ensolarado, até o dia da abertura do acampamento, quando a chuva começou a cair com violência, continuando por três dias.

Esse fato deveria ter significado o fracasso da comemoração, mas deu-se justamente o contrário. Os rapazes reagiram bem e pareciam se divertir com a lama e o desconforto. Certamente foi posta à prova sua habilidade da acampadores. Notava-se que haviam sido bem treinados, ao ar livre.

Ninguém adoeceu ou reclamou e firmes amizades foram iniciadas entre os milhares de rapazes ali reunidos.

O Duque de Cornnaught abriu o acampamento. O Príncipe de Gales esteve presente, representando o Rei. Homens de valor, ingleses e estrangeiros visitaram o campo.

Mais uma vez o Príncipe quis ficar na barraca com os rapazes, apesar da chuva, e de novo aumentou sua popularidade entre eles.

Sua Alteza Real atirou-me uma bomba das maiores, anunciando-me que o Rei resolvera elevar-me a “Par do Reino”, como prova de sua satisfação com o Escotismo e suas finalidades.

A nova honraria me oprimiu bastante e durante algum tempo não pude me decidir a aceitá-la. Em vão argumentei que não havia sido eu o Único responsável pelo Movimento, mas também os milhares de chefes que haviam trabalhado devotadamente por ele.

A essa bomba seguiu-se imediatamente outra, dessa vez atirada pelos próprios rapazes, na forma de um presente: um automóvel e um trailer, mais um retrato meu feito por Jagger e por Último, mas não menos importante, um. . . par de suspensórios.

A razão desse último item foi a seguinte: a Dinamarca secretamente, havia iniciado a coleta de um valor fixo por escoteiro para comprar os presentes. Dirigiram-se à minha mulher e pediram-lhe que descobrisse, sem eu perceber, qual o presente que mais me agradaria.

Assim é que ela me perguntou certo dia o que eu gostaria de ganhar. Agradei-lhe delicadamente a idéia, dizendo-lhe entretanto sem rodeios que não precisava de nada.

“Pense bem” disse-me ela, “com certeza você precisa de alguma coisa.”

Refleti um momento e observei: “Sim, meus suspensórios estão bem ruinzinhos e se quiser me dar uns novos ficarei contente”.

Assim foi que ganhei os suspensórios e também um automóvel e “acessórios”!

Que beleza ganhar um presente de um milhão e meio de jovens de todo o mundo! E dado, como tinha razões para acreditar, com entusiasmo total e por dedicação a um ideal.

Essas coisas fazem uma pessoa se sentir humilde e sem saber bem como corresponder às vastas possibilidades de promover a paz e a boa vontade entre a geração jovem de todo o mundo.

Não há dúvida que há aqui uma grande oportunidade a ser

aproveitada por alguém de visão e que tenha possibilidade de fazê-lo. Nós os escoteiros, em todo o caso, estamos procurando aproveitá-la.

Na parada final, ao terminar aquelas maravilhosas duas semanas, os rapazes de nacionalidades diferentes estavam congregados, formando uma imensa roda — um grande círculo, com escoteiros irradiando-se do meio para fora, como os raios da roda.

Meu papel, no centro da roda, era o de enterrar um machado, o machado-símbolo da guerra e má vontade, e entregar então ao primeiro rapaz de cada raio, uma flecha de ouro a ser passada de mão em mão, até atingir o chefe de cada delegação, para ser levada por ele a seu país a fim de que a mensagem do Jamboree, atingisse todas as nações e fosse por elas realizada.

Dirigi-lhes umas poucas palavras nas quais os exortava a levar esse símbolo de paz e fraternidade pelo mundo afora, como embaixadores de amor e amizade.

Quando queremos atingir o sublime, o ridículo tende a aparecer. Dirigi-me ao círculo todo, mas é claro que o menino que me ficava diretamente em frente era o único cuja expressão eu podia observar. Durante minha fala ele conservou-se imperturbável, numa indiferença total às minhas “comovedoras” palavras. Decidi que não devia saber uma palavra de inglês. Descobri depois que era o único rapaz surdo-mudo dentre os 50.000 presentes. Azar meu!

### **Austrália**

No ano seguinte minha mulher e eu visitamos os escoteiros guias da Nova Zelândia e Austrália e no caminho de casa, novamente a África do Sul. Foi uma viagem das mais interessantes, ainda que cansativa. Valeu porém a pena.

A viagem durou uns sete meses e nem bem havíamos chegado de volta à Inglaterra já partíamos de novo, dessa vez para ir a uma Conferência Internacional em Viena e depois ao Rover Moot Mundial ‘de 2.000 pioneiros no terreno ao lado de Kandersteg, na Suíça.

Essa última atividade, primeira do gênero, foi um nítido passo frente na promoção da boa vontade internacional através do conhecimento mútuo e da camaradagem entre os jovens do mundo. Hoje (1933) temos 2.159.984\* escoteiros ativos em 45 países diversos, sem contar os vários milhões que passaram pelo Escotismo em toda parte.

## As Guias

Se é verdade que o Movimento Escoteiro cresceu rapidamente por surpreendente que tenha sido sua adoção por países diversos, Guidismo ultrapassou-o longe nesses dois pontos.

“Somos as escoteiras” disse-me, com ar de segurança, uma meninazinha espreitada de mais ou menos onze anos, na primeira concentração escoteira, no Palácio de Cristal, em 1909.

Era ela a porta-voz de um pequeno grupo de meninas, vestidas o mais semelhante possível, como seus irmãos escoteiros.

Sua presença na concentração e seu evidente entusiasmo abriram meus olhos, para o fato de que ali estava uma nova oportunidade de utilizar o Método Escoteiro, para auto-desenvolver o caráter.

Naquela ocasião, há mais de vinte anos, as mulheres começavam apenas a tomar seu devido lugar no mundo. Tinham realmente maior necessidade de desenvolver o caráter de que seus irmãos, uma vez que poucas oportunidades lhes haviam sido dadas até ali em suas vidas, comparativamente mais protegidas e isoladas.

Precisavam de caráter para enfrentar suas crescentes responsabilidades na vida social e no lar. Era necessário aumentar sua capacidade de educar bem seus filhos.

A educação escolar das meninas já havia melhorado, mas o desenvolvimento de seu caráter não recebera atenção alguma.

Não é possível desenvolver certas qualidades do caráter nas salas escolares. Pois é esse um trabalho individual, que exige seu próprio esforço.

Com os escoteiros pretendíamos desenvolver o caráter pelo esporte e atividades ao ar livre, às quais um código de cavalheiros era estreitamente ligado.

Há muito já se sabia que em geral as meninas e moças preferiam ler os livros de aventuras de seus irmãos, e que as histórias do faroeste agradavam-lhes mais do que as passadas em internatos de moças.

E por sua iniciativa, eis que surgem à minha frente, querendo compartilhar das aventuras de seus irmãos.

Agora, em 1933 esse fato seria normal, mas em 1909 constituía realmente uma inovação sensacional.

Não foi difícil, pois, contando com esse espírito e com toda a colaboração por parte das meninas, imaginar um programa baseado nos mesmos princípios do escoteiro, mas divergindo em certos

detalhes que o tornavam mais apropriado à vida das meninas.

A Srta. Charlotte Mason, fundadora da Casa da Educação que se ocupava da formação de professoras, havia sido de certa forma uma precursora quando adotou em sua escola, como manual, o “Auxílio ao Escotismo” que eu havia escrito para soldados jovens. Encontrou no livro um elemento educacional, de forma que ao me encontrar com aquelas escoteiras, que afirmavam seu direito ao convívio, achei que poderia muito bem sugerir-lhes um movimento similar ao Escotismo. Escolhemos para elas o nome de guias.

Esse termo dava a idéia de romance e aventura e indicava ao mesmo tempo suas futuras responsabilidades como conselheira de seu marido e na educação correta dos filhos.

A finalidade do treinamento era semelhante a dos escoteiros: desenvolver o caráter, a saúde e o sentimento de serviço ao próximo, numa plena cidadania enquanto ia dando às meninas noções práticas para as atividades maternas.

Essa finalidade deveria ser atingida principalmente pela auto-educação através da recreação ao ar livre e o convívio com as companheiras. O treinamento seria assumido por uma chefe que não seria uma professora, nem uma disciplinadora mas antes uma irmã mais velha.

As escoteiras, como os escoteiros, foram organizadas em tropas que não deveriam exceder de 32 moças de forma a permitir o estudo dos temperamentos e a educação individual do caráter.

As meninas são agrupadas progressivamente de acordo com a idade e chamadas de fadas, escoteiras e guias.

Nos dois ou três primeiros anos não me foi possível fazer muita coisa pela organização das guias, uma vez que o crescimento espetacular do escotismo não me permitia outras atividades; mas nas mãos de uma comissão de senhoras enérgicas, as coisas começaram a tomar forma e passado pouco tempo o movimento tinha sua sede, seu uniforme, seu manual e seu estatuto, como toda associação que se respeite.

O uniforme era um item importante, não somente como atração para as meninas, que sem dúvida era, mas porque nivelava e fazia esquecer as diferenças sociais.

Um dos nossos princípios é a boa vontade para com todos de forma que não damos importância a diferenças de classe, nacionalidade ou credo. Todos são bem-vindos à nossa irmandade, bastando que

aceitem nossa diretriz religiosa que se baseia simplesmente, como a maioria dos credos, no amor de Deus e no amor ao próximo. A forma em que se exprime isso pode ser deixada aos pais e aos pastores; não tem importância para nós, contanto que esses princípios sejam expressos.

Assim, começando da iniciativa de algumas meninas inglesas dispostas o “Guidismo” cresceu e prosperou rapidamente.

Hoje em dia o Guidismo já foi adotado em quase todos os domínios e territórios de além-mar. Muitos países estrangeiros instituíram-no com entusiasmo, de maneira que nossa família atualmente conta com 1.094.000 membros em 40 países diversos. Dessas meninas umas 885.000 são inglesas.

Olhando-se para o que foi conseguido em vinte e um anos, partindo-se do nada, pode-se até certo ponto visualizar as possibilidades do Movimento nos próximos vinte anos. Continuar sempre a crescer (cresceu de 147.990 membros de 1931), mandando para a corrente da vida, todos os anos, milhares de jovens treinados para servir a Deus e ao próximo, saudáveis de corpo e espírito, aptas ao convívio de seus semelhantes.

Assim se em nosso país as jovens continuarem a corresponder como parece, a esse método educacional, teremos um fermento considerável entre a população feminina; gente treinada para evitar o desperdício, para cuidar do lar e das crianças, ao mesmo tempo que desenvolve seu caráter e sua eficiência para enfrentar o mundo apoiada na amizade das irmãs de outros países.

Pergunta-se muitas vezes: “Por que Deus enviou a Grande Guerra?”

È bem possível que tenha sido para nos fazer ver que nem a educação, nem a religião vêm cumprindo sua missão de elevar o homem até o alto lugar que lhe é destinado — que apesar da nossa propalada civilização e apesar de quase 2.000 anos de cristianismo o que conseguimos foi apenas um pequeno verniz de civilização e que o cristianismo que professamos no é o que realmente praticamos em nossas vidas; que o interesse próprio e a desconfiança regem o mundo, em vez do amor e da boa-vontade.

A guerra mostrou-nos que as nações civilizadas em sua maioria, estão prontas a se engalfinhar com toda a força primitiva das selvagens.

A Liga das Nações está fazendo o que pode, pela consulta mútua

e pela legislação, para instituir o reino da paz. Mas é o medo das conseqüências de outra guerra, o meio de que se lança mão, para atingir essa finalidade.

E no entanto a única base sólida sobre a qual construir a paz, é o espírito de amor e boa-vontade entre os povos, em vez de rivalidades e desconfianças. E isso só se conseguirá se educarmos a próxima geração dentro desse ponto de vista.

Essas palavras pareceriam um sonho utópico e digno de chacotas se a experiência que estamos fazendo com o Escotismo e o Guidismo não mostrasse que a possibilidade existe, ainda que em pequena escala por enquanto.

Se em vinte anos, com todas as dificuldades da implantação de um movimento e com o atraso provocado pela maior guerra da história, conseguimos atingir aproximadamente nove milhões de jovens, distribuídos por 42 nações diferentes, imbuindo-os de espírito de tolerância mútua e amizade, é claro que só precisamos da colaboração patriótica de homens patriotas e de mulheres também (há quantidades delas) em todos os países e assim expandir o Movimento, de forma que atinja maior proporção da mocidade do mundo.

Não digo que os dois segmentos do movimento escoteiro sozinhos possam conseguir isso, mas podem colaborar e muito.

Se as Igrejas e as escolas cumprirem sua missão é possível que tenhamos antes que se passe muito tempo uma melhor civilização e que demos um grande passo para estabelecer na Terra o Reino de Deus, que é feito de paz e de boa-vontade.



*Acorda, minha pátria, e vem ajudar a tua juventude!*

## CAPÍTULO XI

### A GRANDE GUERRA

Preciso voltar agora a 1914 e contar-lhes alguma coisa sobre o trabalho de escoteiros e guias naqueles dias.

Quando a guerra foi declarada, procurei Lord Kitchener e disse-lhe que estava à disposição para servir em qualquer setor.

Entretanto ele exprimiu sua firme convicção de que as guias e escoteiras poderiam ser muito úteis na retaguarda, substituindo os homens que teriam de partir; e como os médicos não me deram como apto para o serviço ativo, insisti para que eu organizasse os escoteiros que deveriam servir em setores diversos.

O momento, felizmente, era propício para uma aventura dessas.

O Movimento Escoteiro tinha seis anos de existência e estava firmemente estabelecido com uma chefia descentralizada. Estendia-se por todo o império, contava com um forte contingente de rapazes e possuía chefes capazes. Por outro lado esses últimos e os rapazes mais velhos, em sua maioria, alistaram-se nas Forças Armadas assim que a guerra foi declarada (dez mil deles não voltaram dos campos de batalha).

Continuamos, porém, com os substitutos possíveis de se encontrar e esses, sentindo a responsabilidade que assumiam, saíram-se bem.

Graças a meu trabalho passado no serviço secreto, eu conhecia alguma coisa sobre os planos alemães. Meu primeiro cuidado, pois, foi fazer guardar por contingentes de escoteiros, todas as pontes, estradas de ferro, fios elétricos, cabos telegráficos e adutoras, a fim de frustrar qualquer tentativa por parte dos 100.000 alemães residentes na Inglaterra, de prejudicar nossas comunicações e serviços essenciais. É possível que se lembrem que eu havia descoberto que o inimigo pretendia nos invadir se possível num feriado bancário em que tudo fica paralisado e causar confusão cortando os fios de telégrafo e do telefone.

Os rapazes foram mobilizados imediatamente e começaram o serviço com o maior entusiasmo, nas localidades que habitavam, até serem rendidos, alguns dias depois, por contingentes das tropas de terra.

Os escoteiros do mar mobilizaram-se também quando o Almirantado chamou os guarda-costas ao serviço ativo. Pediram-nos que os

escoteiros do mar os substituíssem, o que foi feito dentro de poucas horas. Desde John O' Groats até o Cabo Finisterra, os escoteiros do mar sob o comando de alguns oficiais de marinha assumiram guarda das costas.

Fomos muito elogiados pela mobilização rápida, mas houve realmente uma razão para isso. Há semanas vínhamos planejando uma grande concentração e uma regata até a ilha de Wight no feriado bancário de agosto. O dia chegou e os escoteiros estavam reunidos às centenas, organizados em unidades de seis, com seu equipamento de campo. Nesse momento chegou o chamado ao serviço.

Nossa mobilização foi quase tão rápida como aquela outra célebre, realizada por Sir Henry Rowsan, da esquadra do Oceano Índico, quando o Sultão de Zanzibar atacou de repente um encouraçado inglês, com sua "esquadra" (um único navio, que por sinal foi posto a pique). Dentro de quarenta e oito horas uma esquadra inteira estava reunida no local, chegando os navios de todas as direções. Uma vez que o fato se deu antes da descoberta do telégrafo sem fio, essa mobilização tão rápida causou muitos comentários, para não dizer alarme, entre as demais nações. O Almirante contou-me que foi muito solicitado para revelar seu segredo. Recusou-se a fazê-lo, porém mais tarde contou-me que alguns meses antes os navios espalhados pelo Oceano Índico haviam combinado se encontrar numa certa data em Zanzibar, para disputar um torneio de críquete. Foi azar do Sultão ter escolhido o mesmo dia para sua revolta.

Assim os escoteiros tomaram posição nos primeiros dias da guerra ao longo das costas este e sul e realizaram seus serviços de escuta guarda, dia e noite, até bem depois do armistício, quando guardas-costas voltaram a reassumir seus serviços em terra.

Assim, apesar de nosso treinamento não ter nada de militar, procurando pelo contrário levar à paz, nosso lema "Sempre Alerta" encontrou escoteiros e guias a postos, e capazes de se adaptar sem perda de tempo às necessidades de sua Pátria. Fornecemos mensageiros, contínuos e ajudantes uniformizados ao Ministério da Guerra em Londres; e nos condados, a hospitais, postos de polícia e prefeituras.

Organizamos também clubes para recreação na frente de batalha em França, bem como guarneceamos e operamos ali várias ambulâncias.

Tudo isso foi feito com espírito de leal entusiasmo, que não foi

apenas o entusiasmo de um momento, mas uma força constante que nos levou a manter um alto padrão de trabalho até o final daquele terrível e exaustivo período da duração da Grande Guerra.

## CAPÍTULO XII

### OLHANDO PARA TRÁS

Quando se passou o septuagésimo quinto marco da estrada e se chegou aquele período da vida em que se pensa duas vezes antes de se decidir se vale a pena mandar fazer uma casaca nova, podemos nos permitir o luxo de um olhar sobre a estrada que percorremos.

Nossa tendência natural é de fazer sermões e avisar os outros viajantes dos perigos do caminho. Mas será que não seria melhor mostrar-lhes alguns dos prazeres e alegrias que do contrário poderiam lhes escapar?



*Eu passei o 75.º marco quilométrico.*

Olhando para trás o fato que ressalta é a velocidade com que vemos. Como é curto nosso tempo de vida. O aviso que gostaríamos de dar portanto é de não desperdiçá-lo em coisas no final de contas sem importância; nem tão pouco, por outro lado, é bom levar tudo a sério como alguns parecem fazer. É bastante que a vida que temos entre nossas mãos seja feliz. E é assim que o êxito na vida está ao alcance de todos.

São vários os conceitos sobre o êxito: por exemplo: dinheiro, posição, poder, realizações, honrarias e assim por diante. Mas essas coisas não estão ao alcance de todos, nem trazem obrigatoriamente aquilo que constitui o êxito verdadeiro: a felicidade.

A felicidade está ao alcance de todos, uma vez que, no final de contas, não é outra coisa além do contentamento com o que se tem, da disposição de fazer o que for possível pelos outros.

Sir Henry Newbolt resume assim essa idéia: “O teste verdadeiro do êxito é saber se a vida de uma pessoa foi feliz e se deu com alegria aos outros a felicidade.”

### **Egoísmo**

Parece-me que os adoradores do diabo, no Oriente, acreditam que o diabo governa o mundo por 6.000 anos e que Cristo o faz por tempo igual. No momento o diabo está reinando e ele pode ser melhor descrito pela palavra egoísmo, ou pela falta de uma visão ampla e compreensiva.

É possível observar isso hoje em dia nos indivíduos, nas classes, nas seitas e nas nações.

Individualmente estamos cansados de nossa rotina, seja ela o Exército, o clube, o esporte ou qualquer outra atividade.

Só enxergamos a classe social a que pertencemos.

A educação escolar não enxerga mais longe do que a instrução.

A religião não enxerga mais longe do que os membros de uma igreja.

O nacionalismo não enxerga mais longe do que a auto-determinação do país.

O cristianismo ou o amor e grandeza de espírito não prevalecem mais, nesse mundo.

Pelo Movimento Escoteiro estamos procurando derrotar o egoísmo, inculcando nos jovens uma visão mais ampla, e um ideal de boa vontade mútua e serviço.

Não pretendemos dizer que o Escotismo resolve tudo, porém uma vez que grassou com rapidez tão extraordinária, formando extensa fraternidade em países tão diversos, sem reconhecer diferenças de classe, credo ou raça, pode-se esperar que seja pelo menos um passo na direção almejada.

### **Alguns Conselhos**

Olhando para trás, vejo que esbarrei pela vida afora com doses estupendas de sorte. Tive, por exemplo, a sorte de viver num período interessante de evolução na história do mundo, com desenvolvimento rápido dos automóveis, aeroplanos, telegrafia sem fio, pude presenciar

a Grande Guerra, as convulsões mundiais ou conhecer a obra de "Tut-Ank-Ammon".

Por outro lado, também, encontrei por toda parte muita bondade para com minha pessoa, não só por parte de meus amigos, mas também, por parte de estranhos. Tive a sorte de viver duas vidas distintas, uma de soldado e solteiro e a outra de pacifista e pai de família, ambas tendo em comum o Escotismo e ambas intensamente felizes.



*Segurar firme a despeito das dificuldades*

Nunca fui senhor de nenhum ofício, mas fui aprendiz de muitos e assim gozei de uma enorme variedade de boas coisas que o mundo tem a oferecer.

Já pensou que a vida de um homem de setenta anos é feita de 291.000 horas em que se mantém acordado?

As pessoas na sua grande maioria dormem oito horas, quando sete seriam suficientes.

Isso não quer dizer que não tenha tido que enfrentar dificuldades e vicissitudes, mas foram apenas o sal que deu sabor ao banquete.

Um sorriso e um bastão, descobri, fazem-nos vencer qualquer obstáculo e em noventa e nove dos casos em cem, é o sorriso que vale.

Quando da próxima vez que sentir-se aborrecido ou zangado, force-se a levantar o canto da boca e sorrir e verificará o valor dessa mudança.

“Devagar, devagarzinho, é que se pega o macaquinho” é a versão oeste-africana de um preceito valioso. Muitos homens falharam por falta de paciência e perseverança.

Um homem que dorme sete horas ganha assim mais de três anos de vida.

É uma boa coisa, em imaginação, dar a si mesmo mais três anos de vida. Sente-se então que se precisa ainda fazer naquele espaço de tempo muitas coisas úteis. Realizar um grande sonho, ou gozar um pouco mais de felicidade, não importa o que seja. O tempo não foi feito para ser desperdiçado.

Os jovens naturalmente, não querem receber orientação de um velho ultrapassado. Só o que sei é que no meu caso lucrei muito estudando o caráter de meus chefes no Exército.

Lord Wolseley, por exemplo, dizia: “Mais vale o bom senso, do que os conhecimentos teóricos”

Sir Baker Russeil entregava as responsabilidades e confiava em seus oficiais. Dotado de intuições rápidas, tomava resoluções rápidas, certas ou erradas e levava-as a cabo com garra; enquanto Sir Henry Smith, que era exatamente o oposto, estudava, meticulosamente, as questões para escolher o melhor caminho, até mesmo a palavra que mais convinha empregar. Assim, quase nunca errava.

Cecil Rhodes, por outro lado tinha visão ampla, mas falhava às vezes nos pormenores.

Lord Roberts usava aquela alavanca poderosa, o toque humano e Lord Plumer jogava sempre para o seu time, sem levar em conta as considerações pessoais.

Sir Bindon Blood, com toda a sua experiência, estava sempre pronto a aprender.

Sir Frederick Carrington soltava grandes e contagiantes gargalhadas que acabavam com qualquer dificuldade que surgisse.

Esse estudo de caráter muito me ajudou e ajudará também aqueles que cultivarem esse hábito.

Sempre insisti com meus jovens amigos para que quando tivessem que enfrentar um adversário, jogassem uma espécie de pólo com ele; não corram para ele diretamente, dizia-lhes, mas cavalguem a seu lado e aos poucos o empurrem para onde quiserem. Nunca percam paciência com ele.

Se a razão estiver de seu lado não é preciso se irritar. E se não estiver, não é vantajoso perder a cabeça.

Numa situação difícil é um guia seguro perguntar-se: “O que faria Cristo nessa situação?” Depois faça o melhor que puder.

Possivelmente a melhor receita para viver me foi dada pelo meu velho mestre, Dr. Haig Brown em 1909, quando escreveu a sua:

### RECEITA PARA ATINGIR A VELHICE

Alimentação moderada e parca.

Estar livre das sórdidas preocupações de ganho.

Muito trabalho e pouco lazer.

Amar mais o dever que o prazer.

Espírito equilibrado e satisfeito.

Amigo de toda a humanidade.

Fé e respeito a Deus.

à luz forte dos dias comuns.

Um lar tranqüilo, uma esposa carinhosa.

Filhos que são a coroa da vida.

São coisas que esticam os dias da vida.

Além da medida estreita do salmista.

Olhando para trás, dois pontos brilhantes ressaltam em minha “medida estreita”. São:

Na vida n.º 1, os rudes tempos entre meus companheiros no “veldt” ensolarado, na campanha da Matabelelândia; e na vida n.º 2, uma mão pequenina puxando-me para baixo, até que dois bracinhos possam se unir em volta de meu pescoço e com um beijo doce e úmido uma vozinha me segreda: “Só mais uma estória para eu dormir, papai.

### Vesperascit

Escrevo sentado no meu jardim ao findar de um dia perfeito de setembro, com o clarão vermelho do poente emprestando tons novos às luzes e sombras das florestas lá em baixo, enquanto uma névoa cor de violeta envolve as montanhas distantes, que tantas vezes percorri.

Há no ar um perfume de rosas — e de madressilva. Uma gralha sonolenta numa árvore próxima responde de vez em quando ao arrulho distante de um pombo. Uma abelha passa zumbindo em direção à sua colméia. Tudo é paz em minha casa, no crepúsculo, antes que a noite desça.

Ela está sentada a meu lado, em silêncio amigo, aquela que compartilhou o trabalho da tarde e as suas alegrias. É bom não fazer nada, deixar-se ficar assim, honestamente cansado e olhando para trás, sentir que embora o dia tenha acabado, conseguimos, dentro de nossas limitações, aproveitá-lo bem, gozando dele plenamente.

Sentimos então que fomos ricos, por termos tido poucas ambições e menores insatisfações.

Da janela de cima vêm as vozes alegres das crianças que se preparam para dormir.

Amanhã será seu dia.

Que seja tão feliz quanto foi o meu, Deus as abençoe!

Quanto a mim, cedo chegará minha hora de dormir. E assim

BOA NOITE!

“Sono depois do trabalho, porto depois da tormenta  
Paz depois da guerra, morte depois da vida  
São coisas que agradam”.

(“Sleep after toyle, port after stormie seas,  
ease after warre, death after life, doth greatly please”)



## ÍNDICE

APRESENTAÇÃO .....	3
MINHAS EXCUSAS - JUSTIFICATIVA .....	11
CAPÍTULO I - MINHA EDUCAÇÃO .....	15
CAPÍTULO II - A ARTE DE REPRESENTAR .....	31
CAPÍTULO III - DESPORTOS .....	55
CAPÍTULO IV - ESPIONAGEM E ESCOTISMO MILITAR.....	107
CAPÍTULO V - SERVIÇO MILITAR.....	137
CAPÍTULO VI - MATABELELANDIA .....	163
CAPÍTULO VII - A GUERRA SUL-AFRICANA.....	193
CAPÍTULO VIII - CORPO DE POLÍCIA SUL-AFRICANA .....	211
CAPÍTULO IX - COMO INSPETOR GERAL DA CAVALARIA ....	243
CAPÍTULO X - MINHA VIDA NÚMERO DOIS - OS ESCOTEIROS E AS GUIAS .....	265
CAPÍTULO XI - A GRANDE GUERRA.....	297
CAPÍTULO XII - OLHANDO PARA TRÁS .....	300



Cada parágrafo deste livro se constitui numa excelente lição de como se encarar a vida com alegria e sem demasiada seriedade. A personalidade vibrante e irreverente de Baden-Powell torna-se límpida diante de nossos olhos, com a descrição daquele que, além dos 80 anos de idade, soube manter um coração de menino, aberto aos jovens de todos os continentes.



**União dos  
Escoteiros do  
Brasil**

Escritório Nacional  
Travessa José do Patrocínio, 100  
Curitiba - Pr 80030-190  
(41) 3353.4732 ou 3353.4733 (fax)